
GEORGE R.R. MARTIN
& LISA TUTTLE
SANTUÁRIO DOS
VENTOS

George R.R. Martin e **Lisa Tuttle** reúnem seus talentos para presentear o leitor com uma obra ambiciosa.

Após um desastre espacial, os tripulantes de uma nave intergaláctica passam a habitar uma região que chamam de Santuário dos Ventos. Composta de inúmeros arquipélagos, a comunicação entre os povos era praticamente impossível – até a descoberta de que, devido à baixa gravidade e à sua densa atmosfera, os humanos poderiam voar pelos mares com a ajuda de asas de metal.

Não por acaso, ninguém tem mais prestígio que os voadores, responsáveis por levar notícias para os mais diversos pontos do Santuário. É nesse cenário que a jovem Maris é criada por Russ, um voador, e tudo o que ela mais deseja é voar pelas correntes acima do Santuário dos Ventos. No entanto, a tradição afirma que as asas de Russ só podem ser passadas para seu filho legítimo. E, para os voadores, permitir que qualquer um se junte à sua sociedade é uma ideia que beira a heresia.

Inconformada, Maris recorrerá a tudo que estiver a seu alcance para conquistar as preciosas asas – abalando a sociedade em que vive e gerando uma série de novas questões morais entre os voadores e os "confinados à terra". Afinal: quem merece ganhar os céus do Santuário dos Ventos? E até que ponto a benção se torna também uma maldição?

SANTUÁRIO DOS VENTOS

GEORGE R.R. MARTIN
& LISA TUTTLE

SANTUÁRIO DOS VENTOS

Tradução
Luis Reyes Gil

LeYa
omelete

Título original: *Windhaven*
Copyright © 1981 by George R. R. Martin and Lisa Tuttle
Aquisição TC
© desta edição 2018 Casa da Palavra/ LeYa

A parte intitulada “Tempestades” foi publicada originalmente com pequenas diferenças na revista americana *Analog*, em maio de 1975, sob o título “The Storms of Windhaven”, copyright © 1975 by The Condé Nast Publications, Inc. A parte intitulada “Uma-Asa” foi publicada originalmente com pequenas diferenças na *Analog*, em janeiro e fevereiro de 1980, copyright © 1980 by The Condé Nast Publications, Inc.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Preparação
Luciana Bastos Figueiredo

Revisão
Ana Grillo

Diagramação
Futura

Imagem de capa
Marc Simonetti

Capa
Leandro Dittz

CIP-Brasil, Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M334s
Martin, George R.R., 1948-
Santuário dos Ventos / George R.R. Martin e Lisa Tuttle ; tradução Luis Reyes Gil. – Rio de Janeiro : LeYa, 2018.
Tradução de: Windhaven
ISBN 9788544106181
1. Fantasia – Ficção americana. 2. Ficção americana. I. Tuttle, Lisa. II. Gil,

Luis Reyes. III. Título.

17-46503

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

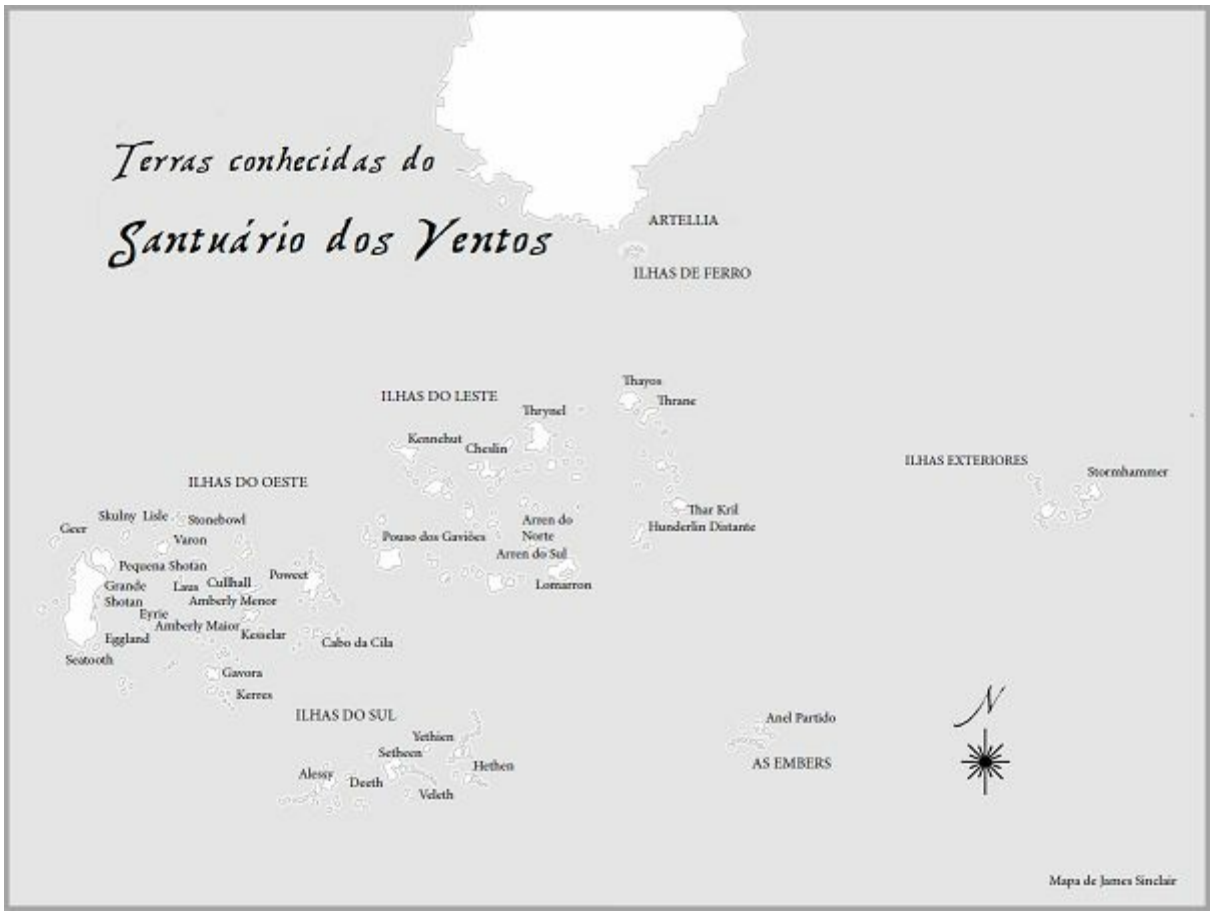
Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 | sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

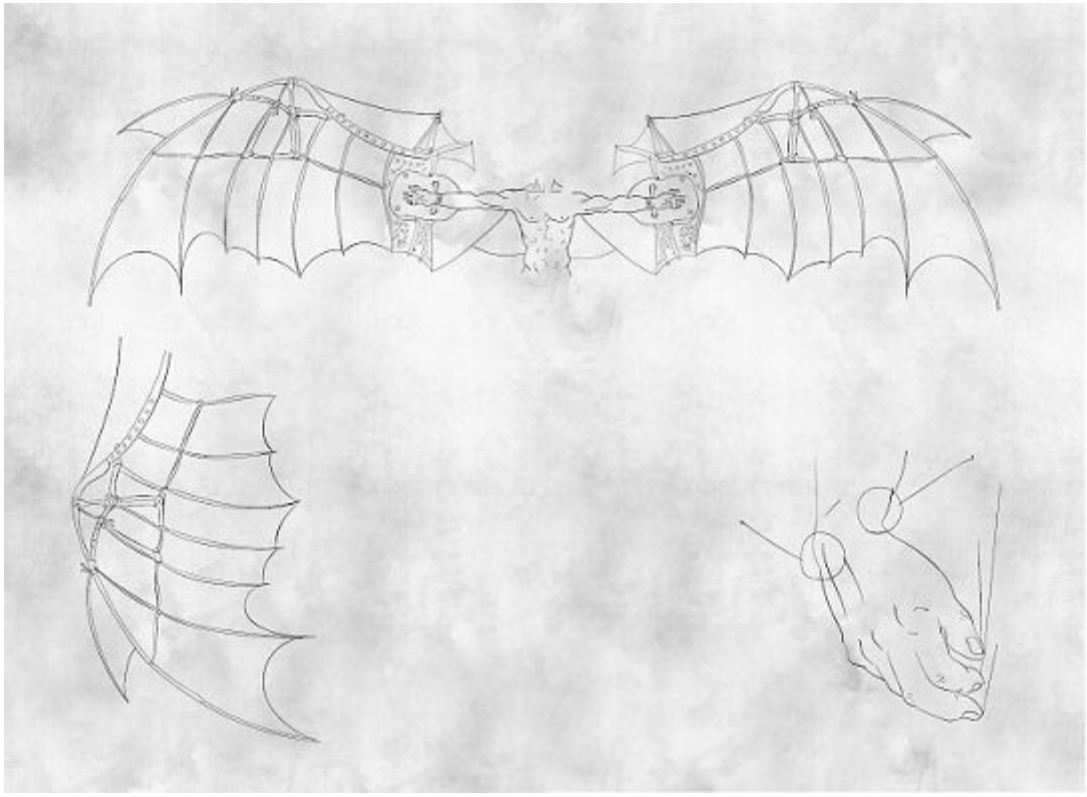
Este livro é dedicado com amor e gratidão à minha mãe e ao meu pai, mesmo se não vierem a lê-lo.

Lisa Tuttle

Este é para Elizabeth e Anne e Mary Kaye e Carol e Meredyth e Ann e Yvonne, e o resto dos meus mensageiros da encrenca, na esperança de que continuem arrumando problemas, fazendo perguntas e sendo demitidos de seus empregos.

George R.R. Martin


Terras conhecidas do
Santuário dos Ventos
ARTELLIA
ILHAS DE FERRO
ILHAS DO LESTE
Thrynsel
Kennebut
Cheslin
Thayos
Thrane
ILHAS EXTERIORES
Stormhammer
ILHAS DO OESTE
Skulny
Lisle
Stonebowl
Geer
Varon
Pequena Shotan
Grande Shotan
Laza
Cullhall
Powcet
Amberly Menor
Eyrie
Amberly Maior
Eggland
Kesselar
Seatooth
Cabo da Cila
Gavora
Kerres
Arren do Norte
Arren do Sul
Pouso dos Gaviões
Lomarron
Thar Kril
Hunderlin Distante
ILHAS DO SUL
Yethien
Setheen
Hethen
Alessy
Deeth
Veleth
Anel Partido
AS EMBERS
N
Mapa de James Sinclair



Porque depois que você experimenta voar,
Passa a andar pela terra com os olhos postos no céu;
Pois terá estado lá,
E sentirá vontade de voltar.

– Leonardo da Vinci

SUMÁRIO

PRÓLOGO

PARTE UM: Tempestades
PARTE DOIS: Uma-asa
PARTE TRÊS: A queda

EPÍLOGO

PRÓLOGO

A tempestade rugiu quase a noite inteira.

Na cama larga que dividia com a mãe, a criança permanecia acordada debaixo do cobertor de lã esfarrapado. O som da chuva batendo nas finas tábuas de madeira de pinho da cabana era constante, insistente. Às vezes, ela ouvia ao longe o estrondo dos trovões, e, quando relampejava, finas linhas de luz vazavam pelas persianas e iluminavam o pequeno quarto. Quando se apagavam, tudo voltava a escurecer.

A criança ouviu água pingando no chão, sinal de uma nova goteira no telhado. O chão de terra batida logo viraria barro, e a mãe ficaria furiosa, mas não havia o que fazer. A mãe não era boa em consertar telhados, e elas não tinham como pagar alguém para isso. A mãe comentava que algum dia a velha cabana ia desabar com a violência das tempestades. “Então a gente vai para o lado de lá, ver seu pai de novo”, dizia. A menina não se lembrava muito bem do pai, mas a mãe falava bastante dele.

As janelas tremeram com uma terrível rajada de vento, e a criança ouviu o som assustador da madeira rangendo, e o fibrilar do papel de cera que cobria as janelas no lugar do vidro, e por um instante ficou com medo. A mãe continuou dormindo, alheia a tudo. As tempestades eram frequentes, mas ela não perdia o sono por causa disso. A menina ficava com receio de acordá-la por conta do seu gênio – afinal, não gostava de ser acordada por algo tão insignificante quanto um medo infantil.

As paredes rangeram e balançaram uma vez mais. Raio e trovão chegaram quase juntos, e a criança estremeceu debaixo do cobertor. Ficou imaginando se aquela seria a noite em que veriam o pai dela.

Mas não era.

Por fim a tempestade cedeu, e até a chuva parou. O quarto ficou escuro e tranquilo.

A menina sacudiu a mãe, tentando acordá-la.

– O que foi? O que foi?

– A tempestade acabou, mãe – avisou a criança.

Nessa hora, a mulher assentiu e levantou.

– Ponha a roupa – ordenou à menina, e saiu atrás de sua própria roupa no escuro.

Ainda faltava pelo menos uma hora para clarear, mas era importante chegar logo à praia. As tempestades destruíam os navios, a criança sabia. Não apenas os pequenos barcos de pesca que ficaram fora até tarde ou se aventuraram demasiado longe, mas,

às vezes, até os grandes navios comerciais. Quando você saía após uma tempestade, podia encontrar coisas que as ondas arrastavam até a praia, todo o tipo de coisas. Uma vez elas encontraram uma faca com uma lâmina de metal batido. Conseguiram comer bem por duas semanas com o dinheiro da venda. Mas, se você queria encontrar coisas boas, tinha de espantar a preguiça. Os preguiçosos dormiam até amanhecer de vez, e aí não encontravam mais nada.

A mãe passou um saco de lona vazio por cima do ombro para carregar o que encontrassem. O vestido da menina tinha bolsos grandes. As duas estavam de botas. A mulher trouxe uma vara comprida com um gancho esculpido na ponta, para o caso de ver algo na água, flutuando além do alcance das mãos.

– Vamos lá, criança – chamou ela. – Não fique aí parada.

A praia estava fria e escura, com um vento gelado soprando firme do oeste. Elas não estavam sozinhas. Já havia outras três ou quatro pessoas por ali, rondando para cima e para baixo pela areia molhada, deixando marcas de botas que logo eram tomadas pela água. Por vezes alguém se inclinava para examinar alguma coisa. Uma delas carregava uma lanterna. As duas tinham uma lanterna boa quando o pai era vivo, mas precisaram vendê-la. A mãe com frequência se queixava disso. Ela não tinha a mesma visão noturna da filha, vivia tropeçando no escuro e muitas vezes deixava de ver coisas que poderia ter visto.

Elas se separaram, como sempre faziam. A criança seguiu para o norte pela praia, enquanto a mãe foi para o sul.

– Quando amanhecer, faça a meia-volta – disse a mãe. – Você tem tarefas para cumprir. E não vai sobrar nada quando amanhecer.

A criança assentiu e saiu apressada para a busca.

Acharam pouca coisa naquela noite. A menina andou por um bom tempo, sempre à beira da água, de olho no chão, procurando, sempre procurando. Ela gostava de achar coisas. Se voltasse para casa com um pedaço de metal, ou quem sabe um dente de cila, comprido como o seu braço, curvo e amarelo e terrível, então sua mãe talvez sorrisse e dissesse que ela era uma menina muito boa. Isso não acontecia com frequência. Na maioria das vezes, a mãe ralhava com ela, dizia que era sonhadora demais, e lhe fazia um monte de perguntas inúteis.

Quando a vaga luz da alvorada começou a engolir as estrelas, ela não tinha nada nos bolsos, a não ser por dois pedaços de cristais marinhos leitosos e uma concha. Era uma concha grande e pesada, do tamanho de sua mão, de superfície áspera e rústica, o que indicava que o molusco era do melhor tipo para comer, daqueles que têm uma carne preta e manteigosa. Mas só conseguiu encontrar uma. As demais coisas que a água trouxe eram madeiras boiando, sem qualquer valor.

A criança estava quase dando meia-volta, como a mãe ordenara, quando viu um lampejo de metal no céu – um repentino cintilar prateado, como se uma nova estrela

houvesse nascido superando as outras em brilho.

Foi ao norte de onde ela estava, lá longe acima do mar. A menina ficou olhando o ponto de onde o brilho viera, e um momento depois viu um novo lampejo, um pouco mais à esquerda. Sabia o que era: as asas de um voador haviam recolhido os primeiros raios do sol nascente, exatamente antes de tocarem o resto do mundo.

A criança quis ir até lá, correr para ver. Ela adorava observar o voo dos pássaros, os pequenos pica-paus-verdes e os fogosos falcões noturnos e os gaviões carniceiros; e os voadores, com suas grandes asas prateadas, eram melhores que qualquer pássaro. Mas já era quase manhã, e a mãe mandara que ela voltasse ao alvorecer.

Ela correu. *Se eu for bem depressa*, pensou, *se eu correr o caminho todo de ida e volta, terei tempo de observar um pouco antes de a mãe dar pela minha falta.* Então correu e correu, passando pelos preguiçosos que acordavam tarde e mal começavam a vagar pela praia. A concha balançava dentro do bolso.

O céu a leste estava todo tingido de laranja-claro quando ela chegou ao ponto dos voadores, uma ampla extensão de areia da praia onde eles costumavam pousar, ao pé do alto rochedo do qual se lançavam. A criança gostava de escalar a pedra e olhar lá de cima, com o cabelo ao vento e as perninhas balançando na beirada e o céu todinho ao seu redor. Mas hoje não havia tempo para isso. Precisava voltar logo, ou a mãe ficaria brava.

De todo modo, chegou atrasada. O voador já estava pousando.

Ele fez uma última e bela evolução sobre a areia, com suas asas passando a uns dez metros da cabeça da menina, que observava a tudo de olhos arregalados. Então, mais afastado, sobre a água, ele se inclinou; uma asa prateada desceu e a outra subiu, e de repente ele se aproximou num grande círculo. Depois, endireitou-se de novo e veio pela frente, descendo graciosamente, de modo a quase nem encostar na areia ao planar.

Havia outras pessoas na praia – um jovem e uma mulher mais velha. Eles correram para perto do voador quando ele desceu e o ajudaram a parar. Depois fizeram algo com suas asas, e elas foram ao chão. Os dois então as dobraram, devagar e com cuidado, enquanto o voador desfazia as tiras que se prendiam ao seu corpo.

Ainda observando, a menina percebeu que aquele era o voador de que gostava. Havia muitos, ela sabia, já vira um monte deles e até reconhecia alguns, mas apenas três vinham com frequência, os três que moravam na mesma ilha que ela. A criança imaginava que talvez eles morassem lá em cima nos rochedos, em casas que pareciam ninhos de pássaros, mas com paredes de metal prateado valioso. Um desses três voadores era uma mulher séria, de cabelo grisalho, com um rosto mal-humorado. O segundo era ainda um garoto, de cabelo escuro e extremamente bonito, com uma voz agradável; desse ela gostava mais. Mas seu favorito era aquele homem

na praia, alto e magro e de ombros largos, como o pai dela havia sido, de rosto bem barbeado, olhos castanhos e cabelo castanho também, ondulado. Ele sorria muito, e parecia voar mais que os outros dois.

– Ei, você! – chamou ele.

A criança ergueu o olhar, assustada, e viu que ele a encarava, sorrindo.

– Não se assuste – disse ele. – Não vou machucá-la.

Ela deu um passo para trás. Costumava observar os voadores, mas nenhum deles nunca notou sua presença antes.

– Quem é a menina? – perguntou o voador ao seu auxiliar, que estava de pé atrás dele segurando suas asas dobradas.

O jovem deu de ombros.

– Uma catadora de conchas. Não sei. Já a vi antes rondando por aí. Quer que a mande embora?

– Não – respondeu o homem. E sorriu para ela de novo. – Por que está com tanto medo? – quis ele saber. – Está tudo bem. Não me incomodo de você vir até aqui, garotinha.

– Minha mãe falou que é para eu não incomodar os voadores – disse a criança.

O homem riu.

– Ah! Bem, mas você não me incomoda. Quem sabe um dia, quando crescer, irá ajudar os voadores, como os meus amigos aqui. Você gostaria?

A menina balançou a cabeça.

– Não.

– Não? – Ele deu de ombros, ainda sorrindo. – O que gostaria de fazer, então? Voar?

Timidamente, a criança conseguiu assentir.

A mulher mais velha deu uma risadinha desdenhosa, mas o voador olhou para ela e franziu o cenho. Em seguida, andou até a criança, abaixou-se e a pegou pela mão.

– Bem – disse ele –, se você quer voar, precisa praticar, não é? Quer praticar um pouco?

– Quero.

– Você ainda é pequena demais para praticar com asas – explicou o voador. Passou suas mãos fortes em volta dela e a ergueu até os ombros, fazendo-a sentar de cavalinho, com as pernas balançando acima do seu peito e as mãozinhas inseguras tentando agarrar seu cabelo. – Não, você não pode se segurar se quiser ser voadora. Seus braços têm de ser suas asas. Consegue deixá-los abertos?

– Consigo – confirmou ela. Ergueu os braços e manteve-os afastados como um

par de asas.

– Seus braços vão acabar se cansando – avisou o voador –, mas você pode abaixá-los. Menos quando quiser voar. Um voador precisa ter braços fortes, que nunca ficam cansados.

– Eu sou forte – insistiu a menina.

– Muito bem. Está pronta para voar?

– Estou. – E começou a bater os braços.

– Não, não, *não* – repreendeu ele. – Não bata. Nós não somos como os pássaros, sabe? Achei que você nos observasse.

A criança tentou lembrar.

– Gaviões – disse ela, de repente –, vocês são como os gaviões.

– Às vezes – disse o voador, satisfeito. – E como os falcões noturnos, e outros pássaros que voam alto. Não voamos de verdade, não é? Planamos como fazem os gaviões. Montamos o vento. Por isso você não deve bater os braços; precisa mantê-los firmes e sentir o vento. Consegue senti-lo agora?

– Consigo. – Era um vento quente, com o cheiro forte do mar.

– Bem, agora apanhe-o com os braços, deixe que ele sopre em você.

Ela fechou os olhos e tentou sentir o vento em seus braços.

E começou a se mover.

O voador passou a trotar pela areia, como se fosse empurrado pelo vento. Quando este mudava de direção, ele mudava também, de súbito. Ela manteve os braços esticados, e o vento pareceu ficar mais forte. E agora o voador estava correndo, e ela ficava oscilando para cima e para baixo em cima dos ombros dele, indo cada vez mais rápido.

– Você vai me fazer voar para dentro da água! – gritou ele. – Vire, vire!

Ela inclinou as asas do jeito que havia observado eles fazerem tantas vezes, uma mão subindo e a outra descendo, e o voador girou para a direita e começou a correr fazendo um círculo, até que por fim ela endireitou os braços e ele voltou ao rumo de antes.

Ele correu e correu, e ela voou, até que os dois terminaram sem fôlego e rindo.

– Chega – disse ele, ao parar. – Um voador iniciante não deve voar por tanto tempo. – Ele a tirou das costas e a pôs de volta na areia, sorrindo. – Pronto.

Os braços da menina doíam de tanto ficarem erguidos, mas ela quase explodia de euforia, mesmo sabendo que levaria uma surra ao chegar em casa. O sol já estava bem acima do horizonte.

– Obrigada – disse ela, ainda ofegante depois do voo.

– Meu nome é Russ – disse o homem. – Se quiser voar de novo, venha me ver quando puder. Não tenho nenhum pequeno voador que seja meu, mesmo.

A criança assentiu, animada.

– E você? – disse ele, batendo a areia das roupas. – Como se chama?

– Maris.

– Um nome bonito – replicou o voador com gentileza. – Bem, preciso ir, Maris. Quem sabe voamos de novo alguma hora, não é?

Russ sorriu para ela, virou-se e começou a se afastar. Os dois ajudantes o seguiram pela praia, um deles carregando suas asas dobradas. Passaram a conversar quando tomaram mais distância, e ela ouviu o som da risada do homem voador.

E, de repente, ela estava correndo atrás dele, levantando areia atrás de si, fazendo força para alcançar as longas passadas daquele sujeito.

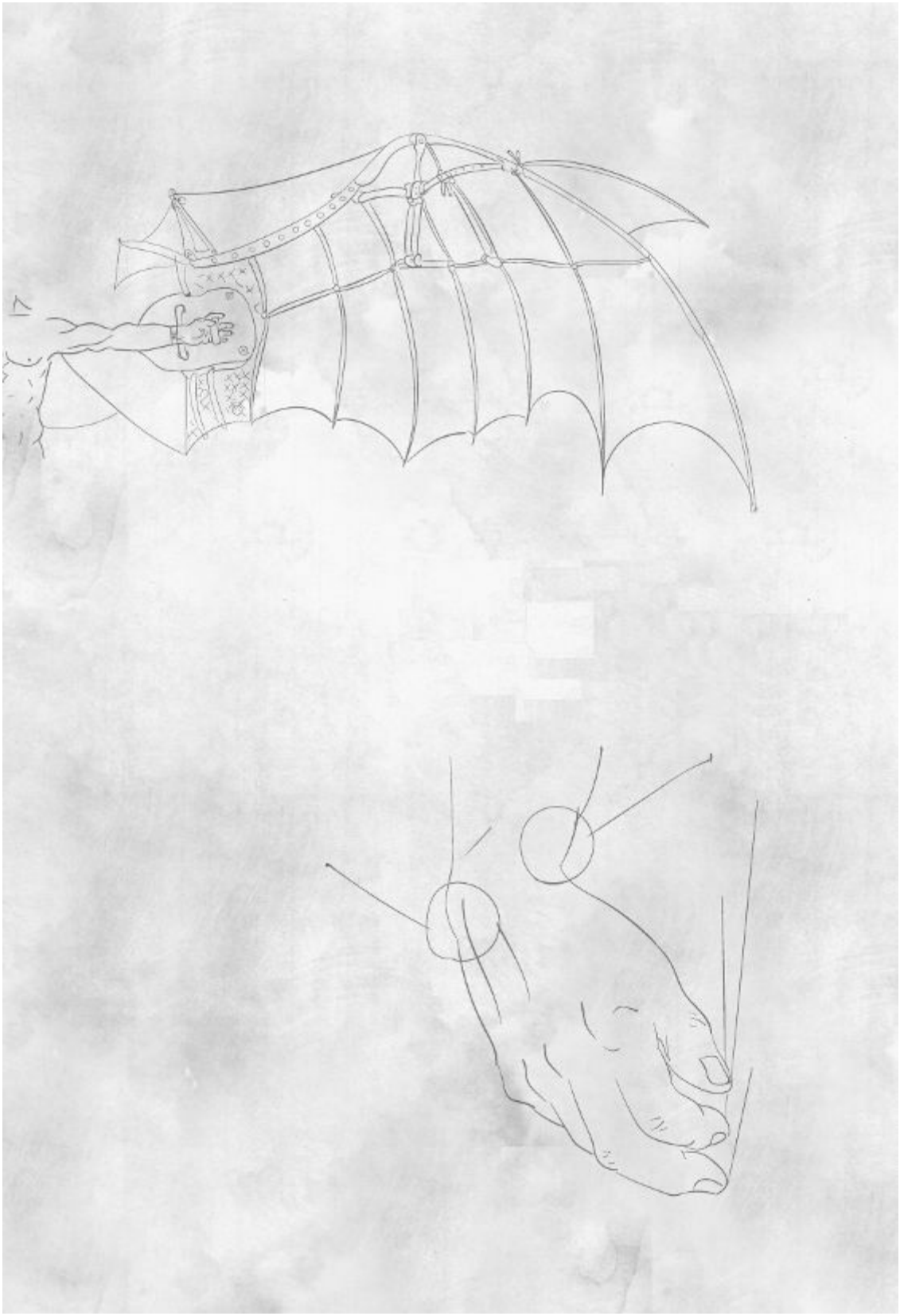
Russ a ouviu chegar e virou-se.

– O que foi?

– Aqui – disse ela. Enfiou a mão no bolso e lhe deu sua concha.

Uma expressão de perplexidade aflorou no rosto dele, desaparecendo em seguida no calor do seu sorriso. Foi com uma expressão séria que Russ aceitou o presente.

Maris passou os braços em torno dele, abraçou-o bem forte e partiu às pressas. Correu com os braços esticados de cada lado, tão rápido que quase parecia voar.



PARTE UM
tempestades

Maris viajava em meio à tempestade, dez metros acima do mar, domando os ventos nas suas asas de tecido metálico. Voava de modo impiedoso e descuidado, deleitando-se com o perigo e com o frescor da água, sem se incomodar com o frio. O céu tinha uma sinistra cor azul-cobalto, os ventos se avolumavam e ela tinha asas: isso bastava. Agora podia morrer, e morrer feliz, voando.

Voou melhor do que nunca, girando e deslizando entre as correntes de ar sem refletir demais, pegando sempre a corrente ascendente ou descendente que iria levá-la mais longe e mais rápido. Não fez escolhas erradas, não foi forçada a entrar em nenhuma turbulência acima do oceano ondeante. Todos os volteios que fez foram pura diversão. Teria sido mais seguro voar mais alto, como uma criança, bem acima das ondas, o mais longe que conseguisse subir, a salvo dos próprios erros. Mas Maris deslizava rente ao mar, como um *voador*, onde um simples mergulho, um roçar da asa contra a água, podia significar uma desajeitada queda no mar. E a morte, pois você não consegue nadar por muito tempo quando a envergadura de suas asas é de seis metros.

Era uma ousadia o que estava cometendo, mas Maris conhecia os ventos.

À sua frente, divisou o pescoço de uma cila, uma sinuosa corda escura contra o horizonte. Reagiu quase sem pensar. Sua mão direita puxou para baixo a alça de couro da asa, a esquerda puxou a outra asa para cima. Deslocou todo o peso do corpo. As grandes asas prateadas – de um tecido fino e quase sem peso, mas extremamente forte – desviaram-se com ela, produzindo o giro. A ponta de uma das asas roçou de leve a espuma das ondas abaixo, a outra se ergueu. Maris acertou os ventos ascendentes em cheio e começou a subir.

A morte, a morte no céu, era algo que havia passado pela sua mente, mas ela não terminaria daquele jeito – abocanhada em pleno ar como uma gaivota distraída, como almoço de um monstro faminto.

Minutos depois, já havia se afastado bem da cila e parou para fazer um círculo zombeteiro, para além do seu alcance. Lá de cima, podia ver o corpo, apenas um pouco abaixo das ondas, as fileiras de lustrosas barbatanas negras batendo ritmicamente. A pequena cabeça, oscilando lentamente de um lado para o outro ao fim daquele longo pescoço, ignorava sua presença. *Quem sabe já provou voadores*, pensou então, *e não gostou do sabor?*

Os ventos eram mais frios agora, mais carregados de sal. A tempestade ganhava força; podia sentir um tremor no ar. Maris, feliz, não demorou a deixar a cila para trás. Logo ficou sozinha de novo, voando sem esforço, atravessando aquele mundo ermo de mar e céu que ia escurecendo, e onde o único som era o do vento batendo

em suas asas.

Em determinado momento, uma ilha se ergueu do mar: o seu destino. Suspirando, lamentando o fim da viagem, Maris permitiu-se descer.

Gina e Tor, dois daqueles habitantes confinados à terra – Maris não sabia o que eles faziam quando não estavam cuidando dos visitantes voadores –, já aguardavam no banco de areia de pouso. Ela primeiro fez um círculo acima deles para chamar sua atenção. Eles se levantaram da areia macia e acenaram. Da segunda vez que ela se aproximou, já estavam a postos. Maris foi mergulhando cada vez mais, até seus pés ficarem a centímetros do solo. Gina e Tor correram pela areia paralelos a ela, cada um junto a uma asa. Os dedos dos pés dela roçaram a superfície, e ela começou a desacelerar em meio a uma nuvem de areia.

Finalmente parou, só que deitada de barriga na areia fria e seca. Ela se sentiu uma tonta. Um voador de barriga para baixo é como uma tartaruga de barriga para cima; o bicho conseguia se pôr de pé de novo se quisesse, mas era um procedimento difícil, indigno. Pelo menos havia sido um bom pouso.

Gina e Tor começaram a dobrar suas asas, em partes de uns trinta centímetros de extensão, uma por uma. Conforme cada haste se desprendia e se dobrava sobre o segmento seguinte, o tecido entre os dois distensionava. Quando todos os extensores estavam recolhidos, as asas pendiam em duas dobras metálicas, que saíam do eixo central amarrado às costas de Maris.

– Estávamos esperando Coll, não você – comentou Gina, ao dobrar o último segmento. Ela tinha um cabelo escuro curto, espetado em torno do rosto.

Maris balançou a cabeça. Talvez Coll é que devesse ter feito a viagem, mas ela estava desesperada de saudades do ar. Pegara as asas – que ainda eram *suas* – e saíra antes que ele pulasse da cama.

– Acredito que ele já vai voar bastante depois da semana que vem – disse Tor num tom bem-humorado. Ainda havia areia em seu cabelo loiro escorrido, e ele tremia um pouco por conta do vento marinho, mas sorria enquanto falava. – Vai poder voar o quanto quiser. – Parou diante de Maris para ajudá-la a desatar as asas.

– Eu também vou usá-las – cortou Maris, impaciente e irritada com as palavras despreocupadas do outro. Como ele poderia entender? Como qualquer um deles poderia? Estavam confinados à terra.

Ela começou a andar pela faixa de areia em direção ao alojamento, com Gina e Tor ao seu lado. Ali, bebeu e comeu alguma coisa como sempre fazia e, de pé diante de uma imensa fogueira, começou a se aquecer e a se secar. Às perguntas amáveis ela respondia com poucas palavras, tentando se manter calada, tentando não pensar que aquela poderia ser a última vez. Pelo fato de ser uma voadora, todos respeitavam seu silêncio, ainda que ficassem um pouco desapontados. Para os confinados à terra, os voadores eram a fonte mais regular de contato com as demais ilhas. Os mares,

assolados todos os dias por tempestades e infestados de cilas e gatos-do-mar e outros predadores, eram perigosos demais para as viagens normais de navio, exceto entre ilhas do mesmo grupo. Os voadores eram o elo, e os demais habitantes recorriam a eles para saber das últimas notícias, fofocas, canções, histórias e casos amorosos.

– O Senhor da Terra está pronto para recebê-la, assim que estiver descansada – informou Gina, dando um tapinha hesitante no ombro de Maris.

Maris recuou, pensando, *Sim, para você é suficiente servir os voadores. Você gostaria de ter um marido voador, talvez Coll, quando ele for adulto, e você não sabe o que significa para mim que Coll deva ser o voador, e não eu*. Mas ela disse apenas:

– Estou pronta agora. Foi um voo fácil. Os ventos fizeram todo o trabalho.

Gina a levou para a outra sala, onde o Senhor da Terra aguardava a mensagem que ela trazia. Tal como o aposento anterior, este era comprido e pouco mobiliado, e havia um fogo aceso estalando num grande forno de pedra. O Senhor da Terra estava sentado numa cadeira estofada perto das chamas, e se levantou quando Maris entrou. Os voadores eram sempre recebidos como iguais, mesmo em ilhas onde os Senhores da Terra eram adorados como deuses e dotados de poderes divinos.

Após a troca dos cumprimentos rituais, Maris fechou os olhos e deixou que a mensagem fluísse. Desconhecia o conteúdo, mas também não se importava. As palavras usavam sua voz sem perturbar seu pensamento consciente. *Provavelmente é sobre política*, pensou. Nos últimos tempos, tudo se resumia a política.

Quando a mensagem terminou, Maris abriu os olhos e sorriu para o Senhor da Terra – um sorriso intencionalmente perverso, porque ele pareceu preocupado com as palavras que ouviu. Mas logo se recuperou e lhe retribuiu o gesto.

– Obrigado – disse, com a voz fraca. – Você fez um bom trabalho.

Ela foi convidada a pernoitar, mas recusou. Talvez ao alvorecer já não houvesse mais tempestade; além disso, ela gostava de voar à noite. Tor e Gina a acompanharam até o lado de fora e subiram com ela o caminho pelas pedras até o rochedo dos voadores. Havia lanternas montadas na rocha a cada poucos passos, para deixar aquele caminho sinuoso mais seguro à noite.

No final da subida, chegava-se a uma plataforma natural, aprofundada e ampliada por mãos humanas. Depois dela, um abismo de quase trinta metros, e ondas batendo numa praia de pedras. Na plataforma, Gina e Tor desdobraram as asas dela e travaram os suportes no lugar, e o tecido metálico estendeu-se firme, tenso e prateado. E Maris saltou.

O vento a acolheu e a ergueu. Estava voando de novo, com o mar escuro abaixo e o trovejar da tempestade acima. Depois que partia, nunca se virava para ver os dois melancólicos confinados à terra que a seguiam com o olhar. Logo, logo seria um deles.

Ela não tomou a direção de casa. Em vez disso, voou com os ventos da tempestade, que agora sopravam com violência, no sentido oeste. Os trovões e a chuva não demorariam a chegar, e então Maris seria obrigada a subir, acima das nuvens, onde os raios tinham menos chances de atingi-la. Em sua ilha as coisas deviam estar mais calmas, pois a tempestade já teria passado. As pessoas estariam fora de suas casas, vasculhando a praia para ver o que os ventos trouxeram, e umas poucas barcaças estariam partindo na esperança de que o dia de pesca não estivesse totalmente perdido.

O vento cantava em seus olhos e a impulsionava, e ela nadou com graça na corrente do céu. Então, sem saber por quê, pensou em Coll. Foi quando perdeu o controle do vento. Oscilou, mergulhou, tentou se recompor num ímpeto, manobrando, procurando de novo a corrente. E xingando a si mesma. Havia sido tão bom até ali... Por que terminar assim? Esse poderia ser seu último voo, e tinha de ser o melhor. Mas não adiantava mais: havia perdido a segurança. O vento e ela não eram mais como amantes.

Começou a voar contra a tempestade, numa luta terrível, batalhando até que seus músculos ficaram exaustos e doloridos. Ganhou altitude; quando se deixa de sentir o vento, é um risco voar tão perto da água.

Estava exaurida e cansada pelo esforço quando avistou a face rochosa de Eyrie e compreendeu a distância que havia coberto.

Eyrie não passava de uma imensa rocha que emergia do mar, uma torre desconjuntada de pedras rodeada por uma efervescência raivosa de águas que quebravam contra suas paredes altas e escarpadas. Não era uma ilha; nada ia crescer ali a não ser por bolsões de ásperos musgos. Mesmo assim, algumas aves faziam seus ninhos nas poucas fendas e saliências. E no alto da rocha os voadores também construíram um ninho. Ali, onde nenhum navio conseguia aportar, ali onde ninguém senão os voadores – pássaros e humanos – podiam pernoitar, ali ficava seu escuro alojamento de pedra.

– Maris!

Ela ergueu o olhar ao ouvir seu nome e avistou Dorrel mergulhando ao seu encontro, rindo, com as asas escuras contra as nuvens. No último instante possível ela desviou, inclinando-se abruptamente e esquivando-se do seu mergulho. Ele a perseguiu por Eyrie, e Maris esqueceu o cansaço e a dor e entregou-se ao puro prazer de voar.

Quando por fim os dois aterrissaram, as chuvas já haviam começado, bramindo de repente do leste, atingindo seus rostos e açoitando suas asas. Maris percebeu que estava quase entorpecida de frio. Pousaram sem qualquer ajuda numa pista de terra macia, esculpida na rocha sólida, e Maris escorregou por uns três metros numa lama imprevista até conseguir parar. Então levou cerca de cinco minutos para recuperar o

equilíbrio, e por fim lidou com as tiras enroladas pelo seu corpo. Prendeu as asas com cuidado a uma corda de amarração e, em seguida, andou até a ponta de uma das asas para dobrá-la.

Quando terminou, seus dentes batiam convulsivamente, e os braços doíam. Dorrel franziu o cenho quando a viu em sua tarefa; as asas dele, muito bem dobradas, já estavam dependuradas no ombro.

– Você voou por muito tempo? – perguntou ele. – Eu devia ter esperado até você aterrissar. Desculpe. Não percebi. A tempestade deve ter seguido você o caminho todo. O tempo está ruim. Eu mesmo peguei alguns dos ventos transversais. Você está bem?

– Estou, sim. Estava cansada, mas não tanto assim, não agora. Estou feliz por você ter me encontrado lá. Foi um bom voo, e eu precisava disso. A última parte da viagem foi dura... Achei que eu fosse cair. Mas um bom voo é melhor que ficar descansando.

Dorrel riu e colocou seu braço em volta dela. Ela sentiu o quanto ele estava quente depois do voo e, em contraste, o quanto ela estava gelada. Ele sentiu isso também e a abraçou mais forte.

– Venha para dentro antes que congele. Garth trouxe algumas garrafas de kivas das ilhas Shotan, uma delas já deve estar quente. Garth, eu e o kivas vamos deixar você aquecida de novo.

A sala de estar do alojamento estava quente e acolhedora, como sempre, mas quase vazia. Garth, um voador musculoso, baixinho, dez anos mais velho que ela, era o único ali. Avistou os dois lá de onde estava, junto ao fogo, e chamou-os pelo nome. Maris quis responder, mas havia um nó de ansiedade em sua garganta, e seus dentes estavam cerrados de frio. Dorrel levou-a até a lareira.

– Deixei-a lá fora passando frio feito um idiota com asas de madeira – disse Dorrel. – O kivas já esquentou? Sirva um pouco para nós. – Ele tirou suas roupas molhadas, sujas de lama, com gestos rápidos e eficientes, e pegou duas grandes toalhas de uma pilha perto do fogo.

– E por que eu desperdiçaria meu kivas com você? – trovejou Garth. – Sirvo para Maris, é claro, pois ela é muita bonita e uma excelente voadora. – E fez uma reverência jocosa na direção dela.

– Devia desperdiçar seu kivas comigo também – devolveu Dorrel, esfregando-se vivamente com a grande toalha –, a não ser que não se importe em despejar tudo no chão.

Garth respondeu e os dois trocaram breves insultos e ameaças. Maris nem prestou atenção – já ouvira isso muitas vezes. Escorreu a água do cabelo, observando os padrões que as gotas faziam sobre as pedras do fogão e a rapidez com que desapareciam. Olhou para Dorrel, observando seu corpo magro e musculoso – um

corpo bom para um voador – e as rápidas mudanças em sua fisionomia conforme ele provocava Garth. Mas ele se virou quando sentiu que Maris o observava, e seus olhos assumiram um ar mais gentil. As tiradas irônicas de Garth enfim se dissiparam no silêncio. Dorrel tocou Maris suavemente, percorrendo com os dedos a linha de seu queixo.

– Você ainda está tremendo. – Ele pegou a toalha de suas mãos e a usou para envolvê-la. – Garth, tire aquela garrafa do fogo antes que ela exploda. Vamos nos aquecer.

O kivas, um vinho forte de especiarias, aromatizado com uva-passa e nozes, foi servido em grandes canecas de pedra. O primeiro gole disparou filetes de calor pelas veias dela, e a tremedeira parou.

Garth sorriu para Maris.

– Bom, não é? Não acho que Dorrel vá gostar disso. Mas eu fiz uma pequena tramoia com um velho pescador e consegui umas doze garrafas. Ele as encontrou num navio naufragado, não sabia o que tinha na mão, e sua mulher não queria as garrafas dentro de casa. Dei a ele umas bugigangas, umas continhas de metal que havia escolhido para a minha irmã.

– E sua irmã ficou com o quê, então? – perguntou Maris, entre um gole e outro de kivas.

– Ela? – Garth deu de ombros. – Ah, aquilo era para ser só uma surpresa. Da próxima vez que eu for até Poweet vou trazer algo de lá para ela. Uns ovos pintados.

– Isso se ele não encontrar outra coisa para trocar na viagem de volta – comentou Dorrel. – Se sua irmã algum dia ganhar essa surpresa, Garth, o choque vai acabar com toda a alegria. Você é um comerciante nato. Acho que trocaria até suas asas se o negócio fosse bom o bastante.

Garth bufou, indignado.

– Feche a boca de uma vez, seu pássaro. – Ele se voltou para Maris. – Como está seu irmão? Nunca o vejo.

Maris tomou outro gole da sua bebida, segurando-a com ambas as mãos, acalmando-se.

– Ele será maior de idade na semana que vem – ela começou com cautela. – As asas passarão a ser dele, então. Não vou mais ficar sabendo das suas idas e vindas. Talvez ele não goste da companhia de vocês.

– Hã? E por que não iria gostar? – quis saber Garth. Ele pareceu ofendido. Maris abanou o ar com uma das mãos e forçou um sorriso. Ela havia falado meio sem pensar. – Eu gosto bastante dele – insistiu Garth. – Todos nós gostamos dele, não é, Dorrel? Ele é jovem, tranquilo, talvez um pouco prudente demais, mas vai melhorar. Ele é meio diferente... Ah, mas ele sabe contar cada história! E como canta! Os

confinados à terra vão aprender a gostar de ver as asas dele chegando. – Garth balançou a cabeça, imaginando a cena. – Onde será que ele aprendeu essas histórias todas? Viajei bem mais do que ele, e, no entanto...

– Ele fica inventando – disse Maris.

– Ele mesmo inventa? – Garth parecia impressionado. – Ele será nosso cantor, então. Vamos tirar o prêmio das Ilhas do Leste no próximo concurso. As Ilhas do Oeste sempre tiveram os melhores voadores – reconheceu –, mas nossos cantores nunca mereceram o título.

– Cantei pelo Oeste no último encontro – objetou Dorrel.

– É isso que eu estou dizendo.

– E *você*, que guincha feito um gato-do-mar?

– Está bem – concordou Garth –, mas pelo menos não fico me iludindo sobre a minha capacidade.

Maris não ouviu a réplica de Dorrel. Sua mente já não prestava mais atenção naquele diálogo, e ela observava as chamas, pensativa, cuidando da sua bebida ainda quente. Sentia-se tranquila em Eyrie, mesmo agora, mesmo depois de Garth ter mencionado Coll. E sentia-se estranhamente confortável. Ninguém morava ali na rocha dos voadores, mas ainda assim era uma espécie de lar. Seu lar. Era difícil imaginar que talvez não pudesse mais voltar.

Ela se lembrou da primeira vez que visitara Eyrie, já fazia bem uns seis anos, logo depois do dia em que atingiu a maioridade. Era uma menina de treze anos, orgulhosa por ter voado tão longe sozinha, mas assustada também, e tímida. Dentro do alojamento encontrou uma dúzia de voadores, sentados em volta do fogo, bebendo, rindo. Havia uma festa. Mas eles pararam e sorriram para ela. Garth era um jovem quieto então, Dorrel um garoto magro, só um pouco mais velho que ela. Ela não conhecia nenhum dos dois. Mas Helmer, um voador de meia-idade da ilha mais próxima à dela, estava no grupo e fez as apresentações. Mesmo agora ela ainda se lembrava dos rostos, dos nomes: a ruiva Anni, de Culhall; Foster, que mais tarde engordou demais para poder voar; Jamis, o Velho; e especialmente o que tinha o apelido de Corvo, um jovem arrogante que se vestia com uma pele preta e ornamentos de metal, e havia ganhado prêmios para o Leste em três concursos seguidos. Havia outra pessoa também, uma loira aguada das Ilhas Exteriores. A festa era em sua homenagem; era raro alguém das Exteriores voar até tão longe.

Todos deram as boas-vindas a Maris, e de repente parecia que ela quase havia tomado o lugar da loira alta como convidada de honra. Eles lhe deram vinho, apesar da idade, e a fizeram cantar com eles, contaram-lhe histórias sobre voos, muitas das quais ela já ouvira antes, mas nunca de pessoas como aquelas. Por fim, quando já se sentia bem integrada ao grupo, eles deixaram que as atenções se desviassem dela e as festividades retomaram seu curso normal.

Foi uma festa estranha, inesquecível; e um incidente em particular ficou gravado a ouro na sua memória. O Corvo, o único do Leste no grupo, havia sido muito provocado pelos demais. Por fim, um pouco bêbado, ele se rebelou.

– Vocês se dizem voadores – começou ele, com um tom de voz cortante que Maris para sempre relembraria. – Venham aqui, venham aqui comigo, eu vou lhes mostrar o que é voar.

Então, a festa inteira foi para fora, até o rochedo dos voadores de Eyrie, o maior rochedo de todos. Eram duzentos metros de altura até lá embaixo, onde as pedras se erguiam como dentes e a água esguichava furiosa contra elas. O Corvo andou até a beirada com as asas dobradas. Desdobrou os três primeiros segmentos das suas asas com cuidado e deslizou os braços pelas alças. Mas não travou as asas. As dobradiças ainda se moviam, e os suportes destravados moviam-se para a frente e para trás junto com os braços, ainda soltos. Os outros segmentos ficaram dobrados em suas mãos.

Maris ficou imaginando o que ele estaria prestes a fazer. Não demorou para descobrir.

Ele correu e saltou, o mais longe que conseguiu, do rochedo dos voadores. Com suas asas ainda dobradas.

Seu peito arfou, e ela correu para a beirada do precipício. Os outros a seguiram, alguns pareciam pálidos de susto, outros tinham um sorriso amarelo no rosto. Dorrel se pôs ao lado dela.

O Corvo caía a prumo, como uma pedra, com as mãos dos lados, o tecido de suas asas drapejando como uma capa. Ele pulou de cabeça, e o mergulho pareceu durar uma eternidade.

Então, no último instante, quando estava quase batendo nas pedras, quando Maris quase podia sentir o impacto... Asas prateadas, de repente, brilharam contra a luz do sol. Asas vindas não se sabe de onde. E o Corvo pegou uma corrente de ventos e voou.

Maris quase morreu de susto. Mas Jamis, o Velho, o voador mais antigo do Oeste, apenas riu.

– O truque do Corvo – murmurou ele. – Já o vi fazer isso duas vezes antes. Ele passa óleo nos suportes das asas. Depois de cair o máximo possível, ele as lança para fora. No que cada suporte se ajusta e trava no lugar, o golpe seco solta o seguinte. Sim, é fantástico. Pode apostar que ele praticou muito antes de tentar na frente de alguém. Um dia desses, no entanto, uma das dobradiças pode emperrar, e aí não precisaremos mais ouvir o que o Corvo diz.

Mesmo essas palavras não conseguiram tirar o brilho da mágica. Muitas vezes Maris havia visto voadores que, impacientes com seus ajudantes confinados à terra, vestiam as asas semiabertas para então abrir o último ou os dois últimos segmentos num ímpeto. Mas algo assim ela nunca tinha visto.

O rosto do Corvo estampava um sorriso maroto quando ele voltou para encontrar a todos na pista de lançamento.

– Quando vocês forem capazes de fazer *isso* – disse ao grupo –, então podem se considerar voadores. – Ele era um presunçoso, um temerário, sem dúvida, mas desde aquele momento e por anos depois disso Maris sentia que se apaixonara por ele.

Ela balançou a cabeça com tristeza, e terminou de tomar seu kivas. Parecia tudo bobagem agora. O Corvo havia morrido menos de dois anos depois daquela festa, havia desaparecido no mar sem deixar rastros. Uma dúzia de voadores morria a cada ano, e suas asas em geral se perdiam com eles; um voo inábil podia derrubá-los e afogá-los, sabia-se que as cilas também podiam atacar com seu pescoço comprido aqueles que se distraíam ao voar rente ao mar; as tempestades igualmente podiam derrubá-los lá de cima; ou um raio podia atingir o metal de suas asas – sim, havia muitas maneiras pelas quais um voador podia morrer. A maioria deles, Maris suspeitava, simplesmente se desorientava, perdia o rumo e voava às cegas até que a exaustão o derrubava. Alguns poucos, quem sabe, eram vítimas da ameaça mais rara e mais temida vinda dos céus: o ar parado. Mas Maris sabia agora que o Corvo fora um candidato à morte muito mais provável do que a maioria, um voador tolo e exibicionista, sem nenhuma compreensão do céu.

A voz de Dorrel a tirou de suas memórias.

– Maris, ei, não ignore a gente desse jeito.

Maris largou sua taça vazia, a mão ainda estava curvada em volta da pedra rústica, ainda procurando o calor que havia no objeto. Com esforço, afastou a mão e pegou sua malha de lã.

– Ainda não secou – protestou Garth.

– Você está com frio? – perguntou Dorrel.

– Não. Preciso voltar.

– Você está cansada demais – observou Dorrel. – Durma aqui hoje.

Maris desviou os olhos dos dele.

– Não posso. Eles vão ficar preocupados.

Dorrel suspirou.

– Então pegue roupas secas. – Ele se levantou, foi até o extremo oposto da sala de estar e escancarou as portas de um guarda-roupa de madeira entalhada. – Venha aqui e escolha algo que sirva.

Maris não saiu do lugar.

– Prefiro vestir minhas roupas mesmo. Acho que não vou mais voltar aqui.

Dorrel praguejou baixinho.

– Maris. Não torne as coisas mais... Você sabe... Ora, vamos, pegue as roupas

secas. Fique à vontade, você é de casa. Deixe a sua roupa aqui em troca, se preferir. Você não sai daqui encharcada assim.

– Desculpe – disse Maris.

Garth sorriu para ela enquanto Dorrel ficou de pé esperando. Ela se levantou devagar, puxando a toalha mais para perto de si ao se afastar do fogo. As pontas de seu cabelo escuro e curto ainda estavam úmidas e frias, coladas à nuca. Dorrel a acompanhou na busca pelas pilhas de roupa até que ela encontrasse calças e uma malha marrom de lã que servissem no seu corpo magro e esbelto. Dorrel ficou observando enquanto ela se vestia e depressa separou as próprias roupas. Então, os dois foram até a estante perto da porta e pegaram suas asas. Maris alisou os suportes com seus dedos compridos e fortes, para ver se não apresentavam pontos frágeis ou alguma irregularidade; as asas raramente falhavam, mas quando havia algum problema era sempre nas juntas. Seu tecido brilhava tão suave e forte como quando foram trazidas para este mundo pelos navegantes estelares. Satisfeita, Maris as atou ao corpo. Estavam em boas condições; Coll ia usá-las por alguns anos mais, e os filhos dele por várias gerações ainda.

Garth se aproximou e ficou de pé ao lado dela. Maris o encarou.

– Não sou tão bom com as palavras quanto Coll, ou quanto Dorrel – começou ele. – Eu... Bem. Adeus, Maris.

Estava corado, e parecia muito infeliz. Voadores não diziam adeus uns aos outros. *Mas eu não sou uma voadora*, pensou, e então abraçou Garth, beijou-o e disse adeus, a palavra dos confinados à terra.

Dorrel foi até o lado de fora com ela. Os ventos eram fortes, como sempre em volta de Eyrie, mas a tempestade já havia passado. A única água no ar era a tênue névoa da espuma do mar. E havia estrelas no céu.

– Pelo menos fique para jantar – sugeriu Dorrel. – Garth e eu vamos brigar pelo prazer de servi-la.

Maris balançou a cabeça. Ela não devia ter vindo; devia ter voado direto para casa e nunca ter ido lá para dizer adeus a Garth e a Dorrel. Teria sido mais fácil não se despedir; teria sido mais fácil fingir que tudo continuaria igual e então simplesmente sumir. Quando chegaram ao alto rochedo dos voadores, o mesmo do qual o Corvo saltara tanto tempo atrás, ela procurou a mão de Dorrel, e os dois ficaram ali de pé por um tempo, em silêncio.

– Maris – disse ele por fim, hesitante. Olhou para um ponto distante no mar, ao lado dela, segurando sua mão. – Maris, você podia casar comigo. Eu dividiria minhas asas com você... Você não precisaria desistir de vez de voar.

Maris afastou a mão e sentiu seu corpo inteiro corar de vergonha. Ele não tinha o direito; era cruel fingir.

– Não – ela sussurrou de volta. – As asas não são suas para poder compartilhá-las.

– Tradição – retrucou ele, soando desesperado. Ele também parecia atrapalhado. Queria ajudá-la, e não tornar tudo pior. – Podíamos tentar. As asas são minhas, mas você poderia usá-las também...

– Ah, Dorrel, não. O Senhor da Terra, seu Senhor da Terra, nunca permitiria isso. Trata-se de mais do que tradição, trata-se da lei. Eles podem tirar as asas de você, dá-las a alguém que tenha mais respeito, como fizeram com Lind, o contrabandista. Além disso, mesmo que a gente fuja para um lugar sem lei ou sem Senhores da Terra, para um lugar onde fiquemos sozinhos... por quanto tempo você suportaria ter de dividir suas asas? Comigo, com *qualquer pessoa* que fosse? Não percebe? Acabaríamos nos odiando. Não sou uma criança para praticar enquanto você descansa. Não poderia viver assim, voando pela condescendência de alguém, sabendo que as asas nunca seriam minhas. E você se cansaria do jeito que eu ia olhar para você... A gente ia... Ah... – E desistiu, por não encontrar mais palavras.

Dorrel ficou em silêncio por um instante.

– Desculpe. Eu queria fazer algo... para ajudar você, Maris. Para mim é insuportável saber o que está prestes a acontecer. Queria lhe dar alguma coisa. Não suporto pensar que você está indo embora para se tornar uma...

Maris pegou na mão dele de novo e a segurou com força.

– Eu sei, eu sei. Shh.

– Você sabe que eu te amo, não é, Maris? Você sabe, não sabe?

– Sim, eu sei. E eu amo você também, Dorrel. Mas eu jamais me casaria com um voador. Não agora. Não conseguiria. Eu o mataria para ficar com suas asas. – Então olhou para ele, tentando aliviar o peso sombrio de suas palavras. Sem sucesso.

Ficaram agarrados, equilibrados no gume daquele momento de despedida, tentando dizer, com a pressão de seus corpos, tudo que desejaram dizer um ao outro. Ao se afastarem, trocaram olhares chorosos.

Maris lidava com suas asas, tremendo, de repente com frio de novo. Dorrel tentou ajudar, mas seus dedos esbarravam nos dela, e eles riram, a duras penas, da sua falta de jeito. Ela deixou que ele desdobrasse suas asas. Quando apenas uma delas ficou totalmente armada, pegou-se pensando no Corvo, e com um aceno mandou Dorrel se afastar. Desconcertado, ele ficou observando. Maris ergueu a asa como se fosse um idoso fatigado e fez a última dobra travar com um puxão. Então estava pronta para partir.

– Vá em paz – disse ele, por fim.

Maris abriu a boca, depois a fechou, assentindo, um pouco boba.

– E você se cuide, até... – Mas não conseguiu acrescentar a mentira final, nem dizer adeus. Virou as costas, correu e se atirou do rochedo de Eyrie, para os ventos

noturnos daquele céu frio e escuro.

Foi um voo longo e solitário sobre um mar iluminado pela luz das estrelas, onde nada se movia. Os ventos do leste eram constantes, forçando Maris a mudar de direção o caminho inteiro, perdendo tempo e velocidade. Na hora em que avistou o farol de Amberly Menor, sua ilha natal, já passava da meia-noite.

Havia outra luz lá embaixo, iluminando sua praia de pouso. Maris se deu conta dela enquanto se aproximava, suave e facilmente, achando que podiam ser os homens do alojamento. Mas eles já teriam se recolhido há muito tempo; poucos voadores percorriam os ares àquela hora. Ela franziu o cenho, confusa, quando atingiu o chão com um tranco que a fez perder o equilíbrio.

Ela resmungou, levantou-se depressa e começou a lidar com as amarras das asas. Já estava cansada de saber que não podia se distrair no momento do pouso. A luz avançou em sua direção.

– Então decidiu voltar – disse a voz, hostil e raivosa. Era Russ, seu pai (padrasto, na verdade), vindo em sua direção com uma lanterna na mão saudável, o braço direito pendendo inerte e inútil ao lado do corpo.

– Decidi parar primeiro em Eyrie – explicou ela, na defensiva. – Você não ficou preocupado, ficou?

– Coll é que devia ter ido, não você. – Os traços em seu rosto eram ríspidos.

– Ele estava dormindo – argumentou Maris. – Ficou enrolando, eu sabia que ele ia perder os melhores ventos da tempestade. Acabaria pegando apenas chuva, e demorar um tempo infinito para chegar lá. Se é que chegaria. Ele ainda não está bom para voar na chuva.

– Então precisa aprender e melhorar. O garoto tem que cometer os próprios erros agora. Você era sua professora, mas em breve as asas serão dele. Ele é o voador, não você.

Maris recuou como se tivesse sido atingida. Aquele era o homem que a ensinara a voar, que havia se mostrado tão orgulhoso dela e da maneira instintiva como ela parecia agir. As asas seriam dela, ele havia lhe afirmado isso mais de uma vez, embora não fossem do mesmo sangue. Ele e a esposa a adotaram quando parecia que ele nunca teria um filho para herdar suas asas. Até que ele teve aquele acidente e perdeu o céu, e era importante encontrar um voador para substituí-lo – se não fosse alguém do seu sangue, então alguém que ele amasse. A esposa se recusara a aprender; vivera trinta e cinco anos como confinada à terra, e não tinha a intenção de saltar de nenhum rochedo, com ou sem asas. Além disso, já era tarde demais; os voadores precisavam aprender bem novos. Assim, foi a Maris que ele acabou ensinando, que ele adotou e veio a amar – Maris, a filha do pescador, que preferia ficar assistindo a tudo do alto do rochedo dos voadores em vez de brincar com as demais crianças.

Só que, contra todas as probabilidades, Coll veio ao mundo. A mãe morreu depois de um parto prolongado e difícil – Maris, ainda uma criança, se lembrava daquela noite escura, cheia de gente correndo, e depois do padrasto chorando sozinho num canto –, mas Coll sobreviveu. Maris, de repente uma mãe-criança, passou a cuidar dele, a amá-lo. A princípio não esperavam que ele vivesse. Ela ficou feliz quando ele conseguiu sobreviver; e durante três anos o amou como irmão e filho, enquanto praticava com as asas sob o olhar atento do pai.

Até a noite em que esse mesmo pai lhe disse que Coll, o bebê Coll, deveria ficar com as asas *dela*.

– Eu voo muito melhor do que ele jamais vai conseguir – dizia Maris agora ao pai, na praia, com a voz trêmula.

– Não discuto isso. Mas não faz diferença. Ele e eu temos o mesmo sangue.

– Não é justo! – gritou ela, pondo para fora o protesto que estava preso dentro de si desde o dia em que completou a maioridade.

Naquela época, Coll era forte, saudável; ainda pequeno demais para usar as asas, mas elas seriam suas quando fosse maior de idade. Maris não tinha do que reclamar, não tinha qualquer direito sobre elas. Assim era a lei dos voadores havia muitas gerações, remontando aos próprios navegantes estelares, os lendários forjadores das asas. O primogênito de cada família de voadores é que devia herdar as asas do pai. A habilidade não valia de nada; tratava-se de uma lei de herança, e Maris vinha de uma família de pescadores que não lhe deixara nada, exceto a carcaça destroçada de um barco de madeira.

– Justo ou não, é a lei, Maris. Você já sabe disso há muito tempo, mesmo que prefira ignorar. Durante anos você brincou de ser uma voadora, e eu a deixei brincar, porque você ama isso, e porque Coll precisava de um professor, um que fosse capaz, e porque essa ilha é grande demais para depender só de dois voadores. Mas você sabia o tempo inteiro que esse dia ia chegar.

Ele podia ter sido mais gentil, pensou ela na sua agitação. Ele deve saber o que significa ter que desistir do céu.

– Agora me acompanhe – chamou ele. – Você não voltará a voar.

As asas dela ainda estavam totalmente estendidas; só uma das amarras fora desfeita.

– Eu vou fugir – disse ela, enlouquecida. – Você nunca mais me verá. Vou para uma ilha onde eles não tenham nenhum voador próprio. Vão ficar felizes de poder contar comigo, não vão se importar em saber de que jeito consegui minhas asas.

– Nunca – rebateu o pai dela, triste. – Os outros voadores vão marginalizar a ilha, como fizeram depois que o maluco do Senhor da Terra de Kennehut executou o Voador-Que-Trouxe-Más-Notícias. Você seria despojada de suas asas roubadas

aonde quer que fosse. Nenhum Senhor da Terra correria esse risco.

– Então vou quebrá-las! – avisou Maris, já à beira da histeria. – Aí nem ele vai poder voar, não mais do que... do que...

O vidro se partiu em mil pedaços na pedra, e a luz se apagou quando o pai dela deixou a lanterna cair. Maris sentiu o pai agarrar suas mãos.

– Você não conseguiria mesmo que quisesse. E você não faria isso com Coll. Me dê as asas.

– Eu não vou...

– Não quero saber o que você vai ou não fazer. Achei que tinha saído hoje de manhã para se matar, para morrer voando na tempestade. Sei qual é o sentimento, Maris. É por isso que fiquei tão assustado, e com tanta raiva. Você não deve culpar Coll.

– Eu não o culpo. E não ia impedir que ele voasse... mas eu também quero muito voar... Pai, por favor. – As lágrimas rolavam pelo seu rosto no escuro, e ela chegou mais perto dele, procurando consolo.

– Eu sei, Maris. – Mas não conseguiu colocar o braço em volta dela; as asas atrapalhavam. – Não há o que fazer. É assim que as coisas são. Você vai precisar aprender a viver sem as asas, assim como eu precisei. Pelo menos você conseguiu contar com elas por um tempo... agora sabe o que é voar.

– Mas só isso não basta! – teimou ela, chorosa. – Eu achava que ia bastar, quando era garotinha, nem era sua ainda, apenas uma estranha, e você era o maior voador de Amberly. Eu ficava observando você e os outros lá no rochedo, pensando: *se eu pudesse ter asas, mesmo que fosse por uns minutos, isso seria a vida para mim*. Mas não é, não é. Não posso abrir mão delas.

Todos os traços duros tinham agora sumido do rosto do pai. Ele tocou o rosto dela suavemente, limpando as lágrimas.

– Talvez você esteja certa – disse ele, com uma voz lenta, pesada. – Talvez não tenha sido uma boa coisa. Pensei que, se eu deixasse você voar um pouco, só um pouquinho... isso seria melhor do que nada, seria na verdade um belo presente. Mas não foi, não é verdade? Agora você não poderá mais ser feliz. Não conseguirá mais ser uma confinada à terra, porque já voou, e sempre se sentirá aprisionada. – Suas palavras pararam de repente, e Maris compreendeu que ele estava falando também dele mesmo, não só dela.

Ele a ajudou a desatar e a dobrar as asas, e eles voltaram para casa caminhando juntos.

Sua casa era uma construção simples de madeira, rodeada de árvores e terra. Um riacho corria na parte de trás. Os voadores podiam viver bem. Russ deu um boa-noite de despedida logo que entraram e levou as asas para o andar de cima. *Será que*

ele perdeu toda a confiança em mim?, foi o que Maris pensou. *O que foi que eu fiz?* E ficou com vontade de chorar de novo.

Em vez disso, andou até a cozinha, encontrou queijo e frios e chá, e levou tudo para a sala de jantar. No centro da mesa havia uma candeia em forma de tigela. Acendeu-a, comeu e ficou olhando para a chama que dançava à sua frente.

Coll entrou assim que ela terminou, e ficou parado meio sem jeito junto à porta.

– Oi, Maris – cumprimentou ele, sem muita animação. – Que bom vê-la de volta. Fiquei esperando.

Ele era alto para os seus treze anos, com um corpo frágil, esbelto, cabelo loiro-avermelhado, e os indícios ralos de um bigode.

– Oi, Coll – respondeu Maris. – Não fique aí parado. Desculpe mesmo ter levado as asas.

Ele sentou.

– Eu não me incomodo, você sabe. Você voa muito melhor do que eu e... Bom... você sabe. O pai ficou bravo?

Maris assentiu.

Coll pareceu sério e assustado.

– Agora só falta uma semana, Maris. O que vamos fazer? – Ele olhava fixamente para a vela, não para ela.

Maris suspirou e suavemente pousou uma das mãos no braço dele.

– Vamos fazer o que deve ser feito, Coll. Não temos escolha.

Os dois já haviam conversado antes, e ela sabia da agonia dele tanto quanto da sua. Ela era sua irmã, quase sua mãe, e o garoto já compartilhara com ela sua vergonha e seu segredo. Essa era a maior ironia.

Ele a olhava naquele momento, como um filho olha para a mãe. Embora soubesse agora que ela se sentia tão desamparada quanto ele, mesmo assim ainda tinha esperança.

– Por que não temos outra escolha? Não entendo.

Maris suspirou.

– É a lei, Coll. Ninguém vai contra a tradição aqui, você sabe disso. Todos temos obrigações que nos foram impostas. Se tivéssemos escolha, eu ficaria com as asas, eu seria uma voadora. E você poderia ser cantor. Nós dois ficaríamos orgulhosos, sabendo que somos bons naquilo que fazemos. Para mim a vida de confinada à terra vai ser difícil. Quero muito as asas. Estavam comigo, e não me parece justo perdê-las, mas talvez... talvez a justiça disso esteja em algo que eu não seja capaz de ver. Pessoas mais sábias do que nós decidiram que as coisas deviam ser do jeito que são, e talvez, talvez eu esteja apenas reagindo como uma criança, querendo que tudo seja

do meu jeito.

Coll umedeceu os lábios, nervoso.

– Não.

Ela o olhou com ar de interrogação.

Ele balançou a cabeça com teimosia.

– Não é justo, Maris, simplesmente não é. Eu não quero voar, não quero ficar com as suas asas. É tudo uma estupidez. Estou magoando você e não tenho nenhuma intenção disso, mas também não quero magoar nosso pai. Como é que posso contar para ele? Sou seu herdeiro e tudo mais... Esperam que eu fique com as asas. Ele me odiaria. As canções não falam nada a respeito de voadores que tinham pavor do céu como eu tenho. Voadores não têm medo... Não fui feito para ser um voador. – Suas mãos tremiam visivelmente.

– Coll, não se preocupe. Vai dar tudo certo, você vai ver. Todo mundo fica assustado no começo. Eu também fiquei. – Ela não estava pensando na mentira, só queria dizer palavras que o tranquilizassem um pouco.

– Mas não é justo! Não quero desistir de cantar, e se eu voar não vou poder cantar, não como Barrion, não do jeito que eu gostaria. Então, por que é que eles querem me fazer um voador? Maris, por que você não pode ser a voadora, como tanto quer? Por quê?

Ela olhou para ele, a ponto de chorar, e sentiu vontade de derramar lágrimas junto com ele. Ela não tinha uma resposta, nem para ele, nem para si mesma.

– Não sei – respondeu, com uma voz inexpressiva. – Eu não sei, meu pequeno. Mas é desse jeito que as coisas sempre foram, e é desse jeito que devem ser.

Ficaram olhando fixo um para o outro, ambos imobilizados, aprisionados numa lei mais antiga que eles e numa tradição que nenhum deles entendia. Desamparados e magoados, ficaram conversando à luz da vela, dizendo e repetindo a mesma coisa até que, bem tarde, foram para a cama, sem nada resolvido.

Mas, depois que ficou sozinha na cama, o ressentimento inundou Maris, aquela sensação de perda, e com ela, a vergonha. Ela chorou aquela noite, até adormecer, e sonhou com céus de tempestade púrpura, pelos quais nunca mais poderia voar.

A semana passou e pareceu infinita.

Uma dezena de vezes durante aqueles dias intermináveis, Maris subiu até o rochedo dos voadores para ficar ali, desconsolada, com as mãos nos bolsos, olhando para o mar. Via os barcos pesqueiros, as gaivotas; uma vez viu também um cardume de velozes gatos-do-mar cinza, lá longe, bem longe. O que mais a entristecia era o repentino fim do mundo que conhecia, a maneira como os horizontes pareciam

encolher a sua frente. E ela não conseguia parar de ir lá para cima. Então, ficava de pé, desejando aqueles ventos, mas a única coisa que voava era o seu cabelo.

Numa das vezes, percebeu Coll observando-a de longe. Mais tarde, nenhum dos dois comentou nada a respeito.

Russ estava com as asas agora, as suas asas, como sempre foram, e como seriam até que Coll ficasse com elas. Quando Amberly Menor precisou de um voador, Corm atendera o chamado vindo do outro lado da ilha, ou então a alegre Shalli, que voava desde quando Maris era uma criança ainda aprendendo a sentir o vento. Quanto ao seu pai, até onde ele sabia a ilha não tinha um terceiro voador, e não teria nenhum até que Coll reclamasse seu direito de primogênito.

A atitude do pai em relação a Maris havia mudado também. Às vezes, ficava bravo com ela quando a via taciturna, outras vezes a envolvia com seu braço bom e tudo, mas chorava. Não conseguia achar um meio-termo entre a raiva e a pena; assim, sem saber o que fazer, procurou evitá-la. Preferia passar seu tempo com Coll, e então assumia um tom animado e entusiástico. O menino, um filho cumpridor de seus deveres, tentava acolher aquele humor e corresponder a ele. Mas Maris sabia que ele também fazia seus longos passeios a pé, e passava muito tempo sozinho com seu violão.

Na véspera do dia em que Coll completaria a maioridade, Maris sentou lá no alto do rochedo dos voadores, as pernas balançando na beirada, observando Shalli traçar círculos prateados pelo céu do meio-dia. Estava localizando gatos-do-mar para os pescadores, dissera Shalli, mas Maris sabia do que realmente se tratava. Havia sido voadora por tempo suficiente para reconhecer um voo feito por puro prazer quando via um. Mesmo naquele momento, lá sentada, desconsolada, ela conseguia sentir um eco distante daquele prazer; algo se animava dentro dela toda vez que Shalli se inclinava em voo e um feixe de raios de sol criava um breve reflexo prateado numa das asas.

É desse jeito que a coisa termina?, perguntou-se Maris. *Não pode ser. Não: é desse jeito que a coisa começa. Eu lembro.*

E ela de fato lembrava. Às vezes, achava que começara a observar os voadores antes mesmo de aprender a andar, embora sua mãe, a verdadeira, dissesse que não fora assim. Mas Maris guardava memórias muito claras do rochedo; ela fugia e ia até ali quase toda semana quando tinha uns quatro, cinco anos. Ali – *aqui* – ela sentava e com os olhos acompanhava os voadores, indo e vindo. A mãe sempre a encontrava lá, e sempre ficava furiosa.

– Você é uma confinada à terra, Maris – dizia-lhe, depois de uma surra. – Não perca seu tempo com sonhos bestas. Não vou deixar que minha filha vire um Asas de Madeira.

Tratava-se de um velho conto folclórico cuja história a mãe repetia toda vez que a

pegava no rochedo. Asas de Madeira era o filho de um carpinteiro que queria ser voador. E, é claro, não fazia parte de família voadora alguma. No entanto, segundo dizia a história, ele não ligava para isso; não ouvia os amigos nem a família, só queria saber do céu. Por fim, na oficina do pai, ele construiu um belo par de asas: eram grandes asas de borboleta, feitas de madeira esculpida e polida. E todos diziam que eram lindas, menos os voadores; estes só balançavam a cabeça em silêncio. Por fim, Asas de Madeira subiu até o rochedo dos voadores. Estavam esperando por ele lá em cima no céu, sem dizer uma palavra, traçando círculos e curvas, brilhantes e silenciosos à luz da aurora. Asas de Madeira correu ao encontro deles, e despencou para a morte.

– E a moral da história – sempre dizia a mãe de Maris – é que não se deve tentar ser uma coisa que você não é.

Mas será que a moral da história era mesmo essa? Quando criança, Maris não se preocupava com isso, simplesmente não dava importância ao Asas de Madeira, achava-o um burro. Mas, ao ficar mais velha, a história voltava à sua mente com frequência. Às vezes ela achava que a mãe entendera tudo errado. Na opinião de Maris, o Asas de Madeira havia vencido. Ele de fato tinha voado, ainda que só por um instante, e isso fazia com que tudo tivesse valido a pena, inclusive sua morte. Era uma morte de voador. E ela achava que os outros, os voadores, não vieram ali para zombar dele, ou desencorajá-lo – não, estavam voando para ampará-lo, porque era apenas um iniciante, e porque eles o compreendiam. Os confinados à terra muitas vezes riam do Asas de Madeira, e esse nome acabou virando sinônimo de tolice. Mas como é que um voador poderia ouvir essa história sem derramar uma lágrima?

Maris então pensou no Asas de Madeira enquanto observava Shalli voar, e a velha questão voltou à sua mente ali, sentada no frio. *Valeu a pena, Asas de Madeira? Um instante de voo, e depois a morte, para sempre? E para mim, valeu a pena? Doze anos de ventos de tempestade, e agora uma vida sem isso?*

Quando Russ notou a presença de Maris no rochedo pela primeira vez, ela foi a criança mais feliz do mundo. Quando ele a adotou e a lançou orgulhoso nos céus, ela achou que ia morrer de felicidade. Seu verdadeiro pai havia morrido, desaparecido com seu barco, morto por uma cila raivosa depois que os ventos de uma tempestade o desviaram de sua rota; a mãe ficou contente ao se ver livre dela. Ela saltou para uma nova vida, no céu; parecia que todos os seus sonhos haviam se realizado. *Asas de Madeira estava certo*, pensou então. Sonhe com alguma coisa intensamente, e ela será sua.

Mas a fé a abandonara depois da chegada de Coll, quando ela ficou sabendo.

Coll. Tudo voltava para ele.

Assim, perdida, Maris tirou todos os pensamentos da cabeça e ficou lá só observando, numa paz melancólica.

O dia havia chegado, como Maris sabia que ia acontecer.

Era uma festa pequena, embora o anfitrião fosse o próprio Senhor da Terra. Era um homem imponente, cordial, com um rosto bondoso oculto sob uma barba densa, que deveria lhe dar um aspecto ameaçador. Quando ele os recebeu à entrada da porta, sua aparência exalava riqueza: ricos tecidos bordados, anéis de cobre e latão e um pesado colar de ferro trabalhado. A acolhida, no entanto, foi calorosa.

Dentro do alojamento havia um grande salão de festas. Vigas de madeira no alto, tochas flamejando pelas paredes, um tapete escarlate no chão. E uma mesa, rangendo sob seu fardo: kivas das Shotans e vinhos de Amberly, queijos trazidos de Culhall pelo ar, frutas das Ilhas Exteriores, grandes travessas de salada verde. No fogão, um gato-do-mar girando num espeto enquanto um cozinheiro o salpicava com ervas e com a própria gordura do peixe. Era grande, quase a metade do tamanho de um homem, a sua pele cinza-azulada fora removida, e sua carcaça em forma de barril afunilava-se até um par de poderosas barbatanas. A grossa camada de gordura que protegia o gato-do-mar do frio começara a rachar e a chiar sob o efeito do fogo, e a curiosa face felina estava recheada de nozes e ervas. O cheiro era maravilhoso.

Seus amigos confinados à terra estavam todos na festa, e se reuniram em volta de Coll para cumprimentá-lo. Alguns inclusive acharam por bem dirigir a palavra a Maris, lhe dizendo o quanto ela era sortuda por ter um irmão voador, e por ter sido ela mesma uma voadora. *Ter sido, ter sido, ter sido.* Sua vontade era de gritar.

Mas o pior eram os voadores. Todos foram, é claro. Corm, bonito como sempre, esbanjando charme, estava num canto rodeado de gente, contando histórias de lugares distantes para um bando de garotas confinadas à terra, que ouviam a tudo boquiabertas. Shalli dançava; antes que a noite acabasse ela já teria exaurido uma meia dúzia de homens com sua energia frenética. Outros voadores vieram de ilhas distantes. Anni de Culhall; o garoto Jamis, o Jovem; e também Helmer, de Amberly Maior, cuja própria filha lhe reivindicaria as asas em menos de um ano; meia dúzia de outros do Oeste; três orgulhosos do Leste. Seus amigos, seus irmãos, seus companheiros de Eyrie.

Mas agora eles a evitavam. Anni sorriu educadamente e desviou o olhar. Jamis transmitiu os cumprimentos de seu pai e caiu num desconfortável silêncio, apoiando-se ora num pé, ora no outro, até que Maris o deixou ir. Seu suspiro de alívio foi quase audível. Até Corm, que se acreditava imperturbável, parecia constrangido diante dela. Trouxe-lhe uma xícara de kivas quente, mas logo viu um amigo do outro lado da sala com o qual ele *tinha* de falar.

Sentindo-se excluída e evitada, Maris foi até uma cadeira de couro junto à janela. Sentou e ficou bebericando seu kivas e ouvindo o vento empurrar as persianas. Ela não os culpava. Quem falaria com uma voadora sem asas?

Ficou feliz por Garth e Dorrel não terem vindo, e tampouco os outros por quem

ela sentia algum tipo de afeto. Envergonhou-se de se contentar com isso.

Houve uma súbita agitação junto à porta e seu humor melhorou um pouco. Barrion acabava de chegar, de violão em punho.

Maris sorriu ao vê-lo entrar. Embora Russ achasse que era uma má influência para Coll, ela gostava de Barrion. O cantor era um homem alto, maltratado pelo clima, com um tufo de cabelo grisalho desgrenhado que o fazia parecer mais velho do que era. Seu rosto longo trazia as marcas do vento e do sol, mas havia rugas de riso em volta de sua boca também, e um humor travesso nos olhos cinza. Barrion tinha uma voz profunda e sonora, um jeito irreverente e um gosto por histórias incríveis. Era o melhor cantor das Ilhas do Oeste, assim diziam. Pelo menos Coll dizia isso, além do próprio Barrion, é claro. Mas Barrion também dizia que havia estado numa centena de ilhas, o que era impensável para um homem sem asas. E afirmava que seu violão havia chegado sete séculos antes, vindo da Terra, junto com os próprios navegantes estelares. Sua família foi passando-o de geração em geração, dizia, todo sério, como se esperasse que Coll e Maris acreditassem nele. Mas a ideia não fazia sentido – referir-se a um violão como se fosse um par de asas!

De todo modo, mentiroso ou não, Barrion era bastante divertido, e romântico também, e cantava como o próprio vento. Coll estudara com ele, e agora eram grandes amigos.

O Senhor da Terra deu-lhe um sonoro tapinha nas costas, e Barrion riu, sentou e preparou-se para cantar. A sala foi se aquietando; até Corm parou no meio de uma de suas histórias.

Ele começou com a “Canção dos navegantes estelares”.

Era a balada mais antiga, a primeira daquelas que eles podiam, com todo o direito, chamar de suas. Barrion cantou com simplicidade, com uma familiaridade que causava um impacto imediato, e Maris derreteu-se toda com o som de sua voz profunda. Quantas vezes não ouvira Coll, tarde da noite, dedilhando seu instrumento e cantando a mesma canção? Sua voz vinha mudando desde então; e ele ficava louco da vida com isso. A todo momento uma estrofe era interrompida por uma horrenda nota rachada e por um minuto de xingamentos. Maris permanecia deitada na cama, rindo baixinho dos barulhos que ouvia da sala lá embaixo.

Agora ela ouvia as palavras e o canto suave de Barrion falando dos navegantes estelares e de seu grande navio, com velas prateadas que se estendiam por cem milhas para apanhar os ventos fortes das estrelas. A história inteira estava lá. A misteriosa tempestade, o navio avariado, os ataúdes onde morreram. Depois, desviados de sua rota, vieram parar *ali*, num mundo de oceano infindável e tempestades violentas, um mundo onde a única terra disponível eram mil ilhas rochosas e esparsas, onde os ventos não cessavam de soprar. A canção falava da chegada, num navio que não fora feito para aportar, de milhares de mortos em seus

ataúdes, e de como a vela – só um pouco mais pesada que o ar – havia flutuado sobre o mar, deixando as águas prateadas em toda a volta das Shotans. Barrion cantava a magia dos navegantes estelares, seu sonho de reparar o navio e a lenta e agonizante morte desse sonho. Ele se demorou, melancólico, no definhamento dos poderes de suas máquinas mágicas, um definhamento que terminou na escuridão. Por fim, veio a batalha, próxima à costa de Grande Shotan, quando o Velho Capitão e seus seguidores definharam protegendo as preciosas velas de metal contra seus filhos. Então, com a magia que restava, os filhos e as filhas dos navegantes estelares, os primeiros filhos do Santuário dos Ventos, cortaram as velas em pedaços leves, flexíveis, tremendamente fortes. E com o metal que pilharam do navio forjaram as asas.

Pois a população esparsa do Santuário dos Ventos precisava se comunicar. Sem combustível, sem metal, tendo à frente oceanos cheios de tempestades e predadores, sem receber nada de graça a não ser poderosos ventos; a escolha foi simples.

Os últimos acordes sumiram no ar. *Os pobres navegantes*, pensou Maris, como sempre. O Velho Capitão e sua tripulação eram voadores também, embora suas asas fossem estelares. Mas sua forma de voar precisava morrer para que uma nova maneira pudesse surgir.

Barrion deu um largo sorriso quando alguém fez um pedido, e então começou outra canção. Cantou meia dúzia de músicas da antiga Terra, e depois deu uma olhada encabulada em volta e ofereceu uma composição sua, uma obscena melodia de bar, sobre uma cila sexualmente excitada que confundiu um barco pesqueiro com seu parceiro. Maris mal ouviu. Sua mente continuou com os navegantes estelares. *De certo modo, eles eram como o Asas de Madeira*, pensou: não puderam abandonar o sonho. E isso significou a sua morte. Ficou imaginando se para eles valeu a pena.

– Barrion! – gritou Russ. – Hoje é dia da maioridade de um voador. Cante para nós algumas músicas de voadores!

O cantor sorriu em concordância. Maris deu uma olhada para Russ. Ele estava junto à mesa, com um copo de vinho na sua mão boa, um sorriso no rosto. *Está cheio de orgulho*, pensou. *Seu filho logo mais será um voador, e ele já me esqueceu.* Ela se sentiu zonza e arrasada.

Barrion cantou canções de voadores; baladas das Ilhas Exteriores, das Shotans, de Culhall, das Amberlys e de Poweet. Cantou os voadores-fantasma, que se perderam para sempre pelos mares quando obedeceram ao Senhor-Capitão da Terra e levaram espadas para o céu. Quando o ar para, ainda é possível vê-los, vagando sem rumo pelas tempestades em suas asas fantasmáticas. Pelo menos é o que diz a lenda. Mas os voadores que entram nesses ares parados dificilmente voltam para contar a história, por isso ninguém pode garantir que seja assim.

Ele cantou a música de Royn, o dos cabelos brancos, que tinha mais de oitenta

anos quando encontrou o neto voador morto numa disputa amorosa, e usou as asas para perseguir e matar o culpado.

Cantou a "Balada de Aron e Jeni", a canção mais triste de todas. Jeni foi uma confinada à terra que, para piorar, era aleijada. Incapaz de andar, vivia com a mãe, uma lavadeira, e todo dia se sentava junto à janela para ver o rochedo dos voadores em Pequena Shotan. Ali, apaixonou-se por Aron, um voador gracioso e risonho, e nos sonhos da moça ele lhe retribuía o amor. Mas, um dia, sozinha em casa, ela o viu brincando no céu com outra voadora, uma mulher de cabelos de fogo, e ao pousar eles se beijaram. Ao chegar em casa, a mãe encontrou Jeni morta. Quando lhe contaram, Aron não deixou que enterrassem aquela mulher que ele nunca conhecera. Tomou-a nos braços e a carregou até o alto do rochedo. Então, com ela amarrada ao próprio corpo, percorreu os ventos até o mar aberto e lhe deu um enterro de voador.

Havia uma música também para o Asas de Madeira, mas não era muito boa; mostrava-o como um tolo risível. Barrion cantou-a assim mesmo. E também cantou aquela do Voador-Que-Trouxe-Más-Notícias e "A dança do vento", a canção nupcial dos voadores, e mais uma dezena de outras. Maris mal conseguia se mover, de tão arrebatada que estava pela música. O kivas já esfriara em sua mão, esquecido diante daquelas palavras todas. Era uma sensação boa, uma tristeza benigna que não parava de agitá-la, e que trouxe de volta as memórias do vento.

– Seu irmão é um voador nato – cochichou uma voz suave ao seu lado, e ela viu que Corm estava encostado no braço da sua cadeira. Ele fez um gesto sutil com a taça de vinho, apontando para onde Coll havia sentado, perto de Barrion. O garoto estava com as mãos entrelaçadas em volta dos joelhos, observando embevecido. – Veja como ele se comove com as canções – comentou Corm, descontraído. – São apenas canções para a gente da terra, mas representam mais, muito mais, para um voador. Você e eu sabemos disso, Maris, e seu irmão também. Posso dizer só de olhar. Sei como deve ser para você, mas pense nele, garota. Ele ama isso tanto quanto você.

Maris olhou para Corm, e não teve como não rir da sua pretensa sabedoria. Sim, Coll parecia em transe, mas só ela sabia por quê. Ele gostava era de cantar, não de voar; das músicas, não do assunto delas. Mas como é que Corm poderia saber disso, o bonito e sorridente Corm, tão autoconfiante, mas que tão pouco sabia?

– Você acha que só os voadores sonham, Corm? – perguntou ela num cochicho, e logo voltou a atenção para Barrion, que terminava a música.

– Conheço várias outras canções sobre voadores – comentou Barrion. – Mas, se eu cantar todas, vamos ficar aqui a noite inteira, e não vou comer nada. – Ele olhou para Coll. – Tenha paciência. Quando for a Eyrie, você vai aprender mais canções do que eu jamais conhecerei. – Ao lado dela, Corm ergueu a taça numa saudação.

Coll se levantou.

– Quero cantar uma.

Barrion sorriu.

– Acho que posso emprestar meu violão. Para ninguém mais, talvez, mas, para você, sim. – Ele se levantou e liberou o assento para o tranquilo jovem de rosto pálido.

Coll ocupou o lugar, dedilhou o instrumento, nervoso, e mordeu os lábios. Piscou ao focar as tochas, procurou Maris com o olhar, piscou de novo.

– Quero cantar uma música nova, sobre um voador. Eu... Bom, fui eu que compus. Eu não estava lá, é claro, mas ouvi a história, e... Bom, é tudo verdade. Já *devia* ser uma canção, e não era, quer dizer... até agora.

– Muito bem, então cante logo, garoto! – trovejou o Senhor da Terra.

Coll sorriu, deu outra olhada para Maris.

– O nome da música é "O salto do Corvo".

E então ele cantou.

Claro, puro, com uma voz linda, do jeito que era para ser. Maris observava-o de olhos arregalados, perplexa. Ele fez tudo certo. Até captou com precisão o sentimento, o nó na garganta que ela sentiu quando as asas dobradas do Corvo brotaram brilhantes ao sol, e ele se ergueu da morte. Todo o amor inocente que ela sentira por ele estava naquela canção de Coll: o Corvo da canção era um glorioso príncipe alado, escuro, ousado e desafiador. Do jeito que Maris o imaginara um dia.

Ele tem um dom, pensou Maris. Corm baixou o olhar até ela.

– O que foi que você disse? – E de repente ela se deu conta de que na verdade havia sussurrado aquilo.

– Coll – respondeu ela, em voz baixa. As últimas notas da música ainda vibravam em seus ouvidos. – Ele poderia ser melhor do que Barrion, se tivesse a chance. Fui eu que lhe contei essa história, Corm. Eu estava lá, e mais uma dezena de pessoas, quando o Corvo fez esse truque. Mas nenhum de nós teria recontado de forma mais bela que Coll. Ele tem um dom muito especial.

Corm sorriu para ela, complacente.

– Verdade. Ano que vem vamos acabar com as Ilhas do Leste no concurso de canto.

E Maris olhou para ele, subitamente furiosa. *Estava tudo tão errado*, pensou. Do outro lado da sala, Coll olhava para Maris com um ar de interrogação. Maris fez que sim com a cabeça, e ele sorriu orgulhoso. Havia se saído bem.

E ela havia tomado uma decisão.

Mas, antes que Coll começasse uma nova canção, Russ se adiantou.

– Agora – disse ele –, agora vamos falar sério. Ficamos cantando e conversando,

comendo e bebendo bem, aqui no calor. Mas lá fora estão os ventos.

Todos ouviram compenetrados, como seria de esperar, e o som dos ventos, um fundo musical esquecido durante bastante tempo, agora parecia encher a sala. Maris ouviu e estremeceu.

– As asas – disse o pai dela.

O Senhor da Terra adiantou-se com elas nas mãos, portando-se com a devida responsabilidade. Proferiu as palavras rituais:

– Por muito tempo estas asas têm servido Amberly, ligando-nos a todas as demais pessoas do Santuário dos Ventos, por gerações, desde os dias dos navegantes estelares. Marion voou com elas, filha de um navegante estelar, e a filha dela, Jeri, e o filho dela, Jon, e Anni e Flan e Denis... – A genealogia prosseguiu por um bom tempo... – E, por fim, Russ e sua filha, Maris. – Houve uma leve agitação entre as pessoas ao ouvirem a inesperada menção a Maris. Ela não tinha sido uma verdadeira voadora e não devia ter sido mencionada. *Estão me chamando de voadora apesar de terem me tirado as asas*, pensou Maris. – E agora o menino Coll ficará com elas, e agora, como outros Senhores da Terra têm feito há gerações, eu as seguro por um breve instante, para dar-lhes sorte com meu toque. E, por meu intermédio, todas as pessoas de Amberly Menor tocam essas asas, e com a minha voz dizem: "Voe bem, Coll!"

O Senhor da Terra entregou as asas dobradas a Russ, que as tomou e passou para Coll. Ele estava de pé agora, com o violão repousado no solo, e parecia muito pequeno e muito pálido.

– É hora de alguém se tornar um voador – disse Russ. – É hora de eu passar as asas, e de Coll aceitá-las, e seria insensato atá-las aqui dentro. Vamos até o rochedo dos voadores para ver um garoto se tornar homem.

Os portadores das tochas, todos eles voadores, estavam a postos. Saíram todos do alojamento. Coll encontrava-se num lugar de honra entre o pai e o Senhor da Terra, e os voadores que os seguiam com as tochas. Maris e o restante do grupo vinham um pouco mais atrás.

Foi uma caminhada de dez minutos, a passos lentos, num silêncio místico, antes de formarem um semicírculo de pé na plataforma do rochedo. Sozinho junto à beirada, Russ, com uma só mão e dispensando ajuda, atou as asas no filho. O rosto de Coll estava branco como cera. Ele ficou bem quieto enquanto Russ as desdobrava, encarando o abismo diante dele, onde ondas escuras marcavam a areia.

Por fim, estava feito.

– Meu filho, você é um voador – anunciou Russ, e então deu um passo atrás com o restante do grupo, aproximando-se de Maris.

Coll viu-se ali sozinho sob as estrelas, empoleirado à beira do abismo, com suas

imensas asas prateadas que o faziam parecer menor do que nunca. Maris quis gritar, impedir aquilo, reagir; podia sentir as lágrimas escorrendo pelo rosto. Mas não conseguiu se mover. Como os demais, ficou aguardando o tradicional primeiro voo.

E Coll, por fim, tomando bastante fôlego, saltou do rochedo.

O último passo de sua corrida foi um tropeço, e ele mergulhou lá embaixo, sumindo de vista. As pessoas avançaram para ver. Quando chegaram à beirada, ele já havia se recomposto e aos poucos ganhava altitude. Desenhou um amplo círculo sobre o mar, depois deslizou mais para perto do rochedo e afastou-se de novo. Às vezes, voadores jovens faziam uma pequena demonstração aos seus amigos, mas Coll não era exibicionista. Tal como um espectro de asas prateadas, vagou desajeitado e um pouco perdido num céu que não era o seu lar.

Outras asas estavam sendo abertas; Corm e Shalli e os outros se preparavam para voar. Dali a pouco iam se juntar a Coll no céu, fariam algumas manobras em formação e depois deixariam os confinados à terra para trás para voar até Eyrie e passar o resto da noite celebrando seu mais novo membro.

No entanto, antes que qualquer um deles pudesse saltar, o vento mudou; Maris sentiu a mudança com sua percepção de voadora. E também a ouviu, na rajada de ar que uivou triste sobre as arestas escarpadas do pico. E, o mais importante, a viu com os olhos, pois acima das ondas Coll vacilava de forma inequívoca. Ele mergulhou um pouco, lutou para se recompor, entrou num giro repentino. Alguém pigarreou. Então, com a mesma velocidade, recuperou o controle e voltou na direção deles. Porém com esforço, muito esforço. Era um vento difícil, raivoso, que o empurrava para baixo; do tipo que um voador era obrigado a persuadir e acalmar e domar. Coll lutava contra o vento, e estava perdendo.

– Ele está em apuros – concluiu Corm, e o belo voador estendeu as últimas seções de sua asa num ímpeto. – Vou voar até dele. – Disse isso e já estava voando alto.

Mas já era tarde demais para ser de alguma ajuda. Coll vinha em direção à praia de pouso, com as asas oscilando para a frente e para trás conforme era sacudido pela repentina turbulência. Uma decisão muda foi tomada, e o grupo se moveu em massa para encontrá-lo, com Maris e o pai à frente.

Coll desceu rápido, rápido demais. Não estava montado no vento; não, estava sendo empurrado por ele. Suas asas balançaram na descida, e o movimento o deixou inclinado de modo que a ponta de uma asa raspou o chão e a outra ficou apontada para o céu. Errado, errado, tudo errado. Enquanto corriam para a praia, avistaram um grande borrifo de areia seca e depois ouviram o som repentino e horrível de metal estalando. Coll estava lá no chão, são e salvo, estatelado na areia.

Mas sua asa esquerda estava frouxa e quebrada.

Russ foi o primeiro a alcançá-lo. Ajoelhou-se junto dele e começou a desatar as amarras. Os demais se reuniram em volta. Então, Coll se ergueu um pouco, e todos

viram que ele tremia, com os olhos cheios de lágrimas.

– Não se preocupe – disse Russ, com uma voz cordial, mas meio forçada. – Foi só um suporte, filho; eles quebram à toa. Não é difícil consertar. Você estava um pouco instável, mas todos nós ficamos no primeiro voo. Da próxima vez será melhor.

– A próxima vez, a próxima vez, a próxima vez! – repetiu Coll. – Eu não consigo, pai, não consigo. Eu *não quero* uma próxima vez! Eu *não quero* suas asas! – Ele chorava abertamente agora, e seu corpo tremia com os soluços.

O grupo ficou mudo, chocado, e o rosto de seu pai ganhou um ar severo.

– Você é meu filho, é um voador. Haverá, sim, uma próxima vez. E você aprenderá.

Coll continuava tremendo e soluçando, as asas já desatadas aos seus pés, quebradas e inúteis, pelo menos por ora. Não haveria voo para Eyrie naquela noite.

O pai estendeu seu braço bom, colocou-o no ombro do filho e veio trazendo-o, sacudindo-o.

– Você está ouvindo? Está *ouvindo*? Não vou escutar essas tolices. Ou você voa, ou não é meu filho.

O repentino tom desafiador de Coll agora se fora. Ele concordou, engoliu as lágrimas e olhou para o pai.

– Tudo bem, pai – respondeu. – Desculpe. É que me assustei lá em cima, pode esquecer, não falei a sério. – Ele tinha apenas treze anos, lembrou Maris enquanto observava os dois, imersa no grupo de convidados. Treze anos, estava assustado e estava longe de ser um voador. – Não sei por que disse aquilo, pai. Não falei a sério.

Foi quando Maris recuperou a voz.

– Sim, você falou a sério. – Ela falou bem alto, lembrando-se do jeito como Coll havia cantado o Corvo, lembrando-se da decisão que ela havia tomado. Os outros se viraram para olhá-la, chocados, e Shalli pôs a mão no braço dela, como que para detê-la. Mas Maris se desvencilhou e avançou, colocando-se entre Coll e o pai. – Ele falou sério, sim – disse ela mais tranquila, com voz estável e segura, mas o coração tremendo. – Não está vendo, pai? Ele não é um voador. Ele é um bom filho, e você devia estar orgulhoso dele, mas ele nunca vai gostar do vento. Não me importa o que dizem as leis.

– Maris – começou Russ, e não havia nenhum afeto em sua voz, apenas desespero e mágoa –, você pretende tirar as asas do seu próprio irmão? Achei que o amava.

Uma semana antes ela teria chorado, mas agora suas lágrimas já haviam se exaurido.

– Amo meu irmão, pai, e quero que ele tenha uma vida muito longa e feliz. Mas ele não vai ser feliz como voador; ele só faz isso para que *você* sinta orgulho dele. Coll é um cantor, um bom cantor. Por que quer tirá-lo da vida que ele ama?

– Não quero – respondeu Russ calmamente. – A tradição...

– Uma tola tradição – intercedeu uma nova voz. Maris procurou ver quem era seu aliado e avistou Barrion avançando pela multidão. – Maris está certa. Coll canta como um anjo, e todos vimos de que jeito ele voa. – Olhou com desdém para os voadores do grupo. – Vocês voadores são tão apegados aos costumes que se esquecem de pensar. Vocês seguem a tradição cegamente, não importa a quem isso magoe.

Quase sem ser notado, Corm havia pousado e dobrado as asas. Agora estava de pé diante deles, com o rosto macio e escuro tomado de raiva.

– Os voadores e suas tradições fizeram a grandeza de Amberly, moldaram a própria história do Santuário dos Ventos mil vezes. Não me interessa o quanto você é bom cantor, Barrion, você não está acima da lei. – Ele olhou para Russ e prosseguiu: – Não se preocupe, amigo. Nós faremos do seu filho um voador como Amberly nunca viu.

Então, Coll ergueu os olhos e, embora as lágrimas ainda lhe rolassem pelo rosto, de repente exibia raiva também, e decisão.

– *Não!* – gritou, e seu olhar na direção de Corm era desafiador. – Você não vai fazer de mim nada que eu não queira ser, não me importa quem você é. Não sou um covarde, não sou um bebê, mas não quero voar, *eu não quero, EU NÃO QUERO!* – Suas palavras eram uma torrente, gritadas ao vento, conforme seu segredo era posto para fora e todas as barreiras caíam de vez. – Vocês voadores acham que são os tais, que todos os demais são inferiores, mas vocês não são, fiquem sabendo, não são. Barrion já esteve em cem ilhas, e ele sabe mais canções do que dez voadores juntos. Não me importa o que você pense, Corm. Ele não é um confinado à terra; ele vai de navio, algo que todos temem fazer. Vocês voadores ficam longe das cilas, mas Barrion uma vez matou uma com um arpão, de dentro de um pequeno barco de madeira. Aposto que não sabiam disso. Eu também posso ser como ele. Tenho talento. Ele está indo para as Ilhas Exteriores, quer que eu o acompanhe, e me disse uma vez que um dia vai me dar seu violão. Ele pode tornar o ato de voar bonito com suas palavras, e pode fazer o mesmo com a pesca ou com a caça ou com *qualquer coisa*. Voadores não sabem fazer isso, mas ele sabe. Aqui está *Barrion*! Ele é um *cantor*, e isso é tão bom quanto ser voador. E eu posso fazer isso também, como fiz hoje à noite com a música do Corvo. – Ele olhou para Corm com ódio. – Pegue suas velhas asas e entregue-as a Maris, ela é a voadora! – gritou, chutando o tecido frouxo no chão. – Quero ir com Barrion.

Houve um silêncio espantoso. Russ ficou calado por um longo tempo, e então olhou para o filho com um rosto mais envelhecido do que jamais havia sido.

– As asas não são dele, Coll – disse ele. – São minhas asas, e do meu pai, e de sua mãe antes dele, e eu queria... eu queria... – E sua voz fraquejou.

– Você é o responsável por isso – disparou Corm, furioso, olhando para Barrion. – E você também, sim, *você*, a própria irmã dele – acrescentou, voltando seu olhar para Maris.

– Tudo bem, Corm – disse ela. – Nós somos responsáveis, Barrion e eu, porque nós amamos Coll e queremos vê-lo feliz... e vivo. Os voadores vêm seguindo a tradição há muito tempo. Tempo demais. Não vê que Barrion está certo? Todo ano maus voadores pegam as asas de seus pais e morrem com elas, e o Santuário dos Ventos está mais pobre, porque as asas não podem ser repostas. Com quantos voadores contávamos nos dias dos navegantes estelares? Quantos existem hoje? Vocês não veem o que a tradição está fazendo conosco? As asas são uma responsabilidade; elas devem ser usadas por aqueles que amam o céu, que vão voar melhor e mantê-las da melhor maneira. Em vez disso, o nascimento é o nosso único critério para conferir as asas. O nascimento, não o talento. Mas o talento de um voador é o que o livra da morte, é o que mantém o Santuário dos Ventos unido.

– Isso é uma vergonha – bufou Corm. – Você não é voadora, Maris, e não tem o direito de falar sobre esses assuntos. Suas palavras envergonham os céus, e você viola todas as tradições. Se seu irmão decidir abrir mão do direito dele, tudo bem. Mas ele não vai zombar da nossa lei e dar suas asas a quem ele quiser. – Olhou em volta, para a multidão muda de perplexidade. – Onde está o Senhor da Terra? Diga qual é a lei!

A voz do Senhor da Terra era lenta, preocupada.

– A lei... A tradição... Mas esse caso é tão especial, Corm. Maris tem servido bem a Amberly, e todos nós sabemos como ela voa bem. Eu...

– A *lei* – insistiu Corm.

O Senhor da Terra balançou a cabeça.

– Sim, esse é meu dever, mas... A lei diz que... que, se um voador abre mão de suas asas, então elas devem ficar com outro voador da ilha, o mais velho, e ele e o Senhor da Terra devem mantê-las até que um novo detentor seja escolhido. Mas, Corm, nenhum voador jamais renunciou a suas asas... A lei só se aplica quando um voador morre sem herdeiros, e aqui, neste caso, Maris é...

– A lei é a lei – disse Corm.

– E você vai segui-la cegamente – interveio Barrion.

Corm ignorou-o.

– Eu sou o voador mais velho de Amberly Menor, já que Russ passou suas asas adiante. Guardarei as asas até encontrarmos alguém que mereça ser voador, alguém que reconheça isso como uma honra e que preserve as tradições.

– *Não!* – gritou Coll. – Eu quero que *Maris* fique com as asas.

– Você não tem voz nessa questão – retrucou Corm. – É um confinado à terra. – E

dizendo isso agachou-se e recolheu as asas rejeitadas, quebradas. E metodicamente começou a dobrá-las.

Maris olhou em volta pedindo ajuda, em vão. Barrion abriu os braços, Shalli e Helmer desviaram o olhar dela, e seu pai estava de pé, arrasado e chorando, não mais um voador, nem no nome, apenas um velho inválido. Os convidados da festa, um por um, começaram a se retirar.

O Senhor da Terra foi até ela.

– Maris – começou ele –, eu sinto muito. Eu lhe daria as asas se pudesse. A intenção da lei não é essa, não é punir, é apenas servir de guia. Mas é a lei dos voadores, e não posso ir contra eles. Se eu passar por cima de Corm, Amberly Menor vai ficar como Kennehut, e as canções vão me chamar de louco.

– Eu entendo.

Corm, com uma asa debaixo de cada braço, saiu andando empertigado pela praia.

O Senhor da Terra virou-se e partiu, e Maris seguiu pela areia até Russ.

– Pai.

Ele ergueu o olhar.

– Você não é minha filha. – E lhe deu as costas.

Ela viu como o velho homem se afastava, rijo, andando com dificuldade, adentrando a ilha para esconder sua vergonha.

Por fim, os três ficaram sozinhos na praia de pouso, sem palavras e vencidos. Maris foi até Coll, o abraçou e o afagou. Eles se apoiaram um no outro, os dois por um momento voltando a ser crianças e procurando o conforto que não eram capazes de oferecer.

– Tenho um lugar – disse Barrion, por fim, despertando-os com sua voz. Eles se separaram, meio entorpecidos, observaram o cantor colocar seu violão no ombro e o seguiram até sua casa.

Para Maris, os dias seguintes foram sombrios e difíceis.

Barrion morava numa pequena cabana no porto, junto a um velho cais deserto, e foi lá que eles se instalaram. Coll estava feliz como ela nunca vira; todo dia cantava com Barrion e sabia que depois de tudo seria cantor. Somente o incomodava a recusa de Russ em vê-lo, mas se esquecia disso com frequência. Era jovem, e descobriu que muitos da sua idade olhavam para ele com uma admiração culpada, como se ele fosse um rebelde, e achava isso ótimo.

Para Maris, por outro lado, as coisas não eram tão fáceis. Era raro ela sair da cabana, a não ser para vagar pelo cais ao pôr do sol e ver os pesqueiros chegando. Só conseguia pensar na sua perda. Sentia-se aprisionada e desamparada. Tentara o

máximo possível, fizera a coisa certa, mas, mesmo assim, ficara sem as asas. A tradição, como um Senhor da Terra cruel e desvairado, havia prevalecido, e agora a mantinha aprisionada.

Duas semanas após o incidente na praia, Barrion voltou à cabana com notícias, depois de passar a tarde nas docas, aonde ia diariamente para aprender novas canções dos pescadores de Amberly e cantar nas estalagens à beira do cais. Enquanto comiam uma cumbuca de um denso e quente cozido de carne, ele olhou para Maris e para o garoto e disse:

– Consegui um barco. Dentro de um mês parto para as Ilhas Exteriores.

– Nós vamos também? – Coll sorriu ansioso.

– Você vai, com certeza. E você, Maris?

– Não. – Ela balançou a cabeça.

O cantor suspirou.

– Você não vai ganhar nada ficando aqui. Não será fácil para você em Amberly. Até para mim as coisas estão ficando difíceis. O Senhor da Terra está contra mim, incentivado por Corm, e noto que pessoas respeitáveis começam a me evitar. Além disso, há um mundo inteiro para conhecer. Venha conosco. – Ele sorriu. – Talvez eu até consiga ensinar *você* a cantar.

Maris ficou brincando com o cozido em sua cumbuca.

– Sou pior cantando do que meu irmão voando, Barrion. Não, não posso ir. Sou uma voadora. Tenho que ficar e recuperar minhas asas.

– Eu a admiro, Maris – disse ele –, mas sua luta é inútil. O que você pode fazer?

– Não sei. Alguma coisa. Falar com o Senhor da Terra, talvez. Posso ir até lá. O Senhor da Terra faz a lei, e ele simpatiza comigo. Se achar que é melhor para o povo de Amberly, então...

– Ele não tem como desafiar Corm. Essa é uma questão ligada às leis dos voadores, e ele não tem controle sobre isso. Além do mais... – Ele hesitou.

– O quê?

– Novidades. Andam comentando pelas docas. Acharam um novo voador; na verdade, um velho. Devin de Gavora está a caminho, de barco, para fixar residência aqui e usar suas asas. – Barrion ficou observando-a atentamente, com uma expressão preocupada.

– Devin! – Maris bateu o garfo na mesa e se levantou. – As leis deles acabaram com todo o bom senso? – Ela andava para lá e para cá pela sala. – Devin voa pior que Coll. Ele perdeu as próprias asas quando desceu baixo demais e roçou a água. Se não fosse um navio que passava perto, estaria morto. Então, Corm quer lhe dar outro par de asas?

Barrion fez uma careta de desgosto.

– Ele é um voador, e mantém as velhas tradições.

– Há quanto tempo ele partiu?

– Há poucos dias, segundo dizem.

– É uma viagem de duas semanas, pelo menos – observou Maris. – Se eu decidir agir, tem que ser antes de ele chegar aqui. Depois que tiver usado as asas, passarão a ser dele, e eu as terei perdido para sempre.

– Mas, Maris, o que você pode fazer? – quis saber Coll.

– Nada – respondeu Barrion. – Ah, sim, poderíamos roubar as asas, é claro. Corm mandou consertá-las, estão como novas. Mas para onde você iria? Nunca seria bem recebida. Desista, garota. Não se pode mudar a lei dos voadores.

– Não? – retrucou ela. De repente, sua voz ficou animada. Ela parou de andar e se inclinou sobre a mesa. – Tem certeza? Será que as tradições *nunca* mudaram? De onde elas vêm?

Barrion parecia desconcertado.

– Bem, houve um Conselho, logo depois que o Velho Capitão foi morto, quando o Senhor-Capitão da Terra de Grande Shotan distribuiu as asas recém-forjadas. Foi quando se decidiu que nenhum voador jamais usaria uma arma no céu. Eles se lembraram da batalha, e da maneira como os velhos navegantes estelares usaram os dois últimos trenós do céu para fazer chover fogo lá de cima.

– Sim – confirmou Maris –, e lembre-se de que houve ainda dois outros Conselhos. Várias gerações depois, quando outro Senhor-Capitão da Terra quis submeter um Senhor da Terra à sua vontade e controlar todo o Santuário dos Ventos, ele mandou os voadores de Grande Shotan para o céu com espadas para atacar Pequena Shotan. E os voadores das outras ilhas se reuniram no Conselho e condenaram sua atitude, depois que seus voadores-fantasma desapareceram. Então, ele foi o último Senhor-Capitão da Terra, e agora Grande Shotan não passa de mais uma ilha.

– Exato – concordou Coll –, e o terceiro Conselho foi quando todos os voadores votaram a favor de não pousar em Kennehut, depois que o Senhor da Terra louco matou o Voador-Que-Trouxe-Más-Notícias.

– Tudo bem – assentiu Barrion. – Mas nenhum outro Conselho foi convocado desde então. Tem certeza de que eles podem se reunir?

– Claro – respondeu Maris. – É uma das tradições mais caras a Corm. Qualquer voador pode convocar um Conselho. E eu poderia então apresentar meu caso ali, a todos os voadores do Santuário dos Ventos, e...

Parou de falar. Barrion e ela trocaram olhares, o mesmo pensamento em ambas as mentes.

– Qualquer voador – disse ele, sem dar nenhuma ênfase.

– Está certo, não sou uma voadora – admitiu Maris. E afundou na cadeira. – E Coll já abriu mão das asas, e Russ, mesmo que aceitasse nos ver, já as passou adiante. Corm não apoiaria nosso pedido. O Conselho não seria convocado.

– Você poderia pedir a Shalli – sugeriu Coll. – Ou ficar esperando no rochedo dos voadores, ou...

– Shalli é muito mais nova que Corm, e muito medrosa – argumentou Barrion. – Tenho ouvido o falatório. Ela está triste por você, assim como o Senhor da Terra, mas não vai quebrar a tradição. Corm poderia tentar tirar as asas dela também. E os outros... com quem você poderia contar? E quanto tempo poderia esperar? Helmer vem com mais frequência, mas é tão conservador quanto Corm. Jamis é jovem demais, e assim por diante. Você estaria pedindo a eles que assumissem um risco enorme. – Balançou a cabeça, sem esperanças. – Não vai funcionar. Nenhum voador vai apoiá-la, não a tempo. Em duas semanas, Devin terá recebido as asas.

Os três ficaram em silêncio. Maris olhava fixamente para sua cumbuca de cozido frio, pensativa. *Não tem jeito?*, ela se perguntou. *Será que não tem mesmo jeito?* Então se virou para Barrion.

– Agora há pouco – começou ela, com muita cautela – você mencionou algo sobre roubar as asas...

O vento estava frio e úmido, raivoso, fustigando as ondas; no céu, a leste, armava-se uma tempestade.

– Tempo bom para voar – comentou Maris. O navio balançava suavemente sob seus pés.

Barrion sorriu e apertou um pouco mais sua capa para evitar a umidade.

– Que bom seria se você pudesse voar um pouco, não é?

Os olhos dela se voltaram para a praia, onde a casa de madeira escura de Corm contrastava com as árvores ao fundo. Via-se uma luz acesa numa janela do andar de cima. *Três dias*, pensou Maris, chateada. Àquela altura ele já devia ter sido chamado. Quanto tempo poderiam esperar? Cada hora deixava Devin mais perto, o homem que tiraria as asas dela.

– Hoje à noite? O que você acha? – perguntou ela a Barrion.

Ele deu de ombros. Estava limpando as unhas com uma longa adaga, concentrado na tarefa.

– Você deve saber melhor do que eu – comentou ele, sem erguer os olhos. – A torre do farol ainda está escura. Com que frequência os voadores são convocados?

– Bastante frequência – respondeu Maris, pensativa. Mas será que Corm seria

convocado? Já estavam há dois dias flutuando próximos da praia, esperando uma convocação para afastá-lo das asas. Talvez o Senhor da Terra estivesse contando apenas com Shalli até a hora em que Devin chegasse. – Não gosto disso. Precisamos fazer algo.

Barrion enfiou a adaga na bainha.

– Eu podia usar isso em Corm, mas não vou. Estou com você, Maris, e seu irmão é como um filho para mim, mas não vou matar por um par de asas. Não. Vamos esperar até que a torre do farol convoque Corm, então invadimos a casa. Qualquer outra opção será arriscada demais.

Matar, pensou Maris. Será que a coisa chegaria a esse ponto, caso invadissem com Corm ainda em casa? Então ela entendeu que poderia chegar, sim. Corm era Corm, e *sem dúvida* resistiria. Ela já estivera dentro daquela casa uma vez. Lembrava-se do conjunto de facas cruzadas de obsidiana brilhando em sua parede. Tinha de haver outro jeito.

– O Senhor da Terra não vai convocá-lo – concluiu Maris. Sabia disso, de algum modo. – A não ser que se tratasse de uma emergência.

Barrion estudava as nuvens que se formavam a leste.

– Sério? Dificilmente conseguiremos produzir uma situação de emergência.

– Mas podemos fazer um sinal – argumentou Maris.

– Hummm – replicou o cantor, avaliando a ideia. – Sim, acho que podemos. – E sorriu para ela. – Maris, a cada dia quebramos mais leis. Já é ruim o suficiente planejarmos o roubo das suas asas, mas agora você quer que eu invada a torre do farol e envie um falso chamado? Ainda bem que sou cantor, ou acabaríamos como os maiores criminosos da história de Amberly.

– E por que o fato de você ser cantor evitaria isso?

– Quem você acha que compõe as músicas? Eu preferiria transformar todos nós em heróis.

Eles trocaram sorrisos.

Barrion apanhou os remos e navegou rápido para a praia, até um mangue escondido pelas árvores, não muito longe da casa de Corm.

– Espere aqui – disse ele, e se enfiou até os joelhos na água ondeante. – Vou até o farol. Entre e pegue as asas assim que vir Corm saindo.

Maris assentiu.

Por quase uma hora ela ficou sentada sozinha na escuridão crescente, vendo relâmpagos brilhando ao longe, a leste. Logo a tempestade cairia sobre eles; ela já podia sentir a força do vento. Por fim, no alto do monte mais alto de Amberly Menor, o grande feixe da torre do farol do Senhor da Terra começou a piscar num ritmo entrecortado. Maris de repente percebeu que, de alguma forma, Barrion já

conhecia o sinal correto, apesar de ela ter esquecido de dizer qual era. O cantor sabia um monte de coisas, mais do que ela um dia suspeitara. Bom, talvez ele não fosse tão mentiroso quanto imaginavam.

Alguns minutos depois, ela estava agachada nos arbustos, a poucos metros da porta de Corm, a cabeça abaixada, oculta pela sombra e pelas árvores. A porta se abriu, e o voador de cabelos escuros saiu, levando as asas às costas. Vestia uma roupa quente. *Roupa de voo*, pensou Maris. Ele saiu andando apressado pela estrada principal.

Depois que ele se afastou, não foi difícil encontrar uma pedra, dar uma espiada na lateral da construção e quebrar uma vidraça. Por sorte, Corm não era casado, morava sozinho. Quer dizer, isso se ele não estivesse passando a noite com alguma mulher. Mas eles vinham observando a casa atentamente, e ninguém havia entrado ou saído, exceto uma faxineira que trabalhou durante o dia.

Maris afastou os vidros quebrados, saltou do peitoril e entrou na casa. Tudo escuro dentro, mas seus olhos logo se adaptaram. Precisava encontrar as asas, as *suas* asas, antes que Corm voltasse. Ele chegaria em breve à torre do farol e descobriria que se tratava de um alarme falso. Barrion não ia se demorar lá para não ser flagrado.

A busca foi curta. Bem perto da porta de entrada, na estante onde ele guardava as próprias asas entre um voo e outro, Maris encontrou as dela. Tomou-as com cuidado, com amor e ansiedade, e correu as mãos pelo metal frio para checar os suportes. *Até que enfim*, pensou; e depois: *Eles nunca mais vão tirá-las de mim*.

Ela apanhou as asas e correu. Passou pela porta dianteira e enveredou pelos bosques, por uma estrada diferente daquela que Corm tomara. Ele logo estaria de volta e daria pela falta das asas. Ela precisava chegar ao rochedo dos voadores.

Maris gastou uma boa meia hora, e por duas vezes precisou se esconder nos arbustos à beira da estrada para não cruzar com outro passante noturno. E, mesmo quando chegou ao rochedo, viu que havia pessoas – dois homens do alojamento dos voadores – lá embaixo na praia de pouso, por isso precisou se esconder atrás de algumas pedras e esperar, evitando as lanternas deles.

Ela já estava com cãibras de tanto ficar agachada e tremia de frio quando, lá longe, sobre o mar, vislumbrou outro par de asas prateadas, aproximando-se depressa. O voador fez um círculo baixo sobre a praia, sinalizando para os homens do alojamento, e então foi chegando suavemente para o pouso. Quando estavam desatando-lhe as asas, Maris viu que se tratava de Anni de Culhall, sem dúvida com uma mensagem. Era sua oportunidade, portanto. Os homens do alojamento iam escoltar Anni até o Senhor da Terra.

Depois que saíram com ela, Maris ficou de pé, ainda balançando um pouco as pernas, e apressou-se pelo caminho de pedra até o rochedo dos voadores. Foi uma

tarefa lenta e desajeitada desdobrar as próprias asas, mas ela conseguiu, embora as dobradiças da asa esquerda estivessem rígidas e ela precisasse sacudi-las umas cinco vezes para que o segmento final se soltasse. *Corm nem se dera ao trabalho de cuidar dessas asas*, pensou, irritada.

Em seguida, esquecendo-se disso, esquecendo-se de tudo, correu e mergulhou nos ventos.

A crescente ventania atingiu-a quase como um murro, mas ela rolou com o impacto, deslocando-se e girando até pegar uma corrente ascendente e começar a subir, rápido agora, cada vez mais alto. Bem perto, um raio brilhou atrás dela e a fez sentir um leve tremor de medo. Mas depois tudo se aquietou. Ela voava de novo, e, se tivesse sido fulminada pelo céu, enfim, ninguém ia se compadecer por ela em Amberly Menor a não ser por Coll, e não poderia haver morte melhor. Ela se inclinou e subiu ainda mais, e deixou escapar uma risada de puro deleite.

Então ouviu uma voz gritar em resposta, inflamada de raiva:

– Volte agora!

Alarmada, perdendo o prumo por um instante, olhou para cima e para trás.

Um relâmpago chicoteou de novo o céu sobre Amberly Menor, e, com a sua luz, as asas sombreadas pela noite acima dela brilharam com um prateado de meio-dia. Saindo das nuvens, Corm vinha descendo depressa sobre ela.

E vinha gritando:

– Sabia que era você! – O vento apagava algumas das palavras. – ...precisava... atrás do... nunca foi em casa... rochedo... esperava. *Volte agora!* Vou obrigá-la a descer! Sua confinada à terra! – Isso ela ouviu bem, e riu dele.

– Tente, então! – rebateu ela, em desafio. – Mostre que tipo de voador você é, Corm! Me pegue se for capaz! – E, então, ainda rindo, inclinou uma asa e se esquivou do mergulho dele, que continuou descendo e gritando enquanto ela subia.

Milhares de vezes ela havia voado com Dorrel, um perseguindo o outro por Eyrie, numa espécie de brincadeira e exercício no céu. Mas, desta vez, a perseguição era muito mais séria, mortal. Maris brincava com os ventos, procurando ganhar velocidade e altitude, e instintivamente encontrou as correntes e subiu bem alto e rápido. Bem mais abaixo agora, Corm controlou sua queda, inclinou-se e veio atrás dela subindo. Mas, quando atingiu aquela altitude, ela já estava muito à frente. Maris procurou manter a distância. Não era um jogo, e ela não podia correr nenhum risco. Se ele se aproximasse demais, estava bravo o suficiente para obrigá-la a descer, centímetro por centímetro, até pressioná-la para dentro do mar. Ele se arrependeria disso mais tarde, lamentaria as asas perdidas, mas Maris sabia que mesmo assim ele acabaria agindo daquela maneira. As tradições dos voadores eram importantes para ele a esse ponto. Meio à toa, ficou imaginando como ela própria teria reagido um ano antes com alguém que lhe tivesse roubado as asas.

Agora Amberly Menor estava perdida atrás deles, e a única terra à vista era a torre do farol de Culhall, piscando à direita na altura da linha do horizonte. Essa imagem também logo se perdeu de vista, e só havia o mar negro embaixo e o céu acima. E Corm, incansável, ainda atrás dela, perfilado contra a tempestade. Então, quando Maris olhou para trás, viu que ele parecia menor. Ela estava levando a melhor? Corm era um voador habilidoso, disso ela tinha certeza. Sempre fizera boas atuações para as Ilhas do Oeste nas competições, ao passo que ela não tinha autorização para competir. E agora, no entanto, claramente a distância ia aumentando.

Um raio brilhou de novo, e o trovão ribombou ameaçador pelo mar alguns segundos depois. Lá embaixo uma cila rugiu de volta para a tempestade, ouvindo no estrondo um raivoso desafio. Mas, para Maris, na verdade o estrondo significava algo além. O momento, o momento oportuno; a tempestade estava se formando mais ao longe. Ela ia para noroeste; a tempestade para oeste, talvez. De todo modo, estava se desviando, saindo de baixo dela.

Algo vibrou dentro de Maris. Ela se inclinou, fez vários movimentos rápidos, só por prazer, uma manobra exibicionista, eufórica, pulando de uma corrente para outra como um acrobata dos céus. Os ventos eram seus agora; nada mais podia dar errado.

Mas Corm se aproximou enquanto Maris brincava, e quando ela saiu de sua manobra e começou a subir de novo, avistou-o perto o suficiente para conseguir ouvir seus gritos. Ele berrava algo a respeito de ela não ser capaz de pousar, sobre o fato de ela ser uma exilada com suas asas roubadas. Pobre Corm! O que é que ele sabia?

Maris mergulhou, até quase sentir o gosto do sal, até conseguir ouvir as águas se movendo alguns metros abaixo dela. Se ele estivesse decidido a matá-la, se fosse obrigá-la a cair na água, bem, ela havia ficado vulnerável agora, tão vulnerável quanto podia. Voava rente à água naquele momento; tudo o que ele teria a fazer seria alcançá-la, ficar em cima dela e empurrá-la.

Ela sabia, *sabia* que ele não podia fazer isso, não importava o quanto desejasse fazê-lo. Quando atravessou a agitada cobertura de nuvens e saiu num céu noturno limpo com estrelas cintilando em suas asas, Corm era apenas um pequeno ponto atrás dela, definhando rapidamente. Maris esperou até que não pudesse mais distinguir as asas dele, então pegou outra ascendente e mudou de rota para o sul, sabendo que Corm continuaria às cegas em frente, até desistir e voltar para Amberly Menor.

Ela estava sozinha, apenas com suas asas e o céu, e por um breve tempo houve paz.

Horas mais tarde, as primeiras luzes de Laus brilharam para ela no meio da escuridão; fachos flamejantes no alto da Velha Fortaleza das ilhas rochosas. Maris

desviou na direção delas, e logo o grande prédio em ruínas do antigo castelo estava à sua frente, morto, exceto por suas luzes.

Ela voou bem acima dele, cruzando a largura da pequena ilha montanhosa, até a faixa de pouso na ponta arenosa a sudoeste. Laus não tinha população suficiente para manter um alojamento de voadores, e dessa vez Maris sentiu-se grata por isso. Assim, não haveria homens de alojamento para cumprimentá-la ou fazer perguntas. Ela pousou sozinha e despercebida, levantando uma nuvem de areia seca, e teve trabalho para tirar as asas.

No final da faixa de pouso, já junto à base do rochedo dos voadores, a cabana simples de Dorrel estava escura e vazia. Quando ninguém atendeu suas batidas, Maris abriu a porta sem tranca e entrou, chamando por ele. Mas a casa estava silenciosa. Ela sentiu uma onda de desapontamento que logo virou nervosismo. Onde ele estaria? Quanto tempo ficaria fora? E se Corm ficasse imaginando onde ela poderia estar e a encontrasse ali, antes que Dorrel voltasse?

Ela remexeu nos carvões empilhados de lado e quase apagados da lareira e acendeu uma vela de areia. Deu uma olhada em volta daquela cabana pequena, arrumada, procurando alguma pista que pudesse indicar onde Dorrel teria ido e há quanto tempo teria saído dali.

E encontrou: o organizado Dorrel deixara algumas migalhas de bolo de peixe em cima de sua mesa, que sempre costumava estar limpa. Ela deu uma olhada num canto distante e, sim, a casa estava de fato vazia, Anitra não estava mais no seu poleiro. Então era isso; Dorrel saíra para caçar com seu falcão noturno.

Na esperança de que eles não tivessem ido longe, Maris voltou aos ares de novo para procurá-los. Encontrou-o descansando num rochedo nos traiçoeiros baixios do extremo oeste de Laus, com suas asas ainda atadas, porém dobradas, e Anitra empoleirada no seu pulso, saboreando um pedaço do peixe que ela acabara de pegar. Dorrel estava conversando com a ave e só viu Maris quando ela passou por cima dele, suas asas eclipsando as estrelas.

Então, ele apreciou enquanto ela circulava e mergulhava perigosamente baixo. Por um momento não houve nenhum sinal em sua expressão de que ele a reconhecesse.

– Dorrel! – gritou ela, com uma tensão que deixava sua voz mais aguda.

– Maris? – A incredulidade despontou em seu rosto.

Ela virou e pegou uma ascendente.

– Venha até a praia. Preciso falar com você.

Dorrel, assentindo, ficou de pé e sacudiu o falcão, liberando-o. A ave soltou seu peixe com relutância e subiu para os céus com suas asas brancas, fazendo círculos sem esforço e esperando o dono. Maris deu a volta até a direção de onde viera.

Dessa vez, quando ela desceu na faixa de pouso, sua descida foi brusca e

desajeitada, e ela ralou bem os joelhos. Maris estava confusa, alterada: a tensão do roubo; o estresse do longo voo depois daqueles dias todos sem contato com o céu; a estranha mistura de dor, medo e alegria que a repentina e inesperada visão de Dorrel havia lhe provocado; tudo isso a oprimia, agitava-a, e ela não sabia o que fazer. Antes que Dorrel pudesse chegar até onde estava, ela começou a desatar suas asas, pondo os pensamentos de lado enquanto movimentava as mãos. Não queria pensar ainda, não se permitiria pensar. O sangue de seus joelhos escorria loucamente por suas pernas.

Dorrel pousou ao lado dela, de modo impecável e suave. Ele ficara abalado com sua repentina aparição, mas não deixou suas emoções interferirem em seu voo. Era mais do que uma questão de orgulho para ele: era algo que quase fazia parte da sua natureza, uma herança, tanto quanto suas asas. Anitra encontrou seu ombro assim que ele desatou as amarras.

Ele seguiu na direção dela de braços abertos. O falcão soltou um grito mal-humorado, mas ele teria abraçado Maris sem se importar com a ave se Maris não tivesse de repente batido com as asas dela nos seus braços estendidos.

– Olhe aqui – começou Maris. – Já vou abrir logo o jogo com você. Roubei essas asas de Corm, e estou entregando-as e me entregando a você. Vim lhe pedir que convoque um Conselho para mim, porque você é um voador e eu não, e só um voador pode convocar um Conselho.

Dorrel a encarou, perplexo, confuso, e como se estivesse acordando de repente de um sono pesado. Maris estava impaciente e extremamente cansada.

– Ah, eu vou explicar – disse ela. Vamos até a sua cabana, para eu poder descansar um pouco.

Foi uma longa caminhada, mas eles passaram a maior parte do tempo em silêncio e sem encostar um no outro. Só uma vez ele abriu a boca para perguntar:

– Maris, você realmente *roubou*...

Ela cortou a fala dele.

– Sim, foi o que eu disse. – Então, ela suspirou e se aproximou como se fosse tocá-lo, mas se deteve. – Perdoe-me, Dorrel, não foi minha intenção... Estou exausta, e acho que também assustada. Nunca imaginei que fosse rever você nessas circunstâncias. – Ela ficou muda de novo e ele não a pressionou para falar, e só Anitra quebrou o silêncio da noite com seus rosnados e resmungos por seu peixe ter durado tão pouco.

Quando chegaram à cabana, Maris afundou numa grande poltrona, fazendo força para relaxar, aliviar as tensões. Ficou observando Dorrel e começou a se acalmar ao vê-lo em seus rituais familiares. Ele colocou Anitra no poleiro e puxou as cortinas que ficavam em volta dela (outras pessoas põem um capuz em suas aves para que fiquem quietas, mas ele não aprovava isso), acendeu um fogo e dependurou uma

chaleira para ferver água.

– Um chá?

– Perfeito.

– Vou colocar brotos de cerejeira em vez de mel – disse ele. – Isso vai fazer você relaxar.

Ela sentiu uma repentina onda de afeto por ele.

– Obrigada.

– Você quer se livrar dessas roupas? Pode vestir meu roupão.

Ela fez que não com a cabeça – seria esforço demais se mexer agora –, e percebeu que ele estava olhando para as pernas dela, nuas abaixo da saia curta que ela vestia, e franzindo o cenho de preocupação.

– Você se machucou. – Ele despejou água quente da chaleira num prato, pegou um pano e um pouco de pomada e ajoelhou-se na frente dela. O pano úmido removendo o sangue coagulado era suave como uma língua macia. – Ah, não foi tão ruim quanto parecia – murmurou ele enquanto trabalhava. – Foi só o joelho, e um arranhão superficial. É, seu pouso foi meio desajeitado, não, querida?

A proximidade dele e seu toque suave a comoveram, e toda a tensão, medo e cansaço de repente foram embora. Uma das mãos dele moveu-se até a sua coxa e demorou-se um pouco mais lá.

– Dorr – chamou ela com voz doce, entorpecida demais pela emoção do momento para conseguir falar. Ele ergueu a cabeça e seus olhos se encontraram, e, por fim, ela estava de volta para ele.

– Vai dar certo – disse Dorrel. – Eles vão ter que entender. Não podem deixar de reconhecer você.

Os dois estavam sentados, tomando café da manhã. Enquanto Dorrel preparava ovos e fazia chá, Maris explicava seu plano em detalhes.

Agora ela estava sorridente e comia seu ovo cozido com fartas colheradas. Sentia-se feliz e cheia de esperança.

– Quem você vai chamar primeiro para ajudar a convocar o Conselho?

– Garth, eu acho – respondeu Dorrel com entusiasmo. – Vou ver se o pego em casa, e a gente divide as ilhas próximas e depois se separa. Outros voadores vão querer ajudar; eu só adoraria que você pudesse vir, também – disse ele, e seu olhar ficou saudoso. – Seria ótimo voarmos juntos de novo.

– Ainda faremos isso muito, Dorr. *Se...*

– Sim, é claro, ainda teremos muito tempo para voar juntos, mas... seria ótimo se fosse esta manhã, especificamente. Seria ótimo.

– É, seria. – Ela continuou sorrindo e, por fim, ele teve de sorrir também. Ele começou a estender o braço sobre a mesa para pegar a mão dela ou acariciar seu rosto quando uma batida repentina na porta, forte e autoritária, fez os dois congelarem.

Dorrel se levantou para atender. Ainda na cadeira, Maris não tirava os olhos do corredor, mas não fazia sentido tentar se esconder, e não havia outra porta.

Era Helmer do lado de fora, com as asas dobradas ainda atadas às suas costas. Ele olhava fixo para Dorrel, evitando encarar Maris dentro da cabana.

– Corm invocou o direito dos voadores para convocar um Conselho – informou ele, com voz neutra e tensa e excessivamente formal. – É a respeito da ex-voadora Maris de Amberly Menor, que roubou as asas de outra pessoa. Sua presença é requerida.

– *O quê?* – Maris ficou de pé. – Helmer, *Corm* convocou um Conselho? Por quê?

Dorrel lançou um olhar para ela por cima do ombro, e depois olhou para Helmer, que estava ignorando totalmente Maris, porém visivelmente desconfortável.

– Por quê, Helmer? – ele repetiu a pergunta, mais calmo do que Maris.

– Já disse. E não tenho tempo para ficar aqui parado movendo o vento com a minha boca. Tenho outros voadores para informar, e o dia não está muito bom para voar.

– Espere um pouco – pediu Dorrel. – Me passe alguns nomes, algumas ilhas para ir. Vou procurar facilitar sua tarefa.

O canto da boca de Helmer se contorceu.

– Nunca imaginaria que você se dispusesse a ajudar numa missão como essa, tendo ela o motivo que tem. E não vim aqui pedir sua ajuda. Mas já que você está oferecendo…

Helmer deu a Dorrel instruções resumidas enquanto o voador mais jovem rapidamente ajeitava suas asas. Maris andava de um lado para o outro, sentindo-se inquieta, estranha e confusa de novo. Helmer estava obviamente determinado a ignorá-la, e para poupar os dois do embaraço Maris não quis fazer mais perguntas.

Dorrel beijou-a e abraçou-a forte antes de partir.

– Dê comida a Anitra por mim, e tente não se preocupar. Estarei de volta antes que escureça muito, espero.

Depois que os voadores foram embora, a casa parecia opressiva. Lá fora não estava muito melhor, Maris descobriu ao se recostar na porta por um tempo. Helmer estava certo, não era lá um bom dia para voar. Um dia que fazia você se lembrar do ar parado. Ela estremeceu, pensando em Dorrel. *Mas ele é habilidoso demais e esperto demais para precisar da minha preocupação*, pensou, tentando se tranquilizar. E enlouqueceria se sentasse lá dentro e ficasse imaginando todos os

possíveis perigos que ele poderia correr. Já era frustrante demais ter de esperar, sem poder voar. Ergueu os olhos para o céu esbranquiçado, nublado. Se, depois do Conselho, ela tivesse de virar uma confinada à terra para sempre...

Teria tempo de sobra para lamentar isso no futuro, então resolveu não pensar mais a respeito. E voltou para dentro da casa.

Anitra, uma voadora noturna, dormia atrás da sua cortina. A cabana estava quieta e vazia. Ela teve um breve desejo de que Dorrel estivesse lá, para que pudesse compartilhar suas preocupações e aliviá-las, para especular junto com ela sobre por que Corm havia convocado o Conselho. Sozinha, os pensamentos rodavam e rodavam na sua cabeça, como pássaros presos numa armadilha.

Havia um jogo de contas no alto do guarda-roupa de Dorrel. Maris pegou-o e arrumou as pedrinhas pretas e brancas num padrão simples de abertura, com o qual sua mente se sentiu confortável. Meio à toa, começou a mexer as pedras, jogando dos dois lados, arrumando-as sem pensar em novas configurações, cada uma sugerida pela anterior, cada uma tão inevitável quanto o acaso. E, então, pensou:

Corm é um homem orgulhoso, e ofendi seu orgulho. Ele é conhecido como um bom voador. E eu, a filha de um pescador, roubei suas asas e voei melhor do que ele quando me perseguiu. Agora, para reconquistar seu amor-próprio, ele precisa me humilhar de maneira bem pública, bem grandiosa. Ter suas asas de volta não será suficiente para ele. Não, todo mundo, todos os voadores devem estar presentes para me verem humilhada e banida.

Maris suspirou. Era isso. Esse Conselho era para banir aquela voadora confinada à terra que roubara as asas – ah, sim, é claro, vão compor canções sobre isso. Talvez não faça nenhuma diferença. Embora Corm tivesse se antecipado a ela, o Conselho ainda poderia voltar-se contra ele. Ela, a acusada, teria o direito de falar, de se defender, de atacar tradições sem sentido. E Maris percebeu que sua chance seria a mesma, a mesma no Conselho convocado por Corm que num Conselho convocado por Dorrel. Só agora ela percebia toda a extensão da mágoa e da raiva de Corm.

Ela olhou para o tabuleiro de jogo. As contas, pretas e brancas, estavam enfileiradas pelo centro do tabuleiro, umas em frente às outras. Ambos os exércitos estavam em formações de ataque; era claro que esse jogo não seria um jogo de paciência. No seu próximo lance, as capturas de peças começariam.

Maris sorriu e varreu as peças da mesa.

Demorou um mês para o Conselho se reunir.

Dorrel convocou quatro voadores naquele primeiro dia, e cinco outros no dia seguinte, e cada um desses contatou outros, e estes fizeram o mesmo, e assim a notícia se espalhou em círculos cada vez maiores pelos mares do Santuário dos Ventos. Um voador especial foi mandado para as Ilhas Exteriores, outro para a desolada Artellia, a grande ilha congelada do norte. Logo todos já estavam sabendo

e, um por um, voaram para a reunião.

O local era Amberly Maior. Por direito, o Conselho deveria ter sido realizado em Amberly Menor, o lar tanto de Maris quanto de Corm. Mas a pequena ilha não tinha um edifício grande o suficiente para um encontro como aquele, e Amberly Maior, sim: um salão imenso e úmido, raramente usado.

Foi para lá que se dirigiram os voadores do Santuário dos Ventos. Não todos, porém, porque sempre havia emergências, e alguns poucos ainda não haviam recebido a notícia, sem contar também outros ausentes, que estavam em voos longos e arriscados. Mas a maioria, a grande maioria, compareceu, e isso era o bastante. Nenhum dos voadores havia presenciado uma reunião como aquela em seu tempo de vida. Mesmo as competições anuais em Eyrie eram eventos menores comparados a esse, eram meros concursos locais entre as ilhas do Leste e do Oeste. Ou assim pareceu a Maris naquela ocasião, no mês em que ficou aguardando e vendo as ruas de Ambertown se encherem de risonhos voadores.

Havia uma atmosfera de férias naquilo tudo. Os que haviam chegado mais cedo se reuniam para beber todas as noites, para deleite dos comerciantes locais de vinhos, e trocavam histórias e canções, e fofocavam sobre o Conselho e o seu desfecho. Barrion e outros cantores mantinham-nos entretidos à noite, e durante o dia eles faziam competições e brincadeiras no ar. Os que vieram depois foram recebidos com muita festa. Maris, que voara de volta de Laus depois de conseguir uma licença especial para usar as asas uma vez mais, morria de vontade de se juntar a eles. Todos os seus amigos estavam ali, e os de Corm também, e na verdade todas as asas do Oeste. Os do Leste também haviam vindo, muitos deles em trajes de pele e metal, que faziam Maris lembrar inevitavelmente dos trajes que o Corvo usara naquele dia tão distante. Havia três artellianos de pele clara, cada um com uma argola de prata na sobrancelha, aristocratas de uma terra escura e fria onde os voadores eram reis além de mensageiros. Eles se misturavam, como irmãos e iguais, aos voadores de uniforme vermelho de Grande Shotan, e aos vinte altos representantes das Ilhas Exteriores, e ao esquadrão dos bronzeados sacerdotes alados do exuberante Arquipélago Sul, que serviam ao Deus do Céu assim como aos seus Senhores da Terra. Poder vê-los, conhecê-los, andar no meio deles, bem como ver a dimensão e amplitude da diversidade cultural do Santuário dos Ventos, tudo isso impressionou Maris como raramente ocorrera antes. Ela já voara, embora por um curto período de tempo; havia sido um daqueles poucos privilegiados. E, mesmo assim, ainda havia tantos lugares onde ela não estivera. Se pelo menos ela pudesse recuperar suas asas...

Por fim, todos aqueles que deviam vir já haviam chegado. O Conselho foi marcado para o entardecer; não haveria mais um monte de gente nas estalagens de Ambertown naquela noite.

– Você tem boas chances – disse Barrion a Maris nos degraus do grande salão, pouco antes do encontro. Coll estava com ela também, e Dorrel. – A maioria deles

está de bom humor, depois de semanas de vinho e música. Eu ando por aí, converso, canto e sei disso: eles irão *ouvi-la*. – Ele sorriu um sorriso de lobo. – Em se tratando de voadores, isso é bem incomum.

Dorrel assentiu.

– Garth e eu conversamos com muitos deles. Há uma grande simpatia por você, particularmente entre os voadores jovens. Os delegados mais velhos, a maioria deles, tendem a ficar do lado de Corm e da tradição, mas mesmo eles ainda não têm opinião totalmente formada.

– Os voadores mais velhos são maioria, Dorr. – Maris balançou a cabeça.

Barrion, todo paternal, colocou a mão no ombro dela.

– Então, você vai precisar também fazer com que eles passem para o seu lado. Depois das coisas que eu já vi você fazer, isso não deverá ser muito difícil. – Ele sorriu.

Os delegados já estavam todos em fila lá dentro, e agora, pela porta atrás dela, Maris ouviu o Senhor da Terra de Amberly Maior fazer soar as cerimoniais batidas de tambor que assinalavam a abertura do Conselho.

– Precisamos entrar – observou Maris.

Barrion assentiu. Como não voador, ele estava barrado da assembleia. Pressionou o ombro dela desejando-lhe sorte, pegou seu violão e desceu devagar os degraus. Maris, Coll e Dorrel apressaram-se para dentro.

O salão era uma imensa área de pedra, rodeada de tochas. No centro do chão em desnível, uma longa mesa havia sido montada. Os voadores sentaram-se em volta dela em semicírculo, em assentos rústicos de pedra que ascendiam, nível após nível, até o lugar onde a parede encontrava o teto. Jamis, o Velho, com seu rosto magro marcado pela idade, se sentou no centro da longa mesa. Embora já fosse um confinado à terra havia vários anos, sua experiência e caráter ainda desfrutavam de ampla estima, e ele viera de barco para presidir a reunião. Ao lado dele sentaram os dois únicos não voadores admitidos: o Senhor da Terra, com sua pele escura, e o corpulento governador de Amberly Menor. Corm ocupava o quarto assento, na ponta direita da mesa. Havia uma quinta cadeira vazia à esquerda.

Maris foi ocupá-la, e Dorrel e Coll subiram as escadas até seus lugares. Os tambores soaram de novo, num chamado ao silêncio. Maris sentou-se e olhou em volta enquanto a sala começava a aquietar-se. Coll encontrou um assento lá em cima, entre os jovens não alados. Muitos deles haviam vindo de barco das ilhas vizinhas, para ver a história sendo feita, mas, do mesmo modo que Coll, não tomariam parte na decisão. Eles ignoravam Coll, como seria de esperar; meninos ansiosos pelo céu dificilmente compreenderiam um garoto que havia por vontade própria desistido de suas asas. Ele parecia terrivelmente deslocado e solitário, mais ou menos como Maris se sentia.

Os tambores cessaram. Jamis, o Velho, ficou de pé, e sua voz profunda ressoou pela sala.

– Este é o primeiro Conselho de voadores na memória de todos os presentes aqui – anunciou ele. – A maioria já conhece as circunstâncias sob as quais ele foi convocado. Minhas regras serão simples. Corm deverá falar primeiro, já que ele requisitou esse encontro. Depois Maris, que ele acusa, deverá ter a oportunidade de responder a ele. A seguir, qualquer voador ou ex-voador aqui poderá se manifestar. Só peço que falem bem alto, e que digam seu nome antes de falar. Muitos aqui não se conhecem. – E se sentou.

Então, Corm ficou de pé e quebrou o silêncio.

– Requisitei este Conselho com base no direito de voador – começou ele, sua voz soando segura e sonora. – Um crime foi cometido, e sua natureza e implicações são tais que ele deve ter uma resposta da nossa parte, de todos os voadores, agindo como se fossem um só. Nossa decisão deverá determinar nosso futuro, como ocorreu com as decisões de Conselhos passados. Imaginem como seria nosso mundo agora se nossos pais e mães antes de nós tivessem decidido levar armas para o céu. Essa afinidade entre os voadores não existiria: estaríamos divididos por pequenas rivalidades regionais, em vez de pairar acima das disputas terrenas.

Ele prosseguiu, fazendo um retrato da desolação que poderia ter se seguido, caso aquele Conselho de tempos antigos tivesse votado de maneira errada. *É um bom orador*, Maris pensou; falava como Barrion cantava. Ela procurou não se afetar pelo encantamento que Corm estava criando, e ficou imaginando de que maneira poderia fazer-lhe frente.

– O problema hoje é igualmente grave – prosseguiu Corm –, e sua decisão não vai afetar simplesmente uma pessoa, pela qual vocês podem até ter simpatia, mas sim todos os nossos filhos pelas gerações vindouras. Peço que se lembrem disso ao ouvirem os argumentos hoje à noite.

Ele deu uma olhada em volta, e embora seus olhos faiscantes não pousassem nela, mesmo assim Maris sentiu-se intimidada.

– Maris de Amberly Menor roubou um par de asas – disse ele. – A história, imagino, é do conhecimento de todos vocês. – Mesmo assim Corm a contou, desde os fatos do nascimento dela até a cena na praia. – ...e um novo detentor das asas foi encontrado. Mas antes que Devin de Gavora, que está entre nós agora, pudesse chegar para reclamar suas asas, Maris roubou-as e fugiu. Mas isso não é tudo. Roubar é vergonhoso, mas mesmo um roubo de asas não deveria ser pretexto para um Conselho de voadores. Maris sabia que não podia ter esperança de ficar com as asas. Ela as roubou não para fugir, mas com um pensamento de revolta contra nossas tradições mais vitais. Ela questiona os genuínos alicerces da nossa sociedade. Coloca em discussão a propriedade das asas, ameaça-nos com a anarquia. A não ser que

rejeitemos isso com muita clareza, e que ela seja julgada no Conselho de uma maneira que passe à história, os fatos podem facilmente ser distorcidos. Maris poderia acabar sendo lembrada como uma rebelde valorosa, e não como a ladra que é.

Ao ouvir essa palavra Maris sentiu uma pontada de dor. Ladra. Era isso o que ela era?

– Maris é amiga de vários cantores, que adorariam zombar de nós – dizia Corm – louvando a ousadia dela em suas canções.

Maris ouviu na memória a voz de Barrion: "Eu preferiria transformar todos nós em heróis." Os olhos dela procuraram Coll, e ela viu que ele se aprumara em seu assento, e tinha um leve sorriso nos lábios. Cantores de fato têm poder, quando são bons.

– Então, devemos nos colocar com clareza nessa história toda, e denunciar o que ela fez – completou Corm. Ele encarou Maris e olhou-a com desprezo. – Maris, eu acuso você do roubo das asas. E conclamo os voadores do Santuário dos Ventos, reunidos em Conselho, a bani-la, e peço que nenhum deles pouse em qualquer ilha que você chame de lar.

Ele se sentou, e no terrível silêncio que se seguiu Maris soube o quanto o havia ofendido. Nunca imaginara que ele fosse pedir tanto. Não satisfeito em meramente tomar suas asas, ele estava disposto a negar-lhe a própria vida, a forçá-la a um exílio amigável em alguma rocha distante e deserta.

– Maris – chamou Jamis, educadamente. Ela ainda não havia se levantado. – É a sua vez. Você poderia dar sua resposta a Corm?

Devagar ela ficou de pé, desejando ter o poder de um cantor, desejando que pelo menos uma vez na vida ela pudesse falar com a assertividade que Corm tinha na sua voz.

– Não posso negar o roubo – começou ela, olhando para as fileiras de rostos sem expressão, naquele mar de estranhos. Sua voz estava mais firme do que ela imaginou que fosse ficar. – Roubei as asas por desespero, porque era minha única chance. Um barco teria sido lento demais, e não houve uma só pessoa em Amberly Menor que se dispusesse a me ajudar. Eu precisava entrar em contato com um voador que pudesse convocar o Conselho por mim. Depois que consegui fazer isso, rendi minhas asas. Posso provar isso, se... – Ela olhou para Jamis: ele consentiu.

Dorrel pegou sua deixa. Lá de uma das fileiras intermediárias da sala, ele se ergueu.

– Dorrel de Laus – disse ele em voz alta. – Confirmo as palavras de Maris. Assim que ela chegou a mim, deu-me suas asas e deixou-as sob minha guarda, e não as usou de novo. Não considero isso um roubo. – À volta dele, houve um coro de murmúrios de aprovação; a família dele era conhecida e estimada, sua palavra,

respeitada.

Maris marcara um ponto, e então continuou, sentindo-se mais confiante a cada palavra.

– Eu queria um Conselho por causa de algo que considero muito importante para nós todos, e para o nosso futuro. Mas Corm se antecipou a mim.

Ela fez uma leve careta de contrariedade, inconscientemente. E na plateia percebeu alguns poucos sorrisos nos rostos de voadores que não a conheciam. Ceticismo? Desdém? Ou apoio, concordância? Ela precisou fazer força para soltar as mãos e mantê-las quietas ao lado do corpo. Aqueles movimentos todos não ficariam bem diante daquela plateia.

– Corm diz que estou combatendo a tradição – prosseguiu Maris – e é verdade. Ele disse a vocês que isso é uma coisa terrível, mas não disse por quê. Ele não explicou por que a tradição precisa ser defendida contra mim. O fato de uma coisa sempre ter sido feita de um jeito não quer dizer que a mudança não seja possível, ou desejável. As pessoas voavam naqueles mundos dos navegantes estelares? Se não voavam, isso quer dizer então que seria melhor *não* voar? Bem, afinal, não somos pássaros de brinquedo, puxados por cordinhas, que se tiverem o bico virado para baixo terão que continuar andando desse jeito até cair e morrer... Não precisamos andar todo dia pelo mesmo caminho, não faz parte da *nossa* natureza.

Ela ouviu uma risada dos presentes, e ficou exultante. Conseguia produzir imagens com as palavras, do mesmo jeito que Corm! Aqueles pássaros desengonçados haviam saído da sua mente para a mente de outras pessoas e produzido uma risada; ela havia falado em romper tradições e mesmo assim eles ouviram. Inspirada, seguiu em frente.

– Somos pessoas, e se temos algum instinto é o instinto, o desejo, de mudança. As coisas sempre mudam e se formos inteligentes faremos as mudanças nós mesmos, e para melhor, antes que sejamos obrigados a fazê-las. A tradição de passar as asas de pai para filho funcionou razoavelmente bem por muito tempo. Com certeza, ela é melhor que a anarquia, ou que a antiga tradição de se definir isso num combate, que apareceu no Leste durante os Dias de Sofrimento. Mas não é a única maneira, nem é a maneira perfeita.

– Chega de papo furado! – resmungou alguém. Maris olhou em volta para ver de onde vinha o comentário e ficou perplexa ao ver Helmer levantar do assento na segunda fileira da frente. O rosto do voador mostrava irritação, e ele ficou de pé com os braços cruzados.

– Helmer. – A voz de Jamis era firme. – Maris está com a palavra.

– Não quero saber – devolveu ele. – Ela ataca nossos costumes, mas não nos oferece nada em troca. E por uma boa razão. Esse costume funcionou por muitos anos porque não existe nenhum melhor. Pode ser duro, é verdade. É duro para você

porque você não nasceu de um voador. Com certeza é duro. Mas você tem outra opção?

Helmer, pensou, enquanto o via sentar de volta. É claro, a raiva dele fazia sentido, ele era um daqueles a quem a tradição logo ia afetar – já o estava afetando. Ainda jovem, ele passaria a ser um confinado à terra em menos de um ano, quando sua filha alcançasse a maioridade e ficasse com as asas. Ele aceitara a perda talvez como inevitável, como parte legítima de uma tradição honorável, mas, agora, Maris atacava a tradição, a única coisa que dava nobreza ao sacrifício que Helmer estava a ponto de fazer. *Se as coisas permanecessem como estavam*, Maris ponderou rapidamente, *será que Helmer, chegada a hora, não ia odiar sua própria filha por causa das asas? E Russ... se não tivesse ficado aleijado... se Coll não tivesse nascido...*

– Sim, eu tenho outra opção – argumentou Maris bem alto, percebendo de repente que a sala inteira estava em silêncio aguardando sua resposta. – Tenho outra opção; eu nunca teria pensado em convocar um Conselho se...

– Você não convocou! – gritou alguém, e alguns riram. Maris sentiu seu rosto ficar quente e torceu para não ter ficado corada.

Jamis deu um forte tapa na mesa.

– Maris de Amberly Menor está falando – disse ele, bem alto. – O próximo que a interromper será expulso da sala!

Maris dirigiu-lhe um sorriso agradecido.

– Eu tenho outra opção, uma opção melhor – continuou ela. – Proponho que o direito de usar as asas seja *conquistado*. Não por nascença ou por idade, mas pela única medida que realmente conta: a habilidade! – E conforme falava, a ideia surgia na sua mente, mais elaborada, mais complexa, mais *correta* do que a sua vaga concepção de algo livre para todos. – Proponho uma academia de voo, aberta a quem quiser entrar, a toda criança que sonhe em ter asas. Os padrões seriam muito rigorosos, é claro, e muitos seriam mandados embora. Mas todos teriam o direito de tentar: o filho de um pescador, a filha de um cantor ou de um tecelão, todo mundo poderia sonhar, ter esperança. E aqueles que fossem aprovados em todos os testes, passariam por um exame final. Na nossa competição anual, eles poderiam desafiar qualquer voador à sua escolha. E, se fossem bons o suficiente, bons o suficiente para superar em voo o outro voador ou voadora, então ganhariam as asas! Desse modo, os melhores voadores manteriam sempre suas asas. E um voador derrotado, bem, poderia esperar até o ano seguinte e tentar obter as asas de volta daquele para quem as tivesse perdido. Ou poderia desafiar outro voador, alguém não tão bom. Nenhum voador poderia se dar ao luxo de ser preguiçoso, ninguém que não amasse muito os céus seria obrigado a voar, e... – Ela olhou para Helmer, cuja expressão era indecifrável. – E mais: até os filhos de voadores teriam de desafiar alguém para

ganhar o céu. Eles só reclamariam as asas de seus pais quando estivessem prontos, quando de fato pudessem voar melhor que o pai ou a mãe. Nenhum voador ia virar um confinado à terra simplesmente por ter casado cedo e ter um filho maior de idade, apesar de poder ainda, com toda a justiça e direito, continuar no céu. Somente a habilidade seria importante, não o nascimento, não a idade... a *pessoa*, não a tradição!

Ela fez uma pausa, à beira já de revelar sua própria história, a respeito de como era ser filha de um pescador e saber que o céu nunca poderia ser dela... a dor, o desejo ardente. Mas por que gastar seu fôlego? Todos aqueles eram voadores de nascença, e ela não ia conseguir angariar deles a simpatia pelos confinados à terra, que eles desprezavam. Não, era importante que os próximos Asas de Madeira nascidos no Santuário dos Ventos tivessem uma chance de voar, mas isso não constituía um bom argumento. Ela já dissera o suficiente. Colocara tudo diante deles, e cabia-lhes agora escolher. Lançou um breve olhar para Helmer, para o estranho sorriso hesitante no seu rosto, e sabia com total certeza que teria o voto dele. Ela acabara de lhe dar a oportunidade de reclamar sua vida, sem ser cruel com sua filha. Satisfeita, sorrindo, Maris sentou-se.

Jamis, o Velho, olhou para Corm.

– Isso soa muito bonito – comentou ele. Sorrindo, ainda no controle da situação, Corm nem se deu ao trabalho de levantar. Ao ver aquela calma toda, Maris sentiu que aquela esperança acumulada com tanto esforço se esvaía. – Um belo sonho para a filha de um pescador, e é compreensível. Mas talvez você não esteja entendendo bem essa questão das asas, Maris. Como você espera que famílias que têm voado desde... desde *sempre*, deixem suas asas na mão de qualquer um, as entreguem a estranhos. Estranhos que, sem tradição ou orgulho familiar, talvez não cuidem delas como se deve, talvez não as respeitem. Você acredita mesmo que qualquer um de nós ia passar sua herança para um insolente confinado à terra? E não para um de nossos próprios filhos?

Maris perdeu a serenidade.

– Então, você esperava que eu desse minhas asas a Coll, que não podia voar tão bem quanto eu.

– Elas nunca foram suas – retrucou Corm.

Os lábios de Maris ficaram tensos; ela não disse nada.

– Se você pensou que eram, foi tolice sua – continuou ele. – Pense: se as asas forem passadas de pessoa a pessoa como uma capa, se elas ficarem com a pessoa apenas um ano ou dois, que tipo de orgulho seus donos vão ter por elas? Elas seriam algo... emprestado, não possuído, e todo mundo sabe que um voador deve ser dono de suas asas, caso contrário não é voador coisa nenhuma. Só uma confinada à terra poderia desejar uma vida dessas para nós!

Maris sentiu que os sentimentos da plateia mudavam a cada palavra de Corm. Ele ia empilhando argumentos, um em cima do outro, com tamanha eloquência que todos eles escapavam dela antes que tivesse a chance de apreciá-los devidamente. Precisava responder, mas como, *como*? O apego de um voador às suas asas era quase tão forte quanto o apego dele aos seus pés; ela não podia negar isso, não tinha como refutá-lo. Lembrou-se de sua própria raiva na hora em que viu que Corm não cuidara das asas dela como deveria, mesmo que elas nunca tivessem sido dela de verdade, e, sim, do pai, do irmão.

– As asas são algo deixado em confiança! – explodiu ela. – Mesmo agora um voador sabe que ele deve passá-las adiante, quando chegar a hora, ao seu filho.

– Isso é totalmente diferente – disse Corm de modo tolerante. – Família não é a mesma coisa que estranhos, e o filho de um voador não é um confinado à terra.

– Isso é algo importante demais para que os laços de sangue sejam tratados com leviandade! – disparou Maris, erguendo o tom de voz. – Ouça você mesmo, Corm! Ouça o tom esnobe que acabou se instalando em você, em outros voadores; repare no seu desdém pelos confinados à terra, como se eles pudessem mudar sua condição diante das leis de herança do jeito como estão colocadas agora!

Suas palavras mostravam raiva, e a plateia foi ficando perceptivelmente mais hostil; ela poria tudo a perder se defendesse os confinados à terra contra os voadores, e percebeu isso de repente.

Procurou então se acalmar.

– A gente *realmente* tem orgulho de nossas asas – disse ela, conscientemente voltando aos seus argumentos mais fortes. – E esse orgulho, se ele é forte o suficiente, deve garantir que possamos ficar com elas. Bons voadores ficarão com o céu. Se desafiados, não serão derrotados facilmente. Se derrotados, poderão voltar. E terão a satisfação de saber que o voador que leva suas asas é bom, de saber que seu substituto irá honrar as asas e usá-las bem, independentemente de quem ele seja filho.

– As asas foram feitas para... – começou Corm, mas Maris não o deixou concluir.

– As asas *não foram* feitas para serem perdidas no mar, e voadores desajeitados, voadores que não se empenharam para ser realmente bons porque nunca precisaram, *esses, sim,* são voadores que puseram a perder nossas asas. Alguns nem mereciam o nome de voadores. E o que dizer de crianças que são jovens demais para voar, embora teoricamente já tenham idade? Elas entram em pânico, voam desajeitadas e morrem, levando as asas junto. – Ela deu uma olhada rápida para Coll. – Ou o que dizer daqueles que simplesmente não foram feitos para voar? Ser filho de um voador não significa que você tenha essa habilidade. Meu próprio... Coll, a quem amo como irmão e como filho, *ele* nunca teve intenção de ser um voador. As asas eram suas, e mesmo assim eu não podia dá-las a ele... ah, mesmo que ele tivesse desejado isso, eu

não teria concordado em entregá-las.

– O seu sistema não vai mudar isso! – gritou alguém.

Maris balançou a cabeça.

– Não, não vai. Eu ainda não ficaria *feliz* se tivesse que perder minhas asas, mas se eu fosse superada por alguém, aí, sim, poderia ficar na academia, treinar, esperar o ano seguinte e tentar recuperá-las. Vejam bem, nada é *perfeito*, não percebem isso? Porque não há asas suficientes, e isso vai ficar ainda pior, melhorar é que não vai. Mas podemos impedir isso, parar de perder asas todos os anos, parar de mandar para o céu voadores não qualificados, parar de perder tantos. Ainda haverá acidentes, ainda teremos perigos, mas não perderemos asas nem voadores por causa de uma avaliação equivocada e por medo e por inabilidade.

Exausta, Maris ficou sem palavras, mas sua fala havia mexido com a plateia, que agora passava para o lado dela. Umas dez pessoas ergueram as mãos. Jamis apontou, e um nativo de Shotan, de sólida constituição, ergueu-se da massa.

– Dirk de Grande Shotan – disse ele, em voz baixa, e depois repetiu quando voadores do fundo gritaram "Mais alto! Mais alto!". Sua fala era desajeitada e desconfortável. – Eu só queria dizer... que eu fiquei aqui sentado e ouvindo... eu fiquei... eu nunca achei... tudo isso, só para votar numa banida... – Ele balançou a cabeça, claramente com dificuldade de se expressar em palavras. – Ah, dane-se – disse ele, por fim. – Maris está certa. Fico meio envergonhado de dizer isso, mas não devia. É a verdade... Eu não queria que meu filho ficasse com as minhas asas. Tenho medo disso. Ele é um bom menino, vejam bem, e eu o amo, mas ele tem uns ataques de vez em quando, sabe, aquela doença que a pessoa fica tremendo. Ele não pode voar assim... Ele não *devia* voar... mas ele cresceu só ouvindo isso, e no ano que vem, quando fizer treze anos, ele espera ficar com as minhas asas, e se as coisas continuarem como estão eu terei que dá-las, e então ele vai voar e morrer, e então eu não vou ter mais nem meu filho, nem minhas asas, e então posso até morrer também. Não! – Ele se sentou, muito vermelho e sem fôlego.

Várias pessoas gritaram em apoio. Maris, compadecida, olhou para Corm, e viu que seu sorriso fraquejava. De repente, ele parecia ter dúvidas.

Um amigo mais próximo levantou-se e sorriu para ela lá de cima.

– Sou Garth de Skulny – anunciou. – Estou com Maris, também!

Outro também se pronunciou dando apoio, e mais um, e Maris sorriu. Dorrel havia espalhado amigos por toda a plateia e agora eles tentavam fazer a assembleia debandar para o lado de Maris. E parecia estar dando certo! Porque, além do apoio de voadores que ela conhecia havia anos, estranhos também erguiam sua voz em seu favor. Será que ela vencera então? Corm parecia visivelmente preocupado.

– Você identificou o que está errado no nosso costume, mas acho que a sua academia não é a resposta. – As palavras arrancaram Maris do seu otimismo

complacente. Quem falava era uma mulher loira, alta, uma destacada voadora das Ilhas Exteriores. – Existe uma razão para a nossa tradição e não podemos enfraquecê-la, ou nossos filhos podem voltar àquela idiotice de quererem se testar em combates. O que podemos fazer é ensiná-los melhor. Precisamos ensiná-los a ter *mais* orgulho, e devemos moldar a habilidade necessária neles desde bem pequenos. Foi assim que minha mãe me ensinou, e é assim que estou ensinando meu filho. Talvez algum tipo de teste seja necessário... e sua ideia de um desafio é boa – sua voz ganhou um toque de ironia – eu confesso. Não aguardo com ansiedade o dia, que, aliás, deve chegar logo, em que terei que passar minhas asas ao Vard. Ambos seremos muito jovens ainda, eu acho, quando esse dia chegar. Isso de ele ter que competir comigo, provar a si mesmo que é um voador tão bom... ou, para ser mais precisa, que é um voador *melhor* do que eu, isso sim, eu acho que é uma excelente ideia.

Outros voadores na sala também moviam a cabeça concordando. Sim, sim, é claro, como é que não tinham pensado antes que algum tipo de teste seria uma boa ideia? Todos sabiam que a maioridade era algo bastante arbitrário, que alguns eram ainda crianças quando assumiam as asas, enquanto outros já eram adultos formados. Assim, vamos deixar que os jovens primeiro provem que são voadores... e essa onda percorreu a assembleia.

– Só que essa academia – disse outro educadamente –, não acho que seja necessária. Entre nós já produzimos voadores suficientes. Conheço a sua história e posso entender como se sente, mas não concordo. Não seria sensato.

Maris se sentou, e sentiu o coração murchar dentro dela. *Isso acaba com tudo*, pensou. Agora eles vão votar a favor de um teste, mas o céu ainda estará vedado àqueles que nascerem dos pais errados. Os voadores iam rejeitar a parte mais importante. Ela chegou tão perto, esteve quase lá, mas não foi o suficiente.

Um homem magérrimo, vestido em seda e prata, levantou.

– Arris, voador e príncipe de Artellia – apresentou-se, com seus olhos azuis como gelo sob a sua coroa de prata. – Voto com minha irmã das Ilhas Exteriores. Meus filhos têm sangue real, nasceram e foram criados com asas. Seria uma piada obrigá-los a voar em competições com plebeus. Mas um teste, para saber quando estariam aptos, sim, *isso* sim é uma ideia digna de um voador.

Ele foi seguido por uma mulher escura, com uma roupa toda de couro.

– Zeva-kul de Deeth, no Arquipélago Sul – começou ela. – Todo ano eu voo com mensagens para o meu Senhor da Terra, mas também sirvo ao Deus do Céu, como todos nós das castas superiores. Essa ideia de passar as asas para alguém de nível inferior, um filho da terra, talvez um não crente... não, isso *não*!

Outras repercussões começaram a ser ouvidas, e circulavam pela sala:

– Joi, de Stormhammer-a-Longínqua. Eu digo sim, temos que voar para

conquistar nossas asas, mas competindo apenas com filhos de voadores.

– Tomas, de Pequena Shotan. Filhos de confinados à terra nunca poderão aprender a amar o céu como nós. Seria uma perda de tempo e de dinheiro construir essa academia a que Maris se refere. Mas apoio a ideia de um teste.

– Crain de Poweet, e concordo com os outros. Por que teríamos que competir com filhos de pescadores? Eles não nos deixam competir por seus barcos, deixam? – A sala estremeceu com as risadas, e o velho voador sorriu. – Sim, uma piada, uma boa piada. É isso, meus irmãos, viraríamos uma piada, essa academia seria uma piada também se deixasse entrar a ralé de qualquer origem. As asas pertencem aos voadores e tem sido assim ao longo dos anos porque é do jeito que é. As outras pessoas estão satisfeitas assim, e poucas delas querem *realmente* voar. Para a maioria isso é apenas um capricho passageiro, ou uma coisa assustadora demais de se pensar. Por que temos que incentivar sonhos sem propósito? Eles não são voadores, nunca pretenderam ser e podem levar bem a vida em outras...

Maris ouvia sem acreditar e foi ficando cada vez com mais raiva, enfurecida pelo tom presunçoso e hipócrita... e então viu com horror que outros voadores, incluindo alguns dos mais jovens, acenavam com a cabeça, complacentes enquanto ouviam. Sim, eles se julgavam melhores porque haviam nascido de pais voadores. Sim, eram superiores e não queriam se misturar, sim, sim. De repente, não importava que em tempos passados *ela* tivesse se sentido mais ou menos do mesmo jeito em relação aos confinados à terra. De repente, tudo em que ela conseguia pensar era no pai, seu pai de sangue, o pescador morto de quem ela mal lembrava. Memórias que ela acreditava perdidas voltaram: sobretudo impressões sensoriais – roupas endurecidas, que fediam a sal e peixe; mãos quentes, duras, porém gentis, que acariciavam seu cabelo e limpavam as lágrimas do seu rosto depois que a mãe a repreendia – e histórias que ele contara, com sua voz grave, histórias de coisas que ele havia visto naquele dia em seu pequeno barco: como eram os pássaros, como conseguira contornar uma repentina tempestade, como o morcego-do-mar dera um salto em direção ao céu da noite, como o vento se comportaram e como soaram as ondas contra o casco do barco. Seu pai fora um homem observador e corajoso, enfrentando o oceano todo dia num barco frágil, e, no meio de sua raiva exaltada, Maris sabia que ele não era inferior a ninguém ali, a ninguém no Santuário dos Ventos.

– Vocês são uns esnobes – disse ela com rispidez, não se importando mais se aquilo iria ajudar ou não a conseguir votos. – Todos vocês. Achando-se superiores, só porque nasceram de um voador e herdaram asas sem qualquer mérito próprio. Vocês acreditam que herdaram a habilidade dos pais? Bem, e o que podem dizer sobre a outra metade de sua herança? Ou será que todos vocês são filhos de pai e mãe voadores? – Ela apontou um dedo acusador para um rosto familiar na terceira fileira. – Você, Sar, estava concordando agora há pouco. Seu pai era voador, sim, mas sua mãe era comerciante, e nascida numa família de pescadores. Você olha essa

gente com desprezo? E se sua mãe confessasse que o marido dela não era seu verdadeiro pai? E se ela lhe contasse que você devia seu nascimento a um comerciante que ela conhecera no Leste? E então? Você se sentiria obrigado a dar suas asas e procurar levar a vida de outro jeito?

Com sua cara de lua, Sar apenas ficou boquiaberto olhando para ela; sempre lento, ele não conseguia entender por que ela o escolhera como exemplo. Maris abaixou o dedo e dirigiu sua raiva para todos eles.

– Meu pai verdadeiro era um pescador, um homem excelente, corajoso, honesto, que nunca usou asas nem quis tê-las. Mas se ele tivesse escolhido ser voador, teria sido melhor que todos! Haveria canções cantando suas façanhas! Se é verdade que herdamos nosso talento dos pais, então olhem para mim. Minha mãe sabe tecer e colher ostras. Eu não. Meu pai não era capaz de voar. Eu sou. E alguns de vocês sabem o quanto eu sou boa nisso, melhor do que alguns que nasceram de voadores. – Ela virou-se e olhou para toda a extensão da mesa. – Melhor do que você, Corm – disse ela, numa voz que se espalhou por toda a sala. – Ou você esqueceu?

Corm lançou um olhar furioso para ela, o rosto afogueado de raiva, uma veia grossa saltada no pescoço, mas não falou nada. Maris voltou-se de novo para a plateia. Sua voz se acalmou, e ela olhou para as pessoas com uma falsa solicitude.

– Vocês têm medo? – perguntou ela, então. – Apelam para uma mera fantasia para ficar com as asas? Por acaso têm medo que todos os pequenos e maltrapilhos filhos de pescadores cheguem e arranquem as asas de vocês, que provem que voam melhor do que vocês e deixem todos vocês com cara de bobos?

Assim, todas as suas palavras sumiram, e sua raiva também. E Maris se sentou de novo em seu lugar, e o silêncio se instalou pesadamente na grande sala de pedra. Então, uma mão foi erguida, e depois outra, mas Jamis tinha o olhar perdido à frente, sem expressão, pensativo. Ninguém se mexeu, até que, por fim, ele se recompôs, como se acordasse, e apontou para alguém na plateia.

Lá em cima, junto à parede, um homem idoso com um dos braços paralisado ficou de pé sob a luz amarela de uma tocha. Os presentes se voltaram para olhá-lo.

– Russ, de Amberly Menor – começou ele. Seu tom era suave. – Meus amigos, Maris está certa. Temos sido uns tolos. E ninguém foi mais tolo do que eu. Não faz muito tempo, eu estava numa praia e disse que não tinha filha. Hoje, eu desejaria não ter pronunciado essas palavras, desejaria ter ainda o direito de chamar Maris de minha filha. Ela me deixou muito orgulhoso. Mas ela não é minha filha. Como ela mesma disse, é filha de um pescador, um homem melhor do que eu. Tudo o que eu fiz foi amá-la por um tempo, e ensiná-la a voar. Não foi preciso ensinar muita coisa, vocês já podem imaginar. Ela sempre foi muito aplicada. Minha pequena Asas de Madeira. Nada poderia detê-la, nada. Nem mesmo eu, quando fui um imbecil e tentei fazê-lo, depois que Coll nasceu. Maris é a melhor voadora de Amberly, e meu

sangue não tem nada a ver com isso. Só o desejo dela teve a ver com isso, só os sonhos dela. E se vocês, meus irmãos voadores, se vocês têm esse desdém pelos filhos dos confinados à terra, então é uma vergonha que sintam medo deles. Será que vocês depositam tão pouca confiança nos próprios filhos? Estão tão seguros assim de que eles não conseguirão manter suas asas se forem desafiados por um ávido filho de pescador?

Russ balançou a cabeça.

– Eu não sei. Já estou velho, e as coisas têm ficado confusas ultimamente. Mas sei de uma coisa: se ainda pudesse usar meu braço, ninguém ia tirar as asas de mim, nem que fosse filho de um falcão noturno. E ninguém vai tirar as asas de Maris antes que ela esteja pronta a abrir mão delas. Não. Se vocês de fato ensinarem seus filhos a voar bem, eles vão se manter no céu. Se vocês têm o orgulho que dizem ter, precisam estar à altura dele e provar que são bons, deixando que as asas sejam usadas somente por aqueles que façam por merecê-las, somente por aqueles que tenham provado isso voando.

Russ voltou a sentar, e a escuridão no alto da sala engoliu-o de novo. Corm começou a dizer algo, mas Jamis, o Velho, o fez calar-se.

– Já ouvimos o bastante de você – interrompeu ele. Corm piscou os olhos, surpreso. – Acho que agora *eu* vou dizer uma coisa – prosseguiu Jamis. – E depois vamos votar. As palavras de Russ foram sábias, mas devo acrescentar um pensamento. Não somos nós, cada um de nós, descendentes dos navegantes estelares? Todos no Santuário dos Ventos constituem na verdade uma só família. E não há um de nós sequer que não tenha um voador em sua árvore genealógica, mesmo que tenha que procurar bem lá atrás. Pensem nisso, amigos. E lembrem-se de que embora seu filho mais velho possa usar suas asas e voar, seus irmãos e irmãs menores e seus filhos, por gerações e gerações, serão confinados à terra. Será que devemos negar-lhes para sempre os ventos, simplesmente porque seus ancestrais não eram primogênitos? – Jamis sorriu. – Talvez eu deva acrescentar que fui o segundo filho de minha mãe. Meu irmão mais velho morreu numa tempestade seis meses antes de assumir suas asas. Um detalhe importante, esse. Vocês não acham?

Ele olhou para ambos os lados, para os Senhores da Terra que o ladeavam, que haviam estado em silêncio durante todo o processo, calados pela lei dos voadores. Ele cochichou primeiro para um, depois para o outro, e assentiu.

– Nós achamos que a proposta de Corm, de banir Maris de Amberly Menor, não é correta – disse Jamis. – Vamos agora votar a proposta de Maris, de criar uma academia de voadores aberta a todos. Meu voto é a favor.

Depois disso, não houve mais nenhuma dúvida.

Após o encerramento, Maris estava em estado de choque, meio zonza com a vitória, e ao mesmo tempo sem conseguir acreditar muito que tudo havia acabado, que ela não precisaria mais brigar. O ar fora da grande sala estava limpo e úmido, o vento soprava constante do leste. Ela ficou de pé nos degraus e saboreou aquilo, enquanto amigos e estranhos se amontoavam em volta dela, querendo conversar. Dorrel manteve o braço no ombro de Maris, e não fez perguntas nem se mostrou impressionado; estava tranquilo e acolhedor. *E agora?*, ela ficou imaginando. *Para casa de novo? Onde estava Coll? Talvez ele tivesse ido atrás de Barrion e do barco.*

As pessoas em volta dela foram embora. Russ ficou ali, Jamis ao lado dele. Seu padrasto segurava o par de asas.

– Maris – disse ele.

– *Pai?* – A voz dela tremia.

– É assim que deveria ter sido sempre – respondeu ele, sorrindo para ela. – Eu ficaria muito orgulhoso se você me deixasse chamá-la de filha de novo, depois de tudo o que fiz. E ficaria mais orgulhoso ainda se usasse minhas asas.

– Você as conquistou – disse Jamis. – As velhas regras não se aplicam mais, e você com certeza está qualificada. Até que a academia esteja funcionando, ninguém mais poderá usá-las, exceto você e Devin. E você cuidou delas melhor do que Devin jamais cuidou das dele.

As mãos de Maris estavam impacientes para pegar as asas de Russ. Eram suas de novo agora. Ela sorria, não estava mais cansada, e, sim, animada ao sentir o peso delas nas mãos, a sua familiaridade.

– Ah, pai... – Então, os dois se abraçaram, chorando.

Quando as lágrimas terminaram, todos foram até o rochedo dos voadores, uma boa turma.

– Vamos voar até Eyrie – sugeriu ela a Dorrel. Lá estava também Garth, logo atrás; só agora notava a presença dele na multidão. – Garth! Você vem também. Vamos fazer uma festa!

– Vamos – concordou Dorrel –, mas será que Eyrie é o lugar ideal para isso?

Maris corou.

– Bem, é claro que não! – Ela deu uma olhada em volta para o grupo. – Está bem, vamos voltar para nossa casa, em Amberly Menor, e aí *todos* poderão vir, nós, meu pai e os Senhores da Terra e Jamis, e Barrion cantará para nós, se conseguirmos localizá-lo e... – E então avistou Coll, correndo na direção dela, com o rosto iluminado.

– Maris! Maris! – Ele correu até ela, abraçando-a, feliz da vida, e logo depois já se virou e foi embora, sorrindo.

– Aonde você vai?

– Vou sair com Barrion, eu preciso, estou compondo uma música. Só tenho o começo dela agora, mas vai ser muito boa, já sinto isso, vai ser mesmo. É sobre você.

– Sobre mim?

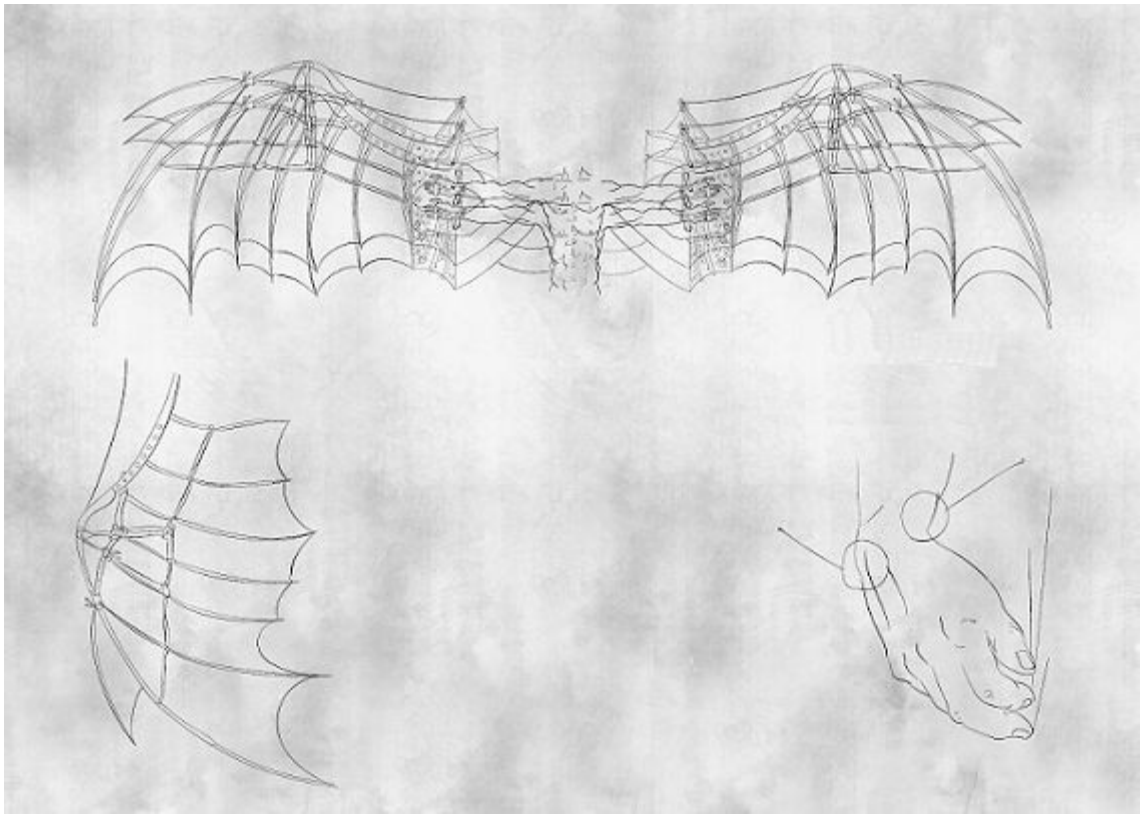
Ele estava todo orgulhoso.

– Sim. Você vai ficar famosa. Todo mundo vai cantar essa música e todos vão conhecer sua história.

– Eles já conhecem – disse Dorrel. – Pode ter certeza.

– Sim, mas eu digo que será para sempre. Pelo tempo em que essa canção for cantada eles saberão de você, a menina que queria tanto suas asas que acabou mudando o mundo.

Talvez fosse verdade, Maris pensou mais tarde, enquanto atava as asas e se erguia aos ventos com Dorrel e Garth ao seu lado. Mas ter mudado o mundo não era tão importante nem tão real quanto o vento no seu cabelo, aquela tensão familiar nos seus músculos conforme ela subia, montando as tão amadas correntes que ela pensou que havia perdido irremediavelmente. Tinha outra vez suas asas, o céu era seu de novo; agora voltava a se sentir inteira e feliz.



PARTE DOIS

uma-asa

A coisa mais estranha de morrer é que parecia muito fácil, tranquilo e bonito.

O ar parado chegara a Maris sem aviso. Um instante antes, a tempestade rugia à sua volta. A chuva castigava seus olhos, caía pelo seu rosto e tilintava contra o metal prateado de suas asas, e os ventos eram agitados, empurrando-a para lá e para cá, esbofeteando-a com desdém de um lado para outro, como se ela fosse uma criança sem experiência em ventos. Debaixo das alças das asas, seus braços doíam devido à batalha travada. Nuvens pretas obscureciam o horizonte, e o mar embaixo mostrava-se agitado e cheio de espuma; não se via sinal de terra. Maris xingava e se afligia e voava.

De repente, foi envolvida pela paz, pela calma, e pela morte.

Os ventos se aquietaram e as chuvas cessaram. As ondas selvagens do mar pararam. As próprias nuvens pareciam se afastar, até ficarem infinitamente distantes. Fez-se um silêncio, uma quietude assustadora, como se o tempo tivesse parado para tomar fôlego.

No ar parado, com suas brilhantes asas estendidas ao máximo, Maris começou a cair.

Foi uma descida lenta, gradual, uma coisa bonita, graciosa e inevitável. Sem uma brisa sequer para empurrá-la ou erguê-la, ela só podia planar para a frente e para baixo. Não era uma queda. Parecia durar para sempre. Lá longe, adiante, ela podia enxergar o ponto onde iria bater na água.

Por um instante seus instintos de voadora a levaram a lutar. Tentou inclinar-se para um lado, para o outro, mudar de direção, procurar em vão uma ascendente ou outra corrente qualquer naquele céu parado. Suas asas, de seis metros de largura, subiam e desciam, e um repentino facho esmaecido de luz do sol brilhou no metal prateado. Mas a queda continuava.

Então, ela se acalmou, ficou tão calma quanto o ar, seu turbilhão de emoções amainou-se tanto quanto o mar lá embaixo. Sentiu a paz profunda da rendição, o alívio de encerrar sua longa batalha contra os ventos. *Sempre estive* à mercê deles, pensou, *nunca realmente no controle.* Eram ferozes e ela era fraca, e havia sido tola de ter sonhado que fosse de outro modo. Olhou para cima, imaginando se seria capaz de ver os voadores-fantasma que diziam assombrar o ar parado.

As pontas de suas botas roçaram na água primeiro, e depois seu corpo espatifou-se no espelho cinza e liso do oceano. O impacto da água fria queimou-a como uma chama teria feito, e ela afundou...

...e acordou, molhada de suor e com a respiração ofegante.

O silêncio golpeava seus ouvidos. O suor de seu corpo secou no ar frio, e ela sentou-se, desorientada e cega. Do outro lado do quarto podia ver uma linha vermelha e fina de carvões enfileirados, mas estavam do lado errado da cama para serem Eyrie, e também distantes demais para serem a lareira de sua casa. O ar tinha um leve cheiro de umidade e maresia.

O cheiro esclareceu as coisas. Ela estava na academia, pensou com alívio, a Asas de Madeira. De repente, todas as sombras se dissolveram no cotidiano e familiaridade. A tensão ia aos poucos abandonando seu corpo, e agora Maris estava bem acordada. Tirou um pano rústico de cima da cabeça, moveu-se com cuidado pela sala escura até a lareira, e pegou um círio entrelaçado da pilha para acender uma vela de areia.

Com auxílio da luz, avistou uma pequena caneca de pedra ao lado de sua cama baixa e sorriu. Era a coisa certa para tomar e lavar os pesadelos.

Sentou de pernas cruzadas em cima da cama e tomou uns goles daquele vinho fresco, amadeirado, enquanto olhava fixo para a vela flamejante. O sonho a deixara perturbada. Como todos os voadores, Maris temia o ar parado, mas até aquele dia não tivera pesadelos assim. E a paz de tudo aquilo, aquela sensação de se render e de aceitar, essa era a pior parte. *Sou uma voadora*, pensou, *e este não era um sonho apropriado a um voador de verdade.*

Alguém bateu à porta.

– Entre – disse Maris, colocando de lado a caneca de vinho.

S'Rella estava de pé junto à porta, uma garota escura, esbelta, com o cabelo cortado curto, no estilo das Ilhas do Sul.

– O café da manhã já vai sair, Maris – avisou ela, com aquela pronúncia sutilmente emendada que refletia suas origens. – Mas Sena quer vê-la antes. Lá em cima no quarto dela.

– Obrigada – disse Maris, sorrindo. Ela gostava de S'Rella, talvez a melhor de todas as alunas da academia Asas de Madeira. A ilha do Arquipélago Sul onde S'Rella nascera ficava a um mundo de distância da Amberly Menor de Maris, mas, apesar de suas diferenças, Maris via muito de si mesma naquela jovem. S'Rella era pequena, porém determinada, com uma energia que seu pequeno porte não levantava suspeitas. Àquela altura ainda era um pouco desajeitada no céu, mas tinha obstinação suficiente para fazer Maris acreditar numa rápida melhora. Maris vinha trabalhando com a turma de futuros voadores de Sena fazia uns dez dias, e via S'Rella entre os três ou quatro mais promissores.

– Quer que eu espere para lhe mostrar o caminho? – perguntou a garota quando viu Maris descer da cama para lavar o rosto na bacia de água do outro canto do quarto.

– Não – respondeu Maris. – Vou tomar o café da manhã agora. Posso muito bem achar Sena sozinha. – Ela sorriu para aliviar sua recusa de ajuda, e S'Rella devolveu o sorriso, um pouco tímida, antes de sair.

Alguns minutos depois, Maris mudou de ideia e pegou um corredor escuro e estreito, à procura do cubículo de Sena. A academia Asas de Madeira ficava numa construção antiga, uma imensa rocha percorrida por túneis e cavernas, algumas naturais, outras escavadas por mãos humanas. Suas câmaras inferiores ficavam sempre alagadas, e mesmo nas de cima, nas partes habitadas, muitos dos quartos e todas as salas eram desprovidos de janelas, isolados do sol e das estrelas. Havia cheiro de mar por toda parte. Antigamente, havia sido uma fortaleza, construída durante a violenta revolta de Seatooth contra Grande Shotan, e depois ficara desabitada até que a Senhora da Terra de Seatooth a ofereceu aos voadores como local para uma academia de treinamento. Naqueles sete anos, Sena e suas comandadas haviam restaurado boa parte dela, mas ainda era fácil pegar uma curva errada e perder-se nas partes abandonadas.

O tempo passara sem deixar vestígios naqueles corredores da Asas de Madeira. As tochas ardiam nos suportes das paredes e as lamparinas consumiam todo o seu óleo, e os dias com frequência passavam sem que ninguém se desse conta. Maris tentava achar seu caminho por um daqueles trechos escuros do corredor com cuidado, nervosa e um pouco oprimida pelo peso da velha fortaleza. Não gostava de ficar naqueles subterrâneos fechados, pois aquilo ia contra todos os seus instintos de voadora.

Com alívio, Maris vislumbrou o brilho tênue de uma luz à frente dela. Uma última curva bem fechada e ela se viu de volta a um território familiar. A não ser que tivesse se equivocado completamente, o quarto de Sena devia ser o primeiro à esquerda.

– Maris – Sena ergueu o olhar e sorriu. Ela estava sentada numa cadeira de vime, esculpindo um bloco de madeira macia com uma faca de osso, mas colocou tudo de lado e fez um gesto para Maris entrar. – Estava quase chamando S'Rella e mandando-a procurar você. Você se perdeu no nosso labirinto?

– Quase – respondeu Maris, balançando a cabeça. – Devia ter tido a ideia de trazer uma lamparina. Sei ir do meu quarto até a cozinha ou até a sala de convivência ou a saída, mas depois disso já não posso garantir nada.

Sena riu, mas foi apenas uma risada educada, que escondia um humor que estava longe de ser leve. A professora era uma ex-voadora, com três vezes a idade de Maris, que virara confinada à terra havia uns dez anos num tipo de acidente dos mais comuns entre voadores. Em geral, o vigor e o entusiasmo mascaravam sua idade, mas naquela manhã ela parecia velha e cansada. Seu olho ruim, como um pedaço de cristal marinho leitoso, parecia empurrar para baixo o lado esquerdo de seu rosto,

que afundava e tremia sob seu peso.

– Você mandou S'Rella me chamar por alguma razão – disse Maris. – Notícias?

– Notícias – confirmou Sena – e não são boas. Achei melhor não falar a respeito disso no café da manhã, antes de ter discutido o assunto com você.

– E então?

– As Ilhas do Leste fecharam a Lar Aéreo – informou Sena.

Maris suspirou e recostou-se na sua cadeira. De repente, ela também se sentiu exaurida. A notícia não era uma surpresa, mas mesmo assim era desestimulante.

– E por que agora? – perguntou ela. – Falei com Nord há três meses, quando eles me mandaram com uma mensagem para Hunderlin Distante. Ele achou que manteriam as portas abertas pelo menos até a próxima competição. Chegou a comentar comigo que tinham várias alunas promissoras.

– Houve uma morte – disse Sena. – Uma daquelas alunas promissoras avaliou mal uma situação e bateu num rochedo com a asa. Nord não conseguiu fazer nada, a não ser ficar olhando enquanto ela caía sobre os rochedos lá embaixo. Pior, os pais dela estavam lá também. Pessoas ricas, poderosas, comerciantes de Cheslin, com mais de uma dezena de navios. A garota estava se exibindo para eles. Os pais foram até o Senhor da Terra, é claro, pedindo justiça. Disseram que Nord foi negligente.

– E ele foi? – perguntou Maris.

Sena deu de ombros.

– Ele era um voador medíocre mesmo quando tinha suas asas, e não consigo acreditar que fosse melhor como professor. Sempre muito interessado em impressionar. E, muitas vezes, elogiava demais e superestimava seus alunos. No ano passado, na competição, apadrinhou nove alunos em desafios. Todos eles caíram, e a maioria nem deveria ter tentado. Eu só apadrinhei três. A garota que morreu, me disseram, estava há apenas um ano na Lar Aéreo. *Um ano*, Maris! Talvez tivesse talento, mas foi como se Nord a tivesse deixado ir longe demais antes do tempo. Bem, agora é tarde. Você sabe que as academias são vistas como um fardo, um gasto inútil para usar as palavras de alguns Senhores da Terra. Tudo o que eles precisavam era de uma desculpa. Demitiram Nord e fecharam a escola. Acabou. E todos os garotos e garotas das Ilhas do Leste podem desistir de seus sonhos agora, e se contentarem com o que a vida lhes deu. – Sua voz continha amargura.

– Então, somos a última – concluiu Maris, taciturna.

– Somos a última – repetiu Sena. – E por quanto tempo? A Senhora da Terra enviou-me um mensageiro ontem à noite. Fiquei na esperança de que me trouxesse alguma boa notícia, e fui conversar com ela mais tarde. Ela não está satisfeita conosco, Maris. Diz que tem nos dado carne e lareira e moedas de ferro nos últimos sete anos, mas que nós não lhe demos um só voador em troca. Está impaciente.

– Imagino que deva estar – comentou Maris. Ela conhecia a Senhora da Terra de Seatooth apenas por sua reputação, mas isso já bastava. Seatooth ficava perto de Grande Shotan, mas tinha uma longa e violenta história de independência. Sua atual governante era uma mulher ambiciosa e orgulhosa, que alimentava um profundo ressentimento pelo fato de sua ilha nunca ter tido um voador seu de fato. Batalhara muito para que Seatooth fosse a sede da academia de treinamento do Arquipélago do Oeste, e havia sido muito generosa em seu apoio. Mas agora esperava resultados. – Ela não entende. Aliás, nenhum confinado à terra consegue compreender de verdade. Os Asas de Madeira chegam às competições praticamente sem experiência, para competir com voadores experientes e filhos de voadores que já foram educados e criados com asas. Se eles pelo menos lhes dessem um pouco mais de *tempo*...

– Tempo, tempo, tempo – disse Sena, com um vestígio de raiva na voz. – Sim, eu disse tudo isso à Senhora da Terra. Ela comentou que sete anos era tempo suficiente. Você, Maris, você é uma voadora. Eu já fui voadora. Sabemos das dificuldades, da necessidade de treinar ano após ano, de praticar até que seus braços tremam com o esforço e as palmas de suas mãos estejam sangrando quando você solta as alças da asa. Os confinados à terra não têm ideia de nada disso. Muitos deles achavam que a questão estava resolvida há sete anos. Imaginaram que na semana seguinte o céu estaria cheio de filhos de pescadores e de sapateiros e de sopradores de vidro, e ficaram decepcionados quando a primeira competição terminou e os voadores e filhos de voadores derrotaram todos os confinados à terra que os desafiaram. Pelo menos *naquele tempo* eles se importavam. Agora, receio que estejam apenas resignados. Nesses sete anos desde o último grande Conselho, esses sete anos de academias, apenas uma vez um confinado à terra conseguiu suas asas. E perdeu-as um ano depois, já na competição seguinte. Acho que hoje as pessoas da ilha comparecem aos encontros apenas para ver os parentes dos voadores competindo pelas asas da família. Comenta-se que os desafios dos meus Asas de Madeira são uma espécie de interlúdio cômico, um breve espetáculo no qual alguns comediantes buscam entreter o público nos intervalos das competições mais sérias.

– Sena, Sena. – Maris estava preocupada. Aquela senhora idosa depositara toda a paixão de sua vida fracassada nos sonhos de pessoas jovens, que vinham à academia Asas de Madeira na esperança de conseguir voar. Agora se sentia claramente abatida, e sua voz tremia apesar de seu esforço para controlá-la. – Entendo sua aflição

– e pegou na mão de Sena –, mas acho que a situação não é tão ruim quanto você diz.

O olho bom de Sena olhou para Maris com ceticismo, e ela retirou sua mão.

– Mas é – insistiu. – É claro, eles não vão comentar isso com *você*. Ninguém gosta de dar notícia ruim, e todos sabem o que as academias representam para você. Mas é verdade. – Maris tentou interrompê-la, mas Sena indicou que ela ficasse quieta com

um gesto. – Não, chega, e não diga mais nada a respeito da minha aflição. Não a chamei aqui para me confortar, ou para que nos atrasássemos para o café da manhã. Apenas quis lhe dar as notícias em particular, antes de contar isso aos demais. E também queria pedir a você para voar até Grande Shotan para mim.

– Hoje?

– Sim. Você tem feito um bom trabalho com as crianças. Para elas é realmente um benefício terem uma voadora de verdade no meio delas. Mas podemos ficar sem você por um dia. Só deve levar algumas horas.

– Com certeza – respondeu Maris. – Mas, do que se trata?

– O voador que trouxe a notícia sobre a Lar Aéreo para a Senhora da Terra trouxe também outra mensagem. Uma mensagem particular para mim. Um dos alunos de Nord quer continuar seus estudos aqui, e espera que eu o apadrinhe na próxima competição. Pediu-me autorização para viajar até aqui.

– Até aqui? – repetiu Maris, sem acreditar. – Das Ilhas do Leste? Sem asas?

– Me disseram que ele conseguiu um barco com um comerciante, forte o suficiente para enfrentar mar aberto até aqui – explicou Sena. – A viagem é cheia de perigos, com certeza, mas se ele se dispõe a encará-la não vou me opor a recebê-lo. Leve minha concordância ao Senhor da Terra de Grande Shotan, por favor. Ele manda três voadores para o Leste todo mês, e um deles está programado para partir de manhã. É bom se apressar. Os navios vão levar um mês para chegar aqui mesmo com bons ventos, e a competição vai ser realizada daqui a apenas dois meses.

– Eu mesma poderia levar a mensagem diretamente para as Ilhas do Leste – sugeriu Maris.

– Não – retrucou Sena. – Precisamos de você aqui. Simplesmente transmita minha mensagem a Grande Shotan e depois volte para orientar meus desajeitados pássaros. – Ela se ergueu vacilante da sua cadeira de vime, e Maris levantou rapidamente para ajudá-la. – E agora é bom tratarmos do nosso café da manhã – continuou Sena. – Você precisa comer antes de voar, e, com todo o tempo que gastamos conversando, receio que os demais provavelmente já tenham comido nossa parte.

Mas o café da manhã ainda as estava aguardando quando elas chegaram à sala de convivência. Duas lareiras acesas mantinham o grande salão quente e iluminado naquela manhã úmida. Paredes de pedra com curvas moderadas erguiam-se para formar um escuro teto em arco. A mobília era rústica e esparsa: três longas mesas de madeira com bancos na extensão das laterais. Os bancos estavam cheios de alunos agora, conversando e brincando e rindo, a maioria já na metade da refeição. Cerca de vinte futuros voadores residiam ali, com idades que iam desde uma mulher apenas dois anos mais nova do que Maris a um rapaz com pouco mais de dez anos.

A sala se acalmou só um pouquinho quando Maris e Sena entraram, e Sena precisou gritar para ser ouvida no meio do barulho e da algazarra. Mas, depois que terminou de falar, tudo ficou muito silencioso.

Maris aceitou de uma jovem gorducha que estava cumprindo seu turno de cozinheira naquele dia um naco de pão preto e uma tigela de mingau e mel de Kerr, e achou um lugar num dos bancos. Enquanto comia, conversava educadamente com os alunos sentados ao lado dela, mas podia sentir que nenhum deles estava muito interessado, e depois de pouco tempo eles pediram licença e saíram. Maris não podia culpá-los. Lembrou-se de como se sentira, anos atrás, quando seu sonho de se tornar uma voadora havia ficado em risco, do mesmo jeito que os sonhos deles estavam agora em perigo. A Lar Aéreo não era a primeira academia a fechar as portas. O desolado continente-ilha de Artellia desistira primeiro, após três anos de fracassos, e as academias do Arquipélago Sul e das Ilhas Exteriores haviam seguido o mesmo caminho. A Lar Aéreo das Ilhas do Leste era a quarta academia a fechar, e sobrara apenas a Asas de Madeira. Não era de admirar que os alunos estivessem tristes.

Maris limpou o prato com o resto do seu pão, comeu e afastou o corpo da mesa.

– Sena, só vou voltar amanhã cedo – disse ela ao levantar. – Vou voar até Eyrie quando voltar de Grande Shotan.

– Muito bem. – Sena ergueu os olhos do próprio prato e assentiu. – Meu plano hoje é colocar Leya e Kurt para voar. Os demais vão ficar fazendo exercícios. Esteja de volta o mais cedo que puder. – E voltou a comer.

Maris percebeu alguém atrás de si, e ao se virar viu S'Rella.

– Posso ajudá-la com as asas, Maris?

– É claro que sim. Obrigada.

A garota sorriu. Andaram juntas pelo corredor curto até o pequeno quarto onde as asas eram guardadas. Havia naquela hora três pares de asas dependuradas na parede; as de Maris e mais dois pares da academia, legados de morte de voadores que não haviam deixado herdeiros. *Não era de admirar que a Asas de Madeira se saia tão mal nas competições*, Maris pensou, irritada, enquanto contemplava as asas. Um voador coloca seu filho no céu quase todo dia durante os anos de treinamento, mas nas academias – com tantos alunos e tão poucas asas – o tempo de prática não era suficiente. Havia apenas as coisas que você podia aprender no chão.

Ela afastou o pensamento e pegou suas asas. Eram um pacote compacto, com os segmentos ordenadamente dobrados sobre eles mesmos, o tecido metálico pendendo folgado entre eles como uma capa de prata. S'Rella segurou-as com facilidade com uma mão enquanto Maris ia desdobrando-as, checando cada suporte e cada junta meticulosamente com os dedos e olhos à procura de qualquer desgaste ou defeito que pudesse ficar evidenciado como um perigo, já tarde demais, quando ela estivesse em voo.

– Que chato eles fecharem a Lar Aéreo, não é? – comentou S'Rella enquanto Maris fazia a verificação. – Aconteceu exatamente do mesmo jeito nas Ilhas do Sul, lembra? Foi por isso que eu tive que vir para cá, para a Asas de Madeira. A nossa escola foi fechada.

Maris fez uma pausa e olhou para ela. Quase esquecera que a tímida garota do sul havia sido vítima de um fechamento anterior.

– Um dos alunos da Lar Aéreo está vindo para cá, como aconteceu com você – disse Maris. – Isso quer dizer que você não estará mais sozinha entre os selvagens do Oeste. – Ela sorriu.

– Você sente saudades de casa? – perguntou S'Rella, de repente.

Maris ficou um momento pensando.

– Para ser sincera, não sei se tenho mesmo casa – respondeu. – O lugar em que estou é que é a minha casa.

S'Rella procurou assimilar isso com calma.

– Acho que é uma boa maneira de encarar as coisas, quando se é um voador. Será que a maioria dos voadores se sente assim também?

– Talvez um pouco – respondeu Maris, voltando a olhar para as asas e colocando as mãos para trabalhar de novo. – Mas não tanto quanto eu. A maioria dos voadores tem mais laços com sua ilha natal do que eu, embora nunca tantos como os confinados à terra. Me ajude a esticar isso, querida, por favor. Obrigada. Não, eu não digo isso por ser voadora, mas simplesmente porque minha velha casa não existe mais e eu ainda não arrumei uma nova. Meu pai... meu padrasto, na verdade... morreu há três anos. A mulher dele já havia falecido há bem mais tempo, e meus pais biológicos também já são mortos. Tenho um meio-irmão, Coll, mas ele partiu atrás de aventuras e para cantar nas Ilhas Exteriores, já faz muito tempo. A casinha em Amberly Menor parecia terrivelmente grande e vazia sem Coll e Russ. E como eu não tinha ninguém para ver, passei a ir para lá cada vez menos. A ilha sobrevive. O Senhor da Terra gostaria que seu terceiro voador estivesse por lá com mais frequência, é claro, mas ele se vira bem com os dois voadores que estão disponíveis. – Ela deu de ombros. – Meus amigos são voadores, a maioria deles.

– Entendo.

Maris olhou para S'Rella, que fixara os olhos na asa que ela ainda segurava, com mais concentração do que convinha.

– Mas você, sim, tem saudade de casa – notou Maris docemente.

S'Rella assentiu, devagar.

– Aqui é diferente. As pessoas também são bem diferentes daquelas que eu conhecia.

– Um voador precisa se acostumar com isso – observou Maris.

– É. Mas lá havia alguém que eu amava. Tínhamos falado em casar, mas eu sabia que isso nunca ia acontecer. Eu o amava... ainda o amo... mas meu principal desejo era ser voadora. Você sabe.

– Eu sei – disse Maris, tentando incentivá-la. – Talvez, quando você ganhar suas asas, possa...

– Não. Ele nunca vai deixar sua terra. Não pode. É fazendeiro, e as terras dele sempre foram da família. Ele... bem, ele nunca me pediu para desistir da ideia de voar, e eu nunca lhe pedi que desistisse de suas terras.

– Sei de voadoras que casaram com fazendeiros – comentou Maris. – Você poderia voltar para lá.

– Mas não sem asas – enfatizou S'Rella. Seus olhos cruzaram com os de Maris. – Não importa o quanto demore. E se eu... ou melhor, e quando eu conseguir minhas asas, bem, ele provavelmente já estará casado. Ele terá que fazer isso. Trabalhar em fazenda não é para alguém solteiro. Ele vai querer arrumar uma esposa que goste da terra, e arrumar um monte de filhos.

Maris não comentou aquilo.

– Bem, fiz minha escolha – completou S'Rella. – É só que às vezes fico com... saudade. Acho que me sinto sozinha.

– É – concordou Maris. Ela pôs uma mão no ombro de S'Rella. – Vamos, tenho uma mensagem para entregar.

S'Rella foi na frente. Maris dependurou suas asas no ombro e seguiu por uma passagem escura que conduzia a uma saída bem fortificada. Chegaram a um local que antes era uma plataforma de observação, uma espaçosa laje de pedra de 25 metros onde o mar espumava e batia nas pedras de Seatooth. O céu estava cinza e carregado, mas o intenso cheiro de sal do oceano e as rajadas de vento fortes e agitadas deixaram Maris animada.

S'Rella segurou as asas enquanto Maris apertava as tiras de fixação em volta do corpo. Assim que tudo ficou firme, S'Rella começou a desdobrá-las, segmento por segmento, travando cada suporte no lugar para que o tecido prateado ficasse bem esticado e posicionado. Maris esperou pacientemente, ciente de seu papel de professora, embora estivesse ansiosa para partir o quanto antes. Só quando as asas estavam totalmente estendidas é que ela sorriu para S'Rella, deslizou os braços pelas aberturas e enrolou as mãos nas familiares tiras de couro gasto das alças das asas.

Em seguida, com quatro passos rápidos, partiu.

Por um segundo, ou menos que isso, ela caiu, mas depois os ventos a pegaram, como se *dedilhassem* suas asas, fazendo-a subir, transformando seu mergulho num voo, e a sensação foi como a de um choque que lhe percorresse o corpo, um choque que a deixou ruborizada e sem fôlego e com a pele formigando. Naquele momento, o

pequeno intervalo de menos de um segundo fez tudo aquilo valer a pena. Era melhor e mais emocionante do que qualquer sensação que Maris tivesse experimentado, melhor que o amor, melhor do que tudo. Viva e nas alturas, ela seguiu com o forte vento oeste como se estivesse no abraço de um amante.

Grande Shotan ficava ao norte, mas por enquanto Maris deixou o vento predominante carregá-la, deleitando-se com a total liberdade de uma subida sem esforço antes de começar seu diálogo com os ventos, quando teria de fazer desvios e giros, experimentar e seduzir os ventos para que a levassem aonde decidisse ir. Em bando, pica-paus-verdes passaram como dardos por ela, cada um de um matiz vívido diferente, e com uma pressa que prenunciava a tempestade iminente. Maris seguiu-os, subindo cada vez mais alto, até que Seatooth virou apenas uma área verde e cinza à sua esquerda, menor que a sua mão. Ela podia ver Eggland também, e lá bem longe a neblina que cobria o litoral mais ao sul de Grande Shotan.

Maris começou a voar em círculos, propositalmente diminuindo a velocidade, ciente de que era muito fácil acabar ultrapassando seu destino. Correntes de ar conflitantes cochichavam por seus ouvidos, iludindo-a com promessas de uma rajada no sentido norte em algum ponto acima, e ela subiu de novo, procurando-a no ar mais frio, mais distante do mar. Agora as costas de Grande Shotan, Seatooth e Eggland estavam todas espalhadas diante dela no oceano cinza metálico, como brinquedos em cima de uma mesa. Ela viu as pequenas formas de pesqueiros balançando nos portos e baías de Shotan e Seatooth, e gaivotas e abutres às centenas, rondando os penhascos pontiagudos de Eggland.

De repente, Maris percebeu que havia mentido para S'Rella. Ela tinha, *sim*, um lar, e era ali, no céu, com o vento forte e frio, atrás dela e com suas asas nas costas. O mundo embaixo, com preocupações sobre comércio, política, comida, guerra e dinheiro, era algo estranho para ela. E, mesmo nas horas mais felizes, ela sempre se sentia um pouco afastada dele. Era uma voadora, e, como todos os voadores, não se sentia tão inteira quando estava sem suas asas.

Sorrindo um pouco, um sorriso secreto, Maris foi entregar sua mensagem.

O Senhor da Terra de Grande Shotan era um homem ocupado, dedicado à infindável tarefa de governar a mais antiga, a mais rica e a mais populosa das ilhas do Santuário dos Ventos. Ele estava numa reunião quando Maris chegou – algum conflito por questões de pesca com Pequena Shotan e Skulny –, mas saiu rapidamente para vê-la. Os voadores estavam no mesmo nível dos Senhores da Terra, e era perigoso mesmo para alguém poderoso como ele desconsiderá-los. Ele ouviu a mensagem de Sena sem muito interesse, e prometeu que a resposta seguiria para o Leste na manhã seguinte, nas asas de um dos seus voadores.

Maris deixou suas asas na parede da sala de reuniões da Casa do Velho Capitão

(assim era chamada a antiga e espaçosa residência do Senhor da Terra), e foi dar uma volta pelas ruas do lugar. Aquela era a única cidade de verdade do Santuário dos Ventos; a mais antiga, a maior e a primeira. Era chamada de Stormtown, a cidade que os navegantes estelares construíram. Maris achou-a infinitamente fascinante. Viam-se moinhos de vento por toda parte, com suas grandes pás girando contra o céu cinza. Viviam mais pessoas ali do que nas ilhas de Amberly Menor e Maior juntas. Havia lojas e bancas de uma centena de coisas diferentes, vendendo não só mercadorias de valor, mas também todas as quinquilharias inúteis que se possa imaginar.

Maris passou várias horas no mercado, feliz, examinando coisas e ouvindo as conversas, mas não comprou quase nada. Depois, jantou um prato leve de peixe-lua defumado e pão preto, acompanhado por uma caneca de kivas, o vinho quente com especiarias do qual Shotan tanto se orgulhava. A estalagem onde fez a refeição tinha um cantor e Maris ouviu-o com toda educação, embora o achasse bem inferior a Coll e a outros cantores que ela conhecera em Amberly.

Já era quase noite quando partiu em voo de Stormtown, aproveitando uma breve ventania que havia limpado as ruas da cidade com uma chuva. Ela contou com bons ventos às suas costas a viagem toda, e fazia pouco que anoitecera quando chegou a Eyrie.

A ilha surgiu à sua frente erguendo-se do mar, negra sob a luz das estrelas, uma coluna desgastada de pedra antiga cujas paredes íngremes erguiam-se duzentos metros acima das águas espumantes.

Maris avistou luzes no interior das janelas. Fez um círculo e desceu com habilidade na faixa de pouso, de areia úmida. Sozinha, levou vários minutos para tirar e dobrar suas asas e dependurou-as num gancho junto à porta de entrada.

Uma pequena fogueira ardia na lareira da sala de convivência. Diante dela, dois voadores que ela conhecia de vista estavam envolvidos num jogo de contas, movimentando as pedras pretas e brancas por um tabuleiro. Um deles acenou com a mão. Ela assentiu, mas logo o olhar dele já voltou para o jogo.

Havia outro homem presente, afundado numa poltrona perto da lareira com uma caneca de barro na mão. Ele observava as chamas, mas ergueu o olhar quando ela entrou.

– Maris! – disse ele, levantando de repente e sorrindo. Colocou sua caneca de lado e atravessou a sala. – Não esperava encontrar você por aqui.

– Dorrel! – disse ela, e, no instante seguinte, ele já estava ali, com os braços em volta dela. Os dois se beijaram, um beijo curto, porém intenso. Um dos jogadores os observou meio distraidamente, mas seu olhar voltou logo ao tabuleiro quando seu oponente moveu uma pedra.

– Você voou direto de Amberly? – quis saber Dorrel. – Deve estar com fome.

Sente-se aqui junto ao fogo. Vou buscar um lanche. Tem queijo e presunto defumado e uma espécie de pão de frutas na cozinha.

Maris pegou a mão dele, apertou-a e levou-o de volta até a lareira, escolhendo duas cadeiras mais afastadas dos jogadores.

– Comi não faz muito tempo, mas, obrigada. E voei de Grande Shotan, não de Amberly. Foi um voo fácil. Os ventos estão amigos hoje. Faz quase um mês que eu não passo por Amberly, acho. O Senhor da Terra deve estar bravo comigo.

Dorrel tampouco parecia muito feliz. Seu rosto magro assumiu uma expressão amarrada.

– Esteve voando? Ou estava em Seatooth de novo? – Ele soltou a mão dela e buscou sua caneca uma vez mais, tomando pequenos goles sobre o vapor que o líquido emanava.

– Seatooth. Sena me pediu que fosse lá e passasse algum tempo com os alunos. Estive trabalhando com eles esses dez dias. Antes, fiz uma longa missão, em Deeth, no Arquipélago Sul.

Dorrel descansou a caneca e suspirou.

– Sei que não quer ouvir minha opinião – disse ele, bem-humorado –, mas vou expô-la assim mesmo. Você tem passado tempo demais longe de Amberly, trabalhando na academia. Sena é que é a professora de lá, não você. Ela ganha um bom metal para fazer o que faz. E não a vejo colocando nenhuma moeda de ferro na sua mão.

– Já tenho moedas de ferro suficientes – argumentou Maris. – Russ me deixou bem de vida. A tarefa de Sena é difícil. E a Asas de Madeira precisa da minha ajuda... eles têm poucos voadores de valor em Seatooth. – Sua voz ficou mais melosa, sedutora. – Por que você não vem e passa alguns dias lá? Laus pode sobreviver uma semana sem você. A gente divide um quarto. Gostaria de ter você comigo lá.

– Não. – Seu tom bem-humorado desapareceu de repente, e ele pareceu um pouco irritado. – Eu adoraria passar uma semana com você, Maris, na minha cabana em Laus, ou na sua casa em Amberly, ou até mesmo aqui em Eyrie. Mas não na Asas de Madeira. Já lhe disse isso antes: não vou treinar um grupo de confinados à terra para que tirem as asas dos meus amigos.

Suas palavras a magoaram. Ela se recostou na cadeira e desviou o rosto, virando-se para o fogo.

– Você parece o Corm de sete anos atrás – comentou ela.

– Não mereço ouvir isso, Maris.

Ela voltou-se de novo para ele.

– Então, por que não vem ajudar? Por que você despreza tanto a Asas de Madeira?

Você os despreza como se fosse o mais tradicionalista dos velhos voadores, só que sete anos atrás você estava do meu lado. Você lutou por isso, acreditou nisso junto comigo. Eu nunca poderia ter levado essa história adiante sem você; eles teriam tirado minhas asas e me banido. Você correu o risco de ter o mesmo destino só para me ajudar. O que fez você mudar tanto assim?

Dorrel balançou a cabeça enfaticamente.

– Eu não mudei, Maris. Ouça. Sete anos atrás, eu lutei por *você*. Eu não ligava para essas preciosas academias com as quais você sonhava. Lutei por seu direito de manter suas asas e ser uma voadora. Porque eu amava você, Maris, e teria feito qualquer coisa por você. E... – ele prosseguiu num tom um pouco menos exaltado – porque você era a melhor voadora que eu já havia visto. Era um crime, uma loucura, que suas asas passassem para o seu irmão e você ficasse na terra. Agora não me olhe desse jeito. É claro que a questão de princípios era importante, também.

– Será que era? – perguntou Maris. Era uma discussão antiga, mas que ainda a deixava alterada.

– É claro que era. Eu não iria voar desconsiderando tudo em que eu acreditava só para agradar você. O sistema, do jeito que estava montado, era injusto. As tradições precisavam ser mudadas; você estava certa quanto a isso. Eu acreditava nisso na época, e acredito nisso agora.

– Você acredita nisso – repetiu Maris, irritada. – Você diz que acredita, mas falar é fácil. Você não mexeria uma palha por sua crença; você não vai me ajudar agora, embora estejamos prestes a perder tudo aquilo pelo qual lutamos.

– Não vamos perder isso. Nós vencemos. Nós mudamos as regras. Nós mudamos o mundo.

– Mas, sem as academias, o que isso significa?

– As academias! Não luto pelas academias. Lutei para mudar uma tradição equivocada. Aceito que, se um confinado à terra consegue voar melhor do que eu, eu tenha que lhe dar minhas asas. Mas não vou concordar em ensiná-lo a voar melhor do que eu. E é isso o que você está me pedindo. Você e todas as pessoas precisam entender o que significa para um voador perder o céu.

– Mas, por outro lado, também entendo o que é querer voar e saber que não há nenhuma chance de que as pessoas lhe permitam isso – argumentou Maris. – Há uma aluna da academia, a S'Rella. Você devia ter ouvido o que ela me disse hoje de manhã, Dorrel. Ela quer voar mais do que qualquer coisa na vida. Ela é muito como eu era, quando Russ começou a me ensinar a voar. Venha ajudá-la, Dorr.

– Se ela é realmente como você, vai estar voando logo, tanto faz se eu decidir ajudá-la ou não. Então, decido que não. Assim, se ela um dia derrotar um amigo meu e ficar com as asas dele numa competição, não vou me sentir culpado. – Ele esvaziou sua caneca e se levantou.

Maris amarrou a cara e estava procurando outro argumento quando ele a convidou para um chá. Ela assentiu, e observou-o ir até a chaleira no fogo, onde o aromático chá de especiarias esquentava. Sua postura, seu jeito de andar, o jeito com que ele se curvou para despejar o chá... tudo lhe era tão familiar. *Provavelmente, eu o conheço melhor que a qualquer outra pessoa*, pensou.

Quando Dorrel voltou com a bebida quente e adocicada e tomou seu lugar perto dela de novo, a raiva havia passado, e os pensamentos dela tomaram outro rumo.

– O que aconteceu conosco, Dorr? Há alguns anos chegamos a fazer planos de casar. Agora olhamos um para o outro de nossas ilhas distantes e brigamos feito dois Senhores da Terra discutindo sobre direitos de pesca. O que aconteceu com nossos planos de vivermos juntos e termos filhos, o que aconteceu com o nosso amor? – Ela sorriu com tristeza. – Não entendo o que aconteceu.

– Você entende, sim – retrucou Dorrel, com voz suave. – O que aconteceu faz parte dessa discussão. Seus amores e lealdades estão divididos entre os voadores e os confinados à terra. Os meus, não. A vida deixou de ser simples para você. Nós não queremos as mesmas coisas, e fica difícil um entender o outro. Nós nos amamos há muito tempo... – Ele tomou um gole do seu chá quente, com o olhar voltado para o chão.

Maris o observava, com expectativa, triste. Desejou por um momento que os dois pudessem voltar àquele velho tempo, quando o amor entre eles havia sido tão obstinado e forte que dava a impressão de que suportaria todas as tormentas.

– Mas eu ainda a amo, Maris. – Dorrel voltou a olhar para ela. – As coisas mudaram, mas o amor continua. Talvez não possamos juntar nossas vidas, mas nas horas em que estamos *de fato* juntos, poderíamos nos amar e tentar não brigar, que tal?

Ela sorriu para ele, um pouco trêmula, e esticou sua mão. Ele a pegou e apertou-a com força, sorrindo.

– Bem. Chega de discutir, e chega de conversas tristes sobre o que poderia ter sido. Temos o presente. Vamos aproveitá-lo. Já se deu conta de que faz quase dois meses desde a última vez que estivemos juntos? Por onde a gente andou? O que é que você tem visto? Conte-me algumas novidades, meu anjo. Uma boa fofoca para me alegrar – pediu ele.

– Minhas novidades não são lá muito alegres – comentou Maris, pensando nas mensagens que ela ouvira e que levara recentemente. – O Leste fechou a Lar Aéreo. Uma das alunas de lá morreu num acidente. Outro aluno está pegando um navio para Seatooth. Os demais desistiram e foram para casa, suponho. Não sei o que Nord vai fazer. – Ela soltou sua mão da dele e pegou seu chá.

Dorrel balançou a cabeça, com um leve sorriso no rosto.

– Até mesmo suas novidades têm a ver apenas com as academias. As minhas são

mais interessantes. O Senhor da Terra do Cabo da Cila morreu, e sua filha mais nova foi escolhida para sucedê-lo. Dizem os boatos que Kreel, você o conheceu?, um rapaz de cabelo claro sem um dedo da mão esquerda? Você deve tê-lo visto na última competição, ele fez um monte de manobras duplas maravilhosas... Bem, seja como for, ele está para se tornar o segundo voador do Cabo da Cila porque a nova Senhora da Terra está apaixonada por ele! Já imaginou: uma Senhora da Terra e um voador casados?

Maris deu um leve sorriso.

– Já aconteceu antes.

– Não no *nosso* tempo. Você soube algo a respeito da frota pesqueira de Amberly Maior? Foi destruída por uma cila, mas eles conseguiram matá-la, e a maioria se safou com vida, apesar de perder os barcos. Outra cila, morta, encalhou nas praias de Culhall. Vi a carcaça. – Ele levantou as sobrancelhas e segurou o nariz. – Mesmo contra o vento eu podia sentir o cheiro dela! E lá em Artellia a notícia que corre é que dois príncipes voadores estão guerreando pelo controle das Ilhas de Ferro.

Dorrel parou de falar, e sua cabeça virou rápido quando uma violenta rajada de vento vindo do lado de fora fez bater a pesada porta do alojamento.

– Ah, sim – disse ele, virando a cabeça de volta e bebericando seu chá. – Era só o vento.

– O que foi? – Maris quis saber. – Você parece meio agitado. Está esperando alguém?

– Pensei que Garth talvez viesse. – Ele hesitou. – Deixamos mais ou menos combinado de nos encontrarmos aqui esta tarde, mas ele não apareceu. Nada importante, mas ele estava voando para levar uma mensagem para Culhall e disse que me encontraria aqui na volta, para bebermos juntos.

– Vai ver que ele ficou bêbado sozinho. Você conhece Garth. – Ela disse aquilo para acalmar os ânimos, mas viu que Dorrel estava realmente preocupado. – Um monte de coisas pode ter feito com que ele se atrasasse. Talvez tenha tido que voar para levar alguma resposta. Ou decidido ficar em Culhall para alguma festa. Tenho certeza de que ele está bem.

Apesar do seu discurso, Maris também estava preocupada. A última vez que vira Garth ele havia visivelmente ganhado peso – algo sempre perigoso para um voador. E gostava demais de festas, particularmente do vinho e da comida. Ela torcia para que ele estivesse seguro e bem. Garth nunca fora um voador imprudente (essa era uma lembrança reconfortante), mas também nunca fora nada além de um voador firme e competente. À medida que ficava mais velho, mais pesado e mais lento nas suas reações, os talentos regulares de sua juventude mostravam-se menos confiáveis.

– Você tem razão – disse Dorrel. – Garth sabe tomar conta de si. Vai ver que encontrou alguns bons companheiros em Culhall e se esqueceu de mim. Ele gosta de

beber, mas nunca voa bêbado. – Dorrel esvaziou sua caneca e forçou um sorriso. – Também podemos retribuir o favor e nos esquecermos dele. Pelo menos esta noite.

Seus olhos se encontraram, e eles passaram para um banco almofadado mais perto da lareira. Lá, conseguiram, pelo menos por um tempo, deixar de lado seus conflitos e medos conforme bebiam mais chá, e depois vinho, e falavam dos bons tempos e trocavam histórias sobre os voadores que conheciam. O tempo foi passando numa aura de prazer, e mais tarde naquela noite os dois compartilharam uma cama e algo mais do que memórias. *É bom ter nos braços alguém com quem me importo*, pensou Maris, *e ser abraçada também, depois de tantas noites na minha cama estreita, sozinha.* Com a cabeça recostada no ombro dele, junto a um corpo que era um conforto para o seu, Maris caiu no sono, por fim, aquecida e satisfeita.

Mas, naquela noite, Maris sonhou de novo que estava caindo.

No dia seguinte, Maris levantou cedo, com frio e assustada por causa do sonho. Deixou Dorrel dormindo e tomou sozinha o café da manhã, com queijo duro e pão, na sala de convivência deserta. Quando o sol começou a surgir no horizonte, ela vestiu as asas e entregou-se aos ventos matinais. Por volta do meio-dia já estava de volta a Seatooth, para voar junto com S'Rella e um menino chamado Jan, enquanto começavam a experimentar com as asas.

Ela trabalhou na Asas de Madeira por mais uma semana, observando o progresso irregular dos dois no ar, ajudando-os nos exercícios e contando-lhes histórias de voadores famosos todas as noites, em volta da fogueira.

No entanto, sua culpa por sua prolongada ausência de Amberly Menor aumentava cada vez mais, e finalmente ela decidiu ir embora, prometendo a Sena que voltaria a tempo de ajudar a preparar os alunos para seus desafios.

Era um dia inteiro de voo até Amberly Menor. Ela estava exausta quando finalmente viu o fogo ardendo na sua familiar torre do farol, e ficou feliz quando desabou na sua própria cama, há tanto tempo vazia. Mas os lençóis estavam frios e o quarto empoeirado, e Maris teve dificuldade para pegar no sono. A casa da sua própria família parecia-lhe agora apertada e estranha. Ela se levantou, procurando algo para lanchar, mas havia ficado muito tempo fora e a pouca comida que havia na cozinha estava vencida ou estragada. Com fome e infeliz, voltou para a cama fria e dormiu um sono entrecortado.

A recepção do Senhor da Terra foi educada, porém pouco simpática, quando ela foi vê-lo na manhã seguinte.

– Temos tido bastante trabalho por aqui – comentou ele com simplicidade. – Mandei buscá-la algumas vezes, mas você estava sempre fora. Corm e Shalli voaram em seu lugar, Maris. Mas eles andam cada vez mais cansados. E agora Shalli tem um

filho. Será que vamos ter de nos contentar com um único voador, como se fôssemos uma ilha pobre, com metade do tamanho da nossa?

– Se você tem voos para fazer pode me passar o trabalho – respondeu Maris. Ela não tinha como refutar as queixas dele, que eram justas, embora tampouco pudesse prometer ficar longe de Seatooth.

O Senhor da Terra franziu o cenho, mas não podia fazer mais que isso. Recitou uma mensagem para ela, longa, envolvendo recados aos comerciantes de Poweet, boas sementes em troca de velas de lona, mas apenas se eles mandassem os navios para buscá-las, e uma propina em moedas de ferro pelo seu apoio numa questão entre as Amberlys e Kesselar. Maris memorizou palavra por palavra, sem deixar que a mensagem tocasse totalmente sua mente consciente, como os voadores costumavam fazer. Em seguida, foi até o rochedo dos voadores e mergulhou nos céus.

Determinado a não deixá-la mais ir embora, o Senhor da Terra tentou mantê-la ocupada. Nem bem acabava de voltar de uma missão, ela já precisava partir para outra; foi e voltou quatro vezes para Poweet, duas vezes para Pequena Shotan, outras duas para Amberly Maior, uma vez para Kesselar, uma vez também para Culhall e Stonebowl e para Laus (Dorrel não estava em casa, andava também em alguma missão), e outra vez num longo voo para o Pouso dos Gaviões, nas Ilhas do Leste.

Quando, por fim, teve uma folga para escapar de novo até Seatooth, faltavam apenas três semanas para a competição.

– Quantos você pretende apadrinhar nos desafios? – perguntou Maris.

Em algum lugar lá fora a chuva e o vento castigavam a ilha, mas as grossas paredes de pedra que as protegiam mantinham o mau tempo afastado. Sena estava sentada num banquinho baixo, com uma camisa rasgada na mão, e Maris ficou na frente dela, aquecendo suas costas junto ao fogo. Estavam no quarto de Sena.

– Eu esperava pedir seu conselho sobre isso – respondeu Sena, erguendo os olhos do seu árduo trabalho de remendar roupa. – Acho que este ano serão uns quatro, talvez cinco.

– S'Rella, com certeza – começou Maris, de propósito. Suas opiniões poderiam influenciar Sena, e o apadrinhamento dela era muito importante para os futuros voadores. Somente aqueles que conseguissem sua aprovação teriam permissão de lançar desafios. – Damen também. Eles são os seus melhores. Depois dos dois... Sher e Leya, talvez? Ou Liane?

– Sher e Leya – confirmou Sena, continuando a cerzir. – Elas ficariam impossíveis se eu apadrinhasse uma e não a outra. Já vai dar um trabalhão convencê-las de que não podem desafiar a mesma pessoa nem concorrer como equipe.

Maris riu. Sher e Leya eram duas das aspirantes mais jovens, amigas inseparáveis. Eram talentosas e entusiasmadas, embora se cansassem com muita facilidade e, às vezes, se atrapalhassem com situações inesperadas. Ela muitas vezes ficava na dúvida se a companhia constante das duas dava a elas força ou simplesmente reforçava suas falhas similares.

– Você acha que elas têm condições de vencer?

– Não – respondeu Sena, sem tirar os olhos do trabalho. – Mas elas são grandes o suficiente para tentar, e perder. A experiência vai lhes fazer bem. Vai fortalecê-las. Se os sonhos delas não forem capazes de suportar uma perda, então nunca serão voadoras.

Maris assentiu.

– E quanto a Liane, você tem dúvidas?

– Não vou apadrinhar Liane – avisou Sena. – Ele não está pronto. E fico imaginando se algum dia estará.

Maris se surpreendeu.

– Andei vendo-o voar – disse ela. – Ele é forte, e às vezes é brilhante voando. Concordo que é de lua e irregular, mas quando voa bem, é melhor do que S'Rella e Damen juntos. Ele pode ser sua melhor esperança.

– Talvez, sim, mas não vou apadrinhá-lo. Uma semana ele plana como um falcão noturno, e na seguinte tropeça e cai como uma criança lançada ao ar pela primeira vez. Não, Maris. Quero ganhar, mas uma vitória de Liane seria a pior coisa que poderia acontecer para ele agora. Eu poderia apostar que ele estaria morto em um ano. O céu não é um lugar seguro para aqueles cuja habilidade vem e vai conforme seu humor.

Com relutância, Maris concordou.

– Talvez você esteja sendo sábia. Mas então qual seria o seu quinto candidato?

– Kerr. – Colocando sua agulha de osso de lado, ela inspecionou a camisa na qual vinha trabalhando. Em seguida estendeu-a sobre a mesa e afastou-se um pouco para poder olhar melhor para Maris com seu olho bom.

– Kerr! Ele é bom, mas é nervoso, está acima do peso, é um pouco descoordenado e seus braços não têm a metade da força que precisariam ter. Kerr não tem jeito, pelo menos por enquanto. Daqui a alguns anos, talvez...

– Os pais querem que ele concorra este ano – explicou Sena, cansada. – Ele já perdeu dois anos, é o que alegam. São donos de uma mina de cobre em Pequena Shotan, estão ansiosíssimos para que Kerr obtenha suas asas. Eles contribuem bastante com a academia.

– Entendo – Maris limitou-se a dizer.

– No ano passado, eu disse não – continuou Sena. – Este ano não estou assim tão

segura de mim. Sem uma vitória nessa competição, a academia pode perder seu apoio dos Senhores da Terra. Com isso, só alguns patrocinadores ricos poderão impedir que a academia feche de vez. Talvez seja melhor para todos fazer a vontade deles.

– Entendo, mas não estou totalmente de acordo. De todo modo, imagino que isso não terá como ser evitado. E o fato de perder não vai prejudicar muito Kerr. Às vezes, ele parece que adora bancar o palhaço.

Sena bufou.

– Acho que vou ter que fazer isso. Mas no fundo, eu odeio. Tinha a esperança de que você me demovesse.

– Não. Você superestima minha eloquência, mas vou lhe dar um conselho. Nessas últimas semanas, reserve suas asas apenas para aqueles que vão participar dos desafios. Eles precisam ganhar experiência. Ocupe os outros com exercícios e aulas teóricas.

– Já fiz isso nos anos anteriores – argumentou Sena. – Eles também fazem competições simuladas entre eles. E vou fazer você competir com eles também, nem que seja para ensiná-los a perder. S'Rella participou de desafios no ano passado, e Damen já perdeu duas vezes, mas os outros precisam da experiência. Sher...

– *Sena, Maris, venham depressa!* – O grito veio do salão, e Kerr, sem fôlego, apareceu de repente na porta. – O Senhor da Terra mandou alguém, eles precisam de um voador, eles... – Ele estava ofegante, brigando com as palavras.

– Vá com ele, rápido – ordenou Sena a Maris. – Vou me apressar e já estou indo, assim que der.

O estranho que esperava na sala de convivência entre os alunos também estava ofegante; ele viera correndo o caminho todo desde a torre do Senhor da Terra. A fala parecia jorrar de dentro dele.

– Você é a voadora? – Era um rapaz jovem e obviamente alterado, olhando em volta como um pássaro preso numa gaiola.

Maris assentiu.

– Você tem que voar para Shotan. Por favor. E ir buscar a curandeira deles. O Senhor da Terra me disse para procurá-la. Meu irmão está doente. Está delirando. Sua perna está quebrada... quebrou feio, dá para ver o osso... e ele não vai me dizer como tratá-la, ou o que devo dar para a febre. Por favor, apresse-se.

– Mas Seatooth não tem seu próprio curandeiro? – perguntou Maris.

– O irmão dele é o curandeiro – interveio Damen, um rapaz magro, nativo da ilha.

– Como se chama a curandeira de Grande Shotan? – perguntou Maris, no instante em que Sena entrava mancando na sala.

A velha senhora imediatamente percebeu a situação e assumiu o comando.

– Existem várias.

– Vamos logo – implorou o estranho. – Meu irmão pode morrer.

– Não acho que ele vai morrer por causa de uma perna quebrada – começou Maris, mas Sena fez-lhe sinal para que se calasse.

– Então, você é uma idiota – disparou o jovem. – Ele tem febre. Delira. Caiu da parede do rochedo quando escalava procurando ovos de falcão, e ficou lá deitado quase um dia inteiro até eu encontrá-lo. Por favor.

– Há uma curandeira na ponta mais próxima da ilha, chamada Fila – informou Sena. – Ela é velha e esquisita e não gosta de viajar de navio, mas a filha mora com ela e conhece suas artes. Se ela não puder vir, poderá lhe indicar outra. Não perca tempo em Stormtown. Os curandeiros de lá vão querer saber quanto dinheiro você tem antes de saírem procurando as ervas. E pare no Pouso Sul e diga ao capitão do porto que espere a chegada de um passageiro importante.

– Vou já – concordou Maris, dando apenas uma rapidíssima olhada na panela de cozido em cima do fogo. Estava com fome, mas isso podia esperar. – S'Rella, Kerr, venham me ajudar com as asas.

– Obrigado – murmurou o estranho, mas Maris e os alunos já tinham ido.

A tempestade finalmente irrompera. Maris agradeceu pela sorte, e voou direto por sobre o canal salgado, a poucos metros das ondas. Era perigoso voar tão baixo assim, mas ela não tinha tempo para tentar ganhar altitude, e as cilas raramente se aproximavam tanto assim da terra. O voo foi bem curto. Não foi difícil localizar Fila, mas ela se mostrou – como Sena previra – relutante em vir.

– Tenho enjoo de mar – grunhiu, mal-humorada. – E aquele garoto de Seatooth, ele se achou melhor do que eu. Sempre se achou, o tonto, e agora vem chorando pedir minha ajuda. – Mas a filha pediu desculpas pelo jeito da mãe, e logo depois partiu para pegar o barco.

Na viagem de volta, Maris permitiu-se curtir o sensual toque dos ventos, como se compensasse o jeito rude com que os utilizara para viajar até Grande Shotan. As nuvens de tempestade já tinham se dissipado; o sol brilhava forte nas águas, e um arco-íris cruzava em semicírculo o céu a leste. Maris foi atrás dele, subindo numa corrente de ar quente que se erguia de Shotan, e assustou um bando de aves de verão ao segui-las. Ela riu quando viu que elas se espalhavam, confusas; e, ao mesmo tempo, desviou-se delas, com seu corpo reagindo por hábito às exigências sutis e mutáveis dos ventos. Estes se dirigiam para todos os cantos, alguns na direção de Seatooth, outros na de Eggland ou Grande Shotan, outros ainda em direção ao mar aberto. E mais longe ela viu – e semicerrou os olhos, tentando certificar-se. Seria uma cila, com seu longo pescoço projetando-se fora d'água para catar algum pássaro imprudente? Não, havia várias formas. Um bando de gatos-do-mar caçadores, então? Ou navios?

Ela fez círculos e planou acima do oceano, deixando para trás as ilhas, e não demorou para ter certeza. Eram navios mesmo, cinco deles navegando juntos, e quando o vento a trouxe mais para perto ela conseguiu ver as cores também, a pintura desbotada das velas de lona, as flâmulas rasgadas batendo ao vento, os cascos todos negros. Os navios locais eram menos vistosos; esses vinham de longe. Uma frota comercial do Leste.

Ela mergulhou baixo o suficiente para ver a tripulação trabalhando duro, substituindo velas, recolhendo as linhas e deslocando-se desesperadamente para manter-se no lado bom do vento. Alguns poucos ergueram o olhar e gritaram e acenaram para ela, mas a maioria estava concentrada nos seus afazeres. Velejar pelos mares abertos do Santuário dos Ventos era sempre perigoso, e havia muitos meses do ano nos quais viajar entre grupos de ilhas distantes tornava-se quase impossível devido às violentas tempestades. Para Maris, o vento era um amante, mas para os marinheiros era um assassino sorridente, fingindo-se de amigo apenas para ter a oportunidade de retalhar uma vela ou fazer um navio em pedaços atirando-o contra um rochedo oculto. Um navio era algo grande demais para se dedicar aos jogos dos voadores; um navio no mar estava sempre empenhado em alguma batalha.

Mas aqueles navios estavam relativamente seguros naquela hora; a tempestade havia ido embora, e já teria no mínimo escurecido antes que outra viesse alcançá-los. Haveria celebrações em Stormtown naquela noite; a chegada de uma frota comercial do Leste daquele porte era sempre uma ocasião especial. Nada menos do que um terço dos navios que haviam tentado a arriscada travessia entre os arquipélagos se perdera no mar. Maris calculou que a frota iria aportar em menos de uma hora, a julgar pela posição dela e pela força dos ventos. Circulou acima deles uma vez mais, bem ciente da sua graça e liberdade no céu em comparação com a labuta deles lá embaixo, e decidiu levar as notícias para Grande Shotan em vez de voltar imediatamente para Seatooth. *Posso até esperar por eles*, pensou, *pois estou curiosa a respeito da carga e das notícias que trazem.*

Maris bebeu vinho demais na barulhenta taberna da orla; ele lhe era oferecido a toda hora pelos encantados clientes, pois ela fora a primeira a trazer a notícia de que havia uma frota a caminho. Agora, todos estavam nas docas, bebendo e festejando e especulando sobre o que os comerciantes poderiam estar trazendo.

Quando começou a gritaria, primeiro uma voz, depois muitas, de que os navios estavam atracando, Maris ficou de pé, e cambaleou para a frente, perdendo o equilíbrio, tonta de vinho. Teria caído, mas o empurra-empurra em volta dela, com todos correndo para a porta, manteve-a de pé e a arrastou junto com os demais.

A cena lá fora era agitada e barulhenta, e, por um momento, Maris ficou em dúvida se havia sido uma boa escolha ficar, pois não conseguia ver nada ou saber de

nada no meio daquela multidão excitada que a espremia. E foi assim, espremendo-se, que aos poucos ela conseguiu se desvencilhar da aglomeração e sentar num barril virado de cabeça para baixo. Podia também subir em cima dele e ficar de olho em alguém que viesse do navio e pudesse lhe dar alguma notícia. Depois, recostou-se numa parede de pedra lisa e cruzou os braços, esperando.

Ela acordou a contragosto, incomodada por alguém que não parava de cutucar seu ombro. Piscou os olhos várias vezes e viu o rosto de um estranho.

– Você é Maris? – perguntou ele. – Maris, a voadora? Maris de Amberly Menor? – Era um jovem, com o rosto severo e esculpido de um asceta: um rosto fechado, reservado, que não dava nenhuma pista. Instalados nesse rosto, seus olhos mostravam-se impressionantes: grandes, escuros e expressivos. Seu cabelo cor de ferrugem era puxado bem para trás, a partir de sua testa alta, e amarrado na nuca.

– Sim – disse ela, aprumando-se. – Sou Maris. Por quê? O que aconteceu? Eu devo ter adormecido.

– Deve ter adormecido, sim – disse ele, categoricamente. – Cheguei no navio. Alguém me apontou você. Achei que talvez tivesse vindo aqui me receber.

– Oh! – Maris deu uma olhada rápida em volta. A multidão desaparecera. As docas estavam vazias. Havia apenas um grupo de comerciantes de pé numa prancha de embarque, e um grupo de estivadores descarregando baús de roupas. – Sentei aqui para esperar – ela murmurou. – Devo ter fechado os olhos. Não dormi muito na noite passada.

Há nele algo incomodamente familiar, pensou Maris, ainda grogue. Ela observou-o mais detidamente. Suas roupas tinham um corte do Leste, mas eram simples: tecido cinza sem ornamentos, grosso e quente, um capuz pendendo às costas. Estava com uma mochila de lona debaixo do braço e trazia uma faca numa bainha de couro na cintura.

– Você disse que veio no navio? – repetiu ela. – Desculpe, ainda não acordei direito. Onde estão os outros marinheiros?

– Os marinheiros estão por aí, comendo e bebendo, os comerciantes pechinchando, como se diz – respondeu ele. – A viagem foi difícil. Perdemos um navio na tempestade, apesar de termos conseguido resgatar a tripulação da água, com exceção de dois. Depois disso, tudo ficou meio tumultuado e desconfortável. Os marinheiros estavam contentes por terem conseguido aportar. – Ele fez uma pausa. – Mas não sou marinheiro. Minhas desculpas. Eu me equivoquei. Acho que não foi você que veio aqui me receber. – Ele virou as costas fazendo menção de ir embora.

De repente, Maris se deu conta de quem devia ser o jovem.

– É claro – ela deixou escapar. – Você é o aluno, o que vem da academia Lar Aéreo. – Ele já havia se virado de novo e estava na frente dela. – Desculpe. Eu me esqueci completamente de você. – E saiu de cima do barril.

– Meu nome é Val. – Seu tom insinuava que ele esperava que isso lhe dissesse algo. – Val, de Arren do Sul.

– Muito bem – disse Maris. – Você sabe meu nome. Com certeza.

Ele ficou mexendo na sua mochila, meio sem jeito. Os músculos em volta de sua boca estavam tensos.

– Também me chamam de Uma-Asa.

Maris não disse nada. Mas sua expressão a delatava.

– Bem, vejo que você já me reconheceu – disse o rapaz, um pouco ríspido.

– Já ouvi falar de você – admitiu Maris. – Pretende competir?

– Pretendo voar – respondeu Val. – Venho trabalhando para isso há quatro anos.

– Entendo – disse Maris, tranquila. Ela olhou para o céu, sinalizando que estava dispensando-o. Já se fazia noite. – Preciso voltar para Seatooth. Devem estar achando que caí no mar. Vou avisá-los da sua chegada.

– Não vai nem falar com a capitã? – perguntou ele, sarcástico. – Ela está na taberna do outro lado da rua, contando histórias para os crédulos. – Ele apontou com a cabeça para um dos edifícios das docas.

– Não – respondeu Maris, rápido demais. – Mas obrigada. – Ela virou as costas, mas parou quando ele a chamou.

– Escute, eu posso alugar um barco que me leve até Seatooth?

– Você pode alugar qualquer coisa em Stormtown, mas vai custar bastante. Há uma linha regular de barco que sai do Pouso Sul. Talvez seja melhor você passar a noite aqui e pegar o barco de manhã. – Ela virou as costas de novo e saiu pela rua de pedra, em direção ao alojamento dos voadores onde deixara suas asas. Ficou um pouco envergonhada de deixá-lo assim de modo tão abrupto, tendo ele vindo de tão longe atrás de seu sonho de virar um voador, mas não sentiu vergonha a ponto de voltar. *Uma-Asa*, pensou, furiosa. Maris ficou surpresa ao ver que ele mesmo admitia o nome, e mais surpresa ainda de vê-lo chegar para participar de novo de uma competição. Bem, ele deveria imaginar que tipo de recepção iria ter.

– Você *sabia*! – gritou Maris, com raiva suficiente para não se incomodar se os alunos a ouvissem. – Você sabia e não me disse nada.

– É claro que eu sabia – confirmou Sena. Sua voz era linear, e seu olho bom estava tão impassível e fixo quanto o olho ruim. – Não lhe contei antes porque já imaginava que fosse reagir desse jeito.

– Sena, como é que você pôde? – quis saber Maris. – Você tem realmente a intenção de apadrinhar o desafio dele?

– Se ele se mostrar suficientemente bom – retrucou Sena. – Tenho todas as razões

para achar que ele conseguirá. Tenho várias objeções quanto a apadrinhar Kerr, mas nenhuma no que se refere a Val.

– Você não sabe como nós nos sentimos em relação a ele?

– Nós?

– Os voadores – explicou Maris com impaciência. Ela ficou andando para lá e para cá diante do fogo, e então parou para encarar Sena de novo. – Não é possível que ele ganhe de novo. E se ganhar, você acha que isso vai evitar o fechamento da Asas de Madeira? As academias ainda estão tentando fazer com que a primeira vitória dele seja esquecida. Se ele ganhar de novo, a Senhora da Terra de Seatooth vai...

– A Senhora da Terra de Seatooth vai ficar orgulhosa e satisfeita – disse Sena, interrompendo-a. – Val pretende fixar residência aqui se ganhar, eu acho. Não são os confinados à terra que o chamam de Uma-Asa; são só os voadores que o chamam assim.

– Ele mesmo se *denomina* Uma-Asa – retrucou Maris, levantando uma vez mais o tom de voz. – E você sabe por que ele ganhou esse nome. Mesmo durante o ano em que ele usou suas asas, nunca foi mais do que meio-voador. – Ela voltou a andar de um lado para outro.

– Eu mesma sou menos do que meia-voadora – disse a velha mulher, tranquila, olhando para o fogo. – Uma voadora sem asas. Val tem a oportunidade de voar de novo, e eu posso ajudá-lo.

– Você faria qualquer coisa para que um aluno da Asas de Madeira ganhasse na competição, não faria? – acusou-a Maris.

Sena virou para cima seu rosto enrugado, com seu olho bom brilhante e perspicaz fitando Maris.

– O que ele fez para que vocês o odeiem tanto?

– Você sabe o que ele fez.

– Ele ganhou um par de asas.

Sena de repente parecia uma estranha. Maris afastou-se dela, dando as costas à velha senhora para evitar aquele olho cego branco e horrível encarando-a.

– Ele induziu uma amiga minha ao suicídio – disse ela num tom de voz baixo, intenso. – Desconsiderou o luto dela, pegou suas asas e praticamente a empurrou daquele rochedo com as próprias mãos.

– Bobagem – disse Sena. – Foi Ari quem tirou a própria vida.

– Eu conhecia Ari – disse Maris baixinho, ainda encarando o fogo. – Não fazia muito tempo que ela tinha suas asas, mas era uma verdadeira voadora, uma das melhores. Todo mundo gostava dela. Val nunca poderia tê-la derrotado num voo justo.

– Val ganhou dela, de fato.

– Ela conversou comigo em Eyrie, logo depois que o irmão morreu – contou Maris. – Ela havia visto tudo. Ele estava no barco dele, com as linhas prontas para pescar peixe-lua, e ela voava acima, de olho nele. Ari viu a cila chegando, mas estava muito distante, os ventos encobriram a voz dela quando tentou avisá-lo. Ela tentou voar mais para perto, mas não chegou a tempo. Viu o barco partido em pedaços, e o pescoço da cila surgiu das águas com o corpo do irmão nas mandíbulas. E em seguida a cila mergulhou e sumiu.

– Ela não devia ter ido à competição – disse Sena simplesmente.

– Era só uma semana de folga. Ela não tinha intenção de participar, havia passado o dia em Eyrie, mas sentia-se muito desamparada. Todo mundo achou que seria uma boa ideia ela ir lá espairecer. Os jogos, as corridas, a cantoria e a bebida. Todos nós a incentivamos a ir, mas nem sonhamos que alguém poderia desafiá-la. Não nas condições em que ela estava.

– Ela conhecia as regras que o Conselho definira – insistiu Sena. – O *seu* Conselho, Maris. Qualquer voador que compareça à competição está sujeito a ser desafiado, e nenhum voador saudável pode se ausentar mais de dois anos seguidos.

Maris virou-se para encarar a professora mais uma vez, de cara amarrada.

– Você vem falar de lei, mas e o sentimento humanitário? Sim, Ari devia ter ficado de fora. Mas ela queria desesperadamente tocar sua vida em frente, e precisava estar com os amigos dela e dar um tempo na sua dor. Nós ficamos tomando conta dela. Ela se sentia confusa, esquecia a toda hora onde estava e o que estava fazendo, mas a mantivemos protegida. Ela adorou ter ido à competição. Ninguém acreditou quando aquele garoto veio desafiá-la.

– Um garoto – repetiu Sena. – Você usou a palavra certa, Maris. Ele tinha quinze anos.

– Ele sabia o que estava fazendo. Os jurados tentaram explicar-lhe as coisas, mas ele não quis retirar seu desafio. Ele voou bem e Ari voou mal, e foi isso. O Uma-Asa ganhou e ficou com as asas dela. Foi apenas um mês depois disso que ela se matou.

– Val já estava a um oceano de distância naquele momento – argumentou Sena. – Os voadores não tinham por que culpá-lo, e evitá-lo tanto. Nem motivo para fazer o que fizeram no ano seguinte, na competição de Culhall. Um desafio, e outro, e mais um, desde voadores aposentados a crianças voadoras, que haviam acabado de alcançar a maioridade, e os melhores e os mais competentes.

– Não havia nenhuma regra contra os desafios múltiplos na época – lembrou Maris, na defensiva.

– Percebi que agora existe uma regra para isso, não é? Então, tampouco houve lealdade naquilo, você não acha?

– Não importa. Ele perdeu para o segundo desafiante.

– Sim. Uma garota que vinha praticando com asas desde os sete anos de idade, cujo pai era o principal voador de Pequena Shotan, conseguiu derrotá-lo *depois* que ele já havia superado outro desafiante – apontou Sena. Ela deixou escapar um grunhido de raiva e ergueu-se lentamente da cadeira. – E que incentivo ele teve para voar bem contra ela? Havia outro aguardando para desafiá-lo em seguida, e mais uns dez depois dele. E de todo o modo vocês foram lá dizer que ele era apenas meio-voador. – Ela se dirigiu à porta.

– Aonde você vai? – perguntou Maris.

– Jantar – respondeu Sena rispidamente. – Tenho notícias a dar aos meus alunos.

Val chegou na manhã seguinte, na hora do café. Sena sentou, e ficou comendo seus ovos com uma colherzinha, num silêncio tenso, enquanto os alunos olhavam para ela com curiosidade. Maris sentou bem afastada da professora, ouvindo S'Rella e o musculoso Liane tentando convencer uma terceira aluna – uma mulher simples, tranquila, chamada Dana, a mais velha da Asas de Madeira – a permanecer na academia. Na noite anterior, no jantar, Sena anunciara os nomes dos cinco que ela iria apadrinhar no desafio. Dana, desestimulada, planejava voltar para casa e retomar a vida que abandonara. S'Rella e Liane não estavam se saindo muito bem em suas tentativas de fazê-la mudar de ideia. De tempos em tempos, Maris acrescentava algumas palavras sobre a importância do desejo, mas a mulher achava difícil dar importância a isso. A verdade era que Dana começara tarde demais e, de todo modo, nunca tivera um real talento para voar.

Todas as conversas pararam quando Val entrou.

Ele tirou sua pesada capa de lã de viagem e pôs sua mochila no chão. Se ele percebeu o repentino silêncio ou o jeito com que os outros olhavam para ele, não deu nenhuma pista disso.

– Estou com fome. Vocês têm alguma comida extra?

Isso quebrou o feitiço. Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Leya foi buscar para ele uma travessa de ovos e uma caneca de chá, e Sena levantou e foi até onde o rapaz estava, sorriu-lhe e trouxe-o até a sua mesa, para sentar e comer ao lado dela. Maris observava em silêncio, sentindo-se desconfortável, até que S'Rella deu um puxão na manga da sua camisa.

– Você acha que ele vai ganhar de novo? – perguntou S'Rella.

– Não – respondeu Maris, bem alto. Ela se levantou bruscamente. – Ninguém perdeu um irmão ultimamente. Então, como é que ele poderia ganhar?

Naquela tarde, ele fez Maris se arrepender de suas palavras.

Sher e Leya estiveram fora a manhã toda, praticando rotinas de voo enquanto Sena gritava instruções embaixo e Maris observava-as do ar. À tarde, S'Rella e Damen estavam programados para usar as asas da academia, mas Sena pediu que um deles cedesse as asas para Val, já que ele havia passado um mês aterrado e precisava sentir o ar de novo. S'Rella ofereceu-se prontamente.

Estava cheio de gente na plataforma de observação quando ele apareceu, com as asas amarradas às costas e dobradas. A maioria dos alunos viera para vê-lo voar. Maris, ainda de asas, ficou entre eles esperando.

– Damen – estava dizendo Sena –, quero que você pratique deslizamento hoje. Voe o mais baixo possível rente à água. Mantenha suas asas firmes e niveladas. Você oscila demais. Deve melhorar isso, se não um dia vai cair no mar. – Olhou para o seu outro aluno. – Val, agora é melhor você só voar, relaxado. Mais tarde haverá tempo para outros exercícios.

– Não. – Val estava de pé, firme, enquanto dois dos alunos mais jovens desdobravam e travavam suas asas. – Eu voo melhor quando *tenho* que voar bem. Coloque-me alguma dificuldade. – Ele olhou para Damen, que fazia flexões preparando-se para voar. – Ou então me faça disputar uma corrida.

Sena negou com a cabeça.

– Ainda é cedo, Val. Vou dizer quando for a hora de colocar você numa corrida.

Mas Maris a pressionou, acometida por uma repentina vontade de ver o quanto o mal-afamado Val Uma-Asa era bom de fato.

– Deixe os dois disputarem uma corrida, Sena. Damen já fez exercícios suficientes. Ele precisa de uma competição.

Damen olhou de Maris para Sena e vice-versa, claramente ansioso para competir, mas não querendo desafiar sua professora.

– Eu não sei – disse ele.

Val deu de ombros.

– Como você quiser. De todo modo, duvido que você seja páreo para mim numa corrida.

Isso foi demais para Damen, que se sentia muito orgulhoso de seu status como um dos melhores da Asas de Madeira.

– Não se gabe tanto, Uma-Asa – retrucou ele, levantando um braço e apontando para a água adiante, onde as ondas quebravam e formavam espuma contra um recife meio submerso. – Quando estivermos os dois lá em cima e Maris der o sinal, três vezes até lá, ida e volta. Combinado?

– Combinado – respondeu Val, estudando as rochas ao longe.

Sena mordeu os lábios, mas não disse nada. Ao não ouvir mais objeções, Damen sorriu, correu e saltou. O ventou capturou-o e o fez subir. Ele se ergueu bem alto, fez um majestoso círculo sobre a linha da praia, e passou acima deles, com sua sombra varrendo a pedra. Val foi até a beirada, já com as asas estendidas.

– A faca, Val – disse S'Rella, de repente. Os demais olharam. Sua faca ornamentada, de obsidiana com beiradas de prata batida, ainda estava embainhada na sua cintura.

Val segurou-a, puxou-a para fora e olhou para ela com curiosidade.

– O que é que tem minha faca?

– Tradição de voador – explicou Sena. – Não se deve levar nenhuma lâmina para o céu. S'Rella, pegue-a. Cuidaremos bem dela para você.

S'Rella moveu-se para obedecer, mas Val afastou-a com um gesto.

– Essa faca era do meu pai, a única coisa de valor que ele teve na vida. Eu a carrego por toda parte. – Ele a enfiou de volta na sua bainha.

– Mas é uma tradição dos voadores – repetiu S'Rella, com perplexidade na voz.

Val sorriu maliciosamente.

– Ah. Mas eu sou apenas meio-voador. Afaste-se, S'Rella. – E quando ela deu um passo atrás, ele se atirou no ar.

Maris caminhou até a parte mais projetada da plataforma, para ficar entre Sena e S'Rella, e as três observaram Val fazendo espirais ascendentes para se juntar a Damen. Atrás dela, Maris podia ouvir os demais comentando sobre o rapaz. "Uma-Asa", disse uma voz, talvez a de Liane. Damen também o havia chamado assim, depois que Val zombara dele. *O rapaz do Leste era bom em fazer inimizades*, pensou Maris. Então, disse a mesma coisa a Sena.

– Os voadores tampouco perderam tempo em fazer dele um inimigo – retrucou Sena. Até mesmo seu olho ruim estava virado para cima, em direção ao céu, onde Damen e Val agora rodavam em grandes círculos, um em volta do outro, como duas aves de rapina procurando uma fragilidade na outra. – Você ficou de dar o sinal, Maris – lembrou Sena.

Maris colocou as mãos em concha.

– *Voem* – gritou ela, o mais alto que conseguiu. O vento pegou a palavra e levou-a até eles.

Damen voltou de seu círculo primeiro, fazendo uma curva ampla e dirigindo-se para a água de uma maneira lenta, preguiçosa, como se tivesse todo o tempo do mundo. Val Uma-Asa veio logo atrás, com suas largas asas prateadas oscilando um pouco, inclinando-se primeiro de um lado, depois do outro, como se não estivesse muito bem equilibrado. Os dois voadores mantinham-se a baixa altitude. Maris levantou uma mão para proteger os olhos dos raios de sol que refletiam de suas asas.

Na metade do primeiro trecho, Damen ampliou sua vantagem e Val começou a subir.

– O vento está puxando para cima – comentou Sena. Maris assentiu. Dava a impressão também de ser um vento cruzado. Eles iam ter de voar; não seria uma mera questão de deixar que a brisa os carregasse para onde quisessem ir.

Damen alcançou os recifes bem à frente de seu competidor, e começou a fazer o giro para voltar. Ouviu-se um grito vigoroso dos alunos da Asas de Madeira, pois Damen estava ganhando. Mas ele perdeu tempo ao fazer o giro, que ficou muito lento e amplo demais, e vacilou um pouco ao encarar o vento de frente, antes de recuperar o controle. Parecia menos estável ao voltar.

Val começou a mudar de direção bem antes de fazer o giro, alterando o curso conforme subia, mas não de uma vez, e, sim, por meio de uma série de pequenos incrementos. Estava mais alto que Damen agora, mas substancialmente atrás. Por fim, quando completou o giro, Damen já estava na metade do percurso de volta. Mas o giro de Val havia sido mais veloz e limpo que o de seu rival.

– Damen está ganhando dele! – gritou Liane. Damen fez a curva logo acima deles. – Isso, Damen! – berrou, com as mãos em concha em volta da boca. – Vamos lá!

Damen fez a volta devagar (de novo, o giro foi amplo demais) e abaixou sua asa como resposta aos cumprimentos, mas o gesto lhe custou caro. Ele perdeu o vento por um momento e deslizou bastante para baixo, de modo arriscado, e quando passou na frente deles, de repente o volume da grande fortaleza rochosa estava entre ele e o vento dominante. Ele flutuou preguiçosamente, perdendo velocidade, e teve de fazer força para se recompor.

Val não cometeu esse erro. Fez o giro corretamente, mantendo suficiente altura em relação a eles para não perder nem uma porção do vento, por pequena que fosse. E de repente parecia também estar se movendo mais rápido.

– Val já ganhou – afirmou Maris subitamente. Ela não tivera intenção de dizer isso em voz alta, mas mal o pensamento viera e já estava saindo pela sua boca.

Sena sorria. S'Rella parecia confusa.

– Mas, Maris, olhe. Damen está bem à frente dele.

– Damen está apenas montado nos ventos – explicou Maris. – Val está fazendo uso deles. Ele ficou procurando o vento certo, e agora encontrou. Observe, S'Rella.

Não demorou muito. A vantagem de Damen foi encolhendo cada vez mais conforme os dois voadores se dirigiam aos recifes novamente, e o aluno da Asas de Madeira sofreu um bom desvio de curso ao tentar fazer a curva mais fechada do que antes. Quando conseguiu corrigir, Val já havia alcançado o ponto da virada. Poucos momentos depois, Damen parecia visivelmente assustado ao ver a sombra das asas de Val projetando-se sobre as suas. E então a sombra o ultrapassou.

Os alunos ficaram calados, inclusive Liane.

– Dê-lhe os meus parabéns – indicou Maris. Ela virou as costas e foi para dentro.

Seu quarto era frio e úmido. Maris acendeu a lareira e decidiu aquecer o kivas que comprara em Stormtown. Já estava no terceiro copo, relaxando finalmente, quando Sena entrou sem pedir licença e se sentou.

– Como estão indo as práticas? – perguntou Maris.

– Ele disputou contra todos eles – respondeu Sena. – Damen levou na boa, mas não estava a fim de disputar outra corrida, então abriu mão das asas à tarde. Todos estavam ansiosos para se medir com Val. – Ela sorriu, visivelmente orgulhosa da disposição deles. – Ele ganhou de Sher e de Jan facilmente, humilhou Kerr e Egon. Aliás, Egon quase caiu no mar. Mas S'Rella disputou palmo a palmo com ele. Roubou todos os truques que ele havia usado para ganhar de Damen. Ela é uma menina esperta, a S'Rella.

– Ele disputou seis corridas? – surpreendeu-se Maris.

– Sete – disse Sena, sorrindo. – Liane quase ganhou dele. O vento está muito forte agora, muito turbulento. Ele deixou Val exausto. Ele está magro, não está tão forte como poderia. Vou ter que trabalhar isso com ele. Barra, flexões. E, é claro, ele também já estava cansado àquela altura, mas Liane insistiu. Liane pode lidar bem com ventos fortes. Ele é musculoso como uma cila. Às vezes, do jeito que ele move as asas, tenho a impressão de que está se arremessando pelo céu na base da pura força muscular. Mas, de todo modo, Val ganhou dele. Por muito pouco. Aí Leya quis disputar também, mas a tempestade estava quase começando e coloquei todos para dentro. O que pensa do Uma-Asa agora, Maris?

Maris encheu uma caneca de kivas para a professora enquanto pensava.

– Acho que ele pode voar – respondeu Maris, por fim. – Ainda não gosto do que ele fez com Ari. E tampouco gostei daquela história dele com a faca hoje. Mas não posso negar seu talento.

– Será que ele ganha?

Maris provou sua bebida, deixou aquela quentura doce fluir e percorrê-la por dentro. Fechou os olhos por um breve instante e recostou-se.

– Talvez. Consigo me lembrar de uns dez voadores que não sabem se controlar tão bem quanto ele conseguiu hoje. Também posso me lembrar de uma dezena que são melhores do que ele, que conhecem todos os seus truques e outros mais. Conte-me quem ele vai desafiar e vou lhe dizer quais são as chances que ele tem. Afora isso, bem, a velocidade é apenas uma das habilidades de um voador. A competição vai julgar também a graça e a precisão de movimentos.

– O que é muito justo – concordou Senna. – Você vai me ajudar a prepará-lo?

Maris ficou olhando fixo para o piso de pedra cinza.

– Você me coloca numa posição difícil. E logo por causa de alguém de quem eu nem mesmo gosto.

– Então, só aqueles que você aprova é que merecem voar? – indagou Sena. – É esse o princípio pelo qual você lutou há sete anos?

Maris ergueu a cabeça, até encontrar o olhar de Sena.

– Você está certa. Aqueles que voam melhor merecem as asas.

– E você concorda que Val tem habilidade – completou Sena. Ela ficou sorvendo seu kivas enquanto esperava a resposta.

Maris assentiu com relutância.

– Mas mesmo que ele *mereça* ganhar, os outros não vão esquecer o passado. Você o chama de Val, mas ele sempre será o Uma-Asa para eles.

– Não estou pedindo que você o proteja pelo resto da sua carreira – disse Sena, com sarcasmo. – Só estou pedindo que você me ajude agora, que ajude Val a conseguir suas asas.

– O que você quer que eu faça?

– Nada além daquilo que você já vem fazendo pelos outros. Mostre-lhe seus erros. Ensine-lhe as coisas que os seus anos como voadora lhe ensinaram, do jeito que você ensinaria um filho seu. Dê-lhe conselhos. Instigue-o. Desafie-o. Ele é habilidoso demais para evoluir muita coisa enfrentando meus Asas de Madeira, e você viu hoje a pouca disposição que ele tem em me escutar. Sou velha e aleijada, e só voo quando estou sonhando. Mas você é uma voadora na ativa, e tem fama de ser uma das melhores. Ele lhe dará ouvidos.

– Tenho lá minhas dúvidas – retrucou Maris. Ela esvaziou o último dedo de kivas da sua caneca e colocou-a de lado. – Bem, suponho que devo orientá-lo, isso se ele se dispuser a aceitar.

– Que bom. – Sena assentiu energicamente e se levantou. – Eu lhe agradeço. Agora, se você me dá licença, tenho trabalho a fazer. – Na porta, ela parou e voltou-se para trás. – Sei que isso é duro para você, Maris. Mas talvez se você conhecesse Val melhor pudesse haver um pouco de simpatia entre vocês. Ele a admira muito, sei disso.

Maris ficou surpresa, mas procurou não demonstrar.

– Não posso admirá-lo. E quanto mais o conheço, menos coisas encontro para simpatizar ou gostar.

– Ele é jovem – defendeu Sena. – A vida dele não tem sido fácil, e ele está obcecado em reaver suas asas, o que não se difere muito da sua situação há alguns anos.

Maris engoliu sua raiva para evitar entrar numa discussão sobre o quanto Val Uma-Asa era diferente dela quando moça, pois isso só a faria parecer rancorosa.

O silêncio foi se alongando, e então Maris ouviu os passos suaves e inseguros de Sena levando-a embora.

No dia seguinte, o treino final começou.

Do nascer ao pôr do sol os seis desafiadores voaram. Dos que não iam competir aquele ano, alguns voltaram para casa para visitar a família, em Seatooth ou nas Shotans ou em outras ilhas próximas. Os outros, que moravam mais longe, a distâncias perigosas, ficavam sentados lá em cima nas pedras, vendo seus sortudos companheiros e sonhando com o dia em que também teriam a chance de tentar conseguir suas asas.

Sena ficou embaixo, no píer de lançamento, gritando orientações e palavras de incentivo para seus jovens novatos; às vezes, apoiada na sua bengala, e com maior frequência usando-a para gesticular e comandar. Maris, com as asas postas, montava guarda; fazia círculos no ar, observava, gritava pedindo cuidado. Ela colocou S'Rella, Damen, Sher, Leya e Kerr no ritmo deles, disputando corridas, dois de cada vez, pedindo que executassem aquelas acrobacias aéreas que pudessem impressionar os jurados.

Val tinha tanta chance quanto os outros de usar as asas, mas Maris viu-se de repente observando-o em silêncio. *Ele chegou a competir duas vezes antes*, ponderou; portanto, ela sabia o que se podia esperar dele. Tratá-lo da mesma maneira com que tratava os demais alunos da Asas de Madeira seria depreciá-lo. Então, considerando a promessa que fizera a Sena, observou de perto o jeito de voar do rapaz, e no jantar daquela noite foi procurá-lo.

Só havia uma lareira acesa na sala de convivência, e os bancos pareciam estranhamente vazios. Quando Maris chegou, havia uma mesa cheia de alunos que não iam competir, e Sena sentara à mesa vizinha, e falava animadamente com Sher, Leya e Kerr. S'Rella e Val estavam sozinhos na terceira mesa.

Maris esperou que Damen enchesse o prato dela com o cozido de peixe, depois pegou um copo de vinho branco e foi se juntar aos dois.

– Como está a comida? – perguntou ela, sentando-se de frente para Val.

Ele olhou para ela com expressão neutra, e ela não conseguiu ler nada nos seus grandes olhos escuros.

– Excelente – respondeu ele. – Mas mesmo na Lar Aéreo nunca tivemos motivo de queixa da comida. Voadores comem bem. Mesmo os com asas de madeira.

S'Rella, sentada ao lado dele, separou no prato um pedaço de barbatana de peixe com ar indiferente.

– Isso aí não está lá muito bom – disse ela. – Damen sempre faz a comida ficar meio sem graça. Você devia estar aqui quando *eu* cozinho, Val. A comida do Sul leva um monte de tempero.

Maris riu.

– Tempero demais, se você quer saber minha opinião.

– Não estou falando do tempero – explicou Val. – Estou falando da comida. Esse cozido tem quatro ou cinco tipos diferentes de peixe, e pedaços de legumes, e eu acho que puseram vinho no molho. Tem muito peixe, e não achei nenhum pedaço que estivesse rançoso. Só voadores e Senhores da Terra e comerciantes ricos iam poder criticar uma comida como essa.

S'Rella pareceu ofendida. Maris franziu o cenho e deixou sua faca na mesa.

– A maioria dos voadores come coisas simples, Val. Não podemos nos permitir muita gordura.

– Bem, já me serviram peixe que fedia, e já comi cozido de peixe que não tinha peixe algum – comentou Val, tranquilo. – Cresci comendo restos dos pratos de voadores. Ficaria feliz se tivesse que passar o resto da minha vida comendo as *coisas simples* que os voadores comem. – Havia uma dose infinita de sarcasmo na maneira como ele disse a palavra *"simples"*.

Maris corou. Os pais verdadeiros dela não eram ricos, mas seu pai havia pescado nos mares de Amberly e eles sempre tiveram comida suficiente. Depois que ele morreu, quando ela foi adotada pelo voador Russ, sempre teve o suficiente de tudo. Ela tomou um pouco do seu vinho e mudou de assunto.

– Queria falar com você sobre seus giros, Val.

– Ah, é? – Ele engoliu seu último pedaço de peixe e deslizou o prato vazio para o lado. – Estou fazendo algo errado, voadora? – A voz dele era tão neutra que Maris achou difícil dizer se havia sarcasmo ainda nela ou não.

– Errada, não, mas imprecisa. Quando você tem que escolher, noto que sempre prefere pegar vento descendente. Por quê?

Val deu de ombros.

– É mais fácil.

– Sim – concordou Maris. – Mais fácil, mas não é melhor. Você vai sair de um giro num vento descendente com mais velocidade, mas ele também vai exigir mais espaço. E você tende a rolar mais quando gira com vento descendente, particularmente em ventos de altas altitudes.

– O giro com vento ascendente é difícil de fazer nos ventos altos – argumentou Val.

– Ele requer maior força – concordou Maris –, mas você precisa melhorar a sua força. Você não deve evitar as dificuldades. Um hábito assim, de girar sempre nos

ventos descendentes, pode parecer inofensivo, mas chega uma hora em que você *precisa* girar com vento ascendente, e tem que ser capaz de fazer isso bem.

A expressão de Val era reservada como sempre.

– Entendo.

Encorajada, Maris levantou um assunto mais delicado.

– Tem outra coisa. Vi que hoje você usou sua faca de novo durante a prática.

– Sim.

– Da próxima vez, não faça isso. Acho que você não entendeu. Não importa o que a faca significa para você, essa é uma questão que diz respeito à lei do voador. Não se usam lâminas no céu.

– Lei do voador – repetiu Val friamente. – Diga-me, quem deu aos voadores o direito de fazer leis? Por acaso temos leis dos fazendeiros? Ou leis dos sopradores de vidro? Os Senhores da Terra é que fazem as leis. As únicas leis. Quando meu pai me deu essa faca, ele me disse para nunca me afastar dela. Mas acabei deixando-a de lado durante o ano em que tive minhas asas. Obedeci à sua lei do voador. E isso só serviu para me envergonhar. Eu ainda era o Uma-Asa. Tudo bem, eu era um menino na época, e ainda muito intimidado pela lei do voador, mas não sou mais um menino. E decidi usar minha faca.

S'Rella olhou-o espantada.

– Mas, Val, como você pode não observar a lei do voador se pretende ser um voador?

– Nunca disse que pretendia ser um voador – retrucou Val. – Só disse que pretendo conseguir asas e voar. – Os olhos dele se moveram de Maris para S'Rella. – E você, S'Rella, também não está se tornando uma voadora, mesmo que ganhe o desafio. Lembre-se disso, se vier a acontecer. Você será o que eu fui, apenas uma garota uma-asa.

– Isso não é verdade! – irritou-se Maris. – Não nasci de pais voadores, mas apesar disso os voadores sempre me aceitaram.

– Tem certeza? – disse Val. Ele deu um sorriso leve, irônico, e se levantou do banco. – Vocês vão me dar licença, mas preciso descansar. Amanhã tenho que praticar meus giros com vento ascendente, e vou precisar de toda a minha força para isso.

Depois que ele saiu, Maris inclinou-se sobre a mesa para pegar a mão de S'Rella, mas a menina olhou para ela chateada e levantou-se.

– Preciso ir embora também.

E Maris ficou sozinha. Ficou lá um tempão, pensando, e só quando Damen se aproximou dela é que percebeu que ainda estava na metade do prato.

– Todos já foram embora – avisou ele, gentilmente. – Não vai terminar de comer, Maris?

– Ah, sim – respondeu ela –, quer dizer, não, desculpe. Acho que me distraí e deixei a comida esfriar. – Ela sorriu e ajudou Damen com os pratos, e depois arrumou um pouco a sala de convivência e saiu pelos úmidos corredores de pedra procurando o quarto de Val.

Ela conseguiu encontrá-lo depois de apenas uma curva errada, e sua raiva crescia conforme ela caminhava; estava determinada a esclarecer as coisas com Val. Mas foi S'Rella quem atendeu à sua batida impaciente na porta.

– O que faz aqui? – perguntou Maris, surpresa.

S'Rella hesitou, tímida e insegura. Mas a voz de Val veio lá de dentro do quarto.

– Ela não precisa explicar isso – respondeu ele.

– Não, é claro que não – concordou Maris, embaraçada. Percebeu que não tinha o direito nem de perguntar. Encostou a mão no ombro de S'Rella. – Desculpe. Posso entrar? Preciso conversar com Val.

– Deixe-a entrar – disse Val. S'Rella sorriu para Maris de modo hesitante e abriu a porta.

Como os demais quartos da academia, o de Val era pequeno, úmido e frio. Ele havia acendido o fogo na lareira para espantar um pouco o gelo, mas até aquele momento o sucesso da manobra fora apenas parcial. Maris percebeu o quanto o quarto estava vazio, sem nenhum dos toques e objetos pessoais que poderiam dar ao visitante alguma ideia de quem era a pessoa que habitava o lugar.

Val estava no chão em frente à lareira, fazendo flexões de peito. Ele jogara sua camisa em cima da cama e estava se exercitando de peito nu.

– E então? – Ele não diminuiu o ritmo.

Maris observava perplexa, impressionada com o que via. As costas de Val estavam todas cobertas de riscos e pequenas cicatrizes brancas, marcas deixadas pelas surras que ele havia levado muito tempo atrás. Teve de se esforçar para desviar os olhos e conseguir lembrar por que viera.

– Precisamos conversar, Val.

Ele ficou saltitando no lugar, sorrindo para ela e respirando forte.

– Me passe a camisa, S'Rella – pediu ele. Em seguida, depois de vesti-la: – Sobre o que você quer conversar? – Seu cabelo, agora solto, caía nos ombros como uma cascata cor de ferrugem, atenuando a severidade do seu rosto e dando-lhe um aspecto peculiarmente vulnerável.

– Posso me sentar? – perguntou Maris. Val apontou para a única cadeira disponível no quarto, e quando Maris se sentou ele se acomodou num banquinho baixo sem encosto, perto do fogo. S'Rella sentou na beirada da estreita cama. –

Gostaria que parássemos com esse joguinho, Val – resumiu Maris. – Temos um monte de trabalho para fazer juntos.

– O que faz você pensar que eu estou jogando? – perguntou ele.

– Ouça – disse ela. – Percebo que você está magoado com os voadores. Eles fizeram de você um exilado, puseram-lhe um apelido ofensivo, ridículo, e o despojaram de suas asas, talvez de modo injusto, com aqueles múltiplos desafios. Mas se você deixar que isso envenene para sempre seus sentimentos em relação a todos os voadores, é você quem vai sair perdendo. Se recuperar suas asas na competição, você irá viver com voadores, competir com eles e se associar a eles pelo resto da vida. Se não permitir que eles sejam seus amigos, então você não terá amigos. É isso o que você quer?

Val ficou impassível.

– O Santuário dos Ventos tem muita gente, e só algumas pessoas são voadores. Ou os confinados à terra não contam para você?

– Por que você parece tão determinado a alimentar ódio? Você não perde tempo para fazer inimigos. Talvez sinta que os voadores agiram errado com você, e talvez esteja certo. Mas nas brigas é raro só um dos lados ter razão. Tente entender isso. O que você fez com Ari tampouco estava isento de erros. Se você quer ser perdoado por isso, então perdoe os voadores pelo que lhe fizeram. Aceite e será aceito.

Val deu um sorriso amarelo.

– O que faz você achar que eu quero ser aceito? Ou perdoado? Não fiz nada que exija que eu seja perdoado. Eu desafiaria Ari de novo. Infelizmente, ela não está disponível este ano.

Maris de repente ficou sem fala de tanta raiva.

– Val – disse S'Rella, bem baixinho, chocada. – Como é que você pode falar assim? Ela se matou.

– Confinados à terra morrem todos os dias – respondeu Val, a voz um pouco mais suave agora. – Alguns deles também se matam. Ninguém cria caso por causa disso, ou compõe canções ou quer vingar seus esquálidos pequenos suicídios. Você tem que se proteger, S'Rella, ficar sempre de olho. Meus pais me ensinaram isso. Ninguém mais vai fazer isso por você. – Seu olhar voltou-se para Maris. – Conheci seu irmão, sabia? – disparou ele, de repente.

– Coll? – disse Maris, surpresa.

– Ele visitou Arren do Sul há sete anos, quando estava a caminho das Ilhas Exteriores. Havia outro cantor com ele, um homem mais velho.

– Barrion, o mentor de Coll.

– Eles ficaram uma semana ou duas por lá, cantando nas tabernas do cais, esperando algum navio para levá-los mais para o leste. Foi a primeira vez que ouvi

falar de você, Maris de Amberly Menor. Você foi minha heroína por um tempo. Seu irmão canta uma canção muito bonita que fala de você.

– Sete anos atrás – observou Maris. – Deve ter sido logo após o Conselho.

Val sorriu.

– Foi o primeiro Conselho de que ouvíamos falar. Eu tinha uns doze anos, quase a idade em que um filho de voador ganha suas asas, mas, é claro, não tinha qualquer expectativa disso. Até que seu irmão veio à minha ilha e cantou sobre você e seu Conselho e suas academias. Quando a Lar Aéreo abriu, alguns meses depois, fui um dos primeiros alunos. Ainda adorava você na época, por ter tornado tudo aquilo possível.

– E o que aconteceu depois?

Val deu meia-volta em seu banquinho, estendendo as mãos em direção ao fogo.

– Fui me desiludindo. Eu achava que você havia aberto o mundo a todos, quando antes ele pertencia apenas aos voadores. Senti muita afinidade por você. Fui ingênuo.

Ele se virou de novo, e Maris começou a se incomodar com o olhar intenso, acusador, que recebia dele.

– Achei que éramos parecidos – continuou ele. – Achei que você queria uma abertura em relação àquela sociedade podre dos voadores. Descobri que eu estava equivocado. Tudo o que você queria era fazer parte daquela coisa toda. Você queria a fama e o status e a riqueza e a liberdade, você queria festejar em Eyrie com os demais e olhar com superioridade para aqueles confinados à terra que chafurdavam na lama. Você passou a apoiar aquilo que eu desprezo. A ironia disso, no entanto, é que você não consegue ser uma voadora, não importa o quanto deseje isso. Não mais do que eu consigo ser um voador, ou S'Rella aqui, ou Damen, ou qualquer um deles.

– Sou uma voadora – afirmou Maris, tranquila.

– Eles deixam você achar que é – retrucou Val –, porque você fez muita força para se enquadrar, para ser *igualzinha a eles*. Mas nós dois sabemos que eles não confiam realmente em você, nem aceitam você como aceitam alguém que seja um deles. Você tem suas asas, mas ainda é suspeita, não é? Quer você admita isso ou não, você foi a primeira uma-asa, Maris.

Maris se ergueu. Aquelas palavras a deixaram furiosa, mas ela não queria explodir com Val, ou perder sua dignidade brigando com ele na frente de S'Rella.

– Você está equivocado, – pronunciou as palavras tão calma e tranquila quanto conseguia ser. No entanto, logo em seguida viu que não tinha argumentos para refutá-lo. – Sinto muito por você, Val – continuou. – Você odeia os voadores e sente desprezo pelos confinados à terra. Por todo mundo que não seja você. Não quero seu respeito ou sua gratidão. Não são só os privilégios da sociedade dos voadores que

você rejeita, são as responsabilidades também. Você é totalmente egoísta, autocentrado. Se não tivesse prometido a Sena, eu não faria mais nada para ajudá-lo a conseguir suas asas. Boa noite.

Ela saiu do quarto. Val não se mexeu nem a chamou de volta. Mas assim que a porta se fechou atrás dela, ouviu-o comentar com S'Rella, num tom neutro:

– Está vendo?

E aquela noite o sonho voltou, e Maris girou e lutou e acordou com a roupa de cama enrolada nela, molhada de suor. Havia sido pior que das outras vezes. Ela sonhou que caía, caía infindavelmente pelo ar parado, e em volta dela havia outros voadores, subindo em suas asas de prata e observando, e nenhum deles se mexeu para ajudá-la.

Dia após dia, a prática continuou.

Sena ficava cada vez mais áspera, intensa e impaciente, e comandava tudo como um Senhor da Terra tirânico. Damen aprimorou seus giros e todo dia ouvia longas preleções sobre como voar usando a cabeça e não apenas os braços. S'Rella trabalhou decolagens, pousos e acrobacias, prestando atenção à graciosidade de movimentos para combiná-la com a sua grande energia. Sher e Leya, já mais graciosas, ficaram no ar horas seguidas a cada treino, nos altos ventos, buscando melhorar a resistência. Kerr trabalhou tudo isso.

E Val Uma-Asa fez o que quis. Maris o observava de longe, assim como observava os demais, e falou pouco. Respondia às perguntas que ele fazia, dava algum conselho nas raras ocasiões em que ele pedia, e tratava-o sempre com uma cortesia distante, cautelosa.

Sena, totalmente absorta no voo de seus protegidos, não percebeu nada disso, mas os alunos da Asas de Madeira captaram os sinais de Maris, e tinham a precaução de manter distância de Val. Ele também contribuiu para o processo, pois tinha uma língua afiada e nenhum receio de fazer inimizades. Uma vez, disse na cara de Kerr que ele era um caso perdido, deixando o garoto num surto de mau humor, e zombou o tempo inteiro do orgulhoso e obstinado Damen, derrotando-o seguidas vezes em disputas informais. Os alunos, liderados por Damen e Liane e uns poucos mais, logo passaram a chamar Val de "Uma-Asa" abertamente. Mas se isso o incomodava, ele não deu a menor dica.

O isolamento de Val não era exatamente total. Se os outros o evitavam, pelo menos ele contava com S'Rella. Ela era mais do que apenas educada com Val: procurava-o a toda hora, pedia conselhos, comia com ele, e sempre, quando Sena formava pares de alunos para disputarem corridas, S'Rella era a primeira a querer desafiar Val.

Maris via sentido nas escolhas de sua aluna, considerando que confrontar sua habilidade com as de um voador mais forte ia ajudá-la a aprender e superar suas fraquezas mais depressa. E S'Rella, como Maris já sabia, estava determinada a ganhar suas asas aquele ano. Havia também outras razões, menos práticas, pelas quais S'Rella se sentia atraída por Val. A tímida garota do Sul tinha sempre se sentido um pouco deslocada entre os Asas de Madeira, todos eles do Oeste. Ela cozinhava diferente, vestia-se diferente, usava um cabelo diferente, falava com um leve sotaque, até seus relatos eram diferentes quando os alunos se reuniam para trocar histórias. Val Uma-Asa, do Leste, também vivia deslocado, e era natural, Maris refletia, que os dois pássaros esquisitos voassem juntos.

Mesmo assim, Maris sentia-se desconfortável ao ver os dois conversando. S'Rella era jovem e impressionável, e Maris não queria que a garota adotasse as ideias de Val. Além disso, uma associação tão próxima com o Uma-Asa tornaria a garota malvista entre os demais voadores, e S'Rella era vulnerável o suficiente para ficar magoada por isso.

Maris, no entanto, empurrou essas preocupações para o fundo da sua mente e decidiu não interferir. Agora não era hora de atritos pessoais; ela precisava treinar os Asas de Madeira para o que importava.

Ao final de cada dia de treino, Maris disputava corridas com cada aluno individualmente. No penúltimo dia antes da partida marcada para a competição, havia um vento forte, vindo do norte, e seu gume afiado parecia cortar os estudantes, todos eles tremendo de frio. Fazia mais frio a cada minuto.

– Não precisam esperar – disse Maris a eles. – Está frio demais para ficar aí fora. Depois da corrida, ajudem o aluno seguinte com as asas e podem voltar para dentro.

O exercício de voo manteve Maris aquecida, mas também a deixou exausta. Por fim, esgotada até os ossos e começando realmente a sentir a friagem, Maris viu que havia ficado sozinha no rochedo dos voadores com Val.

Os ombros dela caíram de desânimo. Não imaginou que ele fosse esperar. E disputar uma corrida com Val agora, com ele em forma e ela tão fatigada... Ela ergueu os olhos para o céu púrpura serpenteante e lambeu o sal seco do canto da boca.

– Está tarde para voar – concluiu ela. – Os ventos estão malucos e está escurecendo. Vamos fazer a corrida outro dia.

– Com esses ventos, a corrida será um desafio ainda maior – argumentou Val. Os olhos dele pousaram friamente nos dela, e Maris soube, com o coração apertado, que ele estivera esperando um longo tempo por aquele momento.

– Sena vai ficar preocupada – começou ela, sem muita firmeza.

– Tudo bem, disputar essas corridas com os Asas de Madeira deve ter deixado você exausta...

– Uma vez voei trinta horas direto, sem descanso – devolveu ela, ofendida. – Não é uma tarde de voo que vai me deixar exausta.

Ele sorriu zombeteiro; e Maris viu que havia caído na armadilha dele.

– Ponha suas asas – disse ela.

Maris não se ofereceu para ajudá-lo, mas ficou óbvio que ele estava acostumado a vestir as asas sem ajuda. Maris, sem fazer alarde, tentou recuperar um pouco da flexibilidade muscular com alguns exercícios, dizendo a si mesma que uma vitória dele, com ela cansada daquele jeito e os ventos tão caprichosos, não iria significar nada. E que ele devia pensar assim também.

– O de sempre? Duas vezes ida e volta?

Maris assentiu, olhando as ondas cinzentas e agitadas até o recife distante que todos eles usavam como marca. Quantas vezes ela voara até lá naquele dia? Trinta? Mais? Bem, não importava. Voaria as duas últimas vezes como se fossem as primeiras, porque seu orgulho fazia questão disso.

– Quem vai nos julgar? – perguntou ela.

Com um movimento brusco Val posicionou os dois últimos segmentos de suas asas no lugar.

– Nós vamos saber – respondeu ele. – É só isso que importa. Eu decolo primeiro. Você diz quando estiver pronta. Certo?

– Certo. – Ela observou Val dar alguns passos rápidos até a beira do rochedo e saltar. O corpo dele oscilou no meio dos ventos conflitantes, como um pequeno barco em águas agitadas, até que ele assumiu o controle, virado para a direita, e começou a subir.

Maris tomou fôlego e deixou sua mente esvaziar. Correu com leveza para a frente e deu impulso. Por um breve instante, caiu. Depois, suas asas capturaram os ventos e ela flutuou para cima. Foi sem pressa até a altitude de Val, subindo numa espiral irregular, precisando daqueles poucos momentos para retomar a sensação de voar e para que seu corpo cansado soubesse a melhor maneira de usar os ventos.

Quando chegou onde Val estava, os dois circularam cautelosamente, um em volta do outro, empenhando-se para manter suas posições no meio dos ventos incessantes. Os olhos dela encontraram os dele, mas ela desviou o olhar, para a frente, em direção ao recife.

– Pronto?... Já – gritou ela, e ambos partiram.

Os ventos eram fortes, porém turbulentos, com o vento norte predominante interrompido por rajadas de direções diferentes. O céu a leste era uma massa de nuvens escuras, altas formações que prenunciavam tempestade. Maris olhou-as com certo desconforto e começou a subir de novo, procurando um vento mais rápido e estável nas alturas. Não parava de lutar para conseguir manter o curso, considerando

que as rajadas a empurravam para lá e para cá, exigindo atenção constante e frequentes giros e correções. Não podia se permitir qualquer desvio maior.

Embora não ficasse procurando por ele, a toda hora via Val. Às vezes, ele voava abaixo dela, mas com maior frequência estava ao lado, numa proximidade desconcertante. Voava bem, e não ajudou nada Maris refletir que ele estava usando os conselhos que ela lhe dera. *Não vai ser nem fácil nem simples derrotá-lo*, pensou.

Então, Val disparou à frente.

Um choque de adrenalina percorreu Maris e ela lançou seu corpo para a esquerda, pegando o vento mutante que havia dado a Val aquele impulso. Eles podiam chamá-lo de Uma-Asa, mas ele sabia usar bem as duas no ar. Depois de disputar tantas corridas contra os Asas de Madeira, Maris ficara mais lenta. Suas reações estavam entorpecidas.

À frente dela, quase a seu alcance, as asas de Val passaram em volta da ponta do recife. Maris percebeu que ele fez o giro aproveitando o vento descendente, numa volta ampla e oscilando só um pouco, mas recuperando velocidade no giro. E então ficou apontado de novo na direção do rochedo.

Determinada a ultrapassá-lo, Maris voou perigosamente perto do recife. A extremidade de sua asa roçou na ponta da pedra e esse leve toque jogou-a de lado, fazendo-a perder o equilíbrio por um momento crucial. Ela deslizou para baixo, entortou, perdeu o vento, perdeu altura, o coração pulsava na garganta, até que, por fim, recuperou o controle. Val aumentara sua vantagem. Ela apenas se sentiu grata por ele não ter visto a trapalhada dela.

Maris perdera altitude, mas pegou um forte vento ascendente acima dos rochedos e de repente subia de novo. Voava temerariamente, pensando apenas na necessidade imediata de velocidade. Procurando ventos, fez vários desvios até encontrar uma corrente estável que ela pudesse aproveitar.

A corrente aproximou-a de Val, mas Maris estava tão empenhada em ultrapassá-lo que nem percebeu que já se aproximava da terra e, subitamente, foi tragada por um derrubador, um bolsão de ar frio que parecia uma mão gelada puxando-a para baixo. Val, ao contrário, conseguiu de algum modo passar incólume por esse bolsão, achou alguma ascendente impossível que o jogou para cima e mais para a frente ainda, enquanto Maris controlava sua descida abrupta e inclinava-se para se livrar do empuxo para baixo. Ele circulou acima da fortaleza, avaliando os ventos pela fina fumaça que subia das chaminés da academia, e já estava voltando de novo, cada vez mais alto, antes de Maris ter terminado sua manobra de recuperação.

É *como se o próprio céu estivesse a favor de Val essa noite*, pensou Maris, ressentida, ao fazer a volta. Os ventos aprontavam com ela e a faziam cair, com rajadas imprevisíveis toda vez que ela tentava montá-los, mas deixavam Val voar neles livremente. Val parecia quase não ter consciência da perigosa incerteza dos

ventos, e de algum modo conseguia encontrar, no meio das constantes mudanças de direção, o vento seguro e fluente no qual podia deslizar.

Maris percebeu então que havia perdido a corrida. Val estava bem alto, acima dela, ciente de que a altitude quase sempre implica maior velocidade. E ela levaria tempo para alcançar a altitude dele, mesmo que encontrasse os ventos de que precisava para chegar lá. Maris tentou diminuir a vantagem entre os dois, mas a luta contra as rajadas irregulares esgotara suas forças, e o fato de saber que já era tarde demais acabou tirando o ânimo de seus esforços. Val perdeu algum tempo para conseguir descer e pousar, mas ainda assim passou por cima do rochedo a segunda e última vez com mais que uma envergadura de asas à frente dela. Claramente vencera.

Maris estava esgotada demais pelo voo para conseguir sorrir para ele quando os dois desceram na areia macia da pista de pouso, e deprimida demais para fingir que aquilo que não tinha tido importância. Em silêncio, retirou as asas dela o mais rápido que pôde, com as mãos dormentes escorregando a toda hora e remexendo inutilmente as amarras das asas. Por fim, ainda sem nenhuma palavra trocada entre os dois, Maris jogou as asas por cima do ombro e tomou o caminho da desgastada fortaleza.

Val bloqueou-lhe a passagem.

– Não vou contar a ninguém.

Ela ergueu a cabeça de um tranco e sentiu as bochechas ficarem quentes e vermelhas de vergonha.

– Não me interessa o que você vai dizer, a respeito de seja lá o que for, e para quem quer que seja!

– Como assim? – O tímido sorriso dele fez com que ela se sentisse ridícula, e percebesse como haviam soado vazias aquelas suas palavras. Era óbvio que ela se importava, e muito, com aquilo.

– Não foi uma prova justa! – estourou ela, e na mesma hora se arrependeu daquela queixa impotente, infantil.

– Não foi – concordou Val, com um tom suficientemente neutro para não dar nenhuma pista a Maris se havia nele alguma ironia ou não. – Você passou o dia inteiro voando, enquanto eu estava bem descansado. Eu nunca poderia ter ganhado de você se ambos estivéssemos bem descansados. Nós dois sabemos disso.

– Já perdi outras vezes – devolveu Maris, fazendo muita força para controlar suas emoções. – Isso não me incomoda.

– Eu sei. Tudo bem. – Ele sorriu de novo.

Maris deu de ombros, irritada, sentindo as asas arranhando suas costas.

– Estou muito cansada. Por favor, me desculpe.

– Com certeza. – Val saiu do caminho dela e Maris foi embora quase se arrastando, atravessou a areia, fatigada, e começou a subir os degraus cobertos de musgo que levavam à entrada da fortaleza. Mas ao chegar ao alto, algum impulso a fez hesitar e virar-se antes de se enfiar lá dentro.

Val não a havia seguido. Ainda estava de pé na areia, aquela figura solitária e esquelética ao anoitecer, com suas asas dobradas negligentemente caindo de um dos ombros. Olhava o mar, e um falcão planava em círculos contra as nuvens do pôr do sol.

Maris tremeu de frio e entrou.

A competição anual era um evento festivo de três dias. Nos primeiros tempos, eram só competições e bebida, e não havia nada em jogo, exceto o orgulho. Naqueles dias, tratava-se de um evento menor, realizado tradicionalmente em Eyrie. Mas desde que o sistema de desafios fora instituído havia sete anos, a participação dos voadores aumentara bastante e houve necessidade de transferir a competição para as ilhas.

Os Senhores da Terra disputavam isso com avidez, doando instalações e trabalho. Eram umas férias para seu povo, e atraíam uma multidão de visitantes de outras ilhas com moedas de metal. Os confinados à terra tinham poucos espetáculos como esse, e os voadores eram ainda personagens de romance e aventura para muitos deles.

Este ano as competições seriam realizadas em Skulny, uma ilha de porte médio a nordeste de Pequena Shotan. A Senhora da Terra de Seatooth havia fretado um navio para Sena e os Asas de Madeira, e um mensageiro corredor acabara de trazer a notícia de que o navio estava a postos no único porto da pequena ilha. Eles partiriam com a maré da noite.

– Partir à noite – resmungou Sena, tomando assento ao lado de Maris no café da manhã. – É pedir para arrumar confusão.

Kerr levantou os olhos do seu mingau.

– Bem, mas temos que partir na maré alta – observou, bem sério. – É por isso que saímos à noite.

Sena olhou para ele de mau humor com seu olho bom.

– Você entende muito de navegação, não é?

– Sim, senhora. Meu irmão Rac é capitão de um navio comercial, um daqueles grandes três-mastros, e meu outro irmão é marinheiro também, embora seja apenas auxiliar numa balsa do canal. Antes de vir para a Asas de Madeira, pensei também em ser marinheiro. É a coisa mais próxima que existe de voar.

Sena estremeceu.

– É como voar sem controle, é como voar com pessoas arrastando você mar

adentro, como voar às cegas, sim, navegar é isso.

Ela falou alto o suficiente para todo mundo ouvir, e houve uma risada geral na sala. Kerr ficou vermelho e se concentrou na sua cumbuca.

Maris olhou para Sena, solidária, mas evitou rir de Kerr. Sena, embora há anos aterrada, nunca perdera o medo quase supersticioso que os voadores tinham de viajar no mar.

– Quanto tempo vai levar? – perguntou Maris.

– Bem, eles dizem que se os ventos ajudarem demora uns três dias, com uma parada em Stormtown. Mas que diferença faz? Ou a gente chega lá, ou todo mundo se afoga. – A professora olhou para Maris. – Vai voar para Skulny hoje?

– Vou.

– Bom. – Sena estendeu a mão para pegar Maris pelo braço. – Então, nem todo mundo precisa se afogar. Temos dois pares de asas para usar na competição. Seria absurdo levá-las de barco conosco...

– De navio – interveio Kerr.

Sena olhou para ele.

– De barco ou de navio, seria absurdo. Podemos igualmente colocá-las em atividade. Você não levaria dois dos alunos com você? Um voo longo pode ser um bom treino.

Maris olhou pela extensão da mesa e viu como todos que haviam ouvido aquilo tinham ficado de repente em silêncio. Nenhuma colher se ergueu, nenhum maxilar se mexeu enquanto aguardavam a resposta dela.

– É uma ótima ideia. – Maris sorriu. – Vou levar S'Rella comigo e... – Ela hesitou, enquanto decidia quem escolher.

Duas mesas depois, Val largou a colher na mesa e se levantou.

– Eu vou.

Os olhos de Maris cruzaram com os dele na sala.

– S'Rella e Sher ou então Leya – disse ela, teimando. – Elas precisam desse tipo de voo mais do que os outros.

– Então, eu fico com Val – disse S'Rella baixinho.

– E eu prefiro ir com Leya – acrescentou Sher.

– Os dois que irão voando são S'Rella e Val – disse Sena, irritada. – E não se fala mais nisso. Se o resto de nós morrer no mar, eles terão a melhor chance de se tornarem voadores e honrar nossa memória. – Ela pôs de lado sua cumbuca de mingau e virou-se para o outro lado do banco. – Agora, preciso ir ver nossa patrocinadora, a Senhora da Terra, e passar um tempo sendo bem obsequiosa com ela. Vejo vocês de novo antes que partam para Skulny.

Maris mal ouviu o que ela disse; os olhos dela ainda estavam grudados nos de Val. Ele deu um sorriso amarelo e saiu da sala atrás de Sena. S'Rella saiu logo depois.

Kerr estava falando com ela, Maris percebeu, de repente. Ela se obrigou a prestar atenção e sorriu para ele.

– Desculpe, não ouvi o que você disse.

– Não é tão perigoso assim – dizia ele, tranquilo – ir daqui até Skulny pelo mar. São apenas alguns quilômetros de mar aberto, quando o navio vai de Pequena Shotan até Skulny. A maior parte do tempo a gente vai acompanhando o litoral das Shotans, sem nunca perder de vista a terra. E os navios não são tão frágeis como ela imagina. Sei bastante a respeito de navios.

– Tenho certeza que sim, Kerr – disse Maris. – Sena está apenas pensando como voadora. Quando você experimenta a liberdade de ter suas próprias asas, é duro viajar por mar e confiar sua vida àqueles que manejam as velas e a cana do leme.

Kerr mordeu o lábio.

– Acho que entendo – disse ele, sem muita convicção. – Mas se os voadores todos pensam assim, eles não conhecem bem o assunto. Não é tão perigoso como ela diz. – Satisfeito, ele voltou ao seu café da manhã.

Maris foi ficando mais pensativa enquanto comia. Kerr estava certo, ela percebeu com uma vaga sensação de desconforto: os voadores muitas vezes eram limitados demais na sua maneira de pensar, julgando todo mundo a partir de sua própria perspectiva. Mas a ideia de que a condenação abrangente que Val fazia deles pudesse ser de algum modo justa perturbava-a mais do que ela estava disposta a admitir.

Mais tarde ela foi procurar S'Rella e Val. Eles não estavam nos seus quartos, nem em qualquer outro dos lugares óbvios, e ninguém parecia saber para onde haviam ido depois que saíram da sala de convivência. Maris rodou pelos escuros e frios corredores até ficar totalmente perdida, fazendo suas escolhas de virar para a direita ou para a esquerda dependendo se havia ou não tochas para iluminar seu caminho nos suportes das paredes.

Ela já estava pensando em gritar por ajuda, e riu dela mesma por ser tão incompetente em recintos fechados, quando ouviu, bem fraquinho, o som de vozes, e apertou o passo. Mais uma curva para a direita e ela os encontrou, sentados juntos, num beco sem saída, próximos a uma janela que dava para o mar. Havia algo no jeito com que eles se inclinavam um na direção do outro que traduzia certa intimidade, e isso deixou Maris um pouco de mau humor.

– Procurei vocês por toda parte – disse Maris, de modo ríspido.

S'Rella afastou-se um pouco de Val virando de lado e se levantou.

– O que foi? – perguntou, ansiosa.

– Vamos voar para Skulny, vocês sabem – lembrou Maris. – Vocês podem estar prontos em uma hora? Qualquer coisa que quiserem levar podem empacotar e deixar com a Sena.

– Posso me aprontar num minuto – disse S'Rella, e seu sorriso abrandou a irritação de Maris. – Fiquei tão feliz quando você falou meu nome, Maris. Você não imagina o que isso significa para mim. – Com o rosto iluminado, ela avançou e abraçou Maris.

Maris acariciou suas costas.

– Acho que eu imagino, sim. Bem, agora vá e se apronte.

S'Rella deu um tchauzinho para Val e foi. Maris observou-a ir embora, e então se voltou para Val e hesitou.

Val ainda estava olhando para o túnel por onde S'Rella havia sumido, sorrindo, mas havia algo nele... o sorriso era real, Maris percebeu. Era isso. Ele estava sorrindo de modo carinhoso, e isso lhe conferiu o ar mais gentil, mais humano, que ela já vira nele até então.

Em seguida, os olhos dele se voltaram para ela, e o sorriso mudou, sutilmente, com uma leve torção nos cantos dos lábios, e agora que sorria para Maris o sorriso era cheio de desprezo e hostilidade.

– Eu não lhe agradeci por ter citado o meu nome – disse ele irônico. – Fiquei tão feliz quando você disse que eu podia voar com você...

– Val – Maris tinha um ar cansado –, a gente pode não gostar um do outro, mas temos um longo voo a fazer juntos. Você podia ao menos tentar ser educado. Não zombe de mim. Pode empacotar suas coisas?

– Nunca desempacotei minhas coisas – respondeu ele. – Vou dar minha mochila para Sena e levar minha faca. É a única coisa que me importa. Não se preocupe, eu estarei pronto. – Ele hesitou. – E não vou incomodá-la em Skulny. Quando pousarmos, vou encontrar meu próprio alojamento. Justo, não é?

– Val – começou Maris. Mas ele havia se virado e estava olhando fixo pela pequena janela, para o céu nublado, em movimento, o rosto com uma expressão fria e fechada.

Sena levou os outros até o rochedo de decolagem, para verem Maris, S'Rella e Val partindo. Todos estavam na maior animação, rindo e fazendo brincadeiras, disputando entre eles o privilégio de ajudar Maris e S'Rella com as asas. Havia um clima de alegria louca e irrequieta que era contagiante. Maris sentiu que seu próprio ânimo melhorava, e pela primeira vez ficou ansiosa pelas competições.

– Desgrudem deles, desgrudem deles! – gritava Sena, rindo. – Como é que eles vão conseguir voar com esse monte de gente grudada nas suas asas?

– Seria ótimo se pudessem – murmurou Kerr. Ele apertava seu nariz, que ficara vermelho de frio naquele vento.

– Você terá sua chance – disse S'Rella, soando um pouco defensiva.

– Ninguém está ressentido por você ter sido escolhida – disse Leya rapidamente.

– Você é a melhor de nós – completou Sher.

– Pronto, agora chega – disse Sena, colocando um braço no ombro de Leya, o outro no de Sher. – Agora vão. Vamos nos despedir, e nos vemos de novo em Skulny.

Maris virou-se para S'Rella e viu que a moça estava olhando fixo para ela, com o corpo todo tensionado e pronta para o seu menor sinal. Então, ela se lembrou dos seus primeiros voos, quando ainda não acreditava direito que podia ter asas que fossem dela, e colocou a mão no ombro de S'Rella, gentilmente.

– Vamos ficar os três juntos o tempo todo e manter a calma. Vamos deixar as façanhas para as competições, porque agora é importante nos concentrarmos em fazer um voo constante. Esta será uma viagem longa para vocês, eu sei, mas não se preocupem com isso, vocês têm energia suficiente para o dobro dessa distância. É só relaxar e confiar. Estarei o tempo todo de olho, mas, na realidade, vocês nem vão precisar de mim.

– Obrigada – disse S'Rella. – Vou fazer o melhor possível.

Maris assentiu e fez um sinal, e então Damen e Liane vieram desdobrar as asas para ela, segmento por segmento, deixando o tecido prateado bem esticado até que as asas se estendessem seis metros. Assim, Maris partiu, saltando do rochedo, acompanhada por um coro de adeus e votos de boa sorte, mergulhando no fluxo frio e constante daquele vento com leve aroma de chuva. Fez um círculo e observou a decolagem de S'Rella, tentando avaliá-la como se S'Rella estivesse competindo.

Não havia dúvida, S'Rella melhorara muito nos últimos tempos. Não estava mais desajeitada e não hesitava mais na beirada, saltando da fortaleza de modo claro e avaliando bem os ventos, de modo a subir quase instantaneamente.

– Não acredito mais de jeito nenhum que suas asas sejam de madeira! – gritou Maris para ela.

Então as duas ficaram balançando pelo céu em círculos impacientes, cada vez mais amplos, esperando por Val.

Ele ficara encostado à porta o tempo todo em que duraram as brincadeiras e preparativos, alheio a tudo aquilo, com o rosto indiferente e fechado. Já estava de asas, tendo-as atado sem ajuda de ninguém. Andou calmamente, atravessando o grupo de alunos e futuros voadores, e ficou de pé à beira do precipício, com metade

dos pés para fora. Com esforço, desdobrou os primeiros três segmentos, mas não os travou no lugar. Então deslizou os braços pelas presilhas, curvou-se, ajoelhou-se e se reergueu.

Damen chegou para ajudá-lo a desdobrar as asas, mas Val virou-se e disse algo rispidamente – Maris, circulando lá em cima, perdeu as palavras no vento –, e Damen afastou-se, confuso.

Então, Val riu e saltou.

S'Rella tremeu visivelmente no ar, e suas asas balançaram com seu susto. Maris ouviu um grito lá embaixo e também alguém soltando um palavrão.

Val caiu, o corpo reto como o de um mergulhador, sete metros, quinze...

E de repente não estava mais caindo... as asas surgiram do nada, reluzindo, brilhando seu branco prateado ao sol depois de se estenderem quase que por vontade própria. O ar gritava ao passar por elas, e Val capturou-o, girou e o cavalgou, e de repente estava voando, roçando as ondas a uma velocidade impossível, e subindo, escalando, elevando-se, fazendo as ondas e as pedras e a morte recuarem visivelmente embaixo dele, e Maris ouviu então o ressoar difuso de sua risada triunfante trazido pelo vento.

S'Rella perdera sustentação ao ficar parada olhando Val. Maris gritou alguns comandos e ela saiu daquele estado, balançando as asas em certo ângulo e inclinando-se de volta em direção à terra. Quando pairou acima da fortaleza, com sua rocha nua aquecida pelo sol, encontrou uma forte corrente ascendente e voltou a uma condição segura.

Lá embaixo, Sena xingava Val e sacudia sua bengala com fúria apoplética. Ele nem deu atenção. Subia cada vez mais alto, e dos Asas de Madeira no rochedo pipocava o som difuso dos aplausos.

Maris foi atrás dele, com seguidas inclinações, quebrando seu círculo, seguindo em direção ao mar. Val já estava à frente dela. Mas agora voava à vontade, deleitando-se com sua façanha.

Quando ela o alcançou, voando tão perto dele quanto ousava (acima e um pouco atrás e à direita), começou a gritar e a xingar, tomando palavrões emprestados do vocabulário mais extenso de Sena.

Val ficou rindo dela.

– Isso foi perigoso, desnecessário e imprudente! – gritava Maris. – Você podia ter se matado... um suporte meio emperrado... ou se tivesse dado um puxão mais fraco...

Val ainda ria.

– O risco é meu! – gritou ele de volta. – E não precisei dar nenhum puxão... estão equipadas com molas... melhor do que o Corvo.

– O Corvo era um imbecil! E já morreu faz tempo... O que você sabia do Corvo?

– Seu irmão cantou aquela música, também! – berrou Val, e depois se inclinou e mergulhou, afastando-se dela, cortando abruptamente a conversa.

Meio sem saber o que dizer, e não vendo mais sentido em perseguir Val, Maris começou a fazer círculos e a procurar S'Rella, que vinha algumas centenas de metros atrás e abaixo deles. Maris deslizou para baixo para se juntar a ela, tentando convencer seu coração aos pulos a se acalmar e seus músculos rígidos a relaxar, recuperando aos poucos a sensibilidade ao vento.

S'Rella estava branca de susto, e voando muito mal.

– O que foi que aconteceu? – gritou a garota quando Maris chegou perto. – Quase morri.

– Foi uma façanha – explicou Maris. – Um voador chamado Corvo costumava fazer isso. Val inventou uma versão particular.

S'Rella voou em silêncio por um tempo, pensando nisso, e então um pouco de cor foi aos poucos voltando ao seu rosto.

– Achei que alguém o havia empurrado! – gritou ela. – Uma façanha, então. Até que foi bonito.

– Bonito nada, foi demente! – gritou Maris de volta. E ficou horrorizada com o fato de S'Rella ter imaginado que algum de seus colegas teria sido capaz de atirar Val para a morte. *Sem dúvida, ele está exercendo influência sobre ela*, pensou, irritada.

O resto do voo, como Maris previra, foi fácil. Maris e S'Rella voaram bem perto uma da outra, e Val à frente, bem mais alto, preferindo a companhia dos pica-paus-verdes, ao que parecia.

Os ventos ajudavam, soprando os três de modo tão constante em direção a Skulny que eles praticamente não precisavam fazer nada além de relaxar e planar. Em alguns momentos, foi um voo maçante, mas Maris não se arrependeu. Eles bordejaram o litoral da Grande Shotan, vendo frotas de pesqueiros por toda parte nas proximidades das pequenas cidades portuárias, que traziam o máximo de peixe possível naquela trégua de tempestades. E viram Stormtown de lá de cima, com a grande baía no centro da cidade, moinhos de vento girando em todas as praias, uns quarenta ou cinquenta – S'Rella tentou contá-los, mas já os deixara para trás quando estava ainda na metade da contagem. E no mar aberto entre Pequena Shotan e Skulny, já quase ao pôr do sol, vislumbraram uma cila, com seu longo pescoço esgueirando-se da água verde-azulada com auxílio de suas fileiras de poderosas barbatanas agitando-se logo abaixo da superfície. S'Rella ficou encantada. Já ouvira falar de cilas na vida, mas esta era a primeira que via com os próprios olhos.

Chegaram a Skulny pouco antes do anoitecer. Conforme faziam círculos antes de pousar, puderam ver figuras lá embaixo colocando lanternas em mastros ao longo da praia, para guiar os voadores que chegassem mais tarde. O pequeno alojamento

próximo já estava iluminado e ativo: *As festas*, pensou Maris, *vão começar mais cedo este ano.*

Maris tentou fazer do seu pouso um exemplo para S'Rella, mas, enquanto ainda estava ajoelhada sacudindo a areia do cabelo, ouviu o baque de S'Rella no chão perto dela, e imaginou que a garota com certeza devia ter estado ocupada demais com o próprio pouso para perceber o quanto o pouso de sua professora havia sido desajeitado ou competente.

Exclamações de prazer e boas-vindas rodearam os voadores de repente. Mãos solícitas vieram em seu auxílio.

– Posso ajudar, voador? Deixe-me ajudar, por favor?

Maris percebeu uma mão forte, e ergueu o olhar até o rosto entusiasmado de um jovem com o cabelo revolto ao vento. Seu rosto estava vivo de prazer; ele fora lá pela glória de estar perto dos voadores, e provavelmente vibrava com a ideia da competição que estava para ser realizada na sua própria ilha.

Mas enquanto ele ajudava Maris com as asas dela – e outro garoto ajudava S'Rella – , de repente ouviu-se o som de asas contra asas, e outro baque, e Maris deu uma espiada e viu que Val chegara. Elas o haviam perdido de vista perto do anoitecer, e ela supôs que ele já teria pousado.

Ele ficou de pé, desajeitado, com as grandes asas prateadas balançando nas costas, e duas meninas se aproximaram dele.

– Posso ajudar, voador? – O refrão era quase um canto. – Posso ajudar, voador? – e colocaram suas mãos nas asas.

– Vão embora – cortou ele, com raiva na voz. As garotas deram um passo atrás, perplexas, e até Maris olhou. Val era sempre tão calmo e controlado; aquela explosão não era coisa dele.

– Só queríamos ajudar com as asas, voador – disse a mais corajosa das meninas.

– Vocês não têm amor-próprio? – perguntou Val. Ele desatava as asas sozinho, sem ajuda. – Não têm nada melhor para fazer do que ficar bajulando voadores que tratam vocês feito lixo? O que seus pais fazem?

A garota respondeu, timidamente:

– São curtidores, voador.

– Então vocês têm que aprender a curtir peles – disse ele. – É uma ocupação mais digna do que ficar adulando voadores. – Ele virou as costas à menina e começou a dobrar as asas cuidadosamente.

Maris e S'Rella já haviam se desvencilhado das suas.

– Aqui estão – disse o rapaz que ajudara Maris, oferecendo-lhe as asas, muito bem dobradas. De repente envergonhada, ela procurou no bolso e ofereceu ao garoto uma moeda de ferro. Ela sempre aceitara ajuda antes sem pagar nada, mas algo no que

Val dissera havia tocado num ponto sensível.

Mas o garoto simplesmente sorriu e recusou o dinheiro.

– Você não sabia? Dá boa sorte tocar nas asas de um voador. – E então ele foi embora, e Maris viu, conforme ele saiu correndo em direção aos seus companheiros, que a praia estava cheia de crianças. Andavam por toda parte, ajudando com os mastros, brincando na areia, esperando a oportunidade de ajudar algum voador.

Mas, olhando para elas, Maris pensou em Val, e ficou imaginando se não haveria outros na ilha que tampouco se emocionavam com os voadores e a competição, que ficavam em casa remoendo uma cara feia, ressentidos com aquela casta privilegiada que voava pelos céus do Santuário dos Ventos.

– Pode pegar suas asas, voadora – disse uma voz firme bem alto, e Maris olhou. Era Val, zombando. – Aqui estão. – Seu tom era normal, e ele ofereceu-lhe as asas que usara para voar. – Imagino que vai querer guardá-las em segurança.

Ela pegou as asas dele, e ficou com um par de asas em cada mão, desajeitada.

– Aonde você vai?

Val deu de ombros.

– Esta é uma ilha de tamanho razoável. Em algum lugar deve haver uma cidade ou duas, e uma taberna ou duas, e uma cama para dormir. Tenho algumas moedas.

– Se quiser, pode vir para o alojamento comigo e com S'Rella – sugeriu Maris hesitante.

– Posso? – repetiu Val, num tom de voz perfeitamente normal. Seu sorriso brilhou. – Seria uma cena interessante. Mais do que minha decolagem hoje, eu acho.

Maris franziu o cenho.

– Não me esqueci daquilo. S'Rella poderia ter se machucado, sabia? Ela ficou muito chocada com aquele salto estúpido seu. Eu devia...

– Acho que já ouvi isso antes – cortou Val. – Peço desculpas. – Então, virou as costas e foi embora, andando rápido pela praia com as mãos bem enfiadas nos bolsos.

Atrás dela, Maris ouviu S'Rella rindo e conversando com outros jovens, comentando com eles como havia gostado daquele seu primeiro voo longo. Quando Maris chegou perto, ela veio correndo e tomou sua mão.

– Como é que eu me saí? – Ela ofegava. – Como é que eu me saí?

– Você sabe que voou bem, só está querendo que eu a elogie um pouco, não é? – disse Maris, num tom meio a sério, meio brincando. – Mas, tudo bem, vou elogiar assim mesmo. Você voou como se nunca tivesse feito outra coisa na vida, como se tivesse nascido para isso.

– Eu sei – disse S'Rella timidamente. Depois riu de puro prazer. – Foi

maravilhoso. Não quero mais fazer outra coisa na vida!

– Sei como você se sente – comentou Maris. – Mas um descanso vai nos fazer muito bem agora. Vamos entrar e sentar perto do fogo e ver quem mais chegou cedo.

Mas quando ela se virou para ir, S'Rella recuou. Maris olhou para ela curiosa, e então compreendeu: S'Rella estava preocupada com o tipo de recepção que iria encontrar dentro do alojamento. Afinal, era alguém de fora, e com certeza Val teria enchido a cabeça da garota de histórias sobre a rejeição que ele sofrera.

– Bem – começou Maris –, você pode entrar também, a não ser que esteja a fim de voar de volta agora à noite. Eles vão ter que conhecer você em alguma hora.

S'Rella assentiu, ainda um pouco receosa, e subiram a rampa de seixos em direção ao alojamento.

Era um pequeno edifício de dois cômodos, de pedra branca macia, desgastada. A sala principal, bem iluminada e superaquecida por um fogo crepitante, estava barulhenta, cheia de gente, e não era muito atraente para quem havia passado tanto tempo na ampla solidão ao ar livre. Os rostos dos voadores pareciam confundir-se conforme Maris olhava em volta procurando algum amigo especial, sempre com S'Rella ao lado dela, nervosa. Elas dependuraram as asas nos ganchos ao longo das paredes, e começaram a avançar pela sala.

Um homem robusto, de meia-idade, com uma barba densa despejava algum líquido no imenso e aromático caldeirão de cozido dependurado sobre o fogo, e rugia insultos a alguém que pedia alimento. Algo chamou a atenção de Maris assim que passaram por ele, e com um pequeno choque de estranhamento ela reconheceu o cozinheiro com sobrepeso. Como é que Garth conseguira envelhecer e engordar tanto?

Ela estava se dirigindo até ele quando braços finos a abraçaram por trás, com intensidade, e ela captou o leve suspiro de uma fragrância de flores.

– Shalli – reconheceu ela, virando-se. Maris notou a barriga arredondada. – Não esperava ver você por aqui... ouvi dizer que estava gráv...

Shalli interrompeu-lhe os lábios com o dedo.

– Quieta. Já tive o bastante dessa conversa com Corm. E, digo mais, nosso pequeno voador precisa aprender a voar desde bem pequenino. Mas eu estou tomando cuidado, juro. Vim voando bem devagar, tranquila. Não podia perder isso! Corm queria que eu viesse de barco. Já imaginou? – O rosto bonito e inconstante de Shalli ia de uma expressão cômica a outra enquanto ela falava.

– Você não vai competir?

– Ah, não. Não seria justo, eu com esse lastro a mais! – Ela deu um tapinha na pequena saliência e riu. – Vim para ser jurada. E prometi a Corm que depois disso vou ficar em casa e ser uma boa mamãe até o bebê chegar, a não ser que haja alguma

emergência.

Maris sentiu uma pontada de culpa, ciente de que as “emergências” que Shalli teria de atender voando seriam causadas por sua ausência de Amberly. Mas, depois da competição, jurou a si mesma que ficaria em casa e cumpriria suas obrigações.

– Shalli, quero lhe apresentar uma amiga minha – disse Maris. S’Rella estava mais atrás, tímida, então Maris puxou-a docemente para a frente. – Esta é S’Rella, nossa aluna mais promissora. Ela voou da Asas de Madeira até aqui comigo hoje, seu voo mais longo até agora.

– Ah! – Shalli ergueu bastante as sobrancelhas.

– S’Rella, esta é Shalli. De Amberly Menor, como eu. Ela supervisionava meus voos quando eu estava aprendendo a usar as asas.

Trocaram cumprimentos educados. Então Shalli mediu bem S’Rella com o olhar.

– Boa sorte nas competições. Mas é melhor não ganhar de Corm, viu? Acho que eu ia enlouquecer se ele ficasse em casa todos os dias durante um ano inteiro...

Shalli sorriu, mas S’Rella pareceu levar a brincadeira a sério.

– Não quero prejudicar ninguém – disse ela –, mas alguém tem que perder. Tenho vontade de vencer, como qualquer outro voador.

– Hmmm, bem, não é exatamente a mesma coisa – murmurou Shalli. – Mas eu estava só brincando, menina. Acho que você não ia querer desafiar Corm. Você não teria lá muita chance. – Ela olhou ao redor da sala. – Por favor, me deem licença... Estou vendo que Corm arrumou uma almofada para mim, e agora acho que devo ir e sentar lá para que ele não se magoe. Falo com você mais tarde, Maris. S’Rella, foi um prazer conhecê-la.

Elas viram como Shalli se esgueirou com facilidade pela sala lotada, afastando-se.

– Será que eu teria? – perguntou S’Rella, preocupada.

– Será que teria o quê?

– Alguma chance competindo com Corm?

Maris olhou-a com uma expressão triste, sem saber o que dizer.

– Ele é muito bom – ela conseguiu dizer, por fim. – Já deve fazer uns vinte anos que voa, e ganhou prêmios em várias dessas competições. É, acho que você provavelmente ainda não é páreo para ele. Mas isso não é nenhuma tragédia, S’Rella.

– Qual deles é Corm? – perguntou S’Rella, franzindo o cenho.

– Aquele de pé, ao lado de Shalli, está vendo? De cabelo escuro, vestido de preto e cinza.

– Nossa, ele é lindo – comentou S’Rella.

Maris riu.

– Ah, é, sim. Metade das garotas confinadas à terra de Amberly estavam apaixonadas por ele quando era mais novo. Todas ficaram inconsoláveis quando ele e Shalli se casaram.

Isso fez brotar um leve sorriso no rosto de S'Rella.

– Na minha terra, todos os garotos ficavam sonhando com S'Landra, a nossa voadora. Você também se apaixonou por Corm?

– Não, nunca. Eu o conhecia bem demais.

– MARIS! – O berro ressoou pelas vigas, atraindo a atenção de todos no alojamento. Garth gritava do outro lado da sala, gesticulando para ela ir até lá.

Ela sorriu.

– Venha. – Maris arrastou S'Rella pela multidão, dando "ois" educados a velhos conhecidos ao passar.

Garth esmagou-a num abraço formidável quando ela chegou lá, e então afastou-a para olhá-la melhor.

– Você parece cansada, Maris – concluiu ele. – Anda voando demais.

– E você anda comendo demais. – Ela encostou um dedo na barriga dele, que sobressaía do cinto. – O que é isso? Você e Shalli vão ter bebê juntos?

Garth bufou e deu risada.

– Ah – grunhiu ele –, é culpa da minha irmã. Ela faz cerveja, você sabe. É dona de um pequeno negócio. Tenho que ajudá-la, é claro, e aí compro um pouquinho de vez em quando.

– Pelo jeito você é o melhor cliente dela – comentou Maris. – Quando foi que deixou crescer a barba?

– Ah, deve fazer um mês, dois, algo assim. Não tenho visto você acho que há uns seis meses, não é?

Maris assentiu.

– Dorrel estava preocupado com você da última vez que estivemos em Eyrie juntos. Algo sobre um encontro entre vocês dois para beber, no qual você faltou.

Ele franziu o cenho.

– Ah, já sei. Estou lembrando. Dorrel sempre fala disso. Fiquei doente, foi só isso, nenhum mistério. – Ele se virou para o fogo e deu mais uma mexida no cozido. – A comida vai ficar pronta logo. Está com fome? Eu mesmo fiz. Estilo do sul, com muito tempero e muito vinho.

Maris virou-se.

– Ouviu isso, S'Rella? Ao que parece, você vai comer comida boa. – Ela trouxe a menina para a frente para encarar Garth. – S'Rella é aluna da Asas de Madeira, uma das melhores. Vai tirar as asas de algum coitado este ano. S'Rella, este é Garth de

Skulny, um dos nossos anfitriões aqui e um velho amigo.

– Não tão velho assim – protestou Garth. Ele sorriu para S'Rella. – Muito bem, você é tão bonita quanto Maris antes de ela ficar tão magra e tão cansada. Você voa tão bem quanto ela?

– Eu tento – respondeu S'Rella.

– É modesta, também – observou Garth. – Muito bem, Skulny sabe tratar bem os voadores, mesmo os iniciantes. Qualquer coisa que quiser, é só me falar. Não está com fome? Isso aqui não demora a ficar pronto. E talvez você possa me ajudar com os temperos. Na realidade, não sou do Sul, você sabe, posso não acertar direito. – Ele tomou-a pela mão e trouxe-a para perto do fogo, e então pegou uma colherada do cozido. – Experimente, me diga o que acha.

Enquanto S'Rella provava, Garth olhou para Maris e apontou.

– Olhe lá, tem alguém procurando por você. – Dorrel estava parado junto à porta, ainda segurando suas asas dobradas, gritando por ela no meio do alarido da festa. – Vá até lá – disse Garth rudemente. – Eu mantenho S'Rella ocupada. Afinal, sou o anfitrião. – E empurrou-a em direção à porta.

Maris sorriu para ele, e então começou a abrir caminho pela sala, cada vez mais lotada. Dorrel foi encontrá-la, depois de dependurar as asas. Ele a abraçou e deu-lhe um beijo rápido. Maris estremeceu ao sentir o corpo dele junto do seu.

Quando se separaram, havia preocupação no olhar de Dorrel.

– Algum problema? – perguntou ele. – Você estava tremendo. – Ele encarou-a fixamente. – E parece cansada, esgotada.

Maris forçou um sorriso.

– Garth falou a mesma coisa. Mas, não. Na verdade, estou ótima.

– Não, não está. Conheço você bem demais, meu amor. – Ele colocou as mãos nos ombros dela, aquelas suas mãos suaves, familiares. – Não está bem mesmo. Pode me contar?

Maris suspirou. Ela *de fato* se sentia cansada, percebeu então.

– Acho que eu não me conheço bem – murmurou. – Não tenho dormido bem nesse último mês. Pesadelos.

Dorrel colocou o braço em volta do ombro dela e conduziu-a pela massa de voadores até uma grande mesa de madeira encostada na parede, cheia de vinhos, licores e comida.

– Que tipo de pesadelos? – ele quis saber. Encheu dois copos de um vinho tinto denso e pegou dois pedaços de um queijo branco farelento.

– Um pesadelo. Uma queda. Caio no ar parado, mergulho na água e morro. – Ela mordeu um pedaço do queijo e acompanhou-o com um gole de vinho. – Muito bom

– comentou ela, sorrindo.

– Deve ser – respondeu Dorrel. – É de Amberly. Mas você não está muito preocupada com esse sonho está? Não acho que você seja supersticiosa.

– Não – concordou Maris –, não é isso, absolutamente. Não sei explicar bem. Ele só... me incomoda. E não é só isso. – Ela hesitou.

Dorrel olhou o rosto dela, esperando.

– Essa competição – começou Maris. – Talvez haja confusão.

– Que tipo de confusão?

– Lembra quando nos vimos em Eyrie? E mencionei que um dos alunos da Lar Aéreo estava vindo de barco para a Asas de Madeira?

– Sim. – Dorrel bebericou seu vinho. – E daí?

– Ele está em Skulny agora, e não é um aluno qualquer. É Val.

O rosto de Dorrel ficou pálido.

– Val?

– O Uma-Asa – completou Maris calmamente.

Ele franziu o cenho.

– O Uma-Asa – repetiu ele. – Bom, entendo por que você está preocupada. Eu nunca teria esperado que ele fosse tentar de novo. Será que espera ser bem recebido?

– Não – respondeu Maris. – Ele sabe. E a opinião que tem sobre os voadores não é melhor que a deles em relação a ele.

Dorrel deu de ombros.

– Bom, vai ser desagradável, mas tampouco tem que estragar a competição. Ele provavelmente será ignorado, e não acho que devamos nos preocupar se ele vai ganhar de novo. Ninguém perdeu nenhum parente nos últimos tempos.

Maris ressentiu-se um pouco. A voz de Dorrel de repente parecera tão rude, e o desprezo soara tão cruel nos lábios dele, e, no entanto, o que ele acabava de dizer era quase idêntico ao que ela dissera na academia no dia em que Val chegou.

– Dorr, ele é muito bom. Vem treinando há anos. Acho que vai ganhar. Ele tem talento. Eu sei, disputei uma corrida com ele.

– Você correu com ele?

– Num treino – explicou Maris. – Na Asas de Madeira. O que aconteceu foi...

Dorrel tomou seu vinho de vez e deixou o copo de lado.

– Maris – começou ele, com voz baixa, porém tensa. – Você não vai me dizer que andou ajudando o rapaz também. O Uma-Asa?

– Ele era aluno, e Sena me pediu para trabalhar com ele – respondeu Maris, contrariada. – Não estou aqui para eleger queridinhos e ajudar só aqueles de quem

eu gosto.

Dorrel soltou um palavrão e pegou-a pelo braço.

– Vamos lá fora – chamou. – Não quero falar sobre isso aqui dentro, onde alguém pode ouvir.

Estava frio fora do alojamento, e o vento que vinha do mar tinha o gosto do sal. Ao longo da praia, os mastros haviam sido erguidos e as lanternas estavam acesas para receber os voadores noturnos. Maris e Dorrel afastaram-se do alojamento lotado e se sentaram na areia. A maioria das crianças já tinha ido embora agora, e eles estavam sozinhos.

– Acho que era disso que eu estava com medo – comentou Maris, com uma ponta de amargura na voz. – Sabia que você não ia concordar. Mas não posso abrir exceções, aliás, *nós* não podemos abrir exceções. Você não consegue entender isso? Não pode pelo menos tentar entender?

– Posso tentar – respondeu ele. – Mas não prometo que consiga. *Por quê,* Maris? Ele não é um confinado à terra qualquer, não é um aluninho da Asas de Madeira sonhando em se tornar voador. É o Uma-Asa, um meio-voador, mesmo quando tinha suas asas. Ele matou Ari. Você já se esqueceu disso?

– Não. E não estou de bem com Val. É difícil gostar dele, e ele odeia voadores, e tem sempre o espectro de Ari pairando sobre o ombro dele. Mas eu *tenho* que ajudá-lo, Dorr. Por causa do que nós fizemos há sete anos. As asas devem ir para qualquer um que possa usá-las melhor, mesmo que seja... bem, como Val. Vingativo, raivoso e frio.

Dorrel balançou a cabeça.

– Não posso aceitar isso.

– Gostaria de conhecê-lo melhor – disse Maris – para poder entender o que o fez ficar desse jeito. Acho que ele odiava os voadores mesmo antes de eles o apelidarem de Uma-Asa. – Ela chegou perto de Dorrel e segurou sua mão. – Ele está sempre acusando, fazendo comentários venenosos, isso quando não se fecha numa couraça glacial. Para Val, eu também sou uma-asa, mesmo que finja não ser.

Dorrel olhou-a e apertou a mão dela bem forte dentro da sua.

– Não. Você é uma voadora, Maris. Não tenha dúvida disso.

– Sou mesmo? – retrucou ela. – Não tenho certeza do que significa ser uma voadora. É mais que ter asas, ou voar bem. Val tinha asas, e ele voa bem o suficiente, mas você mesmo disse que ele era apenas meio-voador. Se isso significa... bem, aceitar que as coisas sejam como são, e olhar com desprezo para os confinados à terra, e evitar oferecer ajuda aos Asas de Madeira por medo que eles prejudiquem um colega voador, um *verdadeiro* voador... se significa esse tipo de coisa, então não acho que eu seja uma voadora. E às vezes fico imaginando se não

estou começando a compartilhar a opinião de Val a respeito daqueles que são.

Dorrel soltou a mão dela, mas seus olhos ainda a observavam. Mesmo no escuro ela sentia a intensidade angustiada do seu olhar.

– Maris – começou ele suavemente. – *Eu sou* um voador, nasci com as minhas asas. Val Uma-Asa com certeza me despreza por isso. E você?

– Dorr. – Ela estava magoada. – Você sabe que não. Sempre te amei e confiei em você... Você é meu melhor amigo, de verdade. Mas...

– Mas – repetiu ele.

Ela não conseguia olhar para ele.

– Não fiquei orgulhosa de você quando se recusou a vir para a Asas de Madeira – completou ela.

Os sons distantes da festa e o melancólico vaivém das ondas na praia pareciam preencher o mundo inteiro. Por fim, foi Dorrel quem falou.

– Minha mãe era voadora, e a mãe dela também foi, e por gerações antes da minha este par de asas que uso tem sido da minha família. Isso significa muito para mim. Meu filho, caso eu venha a ser pai, vai voar também, algum dia. Você, Maris, não nasceu dentro dessa tradição, e tem sido para mim a pessoa mais querida no mundo. E sempre provou que merece as asas, no mínimo tanto quanto qualquer filho de voador. Teria sido uma injustiça terrível se elas lhe tivessem sido negadas. Sinto orgulho por tê-la ajudado. Eu sinto orgulho por ter lutado com você no Conselho para abrir o céu para todos, mas agora você parece querer me dizer que estamos lutando por coisas diferentes. Pelo que entendo, estivemos lutando pelo direito de qualquer um, que sonhasse com intensidade suficiente e treinasse por tempo suficiente para isso, de se tornar um voador. Não estávamos nisso para destruir a grande tradição dos voadores, para jogar fora as asas e deixar que confinados à terra e aspirantes a voador lutassem por elas como aves de rapina em cima de uma pilha de peixes. O que estávamos tentando fazer, pelo menos até onde imagino, era abrir o céu a todos, abrir Eyrie, abrir as fileiras de voadores a qualquer um que pudesse provar ser merecedor das asas. Será que me enganei, Maris? Será que em vez disso estávamos lutando para abrir mão de tudo o que nos torna especiais e diferentes?

– Eu já não sei mais – disse ela. – Há sete anos, não conseguia pensar em nada mais maravilhoso que ser uma voadora. Nem você. A gente nem sonhava que havia alguém que podia querer usar nossas asas, mas que ao mesmo tempo rejeitava tudo o mais que constitui um voador. Nem sonhávamos com isso, mas essas pessoas existiam. E abrimos o céu para elas, também, Dorr. Nós mudamos mais coisas do que imaginávamos. E não podemos voltar as costas para elas. O mundo mudou, e temos que aceitar isso, e lidar com isso. Podemos não gostar de todos os resultados daquilo que fizemos, mas não podemos negá-los. Val é um desses resultados.

Dorrel ficou de pé e sacudiu a areia da sua roupa.

– Não posso aceitar esse resultado – devolveu ele, com uma voz mais triste do que raivosa. – Fiz um monte de coisas por causa do meu amor por você, Maris, mas vejo que há limites. É verdade que o mundo mudou em função do que fizemos, mas não somos *obrigados* a aceitar o mal junto com o bem. Não precisamos aceitar aqueles que, como Val Uma-Asa, fazem pouco das nossas tradições e estão procurando nos colocar de lado. No final, ele vai nos destruir, Maris... com o seu egoísmo e o seu ódio. E pelo fato de você não compreender isso, vai acabar ajudando-o. Mas eu não vou. Você entende isso?

Ela assentiu, sem olhar para ele.

Passou-se um minuto em silêncio.

– Não quer voltar comigo para o alojamento?

– Não. Por enquanto, não.

– Boa noite, Maris. – Dorrel virou as costas e afastou-se, suas botas esmagando a areia até a porta do alojamento, que ele abriu, deixando escapar aquela rajada de barulho da festa, e fechou de novo.

Estava quieto e calmo na praia. As lanternas que ardiam no alto dos mastros moviam-se de leve na brisa, e ela ouviu seu tinido sutil e o infindável som do mar indo e vindo, indo e vindo.

Maris nunca se sentira tão sozinha.

Maris e S'Rella passaram a noite juntas numa cabana para duas pessoas semiacabada, não muito longe da praia, uma das cinquenta edificações que o Senhor da Terra de Skulny mandara erguer para abrigar os voadores visitantes. A pequena vila estava apenas com metade da sua ocupação, mas Maris sabia que os primeiros a chegar já haviam se apropriado das acomodações mais confortáveis, na casa do alojamento e na ala de hóspedes do Grande Salão do Senhor da Terra.

S'Rella não se incomodou com a austeridade de seu alojamento. Estava superanimada quando Maris finalmente veio buscá-la da festa, que já ia terminando. Garth ficara bem próximo dela a noite toda, apresentando-a a quase todo mundo, forçando-a a comer três porções do seu cozido depois que ela inadvertidamente o elogiara, e regalando-a com relatos embaraçosos sobre quase metade dos voadores presentes.

– Ele é ótimo – comentou S'Rella –, mas bebe demais.

Maris só podia concordar com isso. Embora não tivesse sido sempre assim, quando ela veio buscar S'Rella, Garth estava de olhos vermelhos e já meio cambaleante. Maris ajudou-o a chegar ao quarto dos fundos e colocou-o na cama, enquanto ele continuava com uma conversa enrolada, ininteligível.

O dia seguinte começou cinza e ventoso. Elas acordaram com os gritos de um

vendedor ambulante de comida, e Maris saiu e comprou duas salsichas quentes fumegantes do carrinho dele. Após o café da manhã, vestiram suas asas e voaram. Não havia muitos voadores no ar, pois o clima de feriado era contagiante, e a maioria estava bebendo e conversando no alojamento, ou prestando tributo ao Senhor da Terra, ou então passeando por Skulny para ver o que havia para ser visto ali. Mas Maris insistiu para que S'Rella praticasse, e elas ficaram lá pelas alturas quase cinco horas, com ventos ascendentes constantes.

Abaixo delas, a praia estava de novo cheia de crianças ansiosas para ajudar os voadores que apareciam. Embora fossem muitas, andavam sempre ocupadas. Não parou de chegar gente o dia inteiro. O momento mais espetacular, e S'Rella olhou maravilhada e atônita para aquilo, foi quando os voadores de Grande Shotan chegaram em bando, quase quarenta deles, fortes, voando em formação, gloriosos contra o sol, com seus uniformes vermelho-escuro e asas prateadas.

Quando a competição começasse, Maris sabia, quase todos os voadores das porções mais afastadas do Oeste estariam ali. O Leste também estaria muito bem representado, embora sem a mesma unanimidade do Oeste. O Sul, menor e mais afastado, teria ainda menos representantes, e havia apenas um punhado de competidores das Ilhas Exteriores, da desolada Artellia, das vulcânicas Embers, e de outros locais mais afastados ainda.

Já era de tarde, e Maris e S'Rella estavam sentadas na parte de fora do alojamento, tomando copos de leite quente com especiarias, quando Val apareceu.

Ele deu a Maris seu meio sorriso insolente e se sentou ao lado de S'Rella.

– Aposto que vocês desfrutaram da hospitalidade dos voadores – comentou ele em seu tom neutro.

– Eles foram muito gentis – disse S'Rella, corando. – Você não vai aparecer hoje à noite? Vai ter outra festa. Garth vai assar um gato-do-mar inteiro, e a irmã dele vai providenciar cerveja.

– Não – respondeu Val. – Eles já têm cerveja e comida suficiente lá onde estou hospedado, e é melhor para mim. – Ele lançou um olhar para Maris. – E, sem dúvida, é melhor para todos nós.

Maris recusou-se a morder a isca.

– E onde é que você está hospedado?

– Numa taberna a uns três quilômetros, na estrada do mar. Não é o tipo de lugar que você se daria ao trabalho de ir visitar. Eles não hospedam muitos voadores lá, só mineiros e guardas da terra e outros menos dispostos a falar sobre suas profissões. Duvido que saibam como se deve tratar adequadamente um voador.

Maris fez cara de quem não gostou.

– Você não para nunca?

– Parar? – Ele sorriu.

De uma hora para outra Maris se encheu de uma perversa determinação de apagar aquele sorriso do rosto dele, de provar que Val estava errado.

– Você sequer conhece os voadores. Que direito tem de odiá-los tanto assim? São pessoas, não são diferentes de você. Aliás, minto, eles são diferentes. Eles são mais cordiais e mais generosos.

– Sim, a cordialidade e a generosidade dos voadores são famosas – concordou Val. – E sem dúvida é por isso que apenas os voadores são bem-vindos às festas dos voadores.

– Eles me receberam muito bem – argumentou S'Rella.

Val dirigiu-lhe um longo olhar, cauteloso e perscrutador. Então, deu de ombros e o leve sorriso voltou aos seus lábios.

– Você me convenceu. Vou comparecer a essa festa hoje à noite, se é que eles vão deixar um confinado à terra passar pela porta.

– Venha como meu convidado, então – sugeriu Maris –, já que você se recusa a considerar-se um voador. E deixe de lado essa sua maldita hostilidade por algumas horas. Dê-lhes uma chance.

– Por favor – pediu S'Rella. Ela tomou-lhe a mão e sorriu para ele, cheia de expectativa.

– Ah, claro, vou dar-lhes uma chance de demonstrar toda a sua cordialidade e generosidade. Mas não vou ficar implorando por isso, ou polir as asas deles ou cantar canções em seu louvor. – Ele ficou de pé de repente. – Bem, agora eu gostaria de poder voar um pouco. Será que haveria um par de asas que eu pudesse usar?

Maris assentiu e levou-o até a cabana onde as asas estavam dependuradas. Depois que ele foi embora, ela virou-se para S'Rella.

– Você gosta bastante dele, não é? – perguntou baixinho.

S'Rella abaixou o olhar e corou.

– Sei que ele é cruel às vezes, Maris, mas ele não é sempre assim.

– É, talvez – admitiu Maris. – Ele não me deixou conhecê-lo melhor. Mas tome cuidado, muito cuidado, está bem, S'Rella? Val carrega muita mágoa com ele e, às vezes, pessoas assim, que foram muito magoadas, reagem magoando os outros, mesmo quem gosta delas.

– Eu sei. Maris, você não acredita que... Eles não vão tratá-lo mal hoje noite, não é? Os voadores?

– Acho que é isso o que ele quer – respondeu Maris –, para que você veja que ele tem razão a respeito deles, isto é, a respeito de nós. Mas espero conseguirmos provar que ele está errado.

S’Rella não disse nada. Maris terminou sua bebida e se levantou.

– Venha. Ainda dá tempo de praticar mais um pouco, e você precisa. Vamos pôr as asas de novo.

No início da noite já havia corrido a notícia entre os voadores de que Val Uma-Asa estava em Skulny e pretendia desafiar alguém. De que maneira a notícia se espalhara Maris não sabia. Talvez Dorrel tivesse comentado algo, ou Val tivesse sido reconhecido, ou quem sabe a notícia tivesse chegado do Leste, com algum voador que soubesse que Val pegara um navio saído da Lar Aéreo. De todo modo, a notícia corria solta. Por duas vezes Maris ouviu o apelido “Uma-Asa” quando ela e S’Rella andavam de volta para a sua cabana na vila dos voadores, e em frente à sua porta uma voadora jovem que Maris conhecera por acaso em Eyrie parou para perguntar, do nada, se aquele boato tinha fundamento. Quando Maris disse que sim, a outra mulher deu um assovio e balançou a cabeça.

Ainda não havia escurecido de vez quando Maris e S’Rella foram até o alojamento, mas a sala principal já estava cheia de voadores, bebendo e conversando em pequenos grupos. O gato-do-mar prometido já estava assando no espeto em cima do fogo, mas pelo seu aspecto ainda ia girar algumas horas.

A irmã de Garth, uma corpulenta mulher de rosto comum chamada Riesa, passou a Maris uma caneca da sua cerveja, tirada de um dos três imensos barris que haviam sido dispostos contra a parede.

– É boa – elogiou Maris depois de prová-la. – Se bem que eu não sou nenhuma especialista. O que eu costumo tomar é vinho e kivas.

Riesa riu.

– Bem, Garth garante que é, e o que ele já tomou de cerveja daria para fazer flutuar uma pequena frota de navios mercantes.

– Onde está Garth? – perguntou S’Rella. – Achei que ele estivesse aqui.

– Ele deve vir, mais tarde – respondeu Riesa. – Não estava se sentindo muito bem, então me mandou vir antes. Na verdade, acho que foi só uma desculpa para não ter que me ajudar a carregar os barris.

– Não estava se sentindo bem? – repetiu Maris. – Riesa, está tudo em ordem mesmo? Ele tem ficado doente com frequência ultimamente, não tem?

O sorriso agradável de Riesa sumiu.

– Ele não lhe contou, Maris? Primeiro, eu não tive muita certeza. Foi só de uns seis meses para cá. São suas juntas. Quando ele fica mal, elas incham de modo terrível, e mesmo quando não incham ele sente dor. – Riesa chegou um pouco mais perto. – Estou preocupada com ele, realmente. E Dorrel também. Garth já foi visitar curandeiras, aqui e em Stormtown, mas nenhuma delas foi capaz de fazer muita

coisa. E está bebendo mais do que de costume.

Maris ficou arrasada.

– Percebi que Dorrel estava preocupado com ele, mas achei que fosse só por causa da bebida. – Ela hesitou. – Riesa, Garth falou com o Senhor da Terra sobre esses problemas?

Riesa balançou a cabeça.

– Não, ele... – Ela se interrompeu para passar uma caneca a um voador do Leste de aparência rude e retomou a conversa só depois que ele se afastou. – Ele está com medo, Maris.

– Medo do quê? – perguntou S'Rella baixinho, olhando de Maris para Riesa e vice-versa. Até aquela hora, ela ficara de pé, em silêncio, ao lado de Maris, ouvindo.

– Quando um voador está doente – explicou Maris –, o Senhor da Terra pode convocar os demais voadores da ilha, e, se eles concordarem, tem o direito de ficar com as asas do voador doente, para evitar que se percam no mar. – Ela voltou a olhar para Riesa e prosseguiu. – Ou seja, Garth está voando em missões como se estivesse bem. – Havia preocupação na sua voz. – E o Senhor da Terra não o está poupando.

– Não – confirmou Riesa, mordendo os lábios. – Estou assustada com isso, Maris. Às vezes, a dor dele vem muito de repente, e se vier enquanto ele está voando... Já lhe disse que converse com o Senhor da Terra, mas ele não me dá ouvidos. As asas são tudo para ele, você sabe. Vocês voadores são todos iguais.

– Vou falar com ele – afirmou Maris.

– Dorrel já cansou de falar – avisou Riesa. – Não adianta. Você sabe o quanto Garth é teimoso.

– Ele tem que abrir mão das suas asas – interveio S'Rella, de repente.

Riesa olhou bem sério para ela.

– Menina, você não sabe o que está dizendo. Você é a aluna da Asas de Madeira que Garth conheceu ontem à noite, não é? A amiga de Maris?

S'Rella assentiu.

– Pois é, Garth falou de você – continuou Riesa. – Você entenderia melhor se fosse voadora. Você e eu só conseguimos ver de fora, nunca vamos entender bem como um voador se sente em relação a suas asas. Pelo menos é isso o que Garth sempre me diz.

– Pretendo ser uma voadora – insistiu S'Rella.

– E com certeza será, menina, mas por enquanto ainda não é, e por isso fala em abrir mão das asas como se fosse algo muito fácil.

Mas S'Rella pareceu ofendida. Ela se aprumou toda e disse:

– Não sou uma menina e entendo *muito bem*. – Ela podia ter dito mais coisas, mas, nessa hora, a porta se abriu e ela e Maris olharam naquela direção.

Era Val que acabava de chegar.

– Com licença – Maris segurava e apertava o antebraço de Riesa para confortá-la –, falamos disso mais tarde. – E se apressou até onde Val, com seus olhos escuros, percorria a sala. Uma mão estava pousada no cabo da faca ornamentada, numa pose que era metade nervosismo, metade desafio.

– Uma pequena festa – comentou ele desconstruído quando Maris e S'Rella chegaram perto.

– É cedo – respondeu Maris. – Venha, vamos pegar uma bebida e um pouco de comida. – Ela apontou para a parede oposta, onde uma mesa farta havia sido de novo preparada, com ovos temperados, frutas, queijos, pão, frutos do mar, frios e doces. – O gato-do-mar é o prato principal, mas ainda faltam algumas horas para ficar pronto – acrescentou ela.

Val observou o gato-do-mar no espeto e a mesa coberta com outras comidas.

– Vejo que os voadores continuam comendo com simplicidade – observou ele. Mas deixou-se conduzir pela sala e comeu dois ovos temperados e um pedaço de queijo, e depois fez uma pausa para tomar uma taça de vinho.

À volta deles, a festa prosseguia. Val não atraíra particularmente a atenção. Mas Maris não sabia se era porque os outros o haviam aceitado ou porque simplesmente não o haviam reconhecido.

Os três ficaram quietos por alguns momentos, e então S'Rella começou a conversar com Val em voz baixa, enquanto ele bebericava seu vinho e beliscava um pouco mais de queijo, e Maris tomava goles de cerveja e observava a porta de entrada um pouco apreensiva cada vez que ela abria. Já estava escuro lá fora, e o alojamento ficava cada vez mais cheio de gente. Uma dúzia de voadores das Shotans que ela conhecia de vista entraram de uma vez, ainda em seus uniformes vermelhos, seguidos por meia dúzia de voadores do Leste que ela nunca vira antes. Um deles subiu em cima dos barris de Riesa e um companheiro dele passou-lhe um violão e ele começou a cantar canções de voadores numa voz doce, até que passável. A multidão foi se juntando em volta dele, e começaram os pedidos de músicas.

Maris, ainda de olho na porta toda vez que ela abria, aproximou-se um pouco mais de Val e S'Rella, e tentou ouvir a conversa deles no meio da música.

Então, a música parou.

No meio de uma canção, de repente, o cantor e a guitarra foram ficando em silêncio, e o silêncio percorreu a sala, conforme as conversas eram interrompidas e todos os olhares se voltavam com curiosidade para o homem empoleirado em cima do barril de cerveja. Em menos de um minuto, todo mundo no alojamento estava

olhando para ele.

E ele olhava para o outro lado da sala, para Val.

Val voltou-se na direção do cantor e ergueu sua taça de vinho.

– Saudações, Loren – gritou ele, no seu enlouquecedor tom neutro. – Saúdo o seu *excelente* canto. – E esvaziou seu vinho, colocando a taça de lado.

Alguém, interpretando as palavras de Val como um insulto velado, riu meio escondido. Outros levaram a saudação a sério e ergueram também suas taças. O cantor simplesmente sentou e encarou a outra ponta do lugar, seu rosto estava cada vez mais sério, e a maioria dos voadores o observavam, desconcertados, esperando que ele voltasse a cantar.

– Cante a balada de Aron e Jeni – pediu alguém.

O cantor negou com um movimento de cabeça.

– Não, tenho uma canção mais apropriada. – Ele tocou alguns acordes como introdução e começou a cantar uma canção que Maris não conhecia.

Val virou-se para ela.

– Você conhece? É bastante popular no Leste. Eles a chamam de "Balada de Ari e do Uma-Asa". – Ele se serviu de vinho e ergueu o copo de novo num insolente brinde ao cantor.

Com um sentimento opressivo, Maris percebeu que ela já ouvira a música antes, há anos, e, o que era pior, gostara dela. Era uma história comovente, dramática, de traição e vingança, que colocava Uma-Asa como vilão e os voadores como heróis.

S'Rella mordia os lábios de raiva, e mal conseguia conter as lágrimas. Ela avançou num impulso, mas Val segurou o braço dela e fez balançar a cabeça da garota. Maris não tinha o que fazer, ficou de pé, desamparada, ouvindo aquela letra cruel, tão diferente da letra daquela sua música, a que Coll compusera. Ela desejou então que Coll estivesse ali, para compor uma canção em resposta àquela. Os cantores tinham um estranho poder, até mesmo os amadores, como aquele do Leste lá do outro lado da sala.

Assim, quando ele terminou de cantar, todos já estavam sabendo.

O cantor passou a guitarra a um amigo, e saltou do barril, pegando o instrumento de novo.

– Vou ficar cantando lá na praia, se alguém tiver interesse em ouvir – avisou ele. Então foi embora, levando o instrumento e sendo seguido por todos os voadores do Leste que haviam chegado com ele e por muitos outros. O alojamento de repente ficou meio vazio de novo.

– Loren era um vizinho meu – explicou Val. – Ele é de Arren do Norte, do outro lado da baía. Há anos não o via.

Os voadores de Shotan falavam baixinho entre eles, e às vezes um ou dois do grupo dirigiam olhares apontando para Val, Maris e S'Rella. De repente, todos saíram juntos.

Val se voltou para S'Rella:

– Você ainda não me apresentou seus amigos voadores. Venha. – Ele pegou na mão dela e levou-a meio à força até onde estavam quatro homens reunidos num círculo fechado. Maris não teve outra escolha a não ser ir também. – Sou Val de Arren do Sul – disse ele em tom alto. – Esta é S'Rella. Está um tempo ótimo para voar hoje, não?

Um dos quatro, um homem enorme, escuro, com uma mandíbula poderosa, olhou-o com cara de estranhamento.

– Admiro sua coragem, Uma-Asa – trovejou ele –, mas também não admiro mais nada em você. Conhecia Ari, não muito intimamente, mas conhecia. Você quer que eu converse educadamente com você?

– Este é um alojamento de voadores e uma festa de voadores – disse de modo ríspido um dos companheiros dele. – Vocês dois têm algum assunto a tratar aqui?

– Eles são *meus* convidados – disse Maris, furiosa. – Ou vocês questionam meu direito de estar aqui também?

– Não. Só as suas escolhas de convidados. – Ele deu um tapa no ombro do homenzarrão. – Venha. De repente me deu uma vontade enorme de ouvir algumas canções lá fora.

Val tentou outro grupo, duas mulheres e um homem com canecas de cerveja na mão. Antes mesmo de Val chegar perto, eles largaram suas canecas – ainda pela metade – e se retiraram.

Só um grupo ficou na sala, seis voadores que Maris conhecia vagamente de locais afastados das Ilhas do Oeste, e uma única jovem loira das Ilhas Exteriores. E, de repente, eles estavam saindo também, mas a caminho da porta um deles, um homem já de meia-idade, parou para conversar com Val.

– Talvez você não se lembre, mas eu estava entre os jurados no ano em que você conseguiu as asas de Ari – disse o homem. – Fizemos um julgamento justo, mas alguns voadores nunca nos perdoaram pelo veredito que demos. Talvez você não soubesse o que estava fazendo, talvez soubesse. Não importa. Mas se foram tão relutantes em me perdoar, nunca vão perdoá-lo. Tenho pena de você, mas não podemos fazer nada. Você errou em vir, meu filho. Nunca vão deixar que seja um voador.

Val havia mantido a calma diante de tudo, mas então seu rosto se contorceu de raiva.

– Não quero sua compaixão – disparou ele. – Não quero ser um de vocês. *E não*

sou seu filho! Saia daqui, seu velho, ou vou pegar as *suas* asas este ano.

O voador de cabelos grisalhos balançou a cabeça, e um companheiro levou-o pelo cotovelo.

– Vamos, Cadon. Você está desperdiçando suas preocupações com ele.

Quando os seis saíram, apenas Riesa continuou no alojamento com Maris, Val e S'Rella. Estava ocupada com suas canecas de cerveja, recolhendo-as para lavá-las, e nem olhava para eles.

– Cordialidade e generosidade – apontou Val.

– Não são todos eles que... – começou Maris, mas viu que não ia conseguir continuar. S'Rella estava a ponto de chorar.

Então, alguém abriu a porta com estrondo, e lá estava Garth de pé, cenho franzido, olhando desconcertado e com raiva.

– O que está acontecendo? – quis ele saber. – Saio de casa para vir receber meus convidados na festa e está todo mundo lá fora na praia. Maris? Riesa? – Ele bateu a porta e começou a atravessar a sala. – Se foi alguma briga vou quebrar o pescoço do cara que começou. Não faz sentido voadores brigarem como se fossem confinados à terra.

Val encarou-o.

– Eu sou a causa da sua festa ter se esvaziado – informou ele.

– Eu conheço você? – perguntou Garth.

– Val. De Arren do Sul. – Ele esperou.

– Mas ele não começou nada – interveio Maris, de repente. – Pode acreditar nisso, Garth, ele é meu convidado.

Garth parecia confuso.

– Então, por que...?

– Também costumo ser chamado de Uma-Asa – completou Val.

O entendimento então despontou no rosto de Garth, e Maris soube que cara ela devia ter feito no dia em que conheceu Val no cais de Stormtown, e teve também uma incômoda percepção do que Val deve ter sentido naquela hora.

Fosse qual fosse o sentimento de Garth, ele procurou controlá-lo.

– Eu gostaria de poder lhe dar as boas-vindas – começou ele –, mas estaria mentindo se o fizesse. Ari era uma mulher doce, maravilhosa, que nunca magoou ninguém, e eu conhecia o irmão dela também. Todos nós. – Ele suspirou e olhou para Maris. – Ele é seu convidado, você falou? O que você gostaria que eu fizesse?

– Ari era minha amiga também – disse Maris. – Garth, não estou pedindo que a esqueça. Mas Val não é o seu assassino. Ele só tirou as asas dela, não a sua vida.

– As duas coisas são uma só – grunhiu Garth, mas estava dividido. Olhou de novo para Val. – Mas você era apenas um garoto então, e nenhum de nós sabia que Ari ia se matar. Também já cometi uma boa dose de erros, se bem que nenhum tão grande quanto o seu, e suponho...

– Não cometi nenhum erro – interrompeu Val.

Garth piscou os olhos.

– Seu desafio foi um erro – esclareceu ele. – Ari acabou se matando.

– Eu a desafiaria de novo – disse Val. – Ela não estava apta a voar. Essa morte foi um erro *dela*, não meu.

Garth era sempre gentil e afável, não era de ameaças ou bravatas, mas Maris nunca vira seu rosto tão frio e ressentido como parecia agora.

– Caia fora, Uma-Asa – disse ele, sem erguer o tom de voz. – Saia deste alojamento e não entre aqui de novo, quer você tenha asas ou não. Não irei aceitá-lo.

– Não vou voltar – respondeu Val sem se alterar. – Mesmo assim, agradeço por sua cordialidade e generosidade. – Ele sorriu e encaminhou-se para a porta. S'Rella fez menção de ir atrás dele.

– S'Rella – disse Garth. – Eu não... Você pode ficar, garota, eu não tenho nada...

S'Rella virou-se.

– Tudo o que Val disse é verdade. Odeio todos vocês.

E sumiu com Val Uma-Asa noite adentro.

S'Rella não voltou para a pequena cabana delas naquela noite, mas apareceu assim que o dia seguinte raiou, e trazendo Val junto com ela, ambos prontos para treinar. Maris deu-lhes as asas e acompanhou-os na subida dos degraus de pedra íngremes e sinuosos até o alto do rochedo dos voadores.

– Corrida – foi a instrução que deu aos dois. – Voem sobre a linha da praia, aproveitando a brisa do mar e permanecendo baixo. Deem a volta na ilha toda.

Só quando os dois estavam já fora de seu campo de visão é que Maris vestiu suas asas. Eles iam demorar algumas horas para completar o circuito, e ela se sentiu grata por esse tempo. Estava cansada e irritadiça, sem clima nem mesmo para a melhor das companhias, e Val não nunca era isso. Entregou-se então ao abraço curador do vento e tomou o rumo do mar.

A manhã estava clara e tranquila, o vento, estável atrás dela. Ela montou-o, deixando que a levasse para onde quisesse, todas as direções davam na mesma para ela. Só queria voar, sentir o toque do vento, esquecer todas aquelas pequenas dificuldades lá de baixo, sentindo o ar frio e limpo lá das alturas do céu.

Havia muita coisa para ver: gaivotas e aves de rapina e um falcão ou dois perto

das praias de Skulny, um barco pesqueiro aqui e ali, e mais adiante apenas o oceano, oceano por toda parte, água azul-esverdeada com longas faixas de sol em cima dela. Uma hora ela avistou um bando de gatos-do-mar, graciosas formas prateadas cujos saltos brincalhões os levavam a uns seis metros acima das ondas. Uma hora mais tarde, teve o raro vislumbre de um pássaro-fantasma, uma ave muito estranha com asas semitranslúcidas, tão longas e finas como as velas de um navio mercante. Maris nunca havia visto um antes, apesar de ter ouvido outros voadores contarem histórias a respeito. Gostavam das altas altitudes aonde os humanos raramente iam, e quase nunca chegavam a uma distância da qual fossem visíveis da terra. Este voava bem baixo, flutuando no vento, com suas grandes asas que praticamente não se mexiam. Não demorou a perdê-lo de vista.

De repente, foi preenchida por uma sensação de paz, e sentiu-se esvaziada de todas as tensões e raivas da terra. *É isso o que significa voar*, pensou. O restante: as mensagens que levava; as homenagens que recebia; a vida relativamente tranquila; os amigos e inimigos da sociedade dos voadores; as regras e as leis e as lendas; a responsabilidade e a liberdade ilimitada; tudo isso, tudo isso era secundário. A recompensa real, para ela, era esta: a simples sensação de voar.

S'Rella sentia isso também, imaginou. Talvez fosse o que a atraía tanto naquela garota do Sul, o jeito dela quando terminava de voar, as bochechas coradas, os olhos brilhando, o sorriso. Já Val não tinha nada dessa aparência, Maris percebeu, de repente. O pensamento a entristeceu. Mesmo que ele ganhasse suas asas, estaria perdendo muita coisa, pois o rapaz orgulhava-se muito da sua habilidade em voar, e isso se refletia no seu brilho de satisfação, mas não era capaz de encontrar prazer no céu. Quer conseguisse as asas ou não, a paz e a felicidade de um verdadeiro voador lhe seriam sempre negadas. *E essa*, pensou Maris, *é a verdade mais cruel a respeito da vida de Val.*

Quando a posição do sol indicava que era quase meio-dia, Maris finalmente inclinou-se e fez um longo e gracioso arco para começar a voar de volta para Skulny.

Maris estava descansando sozinha em sua cabana no final daquela tarde quando se assustou com uma batida forte e insistente em sua porta. O visitante era um estranho, um homem baixo, frágil, de rosto encovado, com cabelo grisalho bem puxado para trás e amarrado com um nó atrás da cabeça. Alguém do Leste: o jeito do seu cabelo e as roupas de pele com enfeites revelavam isso. Usava um anel de ferro num dedo e um de prata em outro, o que indicava riqueza.

– Meu nome é Arak – disse o homem. – Voei para Arren do Sul nos últimos trinta anos.

Maris abriu mais a porta e deixou-o entrar, apontando com um gesto a única cadeira. Ela sentou numa das camas.

– Você é da mesma ilha que Val.

Ele fez uma careta.

– De fato. É sobre Val Uma-Asa que vim aqui lhe falar. Alguns de nós temos conversado sobre...

– Nós quem?

– Voadores.

– Que voadores?

A intensidade autocentrada do homem a deixou um pouco hostil, porque ela não gostou da sua presunção nem do seu tom.

– Isso não importa – continuou Arak. – Fui enviado para falar com você porque é geralmente aceito que você é uma voadora de coração, apesar de não ter nascido voadora. Você não teria ajudado Val Uma-Asa se soubesse que tipo de homem ele é.

– Eu o conheço – respondeu Maris. – Não gosto dele, e não esqueci a morte de Ari, mas mesmo assim ele merece sua chance.

– Ele vem tendo mais chances do que jamais mereceu – retrucou Arak com raiva. – Você sabe quais são suas origens? Seus pais eram maus, sujos, ignorantes. Eram de Lomarron, e não de Arren do Sul, não mesmo. Conhece Lomarron?

Maris assentiu, lembrando-se de quando voara para lá havia três anos. Uma ilha grande, montanhosa, de solo pobre, porém rica em metais. Por causa dessa riqueza, a guerra lá era endêmica. Ali, a maioria dos confinados à terra trabalhava nas minas.

– Seus pais eram mineiros – arriscou ela.

Mas Arak balançou a cabeça negando.

– Guardas da terra – corrigiu ele. – Assassinos profissionais. O pai era um lutador de faca; a mãe, uma lançadora de atiradeira.

– Muitas ilhas têm brigadas de guardas da terra – argumentou Maris, constrangida.

Arak parecia estar se comprazendo com aquilo.

– Em Lomarron eles adquirem mais prática nisso do que nas outras ilhas – disse ele. – E, no fim das contas, adquirem prática demais. A mãe dele teve a mão decepada num combate. Foi-lhe cortada de um só golpe, na altura do pulso. Pouco tempo depois, houve uma trégua. Mas a família da Val não era dada a tréguas. O pai dele matou um homem apesar da trégua, e então os três tiveram que fugir de Lomarron num pesqueiro que conseguiram roubar. Foi assim que vieram para Arren do Sul. A mãe era uma inválida, maneta, mas o pai se juntou à brigada de guardas da terra de novo. Mas só por um curto período. Uma noite, ele bebeu demais e contou a um colega quem ele era. Então, a notícia chegou ao Senhor da Terra, e em seguida a Lomarron. Ele foi enforcado como ladrão e assassino.

Maris sentou em silêncio, sentindo-se meio atarantada.

– Sei de tudo isso – continuou Arak –, porque fiquei com dó da pobre viúva. Contratei-a como empregada e cozinheira, mesmo ela sendo desajeitada e lenta por causa da falta de uma mão. Dei-lhe um lugar para morar, comida, e criei Val como se fosse meu próprio filho. Já que ele não tinha mais pai, deveria ter me respeitado. Fui um bom exemplo para ele, pois lhe dei a disciplina que lhe faltava. Mas foi perda de tempo, considerando que o sangue dele era ruim. Desperdicei minha boa vontade com os dois, e qualquer coisa que você fizer por ele será um desperdício também. A mãe dele era preguiçosa e inepta, sempre se queixando e reclamando, nunca terminava de fazer o trabalho direito, mas queria o pagamento mesmo assim. Val costumava brincar de lutador de faca, e de matar pessoas. Queria até arrastar meu filho para essas brincadeiras doentias, mas eu logo o mandei parar com aquilo. Ele era uma influência terrível. Os dois roubavam, você deve saber, ele e a mãe. Sempre sumia alguma coisa. Eu tinha que manter meu dinheiro trancado a sete chaves. Uma vez até o peguei mexendo nas minhas asas, no meio da noite, quando ele achava que eu estava dormindo. Dei-lhe uma chance de ganhar suas asas de uma maneira limpa, e o que foi que ele fez? Atacou a coitada da Ari, que não tinha a menor chance, e acabou matando-a. Ele não tem moral, não tem conduta. Não consegui enfiar isso nele nem a base de surras quando era garoto, e agora...

Maris levantou, lembrando-se de repente das cicatrizes nas costas de Val.

– Você batia nele?

– Hã? – Arak olhou para ela surpreso. – É claro que batia. Era o único jeito de colocar algum juízo nele. Um galho de acácia quando era pequeno, uma chicotada ou outra quando era mais velho. O mesmo que eu dava no meu filho.

– O mesmo que você dava no seu filho. E quanto às outras coisas que você dava ao seu filho? Val e a mãe dele comiam na mesa com vocês?

Arak se levantou, seu rosto anguloso tinha uma expressão retorcida de desalento. Mesmo de pé, era uma figura pequena, e precisava levantar a cabeça para olhar para Maris.

– É claro que não – retrucou ele, ríspido. – Eram criados, confinados à terra contratados. Empregados não comem com os patrões. Dei a eles tudo o que precisavam... Não está insinuando que os fiz passar fome, está?

– Você lhes deu as migalhas – respondeu Maris com uma certeza raivosa. – Migalhas e rejeição, o lixo que você não queria mais.

– Eu era um voador rico, enquanto vocês eram uns pirralhos confinados à terra batalhando pelo jantar. E não venha me dizer como alimentar minha criadagem.

Maris ficou de pé mais perto dele, olhando-o de cima.

– Você o criou junto com seu filho, não foi? E o que dizia quando estava

treinando seu filho e Val perguntava se ele podia experimentar as asas?

Arak bufou e riu ao mesmo tempo.

– Tirei aquilo da cabeça dele na hora. Isso foi antes de você vir com essas suas malditas academias e colocar um monte de ideias na cabeça dos confinados à terra.

Ela lhe deu um empurrão.

Maris raramente tocava em outra pessoa ao se irritar com ela, mas deu-lhe um tranco forte, com ambas as mãos, com a intenção de ferir, e Arak cambaleou para trás, o riso sumindo na sua garganta. Ela o empurrou de novo, e ele tropeçou e caiu. Ela se pôs ao seu lado, e viu nos seus olhos o nervosismo de quem mal acredita no que está acontecendo.

– Levante – disse ela. – Levante e saia daqui, seu homenzinho asqueroso. Se eu pudesse arrancaria as asas das suas costas. Você não merece o céu.

Arak levantou e foi rápido em direção à porta. Lá fora, armou-se de coragem de novo.

– O sangue não mente – disse ele, olhando furioso para Maris. – Eu sabia. Sempre disse isso a todos. Um confinado à terra é um confinado à terra. As academias vão fechar. Devíamos ter tirado as suas asas antes, mas tiraremos depois, tanto faz.

Maris, tremendo, bateu a porta com força.

De repente, uma terrível suspeita irrompeu em sua mente, e ela abriu a porta de novo e correu atrás dele. Arak, ao vê-la se aproximar, começou a correr, mas ela logo o alcançou e derrubou-o na areia. Vários voadores se assustaram ao ver aquilo, mas nenhum deles se mexeu para interferir.

Arak encolheu-se embaixo dela.

– Você ficou louca? – gritou ele. – Me solte!

– Onde é que o pai de Val foi executado? – perguntou Maris.

Arak estava desconcertado aos pés dela.

– Foi em Lomarron ou em Arren do Sul?

– Em Arren, é claro. Não fazia sentido despachá-lo de volta – respondeu ele, se afastando dela. – A nossa corda era tão boa quanto.

– Mas o crime havia sido cometido em Lomarron, portanto o Senhor da Terra de Lomarron é que tinha que ordenar a execução – disse Maris. – Como foi que essa ordem foi parar não mãos do seu Senhor da Terra? Foi você que a levou voando, não foi? *Era você que levava e trazia as mensagens dos dois!*

Arak olhou furioso para ela e disparou correndo de novo. Dessa vez, ela não foi atrás. O olhar no rosto dele já fora a confissão de que ela precisava.

O vento que vinha do mar era forte e frio aquela noite, mas Maris andou devagar, sem pressa de abandonar a solidão da estrada marítima para ter uma conversa com Val. Ela queria falar com ele – sentiu que tinha que fazer isso –, mas não sabia direito o que dizer. Pela primeira vez, sentiu que o entendia. E essa sua compaixão por ele a perturbava.

Maris ficara com raiva de Arak, pois havia reagido de maneira emocional e, agora avaliava, irracional. Ela não tinha direito àquela raiva, mesmo que Val tivesse. Um voador não podia ser culpado pela mensagem que trazia – isso era senso comum, além de ser assunto das lendas. Ela mesma nunca levara uma mensagem que resultasse diretamente na morte de alguém, mas uma vez levara a informação que resultou no aprisionamento de uma mulher acusada de roubo – será que ela alimentava rancor de Maris assim como do Senhor da Terra que a sentenciara?

Maris enterrou as mãos nos bolsos e ergueu os ombros para se proteger do vento frio, andando de cara amarrada enquanto o problema rodava na sua mente. Arak era uma pessoa desagradável, e podia muito bem ter adorado a ideia de ser o instrumento de uma vingança contra um assassino, e tampouco havia dúvida de que tirara partido da situação. Val e a mãe dele tinham sido mão de obra barata para Arak, por mais que se referisse hipocritamente à sua generosidade.

Conforme se aproximava da taberna onde Val estava hospedado, Maris ainda discutia com ela mesma. Arak era um voador, e os voadores não podem se recusar a carregar mensagens, não importa o quanto elas sejam indesejáveis ou injustas. Não podia deixar que o fato de não gostar daquele homem a levasse a culpá-lo pela execução (merecida ou não) do pai de Val. E isso era uma coisa que Val, se ele quisesse ter alguma chance de ser algo mais que Uma-Asa, teria de entender também.

A taberna era um lugar ordinário, de interior escuro e frio cheirando a mofo. O fogo era pequeno demais para aquecer o ambiente, e as velas em cima da mesa queimavam fumacentas. Val jogava dados com três mulheres pesadas, de cabelo escuro, vestidas como guardas da terra, em marrom e verde, mas veio até ela quando foi chamado, trazendo um copo de vinho na mão.

Val ficou acariciando o copo de vinho enquanto Maris falava, e manteve-se em silêncio, o rosto inalterado. Depois que ela terminou, o sorriso tênue no rosto dele foi logo sumindo.

– Cordialidade e generosidade – começou. – Arak tem os dois em abundância. – Depois disso, não falou mais nada.

O silêncio foi prolongado e embaraçoso.

– É só isso que você vai dizer? – perguntou Maris, por fim.

A expressão de Val mudou ligeiramente, as linhas em volta da boca ficaram mais tensas, apertou os olhos um pouco; ele parecia mais rude do que nunca.

– O que você espera que eu diga, voadora? Você espera que eu a abrace, que a leve para a cama, cante uma canção louvando a sua compreensão? O quê?

Maris ficou chocada com a raiva no tom dele.

– Eu... não sei o que espero – admitiu ela. – Mas quis que você soubesse que entendo o que você passou, que estou do seu lado.

– Não quero que você fique do meu lado – retrucou Val. – Não *preciso* de você, ou da sua compaixão. E se você acha que gosto que você fique fuçando o meu passado, está equivocada. O que aconteceu entre Arak e mim é assunto nosso, não seu, e nenhum de nós dois precisa do seu julgamento. – Ele terminou seu vinho, estalou os dedos e o garçom do bar atravessou a sala e deixou uma garrafa na mesa entre os dois.

– Você queria se vingar de Arak, e com toda razão – Maris teimou em dizer –, mas você transformou isso num desejo de vingança contra *todos* os voadores. Você devia ter desafiado Arak, não Ari.

Val encheu de novo seu copo e provou o vinho.

– Existem vários problemas com essa ideia romântica – observou ele, mais calmo. – Primeiro, Arak não tinha asas no ano em que a Lar Aéreo me apadrinhou. O filho dele chegara à maioridade, então Arak estava aposentado. Há uns dois anos, o garoto pegou uma febre do Sul e morreu, e Arak recuperou as asas.

– Entendo. E você não desafiou o filho dele porque era seu amigo.

A risada de Val foi cruel.

– Nada disso. O filho era um valentão mal-educado, que ficava cada dia mais parecido com o pai. Não derramei uma lágrima quando o lançaram ao mar. Certo, nós brincávamos juntos quando éramos crianças, quando ele era ainda pequeno demais para perceber o quanto era superior a mim, e muitas vezes levávamos chicotadas juntos, mas isso não criou nenhum vínculo entre nós. – Ele se inclinou para a frente. – Não desafiei o filho porque ele era bom voando, a mesma razão pela qual não teria desafiado Arak. Não estou interessado em vingança, não importa se você acredita nisso ou não. Estou interessado nas asas, e nas coisas que vêm junto com elas. A sua Ari foi a voadora mais fraca que eu vi, e eu sabia que era capaz de tirar as asas dela. Contra Arak ou o filho dele eu poderia ter perdido. É simples assim.

Ele bebericou seu vinho de novo, enquanto Maris o observava, desanimada. Seja lá o que ela esperasse conseguir indo lá, não estava funcionando. E ela entendeu que não ia dar certo, não *podia* dar certo. Ela havia sido tola de imaginar outra coisa. Val Uma-Asa era quem ele era, e isso não iria mudar simplesmente porque Maris entendia as forças cruéis que o haviam moldado. Ele estava lá, sentado, olhando para ela com o mesmo desdém frio de sempre, e ela viu que os dois nunca poderiam ser amigos, nunca, não importa o que viesse a acontecer.

Mas tentou de novo.

– Não julgue todos os voadores tendo Arak como medida. – Ao ouvir as próprias palavras, Maris ficou imaginando por que não dissera "nós" voadores, por que falara de voadores como se ela também não fosse. – Arak não é um caso típico, Val.

– Arak e eu entendemos um ao outro suficientemente bem. Sei muito bem o que ele é, obrigado. Sei que ele é mais cruel do que a maioria, seja voador ou confinado à terra, e menos inteligente, e que fica enraivecido com mais facilidade. Isso não torna minha opinião a respeito dos demais voadores menos verdadeira. As atitudes dele são iguais às da maioria dos seus amigos, quer você goste de admitir isso ou não. Arak é apenas um pouco menos reticente em expor seus pontos de vista, e um pouco mais rude na fala.

Maris levantou.

– Não temos mais nada a dizer um ao outro. Espero você e S'Rella amanhã cedo para o treino – disse ela virando as costas e indo embora.

Sena e os outros da Asas de Madeira chegaram algumas horas antes do programado, na véspera da competição, desembarcando no porto mais próximo e andando uns vinte quilômetros a pé pela estrada marítima. Maris estava voando e não soube que eles já haviam chegado havia algumas horas. Quando os encontrou, Sena foi logo perguntando pelas asas da academia, e mandou Sher e Leya irem correndo buscá-las.

– Precisamos aproveitar cada hora de bons ventos que tivermos – justificou ela. – Ficamos presos tempo demais naquele barco.

Depois que as alunas saíram, Sena fez um gesto indicando para Maris se sentar e olhou bem para ela.

– Me diga qual é o problema.

– Como assim?

Sena balançou a cabeça impaciente.

– Percebi logo de cara. Nos anos anteriores os voadores podem ter sido muito legais conosco, mas eram sempre educados e paternais. Este ano a hostilidade está no ar, como se fosse um mau cheiro. É por causa de Val?

Maris contou à velha senhora resumidamente o que acontecera.

Sena franziu o cenho.

– Bem, é muito desagradável, mas vamos superar isso. A adversidade os deixará mais fortes. Eles precisam disso.

– Será? Esse não é o tipo de resistência que você consiga com o vento e o clima e pousos forçados. Isso é outra coisa. Será que eles precisam que o coração deles seja enrijecido, tanto quanto seus corpos?

Sena colocou a mão no ombro de Maris.

– Talvez precisem. Você parece irritada, Maris, e entendo seu desapontamento. Também fui voadora, e teria gostado de acreditar mais nos meus velhos amigos. Mas sobreviveremos, tanto nós voadores quanto os Asas de Madeira.

Naquela noite, os voadores curtiram uma animada festa no alojamento, tão barulhenta que mesmo na vila Maris e os outros podiam ouvir a algazarra. Mas Sena não ia deixar que seus pupilos fossem lá. Eles precisam descansar, disse ela, depois de uma reunião final na sua cabana.

Sena começou comunicando as regras. A competição iria durar três dias, mas o assunto principal, os desafios formais, ia ficar restritos às manhãs.

– Amanhã vocês indicam quem será seu oponente e disputam com ele – explicou Sena. – Os jurados darão nota segundo velocidade e resistência. No dia seguinte, vão julgar a graça de movimentos. No terceiro dia, a precisão. Vocês vão voar pelos portais para mostrar seu controle.

As noites e tardes seriam preenchidas por competições menos importantes, jogos, desafios pessoais, concursos de canto, desafios de bebida e assim por diante.

– Deixem isso para os voadores que não estejam envolvidos em desafios de verdade – advertiu Sena. – Vocês não têm que se ocupar com essas bobagens. Só vai deixá-los mais cansados e fazê-los desperdiçar forças. Assistam se quiserem, mas não participem.

Depois que terminou de falar sobre as regras, Sena respondeu a perguntas durante um tempo, até que lhe fizeram uma pergunta que ela não soube responder. Veio de Kerr, que perdera um pouco de peso durante os três dias no mar, e parecia surpreendentemente em boa forma.

– Sena, como é que se escolhe o voador mais adequado para desafiar?

Sena olhou para Maris.

– Já tivemos esse problema antes – começou Sena. – Os filhos de famílias de voadores sabem tudo o que precisam saber quando alcançam a idade para os desafios, mas não ficamos sabendo de nada sobre os voadores, sobre quem é bom e quem é fraco. As coisas que sei por conta própria estão uns dez anos desatualizadas. Você os aconselharia, Maris?

Maris assentiu.

– Bem, obviamente, vocês querem encontrar alguém que consigam vencer. Eu diria para desafiarem de preferência os voadores do Leste e do Oeste. Os que vêm de mais longe são geralmente os melhores de sua região. Quando a competição é no Sul, então os voadores mais fracos do Sul estão disponíveis, mas apenas os mais talentosos do Oeste fazem o voo. Outra coisa: é melhor vocês evitarem os voadores de Grande Shotan. Eles se organizam de um jeito quase militar, e praticam e treinam

sem parar.

– Desafiei uma mulher de Grande Shotan no ano passado – lembrou Damen, meio melancólico. – De início, ela não parecia grande coisa, mas ganhou fácil de mim quando foi para valer.

– Provavelmente ela se mostrou meio desajeitada de propósito no início, tentando atrair alguém para desafiá-la – supôs Maris. – Conheci alguns que fazem isso.

– Isso ainda deixa um monte de gente para escolher – observou Kerr, insatisfeito. – Não conheço nenhum deles. Você não me passaria o nome de alguém que eu fosse capaz de vencer?

Val riu. Ele estava de pé junto à porta, S'Rella bem perto dele.

– Você não consegue ganhar de ninguém, a não ser da Sena. Desafie-a.

– Vou ganhar é de você, Uma-Asa – revidou Kerr.

Sena mandou-o ficar quieto e olhou feio para Val.

– Quieto. Não vou tolerar esse tipo de coisa aqui. – Ela olhou para Maris. – Kerr tem razão. Você podia nos dizer quais voadores são mais vulneráveis.

– Você sabe, Maris – afirmou Val. – Como a Ari, por exemplo. – Ele estava sorrindo.

Um pouco antes, não muito, essa sugestão teria enchido Maris de horror. Ela teria julgado isso uma traição da pior espécie. Agora, não tinha tanta certeza disso. Os voadores mais fracos colocam em risco a própria vida e as suas asas, e aqueles que privavam das fofocas de Eyrie com certeza sabiam quem eram eles.

– Eu... acho que posso sugerir alguns nomes – confirmou ela, hesitante. – Jon de Culhall, é um. Dizem que ele tem a vista ruim, e nunca me impressionei com suas habilidades. Bari de Poweet pode ser outro. Ela engordou quase uns quinze quilos no ano passado, sinal seguro de que a vontade e o corpo de um voador não estão indo bem. – Maris citou ainda uma meia dúzia, todos assunto frequente de conversas entre os voadores, com fama de serem desajeitados ou relaxados ou ambas as coisas, tanto os velhos quanto os muito jovens. A seguir, num impulso, acrescentou mais um nome. – Um voador do Leste que conheci ontem pode valer a pena desafiar. Arak de Arren do Sul.

Val balançou a cabeça.

– Arak é pequeno, mas não tem nada de frágil – observou ele calmamente. – Ele voa melhor do que qualquer um aqui, exceto eu talvez.

– Tem certeza? – Damen, como sempre, sentia-se incomodado pela ofensa implícita. – Vamos ver se isso confere. Confio no julgamento de Maris.

Conversaram alguns minutos mais, e os Asas de Madeira ficaram numa acalorada discussão sobre os nomes que Maris havia lançado. Finalmente, Sena mandou todos embora e disse que precisavam descansar.

Diante da cabana que ela compartilhara com Maris, S'Rella deu boa-noite a Val.

– Pode ir – disse ela ao rapaz. – Vou dormir aqui hoje à noite.

Ele pareceu um pouco desconcertado.

– Ah, é? Bem, fique à vontade.

Quando Val já estava longe, Maris perguntou:

– S'Rella? Você é bem-vinda, é claro, mas por que...?

S'Rella virou-se para ela com expressão séria.

– Você deixou Garth de fora – apontou ela.

Maris foi pega de surpresa. Ela pensara em Garth, é claro. Estava doente, bebendo demais, ganhando peso... seria melhor para ele perder as asas. Mas ela sabia que Garth jamais concordaria com isso. Ele fora amigo íntimo dela por muito tempo, e Maris não conseguiu se ver dando o nome dele aos Asas de Madeira.

– Eu não posso – admitiu ela. – Ele é meu amigo.

– Mas, e nós? Não somos seus amigos também?

– Claro.

– Mas não somos amigos tão próximos quanto Garth. E você acha mais importante protegê-lo do que conseguirmos nossas asas.

– Talvez eu tenha errado em omitir o nome dele – admitiu Maris. – Mas gosto demais dele, e não é fácil... S'Rella, você não comentou nada de Garth com Val, não é? – De repente, Maris ficou preocupada.

– Isso não vem ao caso – respondeu S'Rella. Ela esbarrou em Maris ao entrar na cabana e começou a tirar a roupa. Maris entrou atrás, desolada, já arrependida de ter feito aquela pergunta.

– Gostaria que você entendesse – disse Maris para S'Rella enquanto a garota do Sul se enfiava debaixo das cobertas.

– Eu entendo – respondeu S'Rella. – Você é uma voadora. – Ela se virou para o outro lado, dando as costas para Maris, e não disse mais nada.

O primeiro dia amanheceu limpo e calmo.

De onde estava, de pé em frente ao alojamento dos voadores, Maris teve a impressão de que metade da população de Skulny viera assistir à competição. Havia gente por todo lado, para cima e para baixo pela praia, subindo pela encosta rochosa para poder ver melhor, sentada na grama e na areia e nas pedras, sozinha ou em grupos. A praia estava cheia também de crianças de todas as idades, correndo para lá e para cá, levantando areia ao passar, brincando nas ondas, gritando, excitadas, correndo com os braços estendidos, brincando de serem voadores. Comerciantes andavam pela multidão: um homem ornado de salsichas, outro com odres de vinho, uma mulher puxando um carrinho cheio de tortas de carne. Até o mar estava cheio

de espectadores. Maris viu mais de uma dezena de barcos, cheios de passageiros, boiando na água logo depois da arrebentação, e sabia que havia mais gente ainda, além do seu campo de visão. Apenas o céu estava vazio. Normalmente, o céu deveria estar cheio de voadores impacientes, com suas asas de prata cintilantes, seus giros e rotações, fazendo os últimos treinos ou simplesmente testando o vento. Mas não naquele dia.

Naquele dia o ar estava parado.

Aquela calma mortal era assustadora. Era antinatural, impossível: ao longo da costa a brisa fresca deveria ser contínua. No entanto, um peso sufocante pairava sobre tudo. Até as nuvens descansavam, preguiçosas no céu. Os voadores andavam pela praia com suas asas dobradas por cima dos ombros, olhando para cima de vez em quando, inquietos, esperando o vento voltar e conversando entre eles sobre aquela calmaria, em voz baixa, cautelosa. Os confinados à terra aguardavam ansiosamente que a competição começasse, a maioria deles sem saber que faltava algo essencial. Fazia, apesar de tudo, um dia claro, lindo. E no alto dos rochedos os jurados já haviam montado seu posto e tomado assento. A competição não podia ficar esperando pelo vento. As disputas nesse ar preguiçoso talvez não fossem tão emocionantes, mas ainda assim seriam bons testes de habilidade e resistência.

Maris avistou Sena à frente dos Asas de Madeira pelas areias, vindo em direção à escadaria que subia até o alto dos rochedos. Apressou-se para se juntar a eles.

Uma fila já se formara diante da mesa dos jurados, onde estavam sentados o Senhor da Terra de Skulny e quatro voadores, das ilhas do Leste, do Sul, do Oeste e das Exteriores.

O arauto do Senhor da Terra, uma mulher grande com um peito como um barril, estava de pé à beira do rochedo. Conforme cada desafiador dava o nome de um oponente aos jurados, ela colocava as mãos em concha e gritava o nome para todos ouvirem, e os ajudantes dela retransmitiam o grito por toda a praia, berrando e berrando até que o voador desafiado se identificasse e fosse ao rochedo dos voadores. Então, o desafiador ia encontrar com seu oponente ou sua oponente, e a fila andava. A maioria dos nomes anunciados era vagamente familiar a Maris, e ela sabia que se tratava de desafios dentro da família, pais testando filhos, ou – num dos casos – uma irmã mais nova disputando com o irmão mais velho o direito de usar as asas da família. Mas, pouco antes que os Asas de Madeira chegassem à mesa dos jurados, uma menina de cabelos negros de Grande Shotan, filha de um destacado voador, deu o nome de Bari de Poweet, e Maris ouviu Kerr xingar baixinho. Um bom alvo a menos para escolher.

Então, chegou a vez deles.

Maris teve a impressão de que tudo ficara mais calmo do que antes. O Senhor da Terra estava bastante animado, mas todos os quatro jurados voadores pareciam

sérios e nervosos. A jurada do Leste ficava mexendo no telescópio de madeira que havia sido montado diante dela na mesa, a loira musculosa das Ilhas Exteriores estava de cara amarrada, e até Shalli parecia preocupada.

Sher foi primeiro, seguida por Leya. Ambas deram nomes de voadores que Maris sugerira. A mulher arauto berrou os nomes, e Maris ouviu os gritos sendo repetidos para cima e para baixo pela praia.

Damen deu o nome de Arak de Arren do Sul, e a jurada das Ilhas do Leste sorriu timidamente disso.

– Será um *grande* prazer para Arak – comentou.

Kerr deu o nome de Jon de Culhall. Maris não ficou feliz com isso. Jon era um voador fraco, que provavelmente seria desafiado, mas ela esperava que o fosse por alguma das melhores esperanças da academia – Val, S'Rella ou Damen. Kerr era o mais fraco dos seis, e Jon provavelmente conseguiria escapar dessa e manter suas asas.

Val Uma-Asa aproximou-se da mesa.

– Quem você escolheu? – trovejou o jurado das Ilhas Exteriores. Estava tenso, como os demais jurados, e até o Senhor da Terra. Maris percebeu que também ela estava ansiosa, com receio do que Val pudesse fazer.

– Tenho que escolher só um nome? – perguntou Val cinicamente. – Da última vez que competi tive uma dúzia de rivais.

Shalli retrucou rapidamente.

– As regras foram mudadas, como você deve saber muito bem. Os desafios múltiplos não são mais permitidos.

– Uma pena – comentou Val. – Eu tinha esperança de ganhar uma coleção inteira de asas.

– Será uma pena se você ganhar uma sequer, Uma-Asa – retrucou a jurada das Ilhas do Leste. – Tem mais gente na fila. Diga logo o nome do seu oponente e siga em frente.

Val deu de ombros.

– Então eu desafio Corm de Amberly Menor.

Silêncio. Shalli pareceu chocada de início; depois, sorriu. A jurada do Leste deu uma risadinha leve para si mesma, e o das Ilhas Exteriores riu abertamente.

– *Corm de Amberly Menor!* – berrou a mulher arauto. – *Corm de Amberly Menor!* – Uma dúzia de vozes mais fracas ecoou o chamado.

– Vou ter que me desqualificar desse julgamento – disse Shalli baixinho.

– Não, Shalli. Confiamos na sua imparcialidade – argumentou a jurada das Ilhas do Leste.

– Não peço que você se retire – disse Val.

Ela olhou para ele, confusa.

– Muito bem. Você está contribuindo para a sua própria derrota, Uma-Asa. Corm não é uma criança angustiada.

Val sorriu para ela enigmaticamente e saiu andando. Maris e Sena se aproximaram dele na hora.

– Por que você fez isso? – perguntou Sena. Ela estava furiosa. – Perdi tempo com você, com certeza. Corm! Maris, diga-lhe o quanto Corm é bom, diga a esse tolo obstinado que ele acaba de jogar fora suas asas.

Val olhava para ela.

– Acho que ele sabe o quanto Corm é bom – afirmou Maris, encarando-o. – E sabe que Shalli é a mulher dele. Acho que é por causa disso que escolheu Corm.

Val não teve chance de discordar. Atrás dele, a fila já andara, e agora já se gritava outro nome. Maris ouviu-o e deu um rodopio, com o estômago revirando.

– Não – disse ela, mas a palavra ficou presa na sua garganta e ninguém ouviu. Mas a mulher arauto, como se respondesse, repetiu o grito.

– *Garth de Skulny! Garth de Skulny!*

S'Rella estava afastando-se dos jurados, olhando para baixo. Quando ela, por fim, ergueu a cabeça e encarou Maris, seu rosto estava vermelho, porém desafiador.

Dois a dois todos eles voaram ao sol da manhã, lutando contra aquele ar pesado – a calmaria havia passado, mas os ventos ainda eram lentos e erráticos –, e os voadores mostravam-se de repente desajeitados. Quem já era voador usava as próprias asas, e os desafiadores usavam pares emprestados pelos jurados, amigos ou espectadores. A corrida era até uma pequena ilha rochosa chamada Lisle, onde eles teriam de pousar, recolher um marcador do Senhor da Terra, que estaria lá à espera, e voltar. Era um voo de umas três horas em condições normais; mas, com aquele tempo, Maris suspeitava que iria demorar ainda mais.

Os Asas de Madeira e seus oponentes partiram na ordem em que haviam feito os desafios. Sher e Leya começaram relativamente bem. Damen teve mais dificuldades; Arak ofendeu-o verbalmente enquanto ainda estavam circulando, esperando o grito para partirem, e voou perigosamente perto dele quando giraram em direção ao oceano. Mesmo à distância, Maris percebeu que Damen parecia abalado.

Kerr foi pior ainda. Ele pulou mal, tentou corrigir seu salto, parecia que havia tropeçado do rochedo, e até deu para ouvir um grito lá de baixo quando ele mergulhou direto em direção à praia. Por fim, recuperou algum controle e se recompôs, mas quando conseguiu tomar o rumo do mar aberto seu oponente já

ganhara uma distância considerável.

Corm estava brincalhão e sorridente enquanto se preparava para sua disputa com Val, fazendo piada e flertando com as duas garotas confinadas à terra que o ajudavam com suas asas, comentando coisas com os espectadores, acenando para Shalli. Deu até um sorriso amarelo na direção de Maris. Mas não falou com Val, exceto em um momento, antes de saltar.

– Este voo é dedicado a Ari! – gritou, num tom fatal. Então, saiu correndo e o vento o capturou.

Val não disse nada. Desdobrou suas asas e saltou do rochedo em silêncio, fez um círculo ascendente em volta de Corm, também em silêncio. Houve o grito, e os dois partiram em direções opostas, aproximando-se depois num belo giro, com a sombra de suas asas passando pelos rostos das crianças na praia, que estavam voltados para cima. Quando ficaram fora do campo de visão, Corm estava à frente, mas só por uma envergadura de asa.

Por fim, vieram S'Rella e Garth. Maris estava com Sena, perto dos jurados. Ela olhou para o rochedo dos voadores e, quando viu os dois, ficou com o coração apertado. Garth estava sombrio e pálido, e à distância parecia robusto e desajeitado demais para ter muita chance contra a esbelta e jovem desafiadora. Ambos se prepararam quietos, Garth dizendo só uma ou outra palavra à sua irmã, e S'Rella sem dizer absolutamente nada. Nenhum dos dois fez um bom início, e Garth teve até um pouco mais de dificuldade com o ar denso por causa do seu peso. S'Rella rapidamente ultrapassou-o, mas ele já havia encostado de novo quando os dois alcançaram o horizonte e sumiram.

– Sei que você quis ajudar os seus Asas de Madeira, mas será que não podia ter evitado trair um amigo?

Era a voz de Dorrel, enganosamente calma. Deprimida, Maris virou o rosto para olhá-lo. Não falava com ele desde aquela noite na praia.

– Não queria que isso tivesse acontecido, Dorr – disse ela. – Mas talvez seja melhor assim. Você e eu sabemos que ele está doente.

– Sim, está doente – disparou ele. – Mas eu queria protegê-lo... Isso irá matá-lo se ele perder.

– Ele pode morrer se ganhar.

– Acho que ele talvez prefira isso. Mas se essa garota pegar as asas dele... ele gostou dela, você percebeu isso? Ele falou dela para mim, que achava a garota muito legal, naquela noite, depois que Val estragou a festa no alojamento.

Maris também ficara triste e com raiva com a escolha de oponente feita por S'Rella, mas a fúria tranquila de Dorrel fez seus sentimentos tomarem outro rumo.

– S'Rella não fez nada de errado – retrucou ela. – Seu desafio foi perfeitamente

adequado. E Val não estragou a festa, como você diz. Aliás, como é que você *ousa* dizer isso? Foram os voadores que o insultaram e foram embora.

– Não entendo você. – Dorrel estava calmo. – Às vezes, resisto a acreditar que tenha mudado tanto. Mas, é verdade, é bem como eles dizem. Você se voltou contra nós. Prefere a companhia dos Asas de Madeira e dos uma-asa do que dos verdadeiros voadores. Não estou reconhecendo você.

A infelicidade no rosto dele magoou Maris tanto quanto a dureza de suas palavras. Ela forçou-se a falar.

– Não. Você não me conhece mais.

Dorrel esperou um momento, aguardando que ela dissesse mais alguma coisa, mas Maris sabia que se abrisse a boca de novo seria para gritar ou para soluçar. Ela viu raiva brigando com tristeza no rosto de Dorrel, e a raiva finalmente venceu. Ele virou-se sem dizer palavra e foi embora.

Conforme o via se afastar, Maris sentiu que sangrava mortalmente, e sabia que se tratava de uma ferida que ela mesma provocara.

– Foi minha escolha – sussurrou ela, e as lágrimas rolavam pelo rosto, mirando o mar sem nada enxergar.

Ao partir, eles haviam voado de dois em dois. Agora voltavam, horas depois, um por um.

Uma multidão de confinados à terra aguardava nas praias, com olhos ansiosos varrendo o horizonte. Estavam ocupados com seus próprios jogos e competições, e também em comer e beber, enquanto esperavam os resultados das competições entre os voadores.

Os jurados observavam o céu com telescópios feitos especialmente para eles pelos melhores construtores de lentes de Stormtown. Na mesa diante do grupo havia várias caixas de madeira, uma para cada competição, e montes de pequenos seixos: seixos brancos para os voadores, pretos para os desafiadores. Quando uma corrida terminava, cada juiz jogava um seixo dentro da caixa de madeira. Quando uma competição era particularmente disputada, um jurado podia decidir votar pelo empate e então colocava uma pedra de cada cor dentro da caixa. Ou – mas isso era raro – se o vencedor fosse especialmente óbvio, podiam ser jogados dois seixos brancos ou dois pretos.

O primeiro voador foi avistado dos barcos antes que qualquer um na praia o visse. E o grito veio se propagando pela água. Na praia, as pessoas começaram a ficar de pé e erguer as mãos para proteger seus olhos do sol. Shalli levantou seu telescópio.

– Está vendo algo? – perguntou outro jurado.

– Um voador – respondeu Shalli, rindo. – Ali – ela tentou apontar –, debaixo da

nuvem. Não dá para dizer quem é ainda.

Os outros olharam. Maris mal conseguia enxergar o pontinho que eles indicavam. Para ela, podia tanto ser um gavião quanto um pica-pau-verde, mas eles tinham seus telescópios.

Foi a mulher do Leste a primeira a reconhecer o voador.

– É Lane – anunciou ela, surpresa.

Os outros também pareciam impressionados. Lane começara no terceiro par, Maris lembrou, o que significava que havia não só superado o próprio filho, mas quatro outros que haviam partido antes dele.

No momento em que pousou, dois outros voadores já haviam surgido das nuvens, um deles várias envergaduras de asas à frente do outro. O primeiro par que largou, os jurados anunciaram. Um dos auxiliares do Senhor da Terra passou duas das caixas de madeira pela mesa, e Maris ouvir os pequenos cliques dos seixos sendo jogados.

Quando as caixas foram deixadas de lado, ela chegou mais perto. Na primeira caixa, contou cinco seixos pretos e um branco; ou seja, quatro juízes a favor do desafiador, e um pelo empate. A outra caixa, a que correspondia à corrida na qual Lane havia voado, tinha cinco seixos brancos dentro, mas enquanto ela estava olhando os jurados colocaram mais três – dois outros voadores haviam aparecido, bem distantes um do outro, mas nenhum deles era o filho de Lane. Quando ele finalmente apareceu, uns vinte minutos mais tarde, cinco outros já haviam chegado à frente dele, e a caixa de Lane tinha dez seixos brancos dentro. Uma margem de vantagem formidável; o rapaz provavelmente já havia perdido, concluiu Maris.

Conforme cada voador que chegava era reconhecido, os jurados passavam o nome à mulher arauto, que o gritava para todos ouvirem. Exclamações variadas vinham lá de baixo após alguns anúncios, proferidas pelos confinados à terra que enchiam a praia, e de vez em quando Maris ouvia um berro bem alto. Ela suspeitava que a maioria das exclamações tinha mais razões financeiras que pessoais. A maioria dos confinados à terra não conhecia os voadores de outras ilhas o bastante para gostar ou desgostar deles, mas era costume apostar no resultado das corridas, e ela sabia que um monte de dinheiro estava trocando de mãos lá embaixo. Mas seria difícil para S'Rella. Afinal, lá era Skulny, a terra natal de Garth, e ele era conhecido e popular entre muitos dos espectadores.

– *Arak de Arren do Sul!* – ouviu-se o grito.

Sena soltou um palavrão baixinho. Maris pegou um telescópio das mãos de Shalli. Era Arak, sem dúvida, voando sozinho, à frente não só de Damen, mas também de Sher e Leya e de seus respectivos oponentes.

Um por um os Asas de Madeira e seus rivais apareciam.

Arak veio primeiro, seguido pelo homem que Sher havia desafiado, e um pouco depois por Damen e pelo rival de Leya. Minutos mais tarde, três voadores apareceram bem perto um do outro; Sher e Leya, inseparáveis como sempre, e perto das duas – agora, à frente delas – Jon de Culhall. Sena xingava de novo, com o rosto retorcido de desapontamento. Maris pensou em algo reconfortante para dizer, mas não lhe veio nada. Os jurados iam atirando seus seixos nas caixas. Na praia, Damen já pousara e estava tirando suas asas, enquanto os demais se aproximavam para o pouso.

O céu de repente ficou limpo, sem nada para ser visto. Kerr também estava sendo derrotado por grande margem, pois Jon agora já havia pousado, e ele ainda não estava à vista. Maris aproveitou o momento livre para ver como os jurados haviam pontuado seus alunos.

Não ficou feliz com o que viu. A caixa de Sher tinha sete seixos brancos dentro; a de Leya, cinco; e a de Damen, oito. Kerr tinha seis contra ele no momento, mas os jurados deixavam cair outros seixos conforme os minutos passavam e ele não aparecia.

– Vamos lá – sussurrou Maris num suspiro.

– Estou vendo alguém – avisou a jurada do Sul. – Bem no alto, agora começou a descer.

Os demais posicionaram seus telescópios.

– Sim – confirmou outro deles. Agora as pessoas na praia também haviam localizado o voador que chegava, e Maris ouviu o zum-zum-zum de especulação.

– É Kerr? – perguntou Sena, ansiosa.

– Não tenho certeza – respondeu a jurada do Leste. – Espere um pouco.

Mas foi Shalli que abaixou o telescópio dela primeiro, olhando perplexa.

– É o Uma-Asa – avisou ela, bem baixinho.

– Me dê isso aqui – disse Sena, tirando o telescópio das mãos dela. – É ele, *sim* – confirmou ela, radiante, passando o instrumento para Maris.

Sim, era Val. O vento acelerara bastante, e ele o usava muito bem, passando de uma corrente a outra, com uma graça de veterano.

– Pode anunciá-lo – disse Shalli, contrariada, para a mulher arauto.

– *Val Uma-Asa, Val de Arren do Sul!*

A multidão silenciou por um momento, e depois irrompeu barulhenta. Houve exclamações intensas, berros, xingamentos. Ninguém ficava indiferente a Val Uma-Asa.

Outro par de asas prateadas tornou-se visível lá em cima. Corm, Maris tentou adivinhar, e uma olhada pelo telescópio de Shalli confirmou isso. Mas ele estava

atrás, bem longe, sem chance de alcançar Val. Não era de modo algum uma humilhação para ele, mas era claramente uma derrota.

– Maris – disse Shalli –, quero que você veja isso, para que todos fiquem sabendo que o meu julgamento foi imparcial. – Ela abriu a mão e havia um único seixo preto na sua palma em concha, e sob o olhar de Maris ela o atirou dentro da caixa. Quatro outros se seguiram.

– Mais um voador – disse alguém. – Não, são dois.

Val já havia pousado, e estava calmamente tirando suas asas. Como sempre, rejeitara a ajuda das crianças confinadas à terra que se aglomeravam em volta dele. Corm ainda planava por cima da praia e dos rochedos, e então fez um giro nervoso e predatório, relutando em descer e enfrentar a realidade da sua derrota. Corm não admitia perder com facilidade, Maris sabia disso.

Todos os olhos agora se voltaram para dois novos voadores.

– Garth de Skulny – disse o jurado das Ilhas Exteriores –, e a garota que o desafiou. Ela vem logo atrás dele.

– Sim, é Garth – disse o Senhor da Terra. Ele não ficara nada satisfeito quando S'Rella desafiara um de seus voadores; a perspectiva de perder um par de asas era algo que nenhum Senhor da Terra aceitava de bom grado. – Voe, Garth – repetia ele, tomando partido abertamente. – Vamos lá, mais rápido.

Sena fez uma careta para ele.

– Ela está indo bem – comentou Sena para Maris.

– Mas não bem o suficiente – respondeu Maris.

Agora ela podia vê-los com clareza. S'Rella estava uma ou duas envergaduras de asa atrás. Mas, com a praia à vista, pareceu fraquejar. Garth iniciou sua descida, deu-lhe uma fechada, e a turbulência resultante pareceu chacoalhá-la. Suas asas ziguezaguearam por um momento antes que ela conseguisse recuperar a estabilidade, e ele ampliou um pouco mais sua vantagem.

Garth passou acima da praia umas três envergaduras de asas à frente dela. Os seixos começaram a soar dentro da caixa. Maris virou-se para ver. Havia sido uma corrida bem disputada, convincente, animada. Talvez algum dos jurados pudesse considerar um empate.

Um deles o fez, mas só um. Maris contou. Cinco seixos brancos para Garth, um preto solitário para S'Rella.

– Vamos lá embaixo recebê-la – disse Maris a Sena.

– Kerr ainda não chegou – respondeu a professora.

Maris quase já se esquecera dele.

– Bem, espero que esteja a salvo.

– Nunca devia tê-lo apadrinhado – grunhiu Sena. – Dane-se o dinheiro dos pais dele.

Esperaram cinco minutos, dez, quinze. Sher, Leya e um Damen muito abatido foram chegando. Outras asas apareceram no horizonte, mas nenhuma delas era Kerr. Maris ficava cada vez mais temerosa por ele.

Por fim, ele apareceu, o último daqueles que haviam partido aquela manhã, e, além disso, vindo da direção errada, pois se desviara da rota por causa do vento, explicou ele, e passara ao largo de Skulny. Estava muito encabulado por causa disso.

Àquela altura, é claro, dez seixos brancos já haviam sido jogados contra ele.

A multidão de confinados à terra se dispersava lá embaixo, indo atrás de comida e bebida ou de sombra. Os voadores preparavam-se para os jogos da tarde. Sena balançou a cabeça.

– Venha – chamou ela, passando o braço no ombro de Kerr. – Vamos encontrar os outros e comer alguma coisa.

A tarde passou rápido. Alguns dos Asas de Madeira saíram para ver os jogos aéreos – um voador das Ilhas Exteriores e dois das Shotans venceram os prêmios individuais, e as Ilhas do Oeste ficaram com as medalhas nas corridas por equipe –, enquanto os demais descansaram, conversaram ou brincaram. Damen tinha trazido um jogo de contas, e ele e Sher passaram horas debruçados em cima dele, os dois tentando recuperar um pouco do orgulho perdido.

À noite, as festas começaram. Os Asas de Madeira fizeram uma reunião só deles diante da cabana de Sena, num esforço meio tímido de melhorar um pouco os ânimos. Leya tocou flautas e Kerr contou histórias do mar, e todos tomaram vinho do odre que Maris havia trazido. Val estava com seu humor habitual, quieto, distante e invulnerável, e os demais se mostravam um pouco abatidos.

– Ninguém morreu – disse Sena, finalmente, com seu jeito rude. – Quando você perde um olho e esmigalha uma perna como aconteceu comigo, então tem o direito de ficar rabugento. Mas vocês não têm esse direito agora. Caiam fora daqui, vocês todos, antes que eu fique de mau humor. – Ela brandiu sua bengala na direção deles. – Fora agora, e para a cama. Vamos ter mais dois dias de competições, e todos ainda podem ganhar asas se voarem direito. Amanhã espero um pouco mais de vocês.

Maris e S'Rella andaram pela praia durante um tempo, conversando e ouvindo o barulho lento e incansável do mar, antes de voltar para a cabana que dividiam.

– Você não ficou com raiva de mim? – perguntou S'Rella em voz baixa. – Por ter escolhido Garth?

– Fiquei – respondeu Maris, mostrando cansaço. Ela não estava com ânimo de falar sobre seu rompimento com Dorrel. – Talvez não tivesse razão para ficar. Se

você ganhasse dele, teria direito às suas asas. Mas não estou mais com raiva agora.

– Fico contente – comentou S'Rella. – Também estava com raiva de você, mas agora passou. Desculpe.

Maris passou o braço pelo ombro dela. Caminharam em silêncio por um minuto e então S'Rella disse:

– Perdi, não foi?

– Não – respondeu Maris. – Você ainda pode ganhar. Você ouviu o que Sena disse.

– Sim, mas amanhã eles vão julgar graça de movimentos, e esse sempre foi meu ponto fraco. Mesmo que eu ganhe nos portais, já vou estar tão atrás que não vai dar para recuperar.

– Nada disso, não fale assim. Apenas voe o melhor que puder, e deixe o resto por conta dos jurados. É tudo o que você pode fazer. Se perder mesmo, poderá tentar no ano que vem.

S'Rella assentiu. Agora já tinham chegado à cabana. S'Rella disparou na frente para abrir a porta, e de repente deu um pulo para trás.

– Oh! – soltou ela. Sua voz de repente parecia assustada. – *Maris* – soluçou.

Alarmada, Maris apertou o passo. S'Rella estava de pé tremendo e olhando para a porta da cabana. Maris olhou também e tomou um susto.

Alguém pregara dois pica-paus-verdes mortos na porta. Eles pendiam flácidos e estropiados, as penas claras escurecidas e manchadas, com os pregos atravessando seus pequenos corpos, e sangue pingando, lento e constante, no chão.

Maris entrou para buscar uma faca e voltou para tirar aquelas pavorosas advertências da porta. Quando conseguiu soltar o primeiro prego e o pássaro caiu no chão, Maris descobriu para o seu horror que ele havia não só sido sacrificado, mas também mutilado.

Uma asa havia sido arrancada do seu corpo.

* * *

O segundo dia amanheceu muito frio e encoberto. Chovia logo cedo e, embora a chuva tivesse parado na hora em que as competições da manhã começaram, o dia continuou úmido e frio, e o céu densamente nublado. Eram poucos os espectadores confinados à terra – ficar sentado na praia não era lá muito agradável agora – e o mar revolto embalava apenas uns poucos barcos de observadores.

Mas tudo o que interessava aos voadores eram os ventos, e estes no segundo dia eram fortes e constantes e, portanto, prometiam excelente voo.

Na praia embaixo do rochedo, Maris pegou Sena pelo braço e afastou-a um pouco

dos Asas de Madeira para falar com ela em voz baixa.

– Quem faria uma coisa dessas? – indagou Sena, chocada.

Maris encostou o dedo nos lábios de Sena. Não queria que ninguém ouvisse. S'Rella ficara muito assustada com o incidente, e não fazia sentido alarmar os demais.

– Um voador, imagino – respondeu Maris amarrando a cara. – Um voador doente, cruel. Mas não temos nenhuma prova. Pode ter sido coisa de algum voador que tenha sido desafiado, ou de algum amigo de alguém que tenhamos desafiado, ou simplesmente algum estranho que odeia os Asas de Madeira. Pode até ter sido um confinado à terra local que perdeu dinheiro em alguma aposta sobre Val Uma-Asa. As minhas suspeitas recaem em Arak, mas não posso provar isso.

Sena assentiu.

– Você fez bem em não falar nada. Só espero que S'Rella não tenha ficado perturbada demais com isso.

Maris deu uma olhada para onde S'Rella estava, junto com outros alunos, conversando baixinho com Val.

– S'Rella precisa se sair bem hoje, se não estará tudo terminado para ela.

– Eles já vão começar – chamou Damen, apontando lá para os rochedos.

A primeira dupla de competidores já estava no ar e encaminhando-se rapidamente para a praia. Eles voariam em círculos sobre a água, Maris sabia, e cada um faria uma sequência de acrobacias e manobras destinadas a demonstrar sua habilidade. As acrobacias específicas ficavam a critério de cada voador individual; alguns se contentavam em fazer manobras básicas com o menor número de imperfeições possível, enquanto outros tentavam ser ousados e ambiciosos. Raramente ficava muito nítido quem era vencedor ou perdedor. Era nesta etapa que os jurados mais exerciam seu poder.

Os primeiros dois pares não mostraram nada de especial, apenas meras sequências de decolagens, pousos e giros graciosos, amplos, todos feitos com habilidade, mas sem nada de espetacular. O terceiro confronto trouxe um pouco de novidade. O voador Lane, que competira tão bem na corrida do dia anterior, mostrou-se também esplêndido nas acrobacias. Ao saltar do rochedo, mergulhou tão baixo sobre a praia, passando tão perto da areia, que os confinados à terra tiveram de se abaixar para não atrapalhá-lo. Então, ele encontrou uma corrente ascendente e lançou-se para cima, bem para cima, até atravessar as nuvens e ficar fora de visão, antes de regressar num mergulho, a uma velocidade crescente, só voltando a subir no último instante. Tentou desvios laterais ao subir e um giro completo, e só caiu num estol numa das vezes – mas saiu dele rápido – e Maris surpreendeu-se admirando a sua habilidade. O filho dele não era páreo; o coitado do rapaz ia esperar um bom tempo para conseguir suas asas, a não ser que desafiasse alguém fora da família no ano seguinte.

Depois que terminaram, Maris contou dezoito pedrinhas brancas na caixa de votação, oito novas acrescentadas às dez que Lane ganhara no dia anterior.

Sher foi a primeira das Asas de Madeira a tentar o ar. Foi um bom esforço: uma decolagem boa, quase perfeita, exceto por uma breve trepidação, seguida por uma sequência padrão de giros, círculos, mergulhos e subidas, desempenhadas com suavidade. Sher mostrava-se ágil e confiante no ar, em comparação à competência fria do opositor. Maris teria dado seu voto a Sher por uma pequena margem, mas quando ela foi olhar viu que os jurados haviam sido mais críticos em relação à aluna do Asas de Madeira do que ela. Dois haviam dado a vitória ao voador, dois haviam optado pelo empate e apenas um dera seu voto a Sher, que agora perdia por onze pedras a três.

Sena suspirou quando Maris lhe contou como andava a contagem.

– Acabei me acostumando a isso. Sempre odiei acrobacias. Talvez os jurados estejam tentando ser imparciais, mas a tendenciosidade se insinua mesmo assim. Não há o que fazer em relação a isso, a não ser incentivar nossos Asas de Madeira a voarem tão bem que não haja como negar suas vitórias.

Leya era a próxima, e fez a mesma sequência que Sher, toda ela básica, mas teve menos sorte. O vento mudou de direção no meio da apresentação, tirando de Leya a graça fluente que Maris a vira ostentar com tanta frequência, o que deu ao seu voo um aspecto entrecortado. E várias vezes rajadas laterais a deslocaram, comprometendo o que teriam sido giros muito bem executados. A sua rival também teve dificuldades, porém menos que ela. Quatro jurados deram-lhe suas pedras, e apenas um optou pelo empate, o que deixou Leya atrás, em dez para um.

Damen foi mais ambicioso que todos os demais. Desta vez, quando Arak lhe dirigiu ofensas, Damen revidou à altura, o que fez brotar um sorriso nos lábios de Maris. E ele começou com uma imitação passável do espetacular mergulho na praia que o voador Lane fizera. Arak tentou imitá-lo, voando tão perto dele que Damen teria sido obrigado a interromper sua planagem desajeitadamente, mas ele esquivou-se com um desvio gracioso e sumiu dentro de uma nuvem, evitando o voador mais velho. Um dos jurados, o das Ilhas Exteriores, reclamou das táticas de Arak, mas os outros apenas deram de ombros.

– Ele pode ser o que for, mas ainda assim voa melhor do que o outro – insistiu a jurada do Leste. – Veja como seus giros são firmes. O garoto é animado, mas meio desleixado.

Maris teve que admitir que a jurada tinha razão, considerando que Damen costumava abrir demais suas curvas, especialmente as que fazia com vento descendente.

Ao dar as notas, quatro jurados optaram por Arak, e apenas o das Ilhas Exteriores favoreceu Damen.

– *Jon de Culhall, Kerr da Asas de Madeira!* – gritou a arauto. O vento batia forte, e Kerr mostrou-se desajeitado como sempre.

Após alguns minutos, Sena encarou Maris.

– Mesmo com um olho só, isso é doloroso de ver – comentou.

Jon de Culhall acumulou mais oito seixos brancos, e Maris lamentou por Kerr.

– *Corm de Amberly Menor e Val Uma-Asa, Val de Arren do Sul!*

Eles ficaram à vista de todos no rochedo dos voadores, asas atadas, porém ainda dobradas, e Maris sentiu uma onda de excitação perpassando os assistentes. As pessoas na praia faziam barulho, e até os guardas da terra e os auxiliares que estavam perto do Senhor da Terra chegaram mais perto para ver.

Corm agora não estava para brincadeiras ou risadas. Ficou de pé tão sério quanto Val, seu cabelo escuro ondulando ao vento, enquanto suas asas eram desdobradas e travadas por auxiliares. Val, como sempre, dispensou ajuda.

– Corm quando quer é muito gracioso – comentou Maris com Sena. – Val pode ter problemas hoje.

– Sem dúvida – concordou Sena, olhando para Shalli sentada entre os jurados.

A multidão ficava cada vez mais impaciente; os dois voadores ainda não haviam decolado. Os ajudantes de Corm afastaram-se dele, que já estava com suas asas prateadas totalmente estendidas, mas Val não fizera nenhum movimento ainda para desdobrar as suas. Em vez disso, ficou examinando as juntas de uma asa, como se estivesse procurando algo errado. Corm lhe disse algo, rispidamente, e Val tirou o olhar do que estava fazendo e fez um gesto amplo.

– Tudo bem – disse Corm claramente, e em seguida já estava correndo e um instante depois saltou e estava lá em cima.

– Lá está Corm – apontou Shalli. – Mas onde está o Uma-Asa?

– Será que ele não sabe o que isso pode lhe custar? – murmurou Sena.

Maris agarrou Sena forte pelo cotovelo.

– Ele vai fazer aquilo de novo – concluiu ela, afobada.

– Aquilo o quê? – perguntou Sena. Mas, ainda enquanto falava, uma luz se acendeu no seu rosto e Maris percebeu que ela entendera.

Val saltou.

Foi um longo mergulho, e havia apenas areia e espectadores lá embaixo. Foi mais complicado e mais perigoso que a mesma acrobacia sobre a água. Mas ele a estava executando, caindo, suas asas ondulando atrás dele como uma capa prateada. Shalli e a jurada do sul ficaram de pé num salto, dois dos guardas da terra correram até a beirada do rochedo, até a mulher arauto deu um gemido de surpresa. Maris ouviu gente gritando, lá embaixo.

As asas de Val se abriram, então.

Por um instante, aquilo não pareceu ser suficiente. Ele ainda caiu um pouco mais, a velocidade aumentando, mesmo com as asas totalmente estendidas. Mas ele inclinou-se para um lado e o movimento fez o resto. De repente, estava subindo vigorosamente, formando um ângulo com a praia e indo em direção ao mar aberto. As pessoas se atiravam na areia, e ainda havia gente gritando de susto, mas também pessoas que aclamavam.

Depois disso, silêncio, quietude, uma longa tomada de fôlego. Val passou rente à água, como se deslizasse sobre o gelo, e suavemente começou a subir. Com serenidade, foi voando e ganhando altura até onde Corm estava, quase ignorado, mesmo tendo feito uma manobra difícil.

Começaram os aplausos, e os cumprimentos, e por toda a praia os confinados à terra começaram a bater palmas e a cantar o refrão "Uma-Asa, Uma-Asa, Uma-Asa", sem parar. Nem Lane com seu espetacular mergulho havia causado tanto impacto quanto Val.

A jurada do Leste ria.

– Nunca achei que fosse ver isso de novo – exclamou ela. – Que danado! Nem o Corvo faria melhor.

Shalli parecia deprimida.

– Um truque barato – comentou ela. – E além de tudo perigoso.

– Provavelmente – concordou o jurado das Ilhas Exteriores –, mas nunca vi nada igual. Seja como for, como é que ele conseguiu?

A jurada do Leste tentou explicar, e os dois ficaram discutindo isso. Lá à distância, Val e Corm faziam suas acrobacias. Val voava bem, embora Maris percebesse que seus giros com vento ascendente ainda não eram tudo o que deveriam ser. Corm voava melhor, seguindo Val acrobacia por acrobacia, e fazendo cada uma delas com um pouco mais de graça de movimentos, com a habilidade que vem de décadas de voo. *Mas voa sem esperança*, pensou Maris, *porque, depois da Queda do Corvo, nenhuma delicadeza do mundo iria reequilibrar as coisas.*

Ela estava certa. Shalli foi a única exceção.

– No geral, Corm foi muito superior – insistia ela. – Uma acrobacia temerária não muda isso. – Ela deixou cair uma pedra branca na caixa com um peteleco enfático do seu pulso.

Mas os demais jurados apenas sorriram para ela com indulgência, e os quatro seixos que se seguiram ao dela foram todos pretos.

– Garth de Skulny, S'Rella da Asas de Madeira!

S'Rella e Garth, embora tendo aparência totalmente diferente, parecem quase iguais nesta manhã, pensou Maris enquanto os observava nos preparativos. Garth

devia ter ficado exultante com sua vitória do dia anterior e com a probabilidade de que suas asas estivessem seguras, mas no mínimo parecia mais pálido e mais envelhecido hoje. Quase não falou com Riesa, e dedicou-se aos movimentos de vestir suas asas com uma cautela de iniciante. S'Rella mordeu o lábio enquanto deixava seus ajudantes estenderem suas asas, e parecia que estava se controlando para não chorar.

Nenhum dos dois tentou nada de espetacular na decolagem. Garth desviou para a direita, S'Rella para a esquerda, e passaram sobre a praia e acima dos barcos mais ou menos com a mesma facilidade. Alguns poucos habitantes locais acenaram para Garth e gritaram o seu nome quando ele passou sobre suas cabeças, mas de resto a multidão permaneceu calada, ainda meio perplexa por causa do salto de Val.

Sena balançou a cabeça.

– S'Rella nunca foi tão bonita de se olhar quanto Sher ou Leya, mas é capaz de voar melhor do que isso. – Ela perdera velocidade e altitude num giro ascendente bastante rotineiro, e Maris precisou concordar com a avaliação da professora. S'Rella não estava voando bem.

– Ela está simplesmente fazendo os movimentos – notou Maris. – Acho que ainda está abalada com o que aconteceu ontem à noite.

Garth tirava o máximo partido da lassidão da sua oponente. Elevou-se com sua usual competência tranquila, teve um desempenho fluente, fez giros graciosos e entrou numa manobra importante. Não foi especialmente boa, mas S'Rella sequer estava tentando fazer qualquer manobra mais espetacular.

– Esse vai ser fácil de julgar – disse o Senhor da Terra de Skulny, sentindo-se aliviado. Ele já estava procurando um seixo branco. A única esperança que Maris poderia ter é que ele não jogasse dois.

– Veja só isso – bufou Sena, mal-humorada. – Minha melhor aluna, e fica vagando pelo céu como uma menina de oito anos em seu primeiro voo.

– O que é que Garth está fazendo? – Maris ficou imaginando em voz alta. Suas asas moviam-se em direção ao mar aberto, inclinando-se primeiro de um lado, depois do outro, quase trepidando. – É uma oscilação terrível.

– Se os jurados percebessem – comentou Sena, irritada. – Olhe lá, agora ele corrigiu.

De fato, conseguira. Agora as grandes asas prateadas haviam endireitado, e Garth voava estável, controlando o vento, mergulhando discretamente.

– Ele está apenas voando – apontou Maris, confusa. – Não está fazendo acrobacia alguma.

Garth continuou movimentando-se, em direção às águas profundas, depois da arrebentação. Voava graciosamente, mas *reto* demais; não era preciso muito para

voar graciosamente quando se ficava simplesmente à mercê do vento. Pouco a pouco ele ia descendo. Agora estava quase dez metros acima da água, e ainda descia. Seu voo parecia muito calmo, tranquilo.

Maris ficou ofegante.

– Ele está caindo – avisou. Virou-se para os jurados. – Ajudem-no! Ele está *caindo*!

– Por que ela está gritando? – perguntou a jurada do Leste.

Shalli ajeitou seu telescópio junto aos olhos e focalizou Garth. Agora ele estava rente à água.

– Ela tem razão – disse baixinho.

Na mesma hora armou-se o caos. O Senhor da Terra ficou de pé num salto e começou a agitar os braços e a gritar ordens, e dois dos guardas da terra desceram a escadaria correndo, e todos os outros começaram a correr para algum lugar. A mulher arauto pôs as suas imensas mãos em concha e gritou:

– Ajudem-no! Ajudem o voador! Pessoal dos barcos, ajudem o voador!

Lá embaixo, na praia, outros gritos repetiam a ordem, e os espectadores correram para a beira d'água, gritando e apontando.

Garth tocou a água. Seu movimento para a frente o fez rebater na superfície, uma vez, duas, e lençóis de água saíram borrifando de suas asas, mas logo ele perdeu velocidade, desacelerou, parou.

– Está tudo bem, Maris – dizia Sena –, está tudo bem. Olhe, eles já chegaram lá. – Um pequeno veleiro, alertado pelos gritos, ia na direção dele rapidamente. Maris observava a tudo, apreensiva. Levaram um minuto para chegar até ele, outro minuto para pescá-lo com uma rede que atiraram ao lado dele. Mas, daquela distância, Maris não tinha como saber se ele estava morto ou vivo.

O Senhor da Terra abaixou seu telescópio.

– Conseguiram pegá-lo, e recuperaram as asas também.

S'Rella voava baixo sobre o veleiro que resgatara Garth. Ela demorara demais a perceber o que estava acontecendo, mas de qualquer maneira teria sido improvável que pudesse ajudá-lo de algum modo.

O Senhor da Terra, carrancudo, mandou outro de seus guardas da terra descerem para descobrir quais eram as condições de Garth, e voltou para o seu assento. Os jurados conversavam nervosamente entre eles e Maris e Sena compartilhavam um silêncio ansioso, até que o homem voltou, dez minutos depois.

– Ele está vivo e se recuperando, mas engoliu um pouco de água – anunciou o guarda da terra. – Estão levando-o para casa.

– O que aconteceu? – perguntou o Senhor da Terra.

– A irmã dele contou que ele andava doente há algum tempo – respondeu o homem. – Parece que teve um ataque.

O Senhor da Terra soltou um palavrão.

– Ele nunca me falou nada a respeito. – Olhou furioso para os quatro jurados voadores. – Temos que dar nota?

– Receio que sim – respondeu Shalli gentilmente. Ela pegou um seixo preto.

– E a garota? – perguntou o Senhor da Terra. – Garth voou melhor do que ela de longe, até ter o ataque. Você está pensando em dar a vitória à *garota*?

– O senhor não está falando sério, não é? – indagou o homem grandão das Ilhas Exteriores. – O seu Garth caiu no mar. Mesmo que tivesse feito acrobacias tão boas quanto Lane, mesmo assim ele perderia.

– Devo concordar – disse a jurada do Leste. – Senhor da Terra, sei que é difícil entender, porque o senhor não é voador. Garth teve a sorte de escapar vivo. Se tivesse caído no meio de uma missão, sem nenhum navio por perto para salvá-lo, teria virado comida de cila.

– Ele estava doente – insistiu o Senhor da Terra, desesperado ao ver Skulny perdendo as asas.

– Isso não muda nada – interveio a calma jurada do Sul, e jogou o primeiro seixo na caixa de votação com um peteleco do polegar. Um seixo preto. Três outras pedrinhas pretas se seguiram, uma atrás da outra. Shalli colocou as pedras dela com evidente desânimo. Em seguida, o Senhor da Terra, desafiadoramente, colocou uma branca.

A queda de Garth aumentou a irritação tanto dos voadores quanto dos Asas de Madeira. Os jogos da tarde, uma série de acrobacias realizadas com nuvens cada vez mais escuras e carregadas, não conseguiram animá-los muito. Uma voadora do Leste, do Pouso dos Gaviões, foi a grande vencedora, mas teve pouco trabalho, já que muitos voadores decidiram desistir no último momento. Houve até uns poucos voadores, não diretamente envolvidos em desafios, que foram vistos pegando suas asas e voltando para suas ilhas. Kerr, o único dos Asas de Madeira que se deu ao trabalho de assistir aos jogos, relatou que os espectadores também haviam sido poucos, e que todas as conversas giravam em torno de Garth.

Sena tentou incentivar os alunos, mas não era tarefa fácil. Sher e Leya ainda ficaram filosofando sobre suas chances, se bem que nenhuma delas esperasse mais ganhar, mas Damen estava com um humor deplorável e Kerr parecia pronto a desistir de tudo e se atirar no mar. S'Rella estava quase tão desanimada quanto eles. Cansada, ficou isolada a maior parte da tarde, e naquela noite acabou discutindo com Val.

Foi logo após o jantar. Damen estava armando seu tabuleiro de jogo de contas e

procurando algum adversário, e Leya começara a tocar suas flautas de novo. Val encontrou S'Rella sentada com Maris na praia, e se juntou a elas sem ser convidado.

– Vamos andar até a taberna – sugeriu ele a S'Rella – e comemorar nossas vitórias. Quero me livrar desses perdedores e ouvir o que as pessoas estão dizendo a nosso respeito, talvez até fazer algumas apostas para amanhã.

– Não tenho nenhuma vitória para celebrar – retrucou S'Rella de mau humor. – Meu voo foi horrível. Garth estava muito melhor do que eu. Não mereço ganhar.

– A gente ou perde ou ganha, S'Rella – argumentou Val. – O que você merece não tem nada a ver com isso. Vamos lá. – Ele tentou puxá-la pela mão e colocá-la de pé, mas S'Rella desvencilhou-se dele com um empurrão.

– Você nem sequer se importa com o que aconteceu com Garth?

– Não muito. E nem você devia. Se bem me lembro, a última coisa que você disse a ele foi que o odiava. Teria sido melhor para você, então, que ele se afogasse. Nesse caso, teriam que lhe dar as asas dele. Do jeito que a coisa ficou, vão acabar achando um jeito de enganá-la para não ter que lhe dar as asas.

Maris, ao ouvir isso, começou a perder a calma.

– Pode parar, Val.

– Fique fora dessa história, voadora – cortou ele. – Isso é assunto meu e dela.

S'Rella se levantou num salto.

– Por que você é sempre tão odioso? Fica sendo cruel com Maris o tempo inteiro, e ela só tem tentado ajudá-lo. E as coisas que fica falando sobre Garth? Ele foi gentil comigo, e o que foi que fiz em troca? Eu o desafiei, e agora ele quase morreu e você fica falando coisas horríveis dele. Não diga mais nenhuma palavra! *Nenhuma!*

O rosto de Val se travestiu numa máscara inexpressiva.

– Está bem – disse ele, com indiferença. – Como quiser. Se você se importa tanto assim com os voadores, vá visitar Garth e diga que ele pode ficar com as asas. Vou comemorar sozinho. – Virou as costas e saiu andando pela areia a passos largos, em direção à estrada marítima que levava à sua taberna.

Maris pegou na mão de S'Rella.

– Você gostaria de visitar Garth? – disse num impulso.

– Podemos?

Maris assentiu.

– Ele e Riesa moram juntos numa casa grande, a menos de um quilômetro subindo a estrada da montanha. Ele gosta de ficar perto do mar e do alojamento. Podemos ir até lá e ver como ele está.

S'Rella ficou ansiosa para ir, e as duas decidiram tomar o rumo naquela mesma hora. Maris estava um pouco apreensiva em relação à recepção que as duas

poderiam ter ao chegar, mas estava suficientemente preocupada com a saúde de Garth para se dispor a correr o risco. No final, correu tudo bem. Assim que Riesa abriu a porta e viu as duas desatou a chorar, e Maris abraçou-a para confortá-la.

– Venham, venham vê-lo – repetia Riesa em meio às lágrimas. – Ele ficará muito feliz.

Garth estava na cama apoiado por uma montanha de travesseiros, com um cobertor de lã esfarrapado em cima das pernas. Seu rosto parecia assustadoramente pálido e inchado, mas quando avistou as duas na porta seu sorriso foi muito real.

– Ah, que bom – trovejou, com a voz mais forte do que nunca. – Maris! E o pequeno demônio que veio tirar minhas asas. – Ele fez sinal para que se aproximassem. – Venham cá, sentem e conversem comigo. Riesa só fica andando de lá para cá, e não quer nem me trazer um pouco da sua cerveja.

Maris sorriu.

– Você não precisa de cerveja nenhuma agora – disse ela toda formal, indo até o lado da cama e beijando-o de leve na testa.

Mas S'Rella continuou ainda junto à porta. Ao ver isso, o rosto de Garth ficou sério.

– Ah, S'Rella – disse ele –, não fique assustada. Não estou com raiva de você.

Ela avançou e ficou de pé ao lado de Maris.

– Não está mesmo?

– Não – respondeu Garth, com firmeza. – Riesa, traga assentos para as duas, por favor. – A irmã fez como ele pediu, e, quando as duas sentaram, Garth retomou a conversa. – Olhe, fiquei furioso quando você me desafiou. E magoado, também, não vou negar isso.

– Desculpe – S'Rella apressou-se em dizer. – Não queria magoá-lo. Não o odeio... embora tenha dito isso naquela noite no alojamento.

Ele fez sinal para ela se calar.

– Sei disso. E você não precisa se desculpar. A água estava terrivelmente fria lá, mas talvez tenha me despertado um pouco, e eu tive a tarde toda para ficar aqui deitado e pensar na vida. Venho sendo um tolo, e por sorte ainda estou com fôlego para dizer isso. Fiz mal em guardar segredo a respeito de como me sentia, e você agiu certo ao me escolher quando descobriu isso. – Ele balançou a cabeça. – Eu não queria aceitar me tornar um confinado à terra, você entende? Gosto demais de voar, todos os meus amigos, as viagens. Mas acabou, meu pequeno mergulho provou isso, a única questão é se quando isso acabar eu serei um confinado à terra vivo ou um voador afogado. Até hoje, sempre consegui contornar a dor, chegar onde estava indo. Mas esta manhã... ah, foi terrível, umas dores agudas nos braços e nas pernas. Mas não quero falar disso. Já é ruim o suficiente que tenha acontecido. – Ele

estendeu o braço e pegou na mão de S'Rella. – O que eu quero dizer, S'Rella, é que eu não vou competir amanhã, e não competiria mesmo que pudesse. Riesa e o mar me fizeram ver as coisas melhor. As asas são suas.

S'Rella mal podia acreditar em Garth. Ficou de olhos arregalados observando-o, e um sorriso trêmulo apareceu no seu rosto.

– O que você vai fazer, Garth? – perguntou Maris.

Ele fez uma careta.

– Isso vai depender dos curandeiros – respondeu ele. – Minha impressão é que tenho três opções. Talvez vire defunto, talvez vire um aleijado, mas, se eu encontrar um dos bons, acho que posso tentar alguma coisa como comerciante. Guardei dinheiro suficiente para comprar um barco, e com ele vou poder viajar, ver outras ilhas... se bem que estou meio apavorado com a ideia de viajar pelo mar. – Ele riu. – Você e Dorr costumavam brincar comigo, dizendo que eu seria um bom comerciante. Lembra, Maris? Vocês falavam que eu venderia minhas asas se encontrasse um negócio bom o suficiente, só porque eu gostava de barganhar um pouco de vez em quando. Bem, só que agora não estou sendo lá muito bom comerciante. Aqui está S'Rella levando minhas asas embora e não está me dando nada em troca. – Ele riu, e Maris achou graça também.

Ficaram quase uma hora conversando, sobre comerciantes e marinheiros e, por fim, sobre voadores, relaxando conforme riam das piadas de Garth e trocavam fofocas.

– Corm está apavorado com o seu amigo Val – comentou Garth a certa altura –, e não posso dizer que não tenha razão. Corm é um bom voador, tanto que nunca lhe passou pela cabeça perder as asas, e agora parece que perdeu, e para o Uma-Asa, como eles o chamam. Você teve algo a ver com isso, Maris?

Ela balançou a cabeça.

– De jeito nenhum. Foi ideia de Val. Talvez ele nunca admita isso, mas acho que ele queria ganhar de um voador do primeiro time para que todos se esquecessem do assunto Ari. O fato de a esposa de Corm estar entre os jurados só acrescentou um gostinho extra à proeza dele, e é claro que lhe daria uma boa desculpa caso perdesse. Ele poderia colocar a culpa da derrota no preconceito dos voadores.

Garth assentiu e fez uma piada de mau gosto a respeito de Corm, virando-se depois para a irmã.

– Riesa, por que você não mostra nossa casa a S'Rella?

Riesa captou a mensagem.

– É claro, venha ver – convidou ela. S'Rella seguiu-a e ambas saíram do quarto.

– Ela é ótima – disse Garth quando as duas saíram –, e me lembra muito você, Maris. Lembra quando nos conhecemos?

Maris sorriu para ele.

– Lembro. Foi meu primeiro voo para Eyrie, e havia uma festa naquela noite.

– O Corvo estava lá também. Foi quando ele fez aquele truque.

– Nunca me esqueci disso – revelou Maris.

– Foi você que ensinou para o Uma-Asa?

– Não.

Garth riu.

– Todo mundo tem certeza de que foi você. Todos nós nos lembramos do quanto você ficou impressionada com o Corvo. Coll até fez uma canção sobre ele, não foi?

Maris sorriu.

– Foi, sim.

Garth começou a dizer alguma outra coisa, e aí parou e ficou pensativo. Por um longo tempo, o quarto ficou em silêncio, e o sorriso aos poucos sumiu do rosto de Garth.

Ele começou a chorar, tentando se controlar no início, depois, soltando tudo. Estendeu suas grandes mãos procurando as dela, e Maris chegou mais perto e se sentou na beirada da cama para abraçá-lo e acariciar sua testa.

– Eu sabia... eu não queria que S'Rella me visse assim... ah, Maris, como é desagradável isso, como é triste...

– Ah, Garth – sussurrou ela, beijando-o de leve e controlando-se para não chorar também. Ela ficou sem saber o que fazer. Por um instante, tentou colocar-se no lugar de Garth. Mas tremeu, afastou o pensamento e abraçou-o de novo, o mais forte que conseguia.

– Apareça e venha me ver – pediu ele. – Bem... você sabe como é... quando você não voa mais, não dá para ir até Eyrie... sabe como é... já é ruim perder sua liberdade, e o vento... mas não quero perder você também, e meus outros amigos, só porque... ah, porcaria, essas lágrimas... venha me visitar, Maris, prometa, prometa que você virá.

– Eu prometo, Garth. – Ela tentou manter um tom de voz leve. – A não ser que você engorde tanto que eu não aguente mais olhar para você.

Por trás das lágrimas, ele sorriu.

– Ah, agora que achei que podia engordar em paz... sua danada...

Ouviram-se passos lá fora, de Riesa e S'Rella voltando, e Garth rapidamente usou o cobertor para secar as lágrimas.

– Vão embora – disse ele, sorrindo de novo –, vão embora, estou cansado, vocês me deixaram esgotado. Mas voltem amanhã quando tudo tiver terminado, para me contar como foram os jogos.

Maris assentiu. E S'Rella veio até o lado de Maris e curvou-se para dar um beijo rápido e tímido em Garth antes de ir embora.

Andaram o trajeto de volta até a vila bem devagar, conversando e curtindo o vento frio daquela noite. Falaram a respeito de Garth, e um pouquinho sobre Val, e S'Rella mencionou as asas – as asas *dela* – com um toque de encantamento na voz.

– Sou uma voadora – disse ela, feliz da vida. – Não é sonho, é verdade.

Mas não era tão simples assim.

Sena estava esperando por elas dentro da cabana, sentada na beirada da cama e olhando impaciente. Levantou-se quando as duas entraram.

– Aonde vocês foram?

– Fomos ver como está Garth – respondeu Maris. – Aconteceu alguma coisa?

– Não sei. Fomos convocadas pelos jurados para ir até o alojamento. – Ela lançou um olhar significativo para S'Rella com seu olho bom. – Todas três. E estamos atrasadas.

Saíram na mesma hora. No caminho, Maris contou a Sena o que Garth dissera a respeito de abrir mão de suas asas, mas a velha professora não pareceu muito impressionada.

– Bem, vamos ver como isso se resolve. Eu não sairia voando com elas ainda.

Os voadores não estavam festejando nada naquela noite. A sala principal do alojamento tinha pouca gente, apenas uma meia dúzia de voadores do Oeste que Maris conhecia vagamente, sentados e bebendo, e o clima não era nada festivo. Um deles ficou de pé quando Maris e as duas outras entraram.

– Na sala dos fundos – avisou ele.

Os cinco jurados estavam discutindo acaloradamente em volta de uma mesa circular, mas interromperam a conversa quando a porta abriu. Shalli ficou de pé.

– Maris, Sena, S'Rella, entrem – disse ela. – E fechem a porta.

Elas sentaram-se em volta da mesa, e Shalli entrelaçou as mãos diante dela e retomou a conversa.

– Chamamos vocês aqui porque estamos numa discussão, e ela envolve a jovem S'Rella aqui, e vocês têm o direito de expressar sua opinião. Garth mandou avisar que não irá voar amanhã...

– Já sabemos – interrompeu Maris. – Acabamos de voltar da casa dele.

– Muito bem – disse Shalli. – Então talvez já saibam qual é o nosso problema. Temos que decidir o que fazer com as asas.

S'Rella pareceu sentir o golpe.

– Elas são minhas – disse ela. – O próprio Garth disse isso.

O Senhor da Terra de Skulny tamborilava os dedos na mesa e franzia o cenho.

– As asas não são de Garth, portanto ele não pode dá-las – disse em voz alta. – Venha cá, menina, vou lhe fazer uma pergunta. Se você receber as asas, promete que vai passar a morar aqui e voar para Skulny?

S'Rella não se intimidou com o olhar forte, notou Maris com aprovação.

– Não – respondeu ela sem meias palavras. – Nem poderia. Veja, Skulny é muito agradável, tenho certeza, mas... não é a minha terra. Vou voltar para as ilhas do Sul com as minhas asas, para Veleth, a pequena ilha onde nasci.

O Senhor da Terra sacudiu a cabeça com violência.

– Não, não, não. Você pode voltar para aquele pedregulho lá do Sul se quiser, mas se fizer isso será sem as asas. – Ele olhou para os outros jurados. – Estão vendo? Dei uma chance a ela. Insisto nisso.

Sena bateu o punho na mesa.

– O que é isso? O que está acontecendo? S'Rella tem direito de ficar com essas asas, mais do que qualquer outro. Ela desafiou Garth e ele não passou no teste. Que história é essa de não querer dar-lhe as asas? – Ela encarou jurado por jurado, furiosa.

Shalli, que parecia ser a porta-voz, encolheu os ombros, desculpando-se.

– Não conseguimos chegar a um acordo – explicou ela. – A questão é como devemos pontuar a competição de amanhã. Alguns de nós acham que se Garth não voar, S'Rella deve ser declarada vitoriosa por desistência. Mas o Senhor da Terra é da opinião que não podemos votar numa competição onde há apenas um competidor voando. Ele insiste em que a decisão deve ser tomada com base nas duas etapas já concluídas, e só nelas. Nesse caso, Garth está agora à frente dela, com seis pedras contra cinco, e manteria as asas.

– Mas Garth abriu mão das asas! – repetiu Maris. – Ele não pode mais voar, está muito doente.

– A lei prevê esses casos – lembrou o Senhor da Terra. – Se um voador fica doente, as suas asas são dadas ao Senhor da Terra e aos outros voadores da ilha, desde que o voador ou voadora que adoeceu não tenha herdeiros. Nós daremos as asas a alguém que seja merecedor delas, alguém que esteja disposto a fixar residência em Skulny. Ofereci essa oportunidade à garota aqui e vocês ouviram a resposta dela. Então, terá de ser outra pessoa.

– Tínhamos a esperança de que S'Rella fosse concordar em ficar em Skulny – confessou Shalli. – Isso teria resolvido nossas diferenças.

– Não – repetiu S'Rella obstinadamente, mas ela parecia bastante infeliz.

– O que você está propondo é uma fraude – acusou Sena agressivamente,

dirigindo-se ao Senhor da Terra.

– Estou inclinado a concordar com isso – colocou o grandalhão das Ilhas Exteriores. Ele passou os dedos pelo seu cabelo loiro revolto. – A única razão pela qual Garth está em vantagem agora é que você, Senhor da Terra, deu-lhe uma pedra hoje, mesmo ele tendo caído no mar. É difícil aceitar que isso seja justo.

– Para mim, foi justo – gritou com raiva o Senhor da Terra.

– Garth quer que S'Rella fique com as asas dele – argumentou Maris. – Será que o desejo dele não conta nada nesse caso?

– Não – respondeu o Senhor da Terra. – As asas nunca foram só dele. Elas estão confiadas a ele, mas pertencem a todo o povo de Skulny. – Olhou em volta para os seus colegas jurados, implorando. – Não é justo dá-las a esta garota do Sul, e reduzir Skulny a apenas dois voadores, sem motivo. Ouçam, se Garth estivesse bem de saúde, conseguiria defender suas asas contra qualquer desafiador, e nunca teríamos chegado a isso. Se ao ficar doente ele tivesse me procurado e me contado, como a própria lei de voadores de vocês estipula, então agora já teríamos encontrado outro voador para usar as asas, alguém capaz de mantê-las aqui em Skulny. Foi só porque Garth decidiu esconder sua doença que estamos agora nesse apuro. Vocês acham justo punir todas as pessoas da minha ilha só porque um voador manteve um segredo? – Maris foi obrigada a admitir que havia alguma justiça na argumentação dele. Os jurados pareciam também inclinados a isso.

– O que você diz é verdade – disse a pequena mulher do Sul. – Bem que eu gostaria de ver um novo par de asas vindo para o sul, mas a sua alegação é difícil de refutar.

– S'Rella tem direitos também – insistiu Sena. – Vocês têm que ser justos com ela.

– Se vocês derem as asas para o Senhor da Terra – acrescentou Maris –, estarão tirando dela o direito de desafiar. Ela só precisa subir mais um degrau. E tem excelentes chances.

Então S'Rella desabafou.

– Não ganhei as asas – admitiu ela, hesitante. – Fiquei com vergonha do jeito que voei hoje. Mas poderia ganhá-las justamente, se tivesse outra chance. Sei que poderia. E Garth quer que eu ganhe as asas.

Shalli suspirou.

– S'Rella, minha querida, não é tão simples assim. Não podemos refazer toda a competição desde o início só por sua causa.

– Ela deve ficar com as asas – murmurou o jurado das Ilhas Exteriores. – Vejam bem, já vou colocar o meu seixo de amanhã para ela agora. Isso deixa a contagem seis a seis. Alguém me acompanha? – Ele olhou ao redor.

– Não há seixos aqui para ninguém jogar – cortou o Senhor da Terra –, e você não pode ter uma competição com apenas um voador. – Ele cruzou os braços e recostou-se, olhando carrancudo.

– Receio que vou ter que votar junto com o Senhor da Terra – disse a mulher do Sul –, ou serei acusada de favorecer injustamente uma vizinha.

Com isso, restavam Shalli e a jurada do Leste, e as duas pareciam hesitantes.

– Será que não existe uma maneira de sermos justos com todos? – perguntou Shalli.

Maris olhou para S'Rella e deu um pequeno toque no seu braço.

– Você quer mesmo competir de novo, para tentar ganhar as asas?

– Quero – disse S'Rella. – Quero ganhá-las da maneira correta. Quero merecê-las, não importa o que Val diga.

Maris assentiu e voltou-se para os jurados.

– Então, tenho uma proposta a fazer a vocês – anunciou. – Senhor da Terra, o senhor tem outros voadores em Skulny. Acha que são capazes o suficiente?

– Sim, é claro – respondeu, desconfiado. – Mas e daí?

– Apenas isso: proponho que a disputa seja retomada do ponto em que parou. Mantenha o placar como está, com S'Rella atrás uma pedra. Só que, como Garth não pode voar, o senhor então nomeia um substituto, outro de seus voadores, que vai defender as asas no lugar dele. Se este substituto vencer, então Skulny manterá as asas e o senhor poderá passá-las a quem quiser, seja lá quem for. Se S'Rella ganhar, bem, então ninguém poderá discutir seu direito de ir para o sul como voadora. O que me diz?

O Senhor da Terra pensou durante um minuto.

– Tudo bem. Acho que posso aceitar isso. Jirel vai voar no lugar de Garth. Se esta garota conseguir ganhar dela, então terá merecido seu lugar, mesmo que isso não me faça feliz.

Shalli pareceu imensamente aliviada.

– Uma excelente sugestão – confirmou ela, sorrindo. – Sabia que podíamos contar com o bom senso de Maris.

– Estamos de acordo, então? – apressou-se a jurada do Leste.

Todos os jurados assentiram, exceto o das Ilhas Exteriores, que balançou a cabeça de novo e murmurou:

– A garota é que devia ficar com as asas. O homem caiu no mar. – Mas não discordou alto o suficiente.

Fora do alojamento, na brisa leve da noite, uma chuva fina começara a cair. Mas mesmo assim Sena deteve as duas, parecendo preocupada.

– S’Rella – chamou, apoiando-se na sua bengala –, tem certeza de que é isso o que quer? Talvez assim perca as asas. Dizem que Jirel é uma voadora muito boa. E talvez tivéssemos trazido os jurados para o nosso lado se você tivesse insistido um pouco mais.

– Não – retrucou S’Rella, séria. – Não, prefiro que seja assim mesmo.

Sena olhou-a nos olhos por um bom tempo, e, por fim, assentiu.

– Bom – disse ela, satisfeita. – Vamos levá-la para casa, então. Amanhã é dia de voar.

No terceiro dia de competição, Maris acordou antes de clarear o dia, confusa com a escuridão e o frio, e sabendo que algo estava errado. Alguém batia à porta.

– Maris – chamou S’Rella da cama ao lado. – Será que eu devo atender? – Maris não conseguia vê-la, pois ainda não clareara e não havia nenhuma vela acesa.

– Não – sussurrou Maris. – Fique quieta. – Ela estava com medo. A batida continuou, sem descanso, e Maris se lembrou dos pica-paus-verdes mortos que haviam sido deixados lá para elas e ficou imaginando quem poderia estar do outro lado da porta àquela hora, tentando com tanta insistência fazer com que as duas abrissem. Maris pulou da cama, atravessou o quarto, e, mesmo no escuro, conseguiu localizar a faca que usara para despregar os pássaros da porta. Não era grande coisa, apenas uma faca pequena de cozinha, não uma faca de luta, mas dava-lhe mais confiança. Só então foi até a porta. – Quem está aí? Quem é?

A batida cessou.

– Raggin – respondeu uma voz grave que ela não reconheceu.

– Raggin? Não conheço nenhum Raggin. O que você quer?

– Sou da Machado de Ferro – explicou a voz. – Você conhece Val? O rapaz que está hospedado comigo?

Maris sentiu seus medos irem embora, e apressou-se em abrir a porta. O homem de pé à luz das estrelas era frágil e encurvado, com um nariz adunco e uma barba suja, mas pareceu-lhe familiar de repente: sim, era o garçom do bar daquela taberna onde Val se hospedara.

– O que houve? Algum problema?

– Eu estava fechando o lugar e o seu amigo ainda não havia chegado. Imaginei que ele havia encontrado alguma belezinha para dormir com ele, mas então descobri-o do lado de fora, deitado de costas. Alguém o machucou feio.

– Val? – perguntou S’Rella. Ela correu até a porta. – Onde está ele? Ele está bem?

– Está no andar de cima, no quarto dele. Eu o arrastei para lá pela escada, e não foi fácil. Mas lembrei que ele conhecia alguém da vila e achei melhor vir até aqui e

perguntar, e me mandaram para cá. Você não quer vir? Não sei o que fazer com ele.

– Vamos já – respondeu Maris com urgência. – S'Rella, vista-se. – Ela também correu para pegar suas roupas, enfiou-se nelas e num instante já iam apressadas pela estrada marítima. Maris segurava uma lanterna na mão. A estrada corria junto aos rochedos do mar por boa parte da sua extensão, e um passo em falso no escuro podia ser fatal.

A taberna estava escura e fechada, a porta da frente trancada por dentro com uma pesada trave de madeira. Raggin deixou as duas na frente da taberna e sumiu por trás, para entrar por aquilo que chamou de sua "passagem secreta". Quando abriu a porta por dentro, explicou:

– Preciso travar isso bem, tem um monte de caras perigosos por aqui. Vem cada hóspede por aqui que vocês voadoras não acreditariam.

Elas nem ouviram direito o que o homem disse. S'Rella subiu correndo a escada até o quarto que ela algumas vezes dividira com Val, e Maris seguiu atrás. S'Rella estava acendendo uma vela junto à cama de Val quando Maris entrou.

Uma luz avermelhada tremeluzente enchia o pequeno quarto, e a forma oculta debaixo dos cobertores se mexeu com um pequeno gemido animal. S'Rella deixou a vela apoiada e puxou as cobertas.

Os olhos de Val encontraram os dela, e ele pareceu reconhecê-la, pois seu braço esquerdo agarrou a mão dela desesperadamente. Mas quando ele tentou falar, os únicos sons que conseguiu produzir eram soluços abafados de dor.

Maris não acreditou. Ele havia sido espancado brutalmente na cabeça e nos ombros, e seu rosto era uma massa irreconhecível de inchaços e escoriações. Um corte numa das bochechas ainda estava sangrando, e ele tinha sangue coagulado por toda a sua camisa e no queixo. Quando abriu a boca para tentar falar, perceberam que sua boca também estava ensanguentada.

– Val! – gritou S'Rella, chorando. Ela encostou a mão na sua testa e ele se encolheu, afastando-se da mão e tentando dizer algo.

Maris chegou mais perto. Val segurava S'Rella firme com sua mão esquerda, agarrado nela, puxando-a. Mas seu braço direito estava inerte ao lado do corpo, e havia algo de errado com o membro, e muito sangue no lençol embaixo dele. O ângulo em que ele descansava era impossível, e sua jaqueta estava rasgada, também molhada. Ela se ajoelhou pelo lado direito da cama e tocou seu braço com muito cuidado, e Val soltou um guincho tão alto que S'Rella deu um pulo para trás, aterrorizada. Foi só então que Maris viu a ponta irregular de um osso atravessando sua pele e sua roupa.

Raggin observava-os da porta.

– O braço dele quebrou, não mexa – avisou ele, querendo ajudar. – Ele grita

quando alguém encosta. Precisava ver o escândalo que fez quando o carreguei aqui para cima. Acho que a perna quebrou também, mas não tenho certeza.

Val se aquietara, mas sua respiração era entrecortada, de dor. Maris estava de pé.

– Por que não chamou um curandeiro? – perguntou ela a Raggin. – Por que não lhe ofereceu nada para aliviar a dor?

Raggin deu um passo atrás, chocado, como se aquelas ideias jamais tivessem lhe passado pela cabeça.

– Fui buscar vocês, não fui? Quem é que vai pagar um curandeiro? Ele com certeza é que não vai. Não tem o suficiente. Já procurei nas coisas dele.

Maris fechou os punhos, tentando controlar sua fúria.

– Você vai sair e vai procurar um curandeiro, imediatamente – ordenou ela. – E não quero saber se vai ter que correr quinze quilômetros, você vai ter que fazer isso, e o mais *rápido* possível. Senão, juro que vou falar com o Senhor da Terra e mandar fechar este lugar.

– Voadores – soltou o garçom. – Atirando-se por aí, não é? Bem, eu vou, mas quem vai pagar esse curandeiro? É isso o que quero saber, e o curandeiro também vai, com certeza.

– Dane-se você – disparou Maris. – Eu vou pagar, eu vou pagar. Ele é um voador, e se os ossos dele não sararem direito, se ninguém cuidar bem disso, *ele nunca mais vai poder voar de novo*. Agora, *corra!*

Raggin lançou-lhe um último olhar irritado, virou-se e desceu a escada. Maris voltou para o lado da cama de Val. Ele gemia, tentando se mexer, mas cada movimento parecia arrebentá-lo de dor.

– Será que não podemos ajudá-lo de algum jeito? – sugeriu S'Rella, olhando para Maris.

– Podemos, sim. Isso é uma taberna, afinal. Desça lá, veja onde é o estoque e traga algumas garrafas. Isso vai ajudá-lo um pouco com a dor, até o curandeiro chegar.

S'Rella assentiu e foi para a porta.

– Mas o que eu trago? Vinho?

– Não, é melhor algo mais forte. Procure um pouco de aguardente. Ou então... aquela bebida de Poweet, como é que eles chamam?... Aquela que fazem com cereais e batata...

S'Rella assentiu e saiu. Logo depois, voltou com três garrafas de uma bebida local e uma garrafa sem rótulo, que exalava um cheiro poderoso.

– Esse negócio deve ser forte – comentou Maris. Ela mesma provou, e depois mandou S'Rella segurar a cabeça de Val enquanto despejava a bebida com cuidado

na boca do rapaz. Ele parecia ansioso para cooperar, sugando a bebida com sofreguidão conforme elas iam dando-lhe goles, um atrás do outro.

Quando Raggin finalmente voltou com um curandeiro mais de uma hora depois, Val havia perdido os sentidos.

– Aqui está seu curandeiro – anunciou o garçom. Ele viu as garrafas vazias no chão e acrescentou. – E você vai pagar por isso também, voadora.

Depois que o curandeiro pôs no lugar o braço e a perna de Val (Raggin tinha razão, também estava quebrada, embora com menos gravidade que o braço) e entalou os dois membros, cuidou do seu rosto inchado e deu a Maris uma garrafinha cheia de um líquido verde-escuro.

– Isso aqui é melhor do que aguardente – disse ele. – Vai aliviar a dor e fazê-lo dormir. – E foi embora, deixando Maris e S'Rella sozinhas com Val.

– Foram voadores que fizeram isso, não é? – perguntou S'Rella ainda com lágrimas no olhos, enquanto as duas se acomodavam no quarto esfumaçado, iluminado por velas.

– Um braço e uma perna quebrados, e do outro lado nem encostaram o dedo – observou Maris, com raiva. – É, isso também me diz que foi coisa de voador. Não acho que algum voador tenha feito isso pessoalmente, mas suspeito que foi um voador que encomendou o serviço. – Num impulso súbito, Maris foi até o lugar em que as roupas rasgadas e manchadas de sangue de Val haviam sido empilhadas, e ficou lá remexendo. – Hmmm. Como pensei. A faca dele sumiu. Talvez eles a tenham levado embora, ou então Val estava com ela na mão e a deixou cair.

– Tomara que ele tenha conseguido cortá-los, seja lá quem for – disse S'Rella. – Você acha que foi Corm? Afinal, Val ia tirar as asas dele amanhã...

– Você quer dizer hoje – devolveu Maris, com tristeza, ao ver pela janela que o primeiro clarão do dia já despontava no céu do leste. – Mas, não... não pode ter sido Corm. Não que Corm não fosse ficar feliz em destruir Val se pudesse, mas faria isso lealmente, não assim. Corm é orgulhoso demais para recorrer à violência.

– Quem, então?

Maris balançou a cabeça.

– Eu não sei, S'Rella. Alguma pessoa doente, é óbvio. Talvez um amigo de Corm, ou um amigo de Ari. Talvez Arak ou um dos amigos *dele* daqui. Porque Val fez um monte de inimigos.

– Val queria que eu fosse com ele – lembrou S'Rella, sentindo-se culpada –, mas, em vez disso, fui lá ver Garth. Se tivesse ido junto como ele queria, isso não teria acontecido.

– Se você tivesse ido junto, provavelmente estaria deitada aí também, quebrada e sangrando. S'Rella, meu amor, lembre-se daqueles pica-paus que deixaram para nós. Eles queriam nos dizer alguma coisa. Você também é considerada uma-asa. – Ela olhou pela janela, para o amanhecer. – E eu também sou. Talvez esteja na hora de admitir isso. Sou uma meia-voadora e é isso que sempre vou ser. – Maris sorriu para S'Rella. – Mas acho que o que interessa é de qual metade estamos falando.

S'Rella pareceu não entender, mas Maris não se alongou no assunto.

– Chega de conversa. Você ainda tem algumas horas antes do início da competição, e eu quero que tente dormir um pouco. Você precisa ganhar suas asas hoje, lembra?

– Não posso – protestou S'Rella. – Não agora.

– Agora mais que nunca – afirmou Maris. – Seja lá quem tenha feito isso a Val, vai ficar muito feliz se souber que você também perdeu suas asas, do mesmo jeito que ele. É isso o que você quer?

– Não – replicou S'Rella.

– Então, durma.

Mais tarde, enquanto S'Rella dormia, Maris olhou de novo pela janela. Metade do sol já despontava no horizonte, sua face avermelhada riscada por pesadas nuvens escuras. Prometia ser um ótimo dia, com muito vento. Um dia ótimo para voar.

A competição já estava bem adiantada quando Maris e S'Rella chegaram. Elas tinham se atrasado na taberna porque Raggin exigiu pagamento imediato da conta de Val, e foi necessária uma longa argumentação para convencê-lo de que ele iria receber tudo o que lhe era devido. Maris o fez prometer que atenderia às necessidades de Val, e que não ia deixar ninguém mais subir aquela escada.

Sena estava no lugar que costumava ocupar, ao lado dos jurados, assistindo aos primeiros competidores voando pelos portais. Maris mandou S'Rella se juntar aos demais alunos da Asas de Madeira e subiu depressa o rochedo. Sena ficou aliviada ao vê-la.

– Maris! – exclamou ela. – Fiquei preocupada, achando que tinha acontecido alguma coisa. Ninguém sabia aonde você tinha ido. S'Rella e Val estão com você? Já está chegando a hora. Na verdade, Sher já é a próxima.

– S'Rella está pronta para voar – disse Maris. E então ela contou a Sena o que acontecera com Val.

Toda a força e vitalidade da professora pareciam esvair-se conforme ela ouvia o relato. Seu olho bom nublou-se de lágrimas e ela se apoiou mais na sua bengala, e, de repente, pareceu de fato muito velha.

– Não acredito – murmurava ela, fraquinho. – Não acredito... mesmo quando aquela coisa horrível aconteceu com os pássaros, mesmo então... Eu não podia

imaginar que eles pudessem fazer uma coisa dessas. – Seu rosto ficou da cor das cinzas. – Ajude-me, filha. Preciso sentar.

Maris colocou o braço em volta dela para ampará-la e levou-a até a mesa dos jurados, onde Shalli ergueu os olhos, preocupada.

– Está tudo bem?

– Não – respondeu Maris, acomodando Sena num assento. – Val não vai voar hoje – continuou ela, dando a volta para encarar os jurados. – Ontem à noite ele foi atacado e espancado na taberna onde aluga um quarto. Quebraram um braço e uma perna dele.

Todos os jurados ficaram chocados.

– Que coisa terrível – disse Shalli.

A jurada do Leste soltou um palavrão, o das Ilhas Exteriores balançou a cabeça, e o Senhor da Terra de Skulny se levantou.

– Isso é pavoroso. Não posso permitir esse tipo de coisa na minha ilha. Nós vamos descobrir quem fez isso, você tem a minha promessa.

– Algum voador deve ter feito isso – disse Maris –, ou pelo menos pagou alguém para fazê-lo. Quebraram o braço direito e a perna direita dele. Ou seja, Uma-Asa. Acho que vocês entenderam.

Shalli franziu o cenho.

– Maris, isso é horrível, mas nenhum voador faria uma coisa dessas. E se você está querendo insinuar que Corm poderia...

– Você tem alguma prova de que algum voador estaria envolvido nisso? – interrompeu a jurada do Leste.

– Conheço a taberna onde Val Uma-Asa está hospedado – disse o Senhor da Terra. – É a Machado de Ferro, não é? Um lugar muito ruim, com a pior espécie de clientes, pessoas rudes. Pode ter sido um deles. Uma briga de bêbados, uma amante enciumada, uma discussão por causa de apostas. Já soube de várias brigas antes naquele lugar.

Maris olhou fixo para ele.

– Você nunca vai descobrir quem fez isso, por mais que prometa – afirmou ela. – Não é isso o que me preocupa. O que eu quero é levar as asas de Val para ele hoje à noite.

– As *asas* de Val?

– Receio – começou a jurada do Leste – que ele terá de esperar e tentar de novo no ano que vem. Sinto muito que ele tenha se machucado quando estava tão perto de vencer.

– Perto? – Maris olhou por toda a extensão da mesa, localizou a caixa que estava

procurando, pegou-a e ficou chacoalhando-a na frente deles. – Nove pedrinhas pretas para uma branca. Isso é bem mais do que perto. Val ganhou. Mesmo que ele perdesse de cinco a zero hoje, ele já teria ganhado.

– Não – teimou Shalli. – Corm merece sua chance. Não vou deixar que você passe a perna nele por causa do Uma-Asa, apesar de eu sentir muito pelo que aconteceu com ele. Corm é muito bom nos portais. Ele poderia vencer por dez a zero, com duas pedrinhas de cada um de nós, e nesse caso manteria suas asas.

– Dez a zero – repetiu Maris. – Mas isso é improvável!

– É possível – confirmou Shalli.

– Sim, é possível – acrescentou a jurada do Leste. – Não podemos dar a vitória ao Uma-Asa. Não seria justo com Corm, que vem voando bem há tantos anos. Acho que temos que considerar essa situação como uma desistência de Val.

Cabeças assentiam afirmativamente ao longo da mesa, mas Maris apenas sorriu.

– Eu temia que vocês pudessem assumir essa posição. – Ela colocou as mãos nos quadris e os desafiou. – Mas Val terá suas asas. Por sorte, há um precedente. E foram vocês mesmos que o abriram ontem à noite, com S'Rella e Garth. Deixem a pontuação assim, e a disputa prosseguirá. Convoquem Corm. *Eu* vou voar no lugar de Val.

E ela sabia que eles não tinham como se opor.

Maris pegou suas asas e foi se juntar ao grupo de competidores, impaciente e mais nervosa a cada minuto.

Os portais haviam sido montados durante a noite, nove frágeis construções de madeira plantadas firmemente na areia, num percurso que exigia uma série de giros e manobras muito difíceis. O primeiro portal, logo à saída do rochedo dos voadores, consistia em dois altos mastros de acácia escura, cada um com cerca de doze metros de altura, fincados na areia a uma distância de quinze metros um do outro. Uma corda esticada ligava a extremidade de um mastro à do outro. Para pontuar, o voador tinha de planar através desse portal. Era até fácil, mas o portal seguinte ficava poucos metros adiante, não em frente, mas para um dos lados, obrigando o voador a fazer um desvio rápido para poder passar por ele. Além disso, o segundo portal era menor, os mastros um pouco mais curtos e dispostos um pouco mais próximos. E o percurso continuava assim, passando pela parte rasa da praia e depois voltando abruptamente para a terra, sinuosamente, onde era fácil de as asas baterem, e com cada um dos nove portais menor que o anterior, até o nono e último, com dois mastros a apenas dois metros e meio do chão, colocados exatamente a seis metros e meio de distância um do outro. A envergadura de asa de um voador era de seis metros. Nunca ninguém conseguira voar mais do que sete portais. E mesmo isso não

era tarefa fácil; entre todos os voadores que haviam tentado os portais naquela manhã, a melhor pontuação tinha sido seis, obtida pelo fenomenal Lane.

Nesse teste, era tradição que os desafiadores voassem primeiro. O voador, portanto, era agraciado com a cortesia de saber qual pontuação teria de superar. Com suas asas nos ombros, Maris observava os Asas de Madeira fazendo suas tentativas.

Sher mergulhou reto do rochedo e passou pelo primeiro portal, bem rente à corda, inclinou-se em direção ao segundo, mas continuou a descer, rápido, rápido demais. Em pânico, a jovem da Asas de Madeira conseguiu estabilizar-se logo para evitar bater no chão, e de repente começou a subir, mas passou por cima do segundo portal, e não por dentro. O voador que Sher desafiara conseguiu passar por dois portais apenas, mas isso já lhe garantiu a vitória.

Leya, que havia observado Sher, escolheu uma estratégia diferente. Saltou do rochedo para fazer um círculo amplo sobre a praia, descendo aos poucos para poder passar nivelada pelo primeiro portal, e não descendo. Começou a fazer a sua curva bem antes de entrar no portal, de modo que a completou em volta do mastro graciosamente, já apontando para o segundo portal. Voou suavemente por este também, de novo iniciando seu giro com antecipação, mas desta vez a curva era mais fechada, com vento ascendente, e exigia mais. Leya fez a curva bem, passando pelo terceiro portal, mas depois ficou sem espaço para virar. Voou tranquilamente em direção ao mar, perdendo o quarto portal por uma ampla margem. Alguns poucos espectadores aplaudiram-na mesmo assim, e a voadora que era sua rival só conseguiu passar por dois portais, e então pousou desajeitadamente na areia. Portanto, Leya teve seu primeiro triunfo, embora não fosse suficiente para ganhar o par de asas.

Damen e Arak foram anunciados pela mulher arauto. Ambos tiveram problemas. Damen abordou os portais rápido demais, e não conseguiu se recuperar depois do segundo a tempo de virar para o terceiro. Arak passou pelo segundo portal alto demais, então a parte superior de uma asa roçou na corda, e foi suficiente para romper seu equilíbrio e desviá-lo do percurso. Mas mesmo com o empate em dois portais, Arak manteve suas asas.

Kerr, surpreendentemente, também conseguiu um empate. Imitando Leya, entrou no primeiro portal nivelado e já iniciando a curva, e lidou com o segundo com facilidade. Mas, assim como Leya, teve dificuldades para virar e pegar o vento ascendente para entrar no terceiro, e, ao contrário de Leya, não conseguiu atravessá-lo. Parou na areia com um baque, poucos metros depois do portal, e as crianças confinadas à terra correram de todos os lados para ajudá-lo com suas asas. Jon de Culhall tentou evitar o mesmo destino de Kerr e manteve uma altitude maior, mas passou por cima e à direita do terceiro portal.

– *Corm de Amberly Menor!* – ouviu-se o anúncio. – *Val Uma-Asa. Val de Arren*

do Sul! – Depois de uma breve pausa: – *Maris de Amberly Menor, voando no lugar de Val, Maris de Amberly Menor.*

Ela estava no rochedo dos voadores e tinha ajudantes desdobrando suas asas e travando cada suporte no lugar. A uns dez metros dela, Corm fazia o mesmo. Ela lançou um olhar na direção dele, e os olhos de Corm encontraram os dela, escuros e intensos.

– Maris Uma-Asa – disse ele, com perversidade. – Foi isso o que você virou? Estou feliz por Russ não estar mais vivo para vê-la.

– Russ ficaria orgulhoso de mim – ela revidou, com raiva, e sabendo que Corm tivera exatamente essa intenção, de deixá-la nervosa. A raiva torna a pessoa desatenta, e era essa a única intenção dele. Sete anos atrás, ela havia voado melhor que Corm, num duelo bem mais feroz. Ela confiava que iria voar melhor do que ele também hoje. Precisão, controle, reflexos, sensibilidade para o vento: era o que se exigia ali, e ela tinha tudo isso de sobra.

Suas asas estavam estendidas e tensionadas, com o metal zumbindo suavemente ao vento, e ela se sentiu profundamente serena e segura de si. Ergueu os braços, agarrou as alças com as mãos, correu, saltou, subiu. Voou alto, cada vez mais alto, manobrou por puro prazer e mergulhou, deslizando para baixo pelo ar, serpenteando pelos pequenos turbilhões e correntes, tomando o rumo dos portais. Ela se inclinou muito e fez uma torção ao passar pelo primeiro portal, com as asas desenhando uma linha prateada do alto de um mastro até o pé do outro, mas estabilizou-se graciosamente e balançou para o outro lado para abordar o segundo, que atravessou com fluência. Era guiada pelo amor por aquilo, não pelo pensamento... tratava-se de instinto, reflexo e conhecimento do vento, e Maris *era* o vento. Agora precisava cruzar o terceiro portal, aquele giro difícil pegando vento ascendente, mas ela fez a manobra com facilidade, rápida, limpa, e então manobrou acima da água para corrigir sua inclinação no quarto portal, e passou por este também; e pelo quinto, com um giro amplo e preguiçoso com vento descendente. O sexto era quase reto em frente, sem maiores dificuldades, mas pequeno, então ela caiu um pouco e passou bem baixo, rente à areia, com as asas tensas e bem abertas, e os espectadores gritaram e aclamaram.

Num piscar de olhos, estava concluído.

Assim que o sexto portal apareceu à sua frente, ela entrou num escoadouro, uma repentina corrente fria para baixo que não tinha o direito de estar ali. A tal corrente sugou-a, prendeu-a, só por um instante, mas foi o suficiente para que suas asas varressem o chão, e então suas pernas roçaram a areia úmida e ela deslizou de modo irregular até finalmente parar em seco à sombra do portal.

Uma menina loirinha correu até ela para ajudá-la a levantar, e já foi começando a dobrar suas asas. Maris ficou de pé, ofegante e animada. Cinco, então, foram cinco.

Não era a melhor pontuação do dia, mas era uma boa pontuação, e suficiente. Corm perdia para Val por uma margem tão dilatada que não seria suficiente ele ganhar de Maris. Teria de humilhá-la, arrasá-la, arrancar dois seixos de cada um dos jurados, coisa que ele não tinha como conseguir.

E ele sabia disso também. Desanimado pelo voo dela, sequer chegou perto. Falhou no quarto portal, o que representou uma vitória clara para ela, e para Val. Ela se sentia nas nuvens, andando pela praia, as asas dobradas às costas.

Os gritos correram pela costa. S'Rella estava a postos no precipício, o sol fazendo brilhar o metal de suas asas, e atrás dela Maris vislumbrou a esbelta e morena Jirel de Skulny.

S'Rella saltou, e Maris ficou observando, seu coração voando com S'Rella, cheio de esperança. S'Rella inclinou-se e fez um círculo, uma aproximação lenta em vez do ataque rápido que Maris havia empregado, e veio deslizando para baixo suavemente, no mesmo curso que Leya e Kerr haviam usado em seus voos. Passou pelo primeiro portal, girando, nivelando, mudando agora para a direção oposta (Maris sentiu o coração parar por um instante) e passou pelo segundo, e agora dava um giro para cima bem fechado com vento ascendente, movendo-se como quem dá uma facada, como se o próprio vento tivesse mudado de direção ao seu comando, e passou pelo terceiro portal, ainda no controle, deu outra virada bem fechada e passou pelo quarto (as pessoas já começavam a levantar-se e celebrar), e o quinto foi fácil para ela como havia sido para Maris, e agora se aproximava do sexto, o sexto no qual Maris falhara, e suas asas oscilaram um pouco, mas depois se aquietaram e ela subiu mais do que Maris, e o mergulho fez com que ela tremesse, mas sem jogá-la ao chão, e então ela atravessou o *sexto* portal também (gritos por toda parte) e o sétimo exigiu uma inclinação de fração de segundos no ângulo exato, e S'Rella igualmente conseguiu realizá-la, e veio chegando em direção ao oitavo...

...e este se mostrou muito estreito, os mastros dispostos perto demais um do outro, e S'Rella estava levemente deslocada para um dos lados. Sua asa esquerda deu um toque no mastro, e os suportes da asa se romperam, o mastro também, e S'Rella caiu esparramada no chão.

E Maris foi apenas uma das dezenas que correram na direção dela.

Quando chegou lá, S'Rella estava sentada, rindo e ofegante, cercada por confinados à terra que gritavam, vozes roucas berrando congratulações. As crianças se espremiam para tocar as asas dela. Mas S'Rella, com o rosto avermelhado pelo vento, parecia não conseguir parar de rir.

Maris foi puxando-a pelo meio da multidão, abraçando-a, e S'Rella ainda entregue às risadas.

– Você está bem? – perguntou Maris, afastando-a um pouco e segurando-a pelos ombros. S'Rella assentiu furiosamente, ainda rindo.

– E agora...?

S'Rella apontou para a asa dela, a asa que havia atingido o portal. O tecido, praticamente indestrutível, não sofrera danos, mas o suporte estava quebrado.

– É fácil consertar isso – explicou Maris depois de dar uma olhada. – Sem problemas.

– Você *viu*? – perguntou S'Rella, dando pulinhos. A sua asa direita balançou com o movimento dela, tensa e vibrante, mas a esquerda pendia flácida e quebrada, com o tecido prateado arrastando na areia.

Maris olhou e começou a rir.

– "Uma-asa" – disse ela, perplexa, e as duas se abraçaram de novo, rindo.

– Jirel não desonrou você – disse Maris para Garth naquela noite, sentada ao lado dele, perto da lareira. Ele já estava de pé e recuperado, com aspecto melhor, e tomando cerveja de novo. – Ela foi uma substituta admirável, voou cinco portais, tão bem quanto eu. Mas cinco não são sete, é claro, e não foi o suficiente. Nem o Senhor da Terra poderia considerar um empate.

– Que bom – comentou Garth. – S'Rella merece as asas. Gosto dela. Faça-a prometer que virá me visitar também.

Maris sorriu.

– Pode deixar. S'Rella sentiu não poder vir hoje à noite, mas queria ir logo encontrar com Val. Vou vê-la assim que sair daqui. Não vai ser muito fácil, mas... – Ela suspirou.

Garth tomou um grande gole da cerveja e ficou encarando o fogo por um longo tempo.

– Eu sinto pelo Corm. Nunca gostei dele, mas ele sabia voar.

– Não se aflija. Ele ficou mal, mas vai se recuperar. A gravidez de Shalli logo vai ficar avançada demais para que ela possa voar, então Corm terá de usar as asas dela por alguns meses, e, se eu o conheço bem, vai ficar pressionando-a para dividi-las com ele mesmo depois que o bebê nascer. No ano que vem, ele poderá desafiar alguém. E não será Val. Corm é inteligente demais para fazer isso. Aposto que vai escolher alguém como o Jon de Culhall.

– Ah, se os danados dos curandeiros conseguirem me deixar bem, até eu posso desafiar Jon.

– Pelo jeito, um monte de gente vai escolhê-lo no ano que vem – concordou Maris. – Até Kerr pretende ter outra chance com ele, embora eu duvide que Sena o apadrinhe de novo enquanto ele não ganhar bem mais experiência. Ela terá opções melhores a partir do ano que vem. Com essa vitória dupla de S'Rella e Val, a Asas

de Madeira pode ficar em alta de novo. Logo, logo ela vai ter tantos alunos que nem vai saber o que fazer com eles. – Maris riu. – E você e Corm não são os únicos voadores aterrados. Bari de Poweet perdeu as asas num desafio fora da família, e a Grande Hara perdeu para a própria filha.

– Um bando de ex-voadores – grunhiu Garth.

– E um monte de uma-asa – acrescentou Maris, sorrindo. – O mundo está mudando, Garth. Antes tínhamos só voadores e confinados à terra.

– Pois é – concordou Garth, tomando mais um gole de cerveja. – E aí você armou essa confusão toda. Confinados à terra voando e voadores aterrados. Onde é que isso vai parar?

– Não sei – disse Maris. E se levantou. – Eu adoraria ficar mais, mas preciso falar com Val, e já faz um tempão que estão me aguardando em Amberly. Com Shalli grávida e Corm sem asas, o Senhor da Terra com certeza vai me matar de trabalhar. Mas vou achar um tempo para vir visitar você, prometo.

– Que bom. – Ele lhe deu um sorriso tímido. – Voe bem.

Ao sair, Maris ouviu-o gritar para Riesa, pedindo outra cerveja.

Val estava acomodado meio sem jeito na cama, com a cabeça erguida só o suficiente para conseguir comer, tomava uma sopa enfiando ele mesmo as colheradas na boca com a mão esquerda. S'Rella, sentada ao lado dele, segurava a tigela. Os dois se viraram quando Maris entrou, e a mão de Val tremeu, derramando sopa quente no seu peito nu. Ele xingou e S'Rella o ajudou a limpar.

– Val – chamou Maris calmamente. No chão, junto à porta, ela deixou as asas que vinha carregando, as que haviam pertencido a Corm de Amberly Menor. – Suas asas.

O inchaço no seu rosto havia diminuído bastante, e Val começava a se parecer de novo com ele mesmo, embora o inchaço no lábio lhe desse um ar de desdém atípico.

– S'Rella me contou o que você fez – disse Val com dificuldade. – Agora suponho que você queira que eu lhe agradeça.

Maris cruzou os braços e aguardou.

– Seus amigos voadores fizeram isso comigo, como você bem sabe – continuou ele. – Se meus ossos se emendarem tortos, nunca vou poder usar essas malfadadas asas que você conseguiu para mim. Mesmo que eles emendem direito, nunca serei tão bom quanto era.

– Eu sei, e sinto muito. Mas não foram meus amigos que fizeram isso, Val. Nem todos os voadores são meus amigos. E nem todos eles são seus inimigos.

– Você estava na festa – lembrou Val.

Maris assentiu.

– Não vai ser fácil. E a maior parte do fardo vai cair nas suas costas. Você pode rejeitá-los se preferir, odiar eles todos. Ou descobrir quais são aqueles que valem a pena conhecer. Isso é com você.

– Vou lhe dizer quem é que eu vou descobrir. Vou descobrir aqueles que fizeram isso comigo, e depois descobrir quem foi o mandante.

– Certo. E aí?

– S'Rella achou minha faca – comentou ele apenas. – Eu a deixei cair nos arbustos ontem à noite. Mas consegui cortar um deles, uma mulher, o suficiente para reconhecê-la pela cicatriz.

– Para onde você vai depois que sarar? – quis saber Maris.

Val pareceu meio perdido com a mudança repentina de assunto.

– Eu tinha pensado em Seatooth. Ouvi histórias sobre o quanto a Senhora da Terra de lá quer um voador. Mas S'Rella me contou que o Senhor da Terra de Skulny também está interessado. Vou falar com os dois, ver o que eles me oferecem.

– Val de Seatooth – disse Maris. – Até que soa bem.

– Vou ser sempre Uma-Asa. E talvez até você também.

– Um meio-voador – concordou ela. – Nós dois somos. Mas qual das metades? Val, você vai conseguir que os Senhores da Terra lhe façam ofertas por seus serviços. Os voadores vão desprezá-lo por isso, a maioria deles, e talvez alguns dos mais jovens e mais ambiciosos imitem você, e eu odiaria ver isso acontecer. E você pode usar a faca que o seu pai lhe deu quando você voar, mesmo que com isso quebre uma das leis dos voadores mais antigas e sábias. Esse é um pequeno ponto, uma tradição, e os voadores mais uma vez vão desprezá-lo, mas ninguém vai fazer nada. Vou lhe dizer uma coisa agora: se você descobrir quem foi que ordenou o espancamento e matá-lo com essa mesma faca, não será mais o Uma-Asa. Os voadores vão bani-lo e tirar-lhe as asas de vez, e nenhum Senhor da Terra do Santuário dos Ventos ficará do seu lado ou vai lhe oferecer pouso, não importa o quanto esteja precisando de voadores.

– Sim, você quer que eu esqueça – concluiu Val. – Mas esquecer *isso*?

– Não – retrucou Maris. – Encontre-os, e leve-os a um Senhor da Terra, ou convoque um tribunal de voadores. Faça com que seja o seu inimigo que perca as asas, o lar e a vida, e não você. Será que essa é uma alternativa tão ruim assim?

Val deu um sorriso falso, e Maris percebeu que ele também perdera alguns dentes.

– Não. Quase gostei dela.

– A escolha é sua – lembrou Maris. – Você vai ficar sem voar por um bom tempo, portanto poderá refletir. Acho que você é inteligente o suficiente para aproveitar bem esse momento. – Ela olhou para S'Rella. – Preciso voltar para Amberly Menor. É o seu caminho, caso você esteja voltando para as ilhas do Sul. Gostaria de voar

comigo e passar um dia na minha casa?

S’Rella concordou toda contente.

– Sim, adoraria... isto é, se Val ficar bem.

– Voadores têm crédito ilimitado – comentou Val. – Se eu prometer a Raggin moedas de ferro suficientes, ele vai cuidar de mim melhor que um pai ou uma mãe.

– Então eu vou – respondeu S’Rella. – Mas vou vê-lo de novo, não é, Val? Nós dois temos asas agora.

– Claro – disse Val. – Vá voar com os seus. Eu procuro os meus.

S’Rella beijou-o e atravessou o quarto até onde Maris estava, de pé, e as duas foram saindo pela porta.

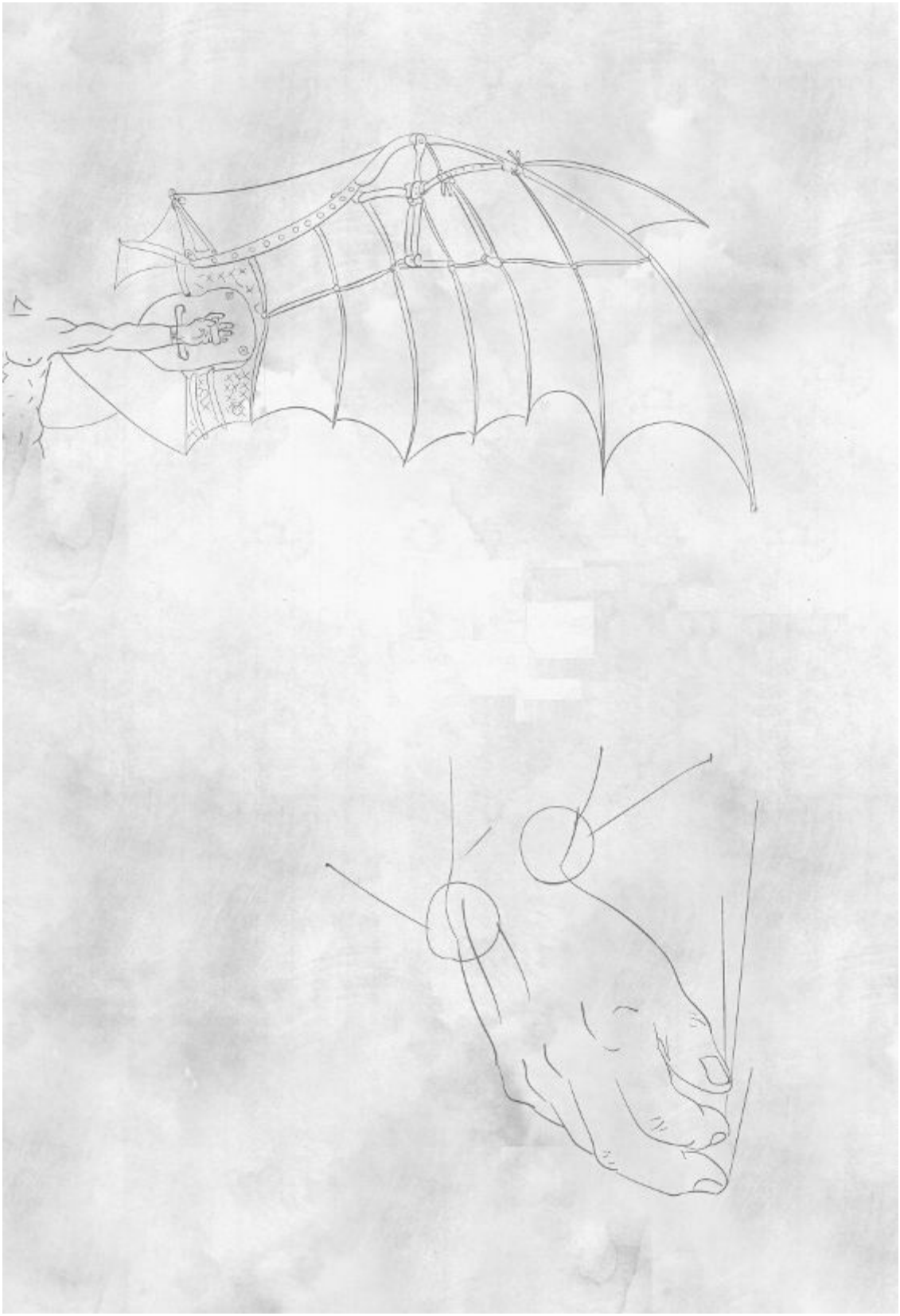
– *Maris!* – chamou Val, de repente, em voz alta.

Ela se virou ao ouvi-lo chamando, a tempo de ver sua mão esquerda se enfiar desajeitadamente atrás da sua cabeça, pegar a faca debaixo do travesseiro e atirá-la zunindo a uma velocidade assustadora. A longa lâmina cortou o ar e atingiu o batente da porta, a menos de um palmo da cabeça de Maris. Mas a faca era ornamental, de obsidiana clara e escura, e bem afiada, mas não flexível, e se despedaçou com o impacto.

Maris ficou assustadíssima. Val sorria.

– Nunca foi do meu pai. Meu pai nunca teve nada. Eu a roubei de Arak. – Os olhos dos dois se cruzaram através do quarto, e Val riu, dolorosamente. – Você se livraria disso por mim, por favor, uma-asa?

Maris sorriu e se inclinou para recolher os cacos.



PARTE TRÊS

a queda

Ela envelheceu em menos de um minuto.

Quando Maris saiu do encontro com o Senhor da Terra de Thayos, ainda era jovem. Pegou aquela passagem subterrânea de sua pequena fortaleza rochosa que dava no mar, um túnel úmido, sombrio, sob a montanha. Andava rápido, com uma vela na mão, suas asas dobradas às costas, envolvida pelos ecos e pelo lento gotejar de água. Havia poças no chão do túnel, e a água se infiltrava por suas botas. Maris estava ansiosa para sair de lá.

Foi só quando emergiu para a luz do crepúsculo no lado oposto da montanha que Maris viu o céu. Tinha uma cor púrpura ameaçadora, turva, um violeta tão escuro que parecia quase preto, a cor de um machucado arroxeado, cheio de sangue e dor. O vento era frio e rebelde. Maris podia prever a fúria que estava prestes a irromper, conseguia vê-la nas nuvens. Ficou ao pé dos degraus desgastados pelo tempo, que subiam até o rochedo de frente para o mar, e por um breve instante considerou voltar atrás, passar a noite descansando na casa do alojamento e adiar o voo até o amanhecer.

Mas a perspectiva da longa caminhada de volta pelo túnel era desanimadora, e Maris não se sentia bem naquele lugar. Para ela, Thayos era uma terra escura e gélida, seu Senhor da Terra era muito rude, de uma brutalidade que ele mal conseguia ocultar por trás do protocolo exigido entre um Senhor da Terra e um voador. A mensagem que lhe dera para transmitir pesava-lhe muito. As palavras eram raivosas, mesquinhas, cheias de ameaças de guerra, e Maris estava ansiosa para entregá-la e esquecê-la, livrar-se daquele fardo o mais rápido possível.

Então, apagou sua vela e começou a subir os degraus, escalando-os facilmente com passos longos, impacientes. Havia rugas em seu rosto e fios brancos em seu cabelo, mas Maris ainda era graciosa e cheia de vigor, como quando tinha vinte anos.

No ponto em que os degraus se abriam numa ampla plataforma de pedra acima do mar, Maris desdobrou suas asas. Elas capturaram o vento e deram um tranco em Maris, enquanto ela travava os últimos suportes no lugar. O púrpura sombrio da tempestade projetava um tom escuro no metal prateado, e os raios do sol poente deixavam riscas vermelhas de luz em cima dele, como feridas recentes brotando sangue. Maris apressou-se. Queria chegar à frente da tempestade, para aproveitar sua parte frontal e ganhar maior velocidade. Apertou as tiras em torno do corpo, checou as asas uma última vez e envolveu com as mãos as alças tão familiares. Com dois passos rápidos atirou-se do rochedo, como fizera incontáveis vezes antes. O vento era seu velho e verdadeiro amor. Acomodou-se no seu abraço e voou.

Ela viu relâmpagos no horizonte, uma demorada faísca tripartida no céu a leste. Então, o vento abrandou e bateu suave nela, e ela caiu, tombou e virou, procurando uma corrente mais forte até que a tempestade a alcançou, repentina como o estalar de um chicote. Uma rajada de vento vinda do nada a atingiu com uma força terrível, mas quando se esforçou para voar com ela, mudou de direção. Então, uma segunda, e uma terceira. A chuva batia no seu rosto, relâmpagos a ofuscavam, e ela sentia um martelar nos ouvidos.

A tempestade a empurrava para trás, depois a punha de pernas para o ar, como se ela fosse um brinquedo. Não tinha escolha, nenhuma chance a mais do que uma folha ao vento. Foi esbofeteada de todos os jeitos, até ficar enjoada e atordoada e ter consciência de que estava caindo. Ao olhar por cima do ombro, viu a montanha precipitando-se na direção dela, um paredão liso de pedra escorregadia. Tentou se afastar, mas só conseguiu girar no abraço furioso do vento. Sua asa esquerda raspou na pedra, desabou, e Maris caiu de lado, gritando, com a asa esquerda frouxa. Tentou voar com uma asa só, mas sabia que isso era inútil, e foi cegada pela chuva, pois a tempestade a aprisionara em seus dentes mortíferos, e em seu último pensamento lúcido, Maris soube que isso era sua morte.

O mar a levou, esmagou, cuspiu. Encontraram-na bem tarde no outro dia, machucada e inconsciente, mas viva, numa praia rochosa a cinco quilômetros do rochedo dos voadores de Thayos.

Quando Maris acordou, dias mais tarde, já era velha.

Raramente ela ficou mais do que semiconsciente durante aquela primeira semana, e nas seguintes se lembrou de muito pouca coisa. Sentia dor, quando se mexia e quando estava quieta; acordada e dormindo. Dormia a maior parte do tempo, e seus sonhos eram tão reais para ela quanto a dor constante. Andava por longos túneis sob a terra, andava até suas pernas doerem horrivelmente, mas nunca encontrava os degraus que iam lhe permitir sair e ver o céu. Caía pelo ar parado infindavelmente, e sua força e sua habilidade eram inúteis num céu sem ventos. Ficava diante de centenas de pessoas num Conselho e falava, mas suas palavras eram incompreensíveis e sua voz soava baixa demais, as pessoas não conseguiam entender. Sentia-se quente, terrivelmente quente, e não conseguia se mexer. Alguém havia lhe tirado as asas e amarrado suas pernas e braços. Pelejava para se mexer, para falar. Tinha de voar para algum lugar com uma mensagem urgente. Não conseguia se mexer, não podia falar, não sabia se eram lágrimas ou chuva no seu rosto. Alguém limpou seu rosto e deu-lhe de beber um líquido denso, amargo.

Em algum momento, Maris começou a ter consciência de que estava deitada numa cama grande, com uma lareira perto, sempre com fogo aceso, e que estava coberta com grossas camadas de peles e cobertores. Sentia-se quente, terrivelmente quente, e

fazia força para empurrar os cobertores para baixo, mas não conseguia.

Parecia haver gente naquele aposento, indo e vindo. Ela reconheceu algumas das pessoas (eram seus amigos), mas embora pedisse que eles removessem os cobertores, eles não o faziam. Pareciam não ouvi-la, mas com frequência se sentavam ao pé da sua cama e conversavam com ela. Falavam de coisas passadas como se ainda fossem presentes, o que a confundia. Mas tudo estava muito confuso mesmo, e ela sentia-se feliz por ter amigos por perto.

Coll veio, cantando suas músicas, e Barrion estava com ele. Barrion, dos gracejos espirituosos e da voz grossa e profunda. A velha e inválida Sena sentou na beirada da cama e não disse nada. O Corvo apareceu uma vez, todo vestido de preto e com um aspecto tão forte e bonito que o coração dela bateu com um amor indizível por ele de novo. Garth trouxe-lhe um kivas quentinho, fumegante, e depois contou piadas, de modo que ela ficou rindo e rindo e esqueceu-se de tomar a bebida. Val Uma-Asa ficou de pé junto à porta, observando, com o rosto impassível de sempre. S'Rella, sua querida amiga, vinha com frequência e ficava falando dos velhos tempos. E Dorrel, seu primeiro amor e ainda um amigo próximo, veio várias vezes, e sua presença era um conforto para ela em meio àquela dor e confusão. Outros também apareceram: antigos namorados que ela achou que nunca mais veria pela frente, para conversar, se explicar, acusar; depois sumiam, deixando todas as perguntas sem resposta. Havia ainda o loiro gorducho T'mar, trazendo presentes que ele esculpira em pedra, e Halland, o cantor, forte, de barba preta, com o mesmo aspecto que tinha no tempo em que haviam morado juntos em Amberly Menor. Ela lembrou então que ele havia se perdido no mar, e chorou, e suas lágrimas apagaram aquela visão dele.

Havia outro visitante, um homem estranho a Maris. E ao mesmo tempo não era estranho: ela conhecia o toque de suas mãos suaves, seguras, e o som de sua voz quase musical dizendo o nome dela. Ao contrário das outras visitas, ele chegava perto dela, e erguia sua cabeça e dava-lhe sopas quentes e leitosas e chá com especiarias, e uma poção densa e amarga que a fazia dormir. Ela não conseguia lembrar como ou quando o conhecera, mas ficava muito feliz ao vê-lo. Era magro e pequeno, mas vigoroso. Tinha pele clara, esticada bem tensa sobre os ossos e ângulos de seu rosto, coberto de sardas devido à idade. Um cabelo branco fino começava a crescer vindo do alto da sua testa. Os olhos, sob sobrancelhas proeminentes e instalados numa rede de pequenas rugas, eram de um azul brilhante. Mas, apesar de ele vir com tanta frequência e de conhecê-la, Maris não conseguia fazer o nome dele vir à mente.

Uma vez, enquanto ele estava ao lado dela e a observava, Maris esforçou-se para sair de seu quase sono e disse que estava muito quente, e pediu-lhe que afastasse um pouco as cobertas.

Ele negou com a cabeça.

– Você está com febre – argumentou ele. – O quarto está gelado, e você está muito doente. Precisa do calor e dos cobertores.

Assustada com aquele fantasma que havia finalmente lhe respondido alguma coisa, Maris quis sentar e dar uma olhada mais de perto nele. Seu corpo reagiu letargicamente, e uma dor de dar enjoo percorreu seu lado esquerdo.

– Tenha calma – disse o homem. Seus dedos frios pousaram na sua testa. – Seus ossos devem se soldar bem antes que você possa se mexer. Aqui, beba isso.

Ele ergueu a cabeça dela e pressionou a borda lisa e grossa de uma xícara contra seus lábios. Maris sentiu um gosto amargo familiar, e engoliu obedientemente. A tensão e a dor a abandonaram assim que sua cabeça afundou de volta no travesseiro.

– Durma e não se preocupe.

Com dificuldade, ela conseguiu dizer:

– Quem...

– Meu nome é Evan – respondeu ele. – Sou um curador. Faz semanas que você está sob meus cuidados. Você vem se recuperando, mas ainda está muito fraca. Precisa dormir agora, preservar suas energias.

– Semanas. – A palavra a assustou. Ela devia estar terrivelmente doente, muito ferida, para passar semanas na casa de um curador. – Onde?

Ele colocou seu dedo forte e magro sobre sua boca para aquietá-la.

– Em Thayos. E agora chega de perguntas. Vou lhe contar tudo mais tarde, quando você estiver mais forte. Agora, durma. Deixe que seu corpo se cure.

Maris parou de lutar contra o sono que se instalava. Ele dissera que ela estava se recompondo e que devia preservar suas energias. Ela só desejava, conforme mergulhava no sono, não sonhar de novo com aquele breve e terrível voo pela tempestade, e com o pavoroso esmagamento do seu corpo.

Mais tarde, quando acordou, o mundo parecia escuro, com apenas umas brasas tênues ainda acesas na lareira para dar forma às sombras. Assim que ela se mexeu um pouco, Evan apareceu. Atiçou o fogo de novo, sentiu a testa dela e então sentou devagar na cama.

– A febre recuou – informou ele –, mas você ainda não está boa. Sei que quer se mexer... Vai ser difícil aceitar ficar quieta. Mas é preciso. Ainda está muito fraca, e seu corpo vai se recompor melhor se não o forçar. Você não vai conseguir ficar quieta por vontade própria, vou ter que lhe dar mais tesis.

– Tesis? – Sua própria voz soou-lhe estranha aos ouvidos. Ela tossiu, tentando limpar a garganta.

– A bebida amarga que aquieta o corpo e a mente, dá sono e relaxa para fazer

parar a dor. É uma bebida muito útil, cheia de ervas curativas, mas em quantidade excessiva pode ser venenosa. Precisei lhe dar mais do que gostaria, para manter você bem quieta. Colocar restrições físicas não funcionou com você, você se mexia, se debatia e lutava para se soltar. Desse jeito, seria difícil as partes quebradas do seu corpo descansarem e sararem. Depois que passou a tomar tesis, você caiu num sono tranquilo, curador, indolor, como precisava. Mas não quero lhe dar mais. Você vai sentir dor, mas acho que consegue aguentar. Se não, lhe dou mais tesis. Está entendendo, Maris?

Ela fitou seus olhos azuis brilhantes.

– Sim. Entendo. Vou tentar ficar parada. Não me deixe esquecer.

Ele sorriu. Isso rejuvenesceu seu rosto.

– Pode deixar – disse ele. – Você está habituada a uma vida de atividade, movimento, sempre indo para algum lugar, fazendo coisas. Mas agora não pode ir a lugar algum, se quiser ter sua força de volta: precisa esperar por ela, deitada aqui, com a maior paciência que conseguir ter.

Maris começou a assentir com a cabeça, checando como estava e sentindo uma dor entorpecida, fatigante, no seu lado esquerdo.

– Nunca fui uma pessoa paciente.

– Não, mas ouvi dizer que você é forte. Use essa força para ficar quieta, e poderá se recuperar.

– Você precisa me contar a verdade – pediu Maris. Ela olhou para o rosto dele, tentando ler a resposta ali. Sentiu o medo como se fosse um veneno frio movendo-se pelo seu corpo. Desejou ter força para sentar, para checar seus braços e pernas.

– Vou lhe contar o que sei.

Ela sentiu o medo na garganta e mal conseguiu falar. As palavras vieram num sussurro.

– Sei que me machuquei... mas, diga, a coisa foi feia? – Ela fechou os olhos, agora com medo de ler o rosto dele.

– Você sofreu impactos terríveis, mas sobreviveu. – Ele tocou de leve seu queixo e ela abriu os olhos. – Quebrou ambas as pernas na queda, a esquerda em quatro pontos. Eu pus no lugar, e parece que estão calcificando bem; não tão rápido como poderiam se você fosse mais nova, mas acho que vai andar de novo sem mancar. Seu braço esquerdo foi esmagado, tinha até um osso saindo pela carne. Achei que teria de amputar. Mas não foi preciso. – Ele pressionou seus dedos sobre os lábios dela e depois retirou. Foi como um beijo. – Eu o limpei e usei essência de flor-de-fogo e outras ervas. Você vai sentir rigidez ali por bastante tempo, mas não acho que houve nenhum nervo danificado, assim, com o tempo e com exercício, penso que seu braço esquerdo ficará forte e útil de novo. Você quebrou duas costelas ao cair, e bateu com

a cabeça numa pedra. Ficou três dias inconsciente sob os meus cuidados. Eu não sabia se você ia voltar algum dia.

– Só três membros quebrados – contou Maris. – Bem, resumindo, um pouso fácil. – Então, ela franziu a testa. – A mensagem...

Evan assentiu.

– No seu delírio, você repetia a mensagem sem parar, como se fosse um mantra, determinada a transmiti-la. Mas não precisa se preocupar. O Senhor da Terra foi informado do seu acidente, e a esta altura já deve ter mandado a mesma mensagem para o Senhor da Terra de Thrane por outro voador.

– É claro – murmurou Maris. E sentiu que um fardo que nem sabia que estava carregando foi tirado de cima dela.

– Era uma mensagem muito urgente – comentou Evan, com certa amargura na voz. – Não podia esperar que fizesse um tempo melhor para voar. Uma mensagem que a lançou na tempestade, que lhe causou ferimentos. Podia ter significado a morte. A guerra ainda não teve início, mas já começaram a desrespeitar vidas humanas.

Sua amargura a fez sofrer mais até do que a conversa sobre a guerra, que a deixou apenas confusa.

– Evan – disse ela gentilmente –, é o voador que escolhe quando vai voar. Os Senhores da Terra não têm qualquer poder sobre nós, com ou sem guerra. Foi minha ânsia de sair da sua pequena e gélida ilha que me fez partir apesar do mau tempo.

– E agora minha pequena e gélida ilha será o seu lar temporário.

– Por quanto tempo? Quanto tempo até eu poder voar de novo?

Ele olhou para ela sem responder.

Maris de repente temeu o pior.

– Minhas asas! – Ela se forçou para levantar. – Elas sumiram?

Evan foi rápido em colocar as mãos nos ombros dela.

– Não se mova! – Seus olhos azuis arderam.

– Esqueci – sussurrou ela. – Vou ficar quieta. – Seu corpo inteiro palpitou de dor como reação àquele esforço até que pequeno. – Por favor... minhas asas?

– Estou com elas – respondeu o curador. Ele balançou a cabeça. – Voadores. Eu devia ter me lembrado disso, afinal já curei outros antes. Devia ter dependurado suas asas em cima da sua cama para que fossem a primeira coisa que visse. O Senhor da Terra queria levá-las para o conserto, mas insisti em ficar com elas. Vou trazê-las aqui. – E sumiu no quarto ao lado. Poucos minutos depois, voltou carregando as asas dela nos braços.

Estavam desfiguradas e quebradas e não dobravam direito. O tecido metálico das

asas em si era praticamente indestrutível, mas os suportes eram de metal comum, e Maris viu que vários deles estavam destroçados, e outros tortos, com terra e manchas pretas em alguns lugares. Do jeito inseguro com que Evan as suportava pareciam não ter conserto.

Mas Maris entendia daquilo. Não tinham perdido para o mar. Podiam ser recuperadas. Seu coração se aliviou ao vê-las. Elas significavam vida para Maris; ela poderia voar de novo.

– Muito obrigada – disse para Evan. Fez força para não chorar.

Evan dependurou as asas na parede em frente ao pé da cama, onde Maris pudesse olhá-las. Então, virou-se para ela.

– Vai ser mais demorado e mais difícil reparar seu corpo do que suas asas – começou ele. – Mais demorado do que você gostaria. Não será uma questão de semanas, mas de meses, vários meses, e mesmo assim não posso lhe garantir nada. Seus ossos foram despedaçados, e os músculos rasgados. Não é provável que na sua idade você consiga recuperar a força que tinha. Você vai andar de novo, mas quanto a voar...

– Eu vou voar. Minhas pernas e minhas costelas e meu braço vão se restabelecer – afirmou Maris baixinho.

– Sim, no tempo devido, eu espero que eles se restabeleçam. Mas isso pode não ser suficiente. – Ele chegou mais perto, e ela viu a preocupação no rosto dele. – A contusão na cabeça. Pode ter afetado sua visão, ou sua noção de equilíbrio.

– Pare com isso – pediu Maris. – Por favor. – Lágrimas correram dos seus olhos.

– É cedo demais – reconheceu Evan. – Desculpe. – Ele deslizou a mão pelo rosto dela, limpando-lhe as lágrimas. – Você precisa descansar e ter esperança, e não se preocupar. Precisa de tempo para se fortalecer de novo. Você vai vestir suas asas de novo, mas não antes de estar realmente pronta, não antes que *eu* diga que você está pronta.

– Um curador confinado à terra dizendo a uma voadora quando é que ela deve voar... – murmurou Maris com uma expressão de desdém.

Embora ela fosse capaz de suportar isso, o tempo de inatividade forçada não era algo que Maris pudesse apreciar de bom grado. Conforme os dias passavam e ela começava a ficar mais tempo acordada, começou a se sentir cada vez mais inquieta. Evan estava ao lado dela a maior parte do tempo, convencendo-a a comer, lembrando-a de ficar parada, e conversando com ela, sempre conversando, para dar à sua mente intranquila algo com que se exercitar, mesmo que seu corpo não tivesse outra opção a não ser ficar imóvel. E Evan mostrou ser um contador de histórias talentoso. Ele se considerava mais um observador da vida do que um participante, e

tinha uma visão das coisas bastante distanciada e um olhar agudo para os detalhes. Ele fez Maris rir muito, com bastante frequência; a fez pensar; e até conseguiu fazer com que ela esquecesse, mesmo que às vezes só por uns minutos, que estava presa a uma cama com o corpo quebrado.

No início, Evan contava histórias da sociedade de Thayos, com descrições tão vívidas que ela quase conseguia ver as pessoas. Mas, depois de um tempo, sua conversa ficou mais pessoal, e ele ofereceu-lhe a própria vida, como se fosse em troca das confidências que ela lhe fizera em seus delírios.

Evan nascera no meio dos bosques de Thayos, uma ilha da parte norte das Ilhas do Leste, havia sessenta anos. Seus pais eram guardas-florestais. Havia outras famílias na floresta, outras crianças para brincar, mas desde bem pequeno Evan sempre preferiu ficar sozinho. Gostava de se esconder no mato para ver os cavadores de terra, tímidos, pardos; de descobrir lugares onde cresciam as flores de fragrâncias mais deliciosas e as raízes mais saborosas; de sentar quieto numa pequena clareira com um pedaço de pão velho e convencer os pássaros a comerem na sua mão.

Aos dezesseis anos, apaixonou-se por uma parteira viajante. Jani, a parteira, era uma mulher parda, pequena, com presença de espírito e língua afiada. Para poder ficar perto dela, Evan ofereceu-se como assistente de Jani. De início, ela achou divertida aquela sua oferta, mas depois aceitou-a, e Evan, com seu interesse ainda mais aguçado pelo amor, aprendeu muitas coisas com ela.

Na véspera da partida de Jani, ele confessou seu amor por ela. Ela não ia ficar, e tampouco levá-lo com ela, nem como amante, nem como amigo, nem mesmo como assistente, embora admitisse que ele aprendera bem e que levava jeito. Ela sempre viajava sozinha, e ponto final.

Evan continuou praticando suas novas habilidades de cura depois que Jani foi embora. Como o curador mais próximo morava na vila de Thossi, distante um dia inteiro de caminhada pela floresta, Evan logo começou a ser bastante procurado. Depois, decidiu se aprimorar e foi aprender com o curador de lá. Podia ter frequentado uma escola de curadores, mas isso implicaria uma viagem marítima, e a ideia de viajar naquelas perigosas águas deixava-o assustado como nenhuma outra coisa no mundo.

Depois que aprendeu tudo o que ela podia lhe ensinar, Evan voltou para a floresta para viver lá e trabalhar. Embora nunca tivesse casado, nem sempre vivera sozinho. As mulheres o procuravam – mulheres interessadas num amante casual, mulheres em viagem, que ficavam alguns dias ou meses na companhia dele, pacientes que ficavam com ele até que sua paixão também estivesse curada.

Maris, ouvindo sua voz suave, macia, e depois de ficar olhando tantas horas para o seu rosto, que ela já conhecia tão bem quanto o de qualquer amante seu no passado, achava compreensível a atração que sentia por ele. Os olhos azuis

cintilantes, as mãos hábeis, gentis, os malares saltados e o seu imponente nariz aquilino. No entanto, tentava imaginar o que ele poderia sentir por ela – seria ele tão autossuficiente como parecia?

Um dia, Maris interrompeu a história que ele contava de uma família de esquilos que encontrara recentemente para perguntar:

– Você já se apaixonou alguma vez? Depois de Jani, é claro.

Ele pareceu surpreso.

– Sim, claro que me apaixonei. Já lhe contei a...

– Sim, mas não o suficiente para querer se casar.

– Às vezes, sim. Com S'Rai. Ela morou aqui comigo quase um ano, e éramos felizes juntos. Eu a amava muito. Quis que ela ficasse. Mas ela tinha sua própria vida em outro lugar. Não ia ficar na floresta comigo; e foi embora.

– Por que você não foi junto? Ela não pediu para você ir?

Evan pareceu infeliz.

– Sim, pediu. Queria que eu fosse com ela; mas de algum jeito isso não me pareceu possível.

– Você nunca morou em nenhum outro lugar?

– Viajei por toda Thayos, para onde quer que houvesse necessidade – respondeu Evan, meio na defensiva. – E morei em Thossi quase dois anos quando era jovem.

– Thayos é toda ela praticamente igual – comentou Maris, erguendo seu ombro bom. No outro ombro, sentiu uma pontada, mas ignorou. Agora ela já tinha permissão para ficar sentada, e receava que Evan pudesse revogar esse privilégio se ela confessasse que ainda sentia dor. – Algumas partes têm mais árvores, outras partes têm mais pedras.

Evan riu.

– Uma visão muito superficial a sua! Para você, todas as partes da floresta pareceriam idênticas.

Isso era tão óbvio que nem pedia comentários. Maris insistiu.

– Você nunca esteve fora de Thayos?

Evan fez uma careta.

– Uma vez. Houve um acidente, um barco se espatifou numas rochas, e a mulher que o pilotava ficou muito machucada. Fui levado num barco de pesca para ir atendê-la. Fiquei com tanto enjoo na viagem de ida que quase não consegui ajudá-la.

Maris sorriu em apoio, mas balançou a cabeça.

– Como é que você pode saber que este é o único lugar em que você quer morar se nunca esteve em outro?

– Não estou dizendo isso, Maris, eu podia ter saído daqui, tido uma vida bem diferente. Mas foi o que eu escolhi. Conheço esta vida: é a minha vida, boa ou ruim. Agora já é bastante tarde para lamentar todas as oportunidades que perdi. Sou feliz com a minha vida. – Ele se levantou, então, encerrando a conversa. – Agora é hora de você tirar uma soneca.

– Posso...

– Pode fazer o que quiser, desde que seja deitada de costas, sem se mexer.

Maris riu, e deixou que ele a ajudasse a deitar de novo na cama. Ela não queria admitir, mas ficar sentada na cama a deixara cansada, e foi um alívio bem-vindo voltar a deitar. A lentidão de seu corpo para se recuperar a deixava frustrada. E ela não entendia por que razão se cansava com tanta facilidade, já que se tratava apenas de alguns ossos quebrados. Fechou os olhos, ouvindo os sons que Evan fazia enquanto ajeitava o fogo e arrumava o quarto.

Pensou a respeito de Evan. Sentia-se atraída por ele, e, é claro, as circunstâncias haviam contribuído para facilitar a intimidade entre os dois. Ela imaginara que, assim que estivesse recuperada, os dois poderiam ser amantes. Mas agora que sabia mais da vida dele, refletiu melhor. Evan havia amado e havia sido abandonado muitas e muitas vezes. Ela gostava demais dele para correr o risco de magoá-lo, e sabia que ia deixar Thayos e abandonar Evan assim que fosse capaz de voar de novo. Era melhor, decidiu sonolenta, que ela e Evan continuassem apenas amigos. Ela precisaria esquecer o quanto adorava aquele brilho de seus olhos azuis, e esquecer suas fantasias sobre aquelas suas mãos magras, fortes e hábeis.

Maris sorriu, bocejou e caiu no sono. Sonhou que estava ensinando Evan a voar.

No dia seguinte S'Rella chegou.

Maris estava letárgica, meio dormindo, e de início achou que estivesse sonhando. O quarto abafado de repente ficou fresco, cheio daquele aroma limpo e penetrante dos ventos marítimos, e, quando abriu os olhos, S'Rella estava de pé junto à porta, as asas dependuradas no braço. Por um instante parecia de novo aquela garota tímida e frágil que era havia vinte anos, quando Maris foi uma das pessoas que a ensinara a voar. Mas então ela sorriu, um sorriso de autoconfiança que iluminou seu rosto escuro e fino e enfatizou as linhas que o tempo deixara. E quando avançou, espirrando água salgada de suas asas e roupas molhadas, o fantasma da S'Rella da Asas de Madeira dissolveu-se inteiramente e ela era S'Rella de Veleth, uma voadora experiente e mãe de duas filhas já crescidas. As duas mulheres se abraçaram, desajeitadamente devido à imensa massa moldada que protegia o braço esquerdo de Maris, mas com intensa emoção.

– Vim assim que ouvi falar, Maris – disse S'Rella. – Senti muito você ter ficado aqui sozinha tanto tempo, mas a comunicação entre voadores não é mais o que era, especialmente para os uma-asa. Eu nem poderia estar aqui agora, mas precisei voar

levando uma mensagem até Grande Shotan, e depois decidi visitar Eyrie. Foi um capricho estranho, percebo agora; já devia fazer uns quatro, cinco anos desde a última vez que estive lá. Então, fui e encontrei Corina, que acabava de chegar de Amberly, e ela me contou que um voador do Leste lhe dera a notícia do seu acidente. Eu parti na hora. Fiquei tão preocupada... – E S'Rella se inclinou para abraçar de novo a amiga, as asas quase escorregando da mão dela.

– Deixe eu dependurar as asas para você – ofereceu Evan, calmo, dando um passo adiante. S'Rella passou-lhe as asas quase sem olhar para ele, toda a sua atenção voltada para Maris.

– Mas... me diga... como você está? – perguntou ela.

Maris sorriu. Com o seu braço bom, empurrou o cobertor, mostrando duas pernas engessadas.

– Quebrada, como você pode ver, mas sarando. Ou pelo menos é o que o Evan me garante. Minhas costelas já quase não doem mais agora. E tenho certeza de que já está quase na hora de a massa nessas pernas ser retirada... é uma coceira abominável! – Fez uma cara feia e puxou um longo talo de um vaso de flores na mesinha ao lado da cama. Franzindo a testa, concentrada, enfiou o talo entre a perna e a armadura de massa. – Isso às vezes ajuda, mas tem outras vezes que até piora as coisas, dá cócegas...

– E o braço?

Maris olhou para Evan procurando a resposta.

– Não me ponha na fogueira, Maris – pediu ele. – Você sabe tanto quanto eu a respeito. Acho que seu braço está indo bem, e não tem havido mais infecção. Quanto às pernas, para sua alegria você vai poder finalmente coçá-las à vontade em um ou dois dias.

Maris deu um pequeno salto de alegria na cama, e então a sua respiração travou. Ficou pálida e engoliu em seco.

De testa franzida, Evan avançou até a cama.

– O que aconteceu? Onde foi que doeu?

– Não foi nada – respondeu Maris depressa. – Não foi nada, não. Eu só senti... um pouco de tontura, só isso. Devo ter chacoalhado o braço sem querer.

Evan assentiu, mas não pareceu acreditar muito.

– Vou fazer um chá – disse ele, e deixou as duas mulheres sozinhas.

– Bem, agora me conte as suas novidades – pediu Maris. – As minhas você já sabe. Evan tem sido maravilhoso, mas sarar leva muito tempo, e tenho me sentido horrivelmente isolada aqui.

– É um lugar afastado – concordou S'Rella. – E muito frio.

As pessoas do sul acham que o mundo inteiro, exceto seu arquipélago, é frio demais. Maris sorriu (era uma velha piada entre elas) e apertou a mão de S'Rella.

– Por onde eu começo? – perguntou S'Rella. – Pelas notícias boas ou ruins? Fofoca ou política? Você é que está confinada à cama, Maris. O que você quer saber?

– Tudo – respondeu Maris –, mas você pode começar me contando das suas filhas.

S'Rella sorriu.

– S'Rena decidiu se casar com Arno, o rapaz que tem a concessão das tortas de carne nas docas de Garr. Ela tem a única banca de torta de frutas, é claro, e eles decidiram fundir seus negócios e monopolizar o mercado de tortas na orla.

– É, parece um arranjo bastante sensato – riu Maris.

S'Rella suspirou.

– Ah, é um casamento de conveniência, tudo muito empresarial demais. Não tem uma gota de romantismo na alma dela... às vezes eu nem acredito que S'Rena é minha filha.

– Marissa já é romântica o suficiente pelas duas. Como ela está?

– Bem, andando por aí. Namorando um cantor. Faz um mês que eu não tenho notícias dela.

Evan trouxe duas xícaras de chá fumegante, uma mistura de chás de sua própria invenção, com aroma de ameixa. Depois sumiu de novo.

– Alguma notícia de Eyrie? – perguntou Maris.

– Poucas, e nenhuma delas boa. Jamis sumiu quando voava de Geer para Pequena Shotan. Os voadores receiam que tenha se perdido no mar.

– Nossa. Que triste! Nunca o conheci bem, mas diziam que era um ótimo voador. O pai dele presidiu o Conselho dos voadores há muitos anos, no tempo em que nós adotamos o sistema de academias.

S'Rella assentiu.

– Lori de Varon teve neném – continuou ela –, mas o menino nasceu doentinho e morreu em uma semana. Ela está arrasada; Garret também, é claro. E o irmão de T'katin morreu numa tempestade. Era capitão de um navio comercial, você sabe. Dizem que a tempestade levou a frota inteira embora. São tempos difíceis, Maris. Ouvi dizer que estão em guerra de novo em Lomarron.

– Parece que vão entrar em guerra também aqui em Thayos, logo, logo – emendou Maris, com tristeza. – Você não tem nenhuma notícia alegre?

S'Rella balançou a cabeça.

– Eyrie não é um lugar alegre. Tenho a sensação de que não fui muito bem-vinda lá. Os uma-asa nunca frequentam Eyrie, mas lá estava eu, violando o último reduto

dos voadores de nascença. Deixei todos eles meio embaraçados, embora Corina e mais alguns poucos tentassem ser educados.

Maris assentiu. Era uma velha história. As tensões entre os voadores de nascença e os uma-asa, que haviam obtido as suas em competições, vinham crescendo havia anos. Cada vez havia mais confinados à terra voando, e as velhas famílias de voadores sentiam-se ameaçadas.

– Como está Val? – quis saber ela.

– Val é Val – disse S'Rella. – Mais rico do que nunca, mas, afora isso, não muda. Da última vez que visitei Seatooth, estava usando um cinto de metal trançado. Nem imagino quanto custou. Ele trabalha muito com a Asas de Madeira. Todos eles o respeitam demais. O resto do tempo ele fica farreando em Stormtown com Athen e Damen e Ro e o resto dos seus amigos uma-asa. Ouvi dizer que anda saindo com uma mulher de Poweet, mas não acho que tenha se dado ao trabalho de contar a Cara. Tentei dar uma bronca nele por causa disso, mas você sabe como Val consegue ser hipócrita...

Maris sorriu.

– Ah, sim.

Ela continuava tomando seu chá enquanto S'Rella prosseguia, com uma conversa que abrangia todo o Santuário dos Ventos. Fofocaram sobre outros voadores, falaram de amigos e da família e de lugares onde as duas haviam estado; uma conversa longa, variada. Maris sentiu-se à vontade, feliz e relaxada. Seu cativeiro não ia durar muito mais, pois ela estaria andando de novo em questão de dias, e então poderia começar a se exercitar para ficar em condições de voar. E S'Rella, sua melhor amiga, estava agora ao lado dela para lembrar-lhe da sua vida real, que esperava por ela além daquelas grossas paredes, e para ajudá-la a voltar e reintegrar-se.

Poucas horas mais tarde, Evan se juntou às duas trazendo pratos de queijos e frutas, pão de ervas saído do forno e ovos mexidos com cebolas e pimentão. Sentaram-se todos na grande cama e comeram com vontade. A conversa, ou a esperança renovada, deram a Maris um apetite voraz.

O assunto passou para a política.

– Será que vai haver mesmo uma guerra aqui? – perguntou S'Rella. – Qual é o motivo?

– Uma rocha – grunhiu Evan. – Uma rocha com menos de um quilômetro de largura e três de comprimento. Sequer tem nome. Fica bem no estreito Tharin, entre Thayos e Thrane, e todo mundo achava que não valia nada. Só que agora encontraram ferro nela. Foi um pessoal de Thrane que encontrou o minério e começou a extraí-lo, e não estão dispostos a abrir mão do seu direito de posse, mas a rocha fica um pouco mais perto de Thayos do que de Thrane, e por isso o nosso

Senhor da Terra está tentando se apoderar dela. Mandou uma dezena de guardas da terra para tomar a mina, mas eles foram vencidos e expulsos, e agora Thrane está fortificando a rocha.

– Thayos não parece ter muito direito a ela – comentou S'Rella. – Será que o seu Senhor da Terra vai mesmo entrar em guerra por causa dela?

Evan suspirou.

– Gostaria de acreditar que não. Mas o Senhor da Terra de Thayos é um homem beligerante, ambicioso. Já ganhou de Thrane antes, numa disputa por questões de pesca, e está certo de que vai conseguir isso de novo. Prefere matar quantas pessoas forem antes de fazer concessões.

– A mensagem que eu ia levar para Thrane era cheia de ameaças – interveio Maris. – Fiquei surpresa de ver que a guerra não havia começado ainda.

– As duas ilhas estão reunindo aliados, armas e promessas – continuou Evan. – Pelo que dizem, há voadores indo e voltando da fortaleza todos os dias. Com certeza, quando você partir o Senhor da Terra vai lhe dar uma ou duas ameaças para você transmitir. Nossos próprios voadores, Tya e Jem, não tiveram nem um dia de folga no último mês. Jem transmitiu a maioria das mensagens que iam e voltavam pelo estreito, e Tya levou ofertas e promessas para dezenas de aliados potenciais. Por sorte, nenhum deles se mostrou interessado. Repetidas vezes, Tya tem voltado com recusas. Acho que é só isso que está fazendo com que a guerra não tenha começado ainda. – Ele suspirou de novo. – Mas é só questão de tempo – concluiu, chateado. – E haverá mais mortes antes que tudo isso termine. E serei chamado para tentar remendar aqueles que puderem ser remendados. É ridículo, um curador em tempo de guerra trata os sintomas, mas não tem permissão para falar sobre a cura da verdadeira causa, a própria guerra, a não ser que queira ser preso como traidor.

– Suponho que eu devia me sentir aliviada por estar fora disso – disse Maris. Mas sua voz soou relutante. Ela não se sentia do mesmo jeito que Evan em relação à guerra, pois os voadores ficavam acima de tais conflitos, do mesmo modo que deslizavam acima do mar traiçoeiro. Eram neutros, e nunca deviam ser atacados. Objetivamente, a guerra era lamentável, mas nunca havia afetado Maris nem qualquer uma das pessoas que ela amava, e ela não conseguia sentir o horror do conflito em profundidade. – Quando eu era mais jovem, podia apreender uma mensagem sem sequer ouvi-la de fato. Mas parece que perdi essa habilidade. Algumas das palavras que tenho transmitido me têm feito perder o prazer de voar.

– Eu sei – concordou S'Rella. – Tenho visto o resultado de certas mensagens que transmito, e às vezes me sinto muito culpada.

– Não se sinta – retrucou Maris. – Você é uma voadora. Não tem responsabilidade por isso.

– Val discorda desse ponto de vista, você sabe – lembrou S'Rella. – Discutimos

isso uma vez. Ele acha que nós somos responsáveis.

– É compreensível – disse Maris.

S'Rella olhou para ela com cara de quem não entendeu.

– Por quê?

– Estou surpresa por ele nunca ter lhe contado – comentou Maris. – O pai dele foi enforcado. Um voador levou a ordem para a execução de Lomarron para Arren do Sul. Na verdade, foi o Arak. Lembra dele?

– Se lembro... – respondeu S'Rella. – Val sempre suspeitou que foi o Arak o voador que encomendou aquela surra que ele levou. Lembro o quanto ele ficou furioso por não conseguir descobrir seus agressores e poder provar algo. – Ela sorriu com ironia. – Também me lembro da festa que ele deu em Seatooth quando Arak morreu, com bolo preto e tudo.

Evan olhava para as duas mulheres, pensativo.

– Por que você leva mensagens mesmo se sentindo culpada em relação a elas? – perguntou a S'Rella.

– Ora, por quê? Porque sou uma voadora – respondeu S'Rella. – É meu trabalho. É o que sei fazer. A responsabilidade vem com as asas.

– Suponho que sim. – Evan se ergueu e começou a recolher os pratos vazios. – Não acho que seria capaz de uma atitude dessas, francamente. Mas sou um confinado à terra, não um voador. Não nasci com asas.

– E nem nós – começou a dizer Maris, mas Evan saiu do quarto. Ela sentiu uma ponta de contrariedade, mas S'Rella começou a falar de novo. Então, Maris foi atraída de volta para a conversa, e não demorou muito para ela esquecer a razão daquela contrariedade.

Por fim, chegou a hora de tirar a massa moldada do entorno de seus membros. Suas pernas seriam liberadas, e Evan prometera que o braço também não ficaria imobilizado por muito mais tempo.

Maris gritou ao vê-las. Muito magras, brancas, com uma aparência bizarra. Evan começou a massageá-las suavemente, limpando-as com uma solução quente com aroma de ervas. Com habilidade, estimulava os movimentos dos músculos há tanto tempo inativos. Maris suspirou de prazer e relaxou.

Quando finalmente Evan terminou e se levantou, pondo de lado a tigela e o pano, Maris pensou que ia explodir de impaciência.

– Posso andar? – quis saber.

Evan olhou para ela, com um sorriso hesitante.

– Você consegue?

Seu coração se animou com o desafio e ela sentou e deslizou as pernas pela beirada da cama. S'Rella ofereceu-se para ampará-la, mas Maris balançou a cabeça de leve, acenando para a amiga deixá-la tentar sozinha.

Então, ficou de pé. Nos próprios pés, sem amparo de ninguém. Mas havia algo errado. Ela sentiu tontura e enjoo. Não disse nada, mas seu rosto a delatou.

Evan e S'Rella se aproximaram.

– O que foi? – perguntou Evan.

– Eu... acho que levantei depressa demais. – Ela transpirava, com medo de se mexer, com medo de cair ou desmaiar ou vomitar.

– Tenha calma – aconselhou Evan. – Não há pressa. – Sua voz era calorosa e tranquilizadora, e ele segurou seu braço bom. S'Rella ofereceu apoio ao seu lado esquerdo. Dessa vez, Maris não se desvencilhou deles nem tentou se movimentar sozinha.

– Um passo por vez – indicou Evan.

Apoiando-se neles, guiada por eles, Maris deu seus primeiros passos. Ainda ficou um pouco zonza, e estranhamente desorientada. Mas também se sentiu triunfante. Suas pernas estavam funcionando de novo!

– Posso andar sozinha agora?

– Não vejo por que não.

Maris deu seu primeiro passo sem apoio, e depois o segundo. Seu ânimo cresceu. Era fácil! Suas pernas estavam boas como sempre. Procurando ignorar o desconforto em seu estômago, Maris deu seu terceiro passo, e então o aposento se inclinou para o lado.

Seus braços se agitaram e ela vacilou, procurando nivelar-se no quarto subitamente móvel, e então Evan segurou-a.

– NÃO! Eu posso sozinha...

Evan ajudou-a a se aprumar e firmou-a.

– Solte-me, por favor. – Maris levou uma mão trêmula ao rosto e olhou em volta. O quarto estava calmo e silencioso, o chão tão plano como sempre. Suas pernas aguentaram firme. Ela respirou profundamente e começou a andar de novo.

De repente, o chão escorregou debaixo de seus pés, e a teria acertado no rosto se Evan não a tivesse segurado de novo.

– S'Rella, me passe a bacia – pediu ele.

– Estou ótima... posso andar... deixe-me andar. – Mas aí ela não conseguiu mais falar, porque precisava vomitar, e felizmente S'Rella estava segurando uma bacia diante do seu rosto.

Depois, trêmula, mas sentindo-se melhor, Maris andou de volta até a cama com

Evan guiando-a.

– Qual é o problema?

Ele balançou a cabeça em negativa, mas parecia preocupado.

– Talvez excesso de esforço, antes do tempo – respondeu e virou-se. – Agora eu preciso dar uma saída e cuidar de um bebê com cólicas. Em uma hora mais ou menos estarei de volta. Não tente levantar até eu voltar.

Ela ficou nas nuvens quando Evan retirou a mesma massa do seu braço; felicíssima ao ver que o membro estava íntegro e forte, sem nenhum dano permanente. Sabia que teria de dar duro para recompor os músculos antes de poder voar de novo, mas depois de tanto tempo sem fazer nada a ideia de longas e penosas horas de exercício a estimulavam mais do que desanimavam.

Antes do previsto, S'Rella anunciou que precisava ir embora. Um corredor chegara a mando do Senhor da Terra de Thayos.

– Ele precisa mandar uma mensagem urgente para Arren do Norte – explicou S'Rella a Maris e Evan, com cara de chateada –, e os voadores daqui estão fora, em outras missões. Mas, de todo modo, já está mesmo na minha hora. Preciso voltar para Veleth.

Estavam os três sentados em volta da mesa rústica de madeira da cozinha de Evan, tomando chá e comendo pão com manteiga num café da manhã de despedida. Maris estendeu os braços pela mesa e tomou as mãos de S'Rella.

– Vou sentir saudades, mas fiquei muito feliz de você ter vindo.

– Vou voltar o mais cedo que puder – prometeu S'Rella –, se bem que eu acho que vão me manter bastante ocupada. Seja como for, vou espalhar a notícia de que você se recuperou bem. Seus amigos ficarão aliviados.

– Maris ainda não está totalmente recuperada – alertou Evan baixinho.

– Ah, mas é só uma questão de tempo – argumentou Maris, alegre. – Quando S'Rella tiver contado a novidade a todo mundo eu provavelmente já estarei voando de novo. – Ela não entendeu bem a cara séria de Evan; esperava que ele fosse ficar tão animado quanto ela com a remoção do gesso do braço. – Vou encontrar com você no céu antes de você voltar aqui!

Evan olhou para S'Rella.

– Eu acompanho você até a estrada – ofereceu.

– Não precisa se incomodar – disse S'Rella. – Sei o caminho.

– É que eu gostaria de ver você decolar.

Maris ficou tensa com alguma coisa indefinida no tom dele.

– Conte agora – pediu ela baixinho. – Seja o que for, você vai ter que me contar

mesmo.

– Nunca menti para você, Maris – disse Evan. Ele suspirou, e seus ombros caíram, e Maris de repente o viu como um homem velho.

Ele recostou-se na sua cadeira e olhou fixo nos olhos de Maris.

– Você já refletiu um pouco sobre a tontura que sente quando fica de pé ou senta ou vira meio rápido demais?

– Ainda estou fraca. Preciso tomar cuidado, só isso – respondeu Maris, já na defensiva. – Meus membros estão saudáveis.

– Certo, certo, não precisamos nos preocupar com suas pernas, ou com seu braço. Mas há algo errado com você, algo que não dá para ser realinhado, entalado e esperarmos um tempo até calcificar. Houve algum dano interno, no seu cérebro. Afetou seu equilíbrio, sua percepção da profundidade, talvez sua visão. Não tenho certeza do que é exatamente. Sei tão pouca coisa... na verdade ninguém sabe muito...

– Não há nada de errado comigo – afirmou Maris num tom de voz um pouco mais alto. – No começo, senti uma leve tontura e fraqueza, mas estou melhorando. Já posso andar agora, você precisa admitir isso, e vou ser capaz de voar de novo.

– Você está aprendendo a se ajustar, a compensar, só isso – explicou Evan. – Mas seu equilíbrio foi afetado. Você provavelmente vai aprender a se ajustar à vida na terra. Mas, no ar... Uma habilidade que é essencial no ar talvez tenha ficado comprometida agora. E não acho que você possa reaprender a voar sem ela. São muitas as coisas que dependem do seu equilíbrio...

– E você por acaso entende algo de voar? Como é que pode me dizer o que eu preciso ou não para poder voar? – A voz dela era dura e fria como gelo.

– Maris – sussurrou S'Rella. Ela tentou segurar a mão de Maris, mas aquela mulher acidentada retirou-a.

– Não acredito em você – concluiu Maris. – Não há nada de errado comigo que não vá sarar. Vou voar de novo. Estou só um pouquinho enjoada, só isso. Por que é que você tem que supor o pior? E por que eu teria também?

Evan continuou quieto, pensativo. Então, levantou-se e foi até o quintal pela porta de trás, onde guardava a lenha. Ao lado das toras e gravetos, havia algumas tábuas planas e compridas, restos de madeira que Evan cortava para usar como talas. Escolheu uma com uns dois metros de comprimento por vinte centímetros de largura, e com cinco centímetros de espessura. Colocou-a no chão da cozinha.

Ele aprumou-se e olhou para Maris.

– Consegue andar em cima disso?

Maris ergueu a sobrancelha com cara de surpresa. E era um absurdo como seu estômago estava supertenso. É claro que ela conseguia andar em cima daquela tábua; não podia nem imaginar que não fosse capaz de passar naquele teste.

Ela se levantou da cadeira devagar, apoiando uma mão na beirada da mesa. Andou pelo piso normalmente, sem precisar ir devagar demais. O piso não escorregou nem entortou debaixo dos seus pés como acontecera no primeiro dia. Era um contrassenso dizer que havia algo errado com seu senso de equilíbrio; ela não ia cair andando no nível do chão, nem de uma altura de cinco centímetros.

– É para saltar num pé só? – perguntou ela a Evan.

– Só ande pela tábua, normalmente.

Maris subiu na tábua. Não era larga o suficiente para poder acomodar os dois pés nela, um do lado do outro, por isso ela teve de dar um segundo passo na hora, sem tempo para considerar nada. Lembrou-se das beiradas de rochedos altos por onde andava em criança, algumas delas com caminhos mais estreitos que aquela tábua.

A tábua bambeou e se deslocou debaixo dos seus pés. Sem querer, Maris soltou um grito ao sentir que estava caindo de lado. Evan a segurou.

– Você fez a tábua se mexer! – disse ela, de repente furiosa. Mas as palavras soaram petulantes e infantis aos seus próprios ouvidos. Evan apenas a observou. Maris procurou se acalmar. – Desculpe. Não foi minha intenção dizer isso. Deixe-me tentar de novo.

Sem emitir nenhuma palavra, ele a soltou e deu um passo para trás.

Tensa, Maris subiu de novo na tábua e deu três passos. Começou a vacilar. Um dos pés saiu de lado e se apoiou no chão. Ela xingou e o trouxe de volta, e deu mais um passo, e sentiu a tábua balançar de novo. Errou mais uma vez. Ergueu o pé de novo de volta para a tábua e deu mais um passo adiante, mas acabou dando uma guinada para o lado e caiu.

Evan não a segurou desta vez. Ela foi ao chão, de quatro, deu um pulo de volta, a cabeça rodando devido ao esforço.

– Maris, chega. – As mãos firmes e suaves de Evan pousaram nela, tirando-a da tábua traiçoeira. Maris conseguiu ouvir S'Rella chorando baixinho.

– Tudo bem – disse Maris. Ela tentou disfarçar a angústia da sua voz. – Há algo de errado. Certo, reconheço. Mas ainda estou me recuperando. Me dê um tempo. Vou ficar boa. Vou voar de novo.

Pela manhã, Maris começou a se exercitar a sério. Evan trouxe-lhe um conjunto de pesos de pedra, e ela começou a trabalhar regularmente. Ficou desanimada quando descobriu que seus dois braços, e não apenas o que ela quebrara, estavam muito enfraquecidos pelo tempo de inatividade forçada.

Determinada a testar o ar assim que fosse possível, Maris mandou levar suas asas até a fortaleza, para que a própria ferreira do Senhor da Terra cuidasse de consertá-las. A mulher estava muito ocupada devido aos preparativos para a guerra iminente,

mas um pedido de um voador nunca devia ser ignorado, e ela prometeu endireitar e arrumar os suportes danificados em uma semana. Cumpriu a palavra.

Maris checou suas asas com cuidado no dia em que elas voltaram do conserto, dobrando e desdobrando cada trecho, verificando o tecido para certificar-se de que estava tenso e firmemente montado. Suas mãos se entregaram à tarefa como se nunca tivessem parado de fazer aquilo. Eram mãos de voadora, afinal, e não havia nada no mundo que elas soubessem fazer melhor do que cuidar de um par de asas. Maris quase ficou tentada a amarrar as asas e fazer a longa caminhada até o rochedo dos voadores. Quase, mas não o bastante. *Ainda não recuperei meu equilíbrio*, pensou, embora estivesse mais firme sobre os pés agora. Toda noite, às escondidas, ela se submetia ao teste da tábua. Ainda não passara nele, mas melhorava a cada dia. Não estava pronta ainda para as asas, mas logo estaria.

Quando não se exercitava, às vezes andava com Evan pela floresta, acompanhando-o em suas saídas para recolher ervas ou cuidar de outros pacientes. Ele ensinou-lhe os nomes das plantas que usava em seu trabalho e explicou para o que servia cada erva, quando e como usá-la. Também lhe mostrou todos os tipos de animais; os das gélidas florestas do Leste não eram nada como os conhecidos habitantes dos bosques domesticados de Amberly Menor, e Maris os achou fascinantes. Evan parecia tão à vontade na floresta que as criaturas de lá não tinham medo dele. Estranhos corvos brancos com olhos escarlates aceitavam migalhas de pão dos seus dedos, e ele conhecia as entradas ocultas para a toca dos macacos-dos-túneis, que eram muitos naquele local. Uma das vezes, ele segurou no braço dela para lhe mostrar um torturador-encapuzado, deslizando sensualmente de galho em galho atrás de alguma presa não visível.

Maris contou-lhe histórias de suas aventuras no ar e em outras ilhas. Já fazia mais de quarenta anos que voava, e sua memória era repleta de maravilhas. Falou-lhe da vida em Amberly Menor, de Stormtown, seus moinhos e seus cais, dos imensos glaciares branco-azulados de Artellia e das montanhas de fogo das Embers. Falou da solidão das Ilhas Exteriores, nos confins do Oceano Infindável a leste, e da camaradagem que reinava originalmente em Eyrie, antes que os voadores se dividissem em facções.

Nunca nenhum dos dois falou daquilo que estava colocado como obstáculo entre ambos, separando-os. Evan nunca contradizia Maris quando ela falava de voar, e tampouco mencionava qualquer dano invisível que pudesse haver na cabeça dela. Esse assunto era como um trecho perigoso do terreno, tão estreito quanto uma tábua de madeira, sobre o qual nenhum dos dois se dispunha a pisar. Maris guardava seus ocasionais episódios de tontura para si mesma.

Um dia, quando os dois saíam da casa de Evan, Maris deteve-o antes que ele adentrasse de novo na floresta.

– Todas essas árvores me fazem sentir que ainda estou dentro da casa – queixou-se ela. – Preciso ver o céu, sentir o cheiro de ar limpo e fresco. O mar fica longe daqui?

Evan apontou para o norte.

– Mais ou menos uns três quilômetros nessa direção. Lá onde as árvores começam a rarear.

Maris deu um sorriso tímido.

– Você parece relutante. Será que fica muito triste quando não há árvores por perto? Não precisa vir se achar insuportável, mas não entendo como você consegue respirar nessa floresta. É escuro e fechado demais. Não há nenhum aroma a não ser cheiro de terra e de folhas úmidas.

– São cheiros maravilhosos – argumentou Evan, sorrindo. Começaram a andar na direção norte. – O mar é frio demais e muito vazio e muito grande para o meu gosto. Eu me sinto confortável e à vontade na minha floresta.

– Nossa, Evan, somos tão diferentes, você e eu! – Ela tocou seu braço e sorriu para ele, de algum modo satisfeita com o contraste. Jogou a cabeça para trás e cheirou o ar. – Olha só, já comecei a sentir o cheiro do mar!

– Dá para sentir o cheiro de mar da porta de casa. Aliás, dá para senti-lo de qualquer ponto de Thayos – assinalou Evan.

– A floresta consegue disfarçá-lo.

Maris sentia seu coração aliviado conforme a floresta rareava. Ela vivera a vida toda junto ao mar, ou acima dele. Vinha sentindo falta disso todas as manhãs, andando pela casa de Evan, com saudade do bater das ondas e do cheiro forte de sal, mas principalmente com saudade da visão daquela imensidão cinza, sob um céu igualmente imenso e turbulento.

A fileira de árvores terminou abruptamente, e os rochedos começaram. Maris desatou a correr. Parou à beira do rochedo, muito ofegante, e pousou o olhar no mar e no céu.

O céu estava índigo, cheio de nuvens cinza deslizando rapidamente. Batia um vento quase suave àquela altura, mas Maris podia adivinhar pelo círculo paciente desenhado por um par de gaviões no céu que mais para o alto o voo ainda era bom. Talvez não um dia ideal para levar mensagens urgentes, mas um bom dia para brincar, para arremetidas e mergulhos e risadas no ar frio.

Ela ouviu Evan se aproximando.

– Não vai me dizer que isso não é lindo – comentou, sem se virar. Deu mais um passo para perto da beirada do rochedo e olhou para baixo... e sentiu o mundo sumir debaixo dela.

Ficou sem fôlego, seus braços oscilaram procurando alguma solidez: ela estava

caindo, caindo, caindo e nem os braços de Evan envolvendo-a bem apertado conseguiram devolver-lhe a sensação de segurança.

Houve tempestade durante todo o dia seguinte. Maris ficou dentro de casa, deprimida, pensando naquilo que acontecera nos rochedos. Não fez exercícios. Comeu sem vontade, e precisou se forçar a cuidar das asas. Evan a observava em silêncio, franzindo o cenho com frequência.

A chuva continuou no dia seguinte, mas o pior da tempestade já havia passado, e a chuva caía mais mansa. Evan avisou que ia sair.

– Preciso comprar algumas coisas lá em Porto Thayos, algumas ervas que não crescem por aqui. Chegou um comerciante na semana passada, pelo que entendi. Talvez eu consiga reabastecer meu estoque.

– Quem sabe – retrucou Maris, indiferente. Estava cansada, embora não tivesse feito nada até àquela hora, exceto tomar café da manhã. Ela se sentiu velha.

– Você não quer vir comigo? Ainda não conhece Porto Thayos, não é?

– Não conheço – confirmou ela –, mas não estou com muita vontade de ir agora. Acho que vou passar o dia aqui mesmo.

Evan franziu o cenho, mas pegou sua pesada capa de chuva assim mesmo.

– Tudo bem – disse ele. – Antes de anoitecer estarei de volta.

Mas já fazia tempo que anoitecera quando o curador finalmente voltou, carregando uma cesta cheia de frascos de ervas. A chuva por fim havia parado. Maris começara a se preocupar com ele desde que o sol se pôs.

– Você se atrasou – disse, quando Evan entrou sacudindo a chuva da sua capa. – Tudo bem com você?

Ele não parava de sorrir. Maris nunca o vira tão alegre.

– Novidades, boas novidades! O porto está cheio de notícias boas. Não vai mais haver guerra. O Senhor da Terra de Thayos e o de Thrane concordaram em se encontrar pessoalmente naquela fatídica rocha e fazer um acordo sobre os direitos de mineração!

– Não vai mais haver guerra – repetiu Maris, um pouco entediada. – Bom, bom. Mas ao mesmo tempo é estranho. O que foi que aconteceu?

Evan começou a acender o fogo e a fazer um chá.

– Ah, foi tudo meio por acaso – explicou. – Tya voltou de mais uma missão sem nenhuma boa mensagem. O nosso Senhor da Terra estava sendo rejeitado por todos os lados. Sem aliados, não se sentiu forte o suficiente para tentar impor suas reivindicações. Está furioso, me contaram, mas o que é que ele pode fazer? Nada. Então, mandou Jem para Thrane para acertar uma reunião e tentar fechar o acordo

que for possível. Qualquer coisa é melhor do que nada. Achei que ele talvez fosse obter o apoio de Cheslin ou Thrynel, principalmente se oferecesse a elas uma parte razoável do ferro. E com certeza não conseguiu fazer frente ao velho vínculo entre Thrane e as Arrens. – Evan riu. – Ah, mas o que importa? A guerra finalmente está fora de cogitação. Porto Thayos delira de alívio, exceto por um ou outro guarda da terra que tinha esperança de encher os bolsos de ferro. Todo mundo está comemorando, e nós temos que comemorar também.

Evan remexeu sua cesta entre as ervas até puxar de lá um grande peixe-lua.

– Imaginei que talvez um peixe pudesse alegrá-la – contou. – Conheço um jeito de cozinhar isso com ervas e nozes que vai fazer sua língua cantar. – Buscou uma faca de osso comprida e começou a descamar o peixe, assoviando todo feliz, e seu astral era tão contagiante que Maris se viu sorrindo também.

De repente, ouviu-se uma batida forte na porta.

Evan olhou de cara feia.

– Uma emergência, sem dúvida – disse ele, maldizendo. – Atenda, por favor, Maris. Minhas mãos estão sujas de peixe.

A garota parada à porta usava um uniforme verde-escuro, com apliques de pele cinza; uma guarda da terra, e uma das corredoras do Senhor da Terra.

– Maris de Amberly Menor? – perguntou ela.

– Sim – confirmou Maris.

A garota assentiu.

– O Senhor da Terra de Thayos envia suas congratulações, e convida você e o curador Evan para honrá-lo com sua presença num jantar amanhã à noite. Se a sua saúde permitir.

– Minha saúde permite – devolveu Maris com ironia. – Por que somos de repente objeto dessa honra, menina?

A corredora tinha uma seriedade muito superior à que seria de esperar na sua idade.

– O Senhor da Terra honra todos os voadores, e seu acidente quando estava a serviço dele causou-lhe profundo pesar. Deseja demonstrar sua gratidão a todos os voadores que têm voado para Thayos, mesmo que por breve período, diante da situação de emergência que acaba de se encerrar.

– Ah, sim. – Mas ela ainda não ficara satisfeita. O Senhor da Terra de Thayos não a impressionara particularmente como alguém que se preocupa muito em expressar sua gratidão. – Só isso?

A garota hesitou. Por um breve momento aquele seu distanciamento a abandonou, e Maris viu que de fato era bem jovem.

– Não faz parte da mensagem, voadora, mas...

– Pode falar... – incentivou Maris. Evan havia parado seus afazeres para ficar de pé atrás dela.

– Quase no final desta tarde, chegou uma voadora, com uma mensagem reservada para o Senhor da Terra. Ele a recebeu numa sala privada. Era do Oeste, acho. Vestia-se de um jeito engraçado, e seu cabelo era bem curto.

– Descreva-a um pouco mais, se puder – pediu Maris. Ela tirou uma moeda de cobre do bolso e deixou seus dedos brincarem com ela.

A garota olhou para a moeda e sorriu.

– Bem, era do Oeste, jovem... vinte a vinte e cinco anos. Cabelo preto, cortado bem como o seu. Era muito bonita. Acho que nunca vi nenhuma mulher tão bonita. Tinha um sorriso lindo, mas os homens do alojamento não gostaram dela. Disseram que ela nem se dera ao trabalho de agradecer pela ajuda que lhe ofereceram. Olhos verdes. Usava uma gargantilha. Três voltas de vidros marinhos coloridos. Isso chega?

– Sim. Você é muito observadora. – Ela deu a moeda à menina.

– Você a conhece? – perguntou Evan. – Essa voadora?

Maris assentiu.

– Eu a conheço desde o dia em que ela nasceu. E também conheço os pais dela.

– Quem é? – perguntou ele, impaciente.

– Corina – respondeu Maris – de Amberly Menor.

A corredora continuou na porta. Maris olhou de novo para ela.

– Sim? Mais alguma coisa? Diga que nós aceitamos o convite, é claro. E transmita nossos agradecimentos ao Senhor da Terra.

– Tem mais – soltou a garota. – Eu havia esquecido. O Senhor da Terra acrescentou, com todo o respeito, que você precisa levar suas asas, se isso não colocar um fardo muito pesado na sua saúde.

– É claro. – Maris estava meio perplexa. – É claro.

Ela fechou a porta.

A fortaleza do Senhor da Terra de Thayos era um lugar sombrio, marcial, que ficava bem afastado das cidades e vilas da ilha, num vale isolado e estreito. Era próximo ao mar, mas protegido dele por uma sólida parede de montanhas. Por terra, só tinha acesso por duas estradas, ambas protegidas por guardas da terra. Uma torre de vigia toda em pedra erguia-se sobre o pico mais alto, e constituía uma sentinela elevada para todos os caminhos que levavam ao local.

A fortaleza em si era velha e austera, construída com grandes blocos de pedra preta desgastada. Seus fundos davam para a montanha, e Maris sabia desde sua última visita que a maior parte dela era subterrânea, com câmaras cinzeladas na pedra sólida. Sua face exterior ostentava um conjunto duplo de muros espessos (guardas da terra armados com arcos longos patrulhavam a pé os parapeitos), que circundavam um grupo de edifícios de madeira e duas torres negras, a mais alta delas com quase quinze metros de altura. Sólidas barras de madeira vedavam as janelas da torre. O vale, por ser muito próximo ao mar, era úmido e frio. A única cobertura do solo era um resistente líquen violáceo, e um musgo verde-azulado ficava aderido à face inferior dos blocos de pedra e cobria até a metade os muros da fortaleza.

Vindos pela estrada de Thossi, Maris e Evan foram parados uma vez no posto de controle do vale e passaram, depois foram detidos de novo no muro externo até serem finalmente admitidos na fortaleza. Podiam ter ficado retidos mais tempo, mas Maris vinha carregando suas asas prateadas brilhantes, e os guardas da terra não se metiam com voadores. O pátio interno era bem movimentado: havia crianças brincando com enormes cães felpudos, porcos com cara de raiva correndo por toda parte, guardas da terra treinando com arcos e com cassetetes. Junto a um dos muros havia sido erguido um cadafalso, com sua madeira já rachada e bem desgastada pelo tempo. As crianças brincavam em cima dele, e uma delas usava um dos laços da corda como balanço. Os outros dois laços pendiam vazios, balançando sinistros ao vento gélido da noite.

– Acho este lugar opressivo – comentou Maris com Evan. – O Senhor da Terra de Amberly Menor mora numa imensa mansão de madeira numa montanha acima da cidade. Tem vinte quartos de hóspedes, e um enorme salão de banquetes, e lindas janelas de vidro colorido e uma torre com farol para chamar voadores, mas não tem muros, nem guardas, nem cadafalsos.

– O Senhor da Terra de Amberly Menor é escolhido pelo povo – lembrou Evan. – O Senhor da Terra de Thayos é da linhagem que vem governando desde os dias dos navegantes estelares. E você se esqueceu, Maris, de que as Ilhas do Leste não são uma terra tão acolhedora quanto as do Oeste. Aqui os invernos são mais longos. Nossas tempestades são mais frias e violentas. Nosso solo tem mais metal, mas não é tão bom para plantar quanto o solo do Oeste. A fome e a guerra nunca estão muito distantes em Thayos.

Eles cruzaram um sólido portão, até o interior da fortaleza, e Maris permaneceu em silêncio.

O Senhor da Terra recebeu-os em sua sala privada de recepções, sentado num trono de madeira simples e ladeado por dois guardas da terra mal-encarados. Ele mal levantou quando os dois entraram; Senhores da Terra e voadores eram pares.

– Estou muito satisfeito por você ter aceitado meu convite, voadora. Estava

preocupado quanto ao seu estado de saúde.

Apesar de suas palavras educadas, Maris não gostava dele. O Senhor da Terra era um homem alto, de boa estrutura, com traços regulares, quase bonito, e cabelo grisalho comprido amarrado atrás, no estilo do Leste. Mas havia algo de perturbador no seu jeito, e ele tinha bolsas em volta dos olhos, e uma contração no canto da boca que a densa barba não conseguia esconder de todo. Vestia-se com roupas suntuosas, porém sóbrias: um traje cinza-azulado com ornamentos de pele preta, botas até a altura da coxa, um cinto de couro largo com incrustações de ferro e prata e pedras preciosas. E portava uma pequena adaga de metal.

– Agradeço sua preocupação – respondeu Maris. – Fiquei gravemente ferida, mas agora já recuperei minha saúde. O senhor tem um grande tesouro aqui em Thayos na pessoa de Evan. Já conheci muitos curadores, mas poucos tão capazes quanto ele.

O Senhor da Terra afundou de novo na sua cadeira.

– Ele será bem recompensado – disse ele, como se Evan sequer estivesse presente. – Um bom trabalho merece uma boa recompensa, não é?

– Eu mesma vou pagar Evan – disse Maris. – Tenho ferro suficiente.

– Não – insistiu o Senhor da Terra. – Sua quase-morte a meu serviço deixou-me muito preocupado. Deixe-me externar minha gratidão.

– Eu mesma pago minhas dívidas – retrucou Maris.

A expressão no rosto do Senhor da Terra ficou mais fria ainda.

– Muito bem. Há outro assunto a ser discutido, então. Mas vamos esperar o jantar. A caminhada deve tê-los deixado com fome. – Ele se pôs de pé de repente. – Vamos. Verá que preparei uma boa mesa, voadora. Duvido que tenha tido coisa melhor até hoje.

Como se confirmou mais tarde, Maris já havia comido melhor em inúmeras outras ocasiões. A comida era abundante, mas muito mal preparada. A sopa de peixe estava salgada demais, o pão era duro e seco e os pratos de carne haviam todos sido cozidos em excesso e tinham perdido até a memória de seu sabor. Mesmo a cerveja tinha um gosto azedo para o paladar dela.

Comeram num salão de banquetes escuro, úmido, numa mesa comprida para vinte pessoas. Evan, parecendo desesperadamente desconfortável, foi acomodado bem no final da mesa, entre os guardas da terra e as crianças mais novas. Maris ocupava lugar de honra ao lado do Senhor da Terra, junto à sua herdeira, uma mulher taciturna, de rosto anguloso, que não chegou a dizer três palavras durante a refeição inteira. Em frente a Maris, sentaram-se os outros voadores. Mais perto do Senhor da Terra sentava-se um homem enfadonho de rosto cinzento com nariz de batata; Maris reconheceu-o vagamente de outros encontros como o voador Jem. Ao lado dele sentava-se Corina de Amberly Menor. Ela sorriu para Maris. *Corina de fato é*

incrivelmente bonita, pensou Maris, lembrando-se do que a corredora dissera. Mas o pai dela, Corm, também havia sido sempre bonito.

– Você parece bem, Maris – comentou Corina. – Fico contente. Estávamos muito preocupados.

– Estou bem. Espero voar de novo em breve.

Uma sombra passou pelo lindo rosto de Corina.

– Maris... – começou ela. E aí pensou melhor. – Espero que sim – concluiu ela baixinho. – Todos perguntam de você. Gostaríamos de tê-la de volta de novo. – Ela baixou os olhos e se ocupou de sua refeição.

Entre Jem e Corina estava sentada outra voadora, uma mulher jovem que Maris não conhecia. Depois de uma tentativa abortada de puxar conversa com a filha do Senhor da Terra, Maris dedicou-se a observar a voadora desconhecida enquanto comia. Tinha a mesma idade de Corina, mas o contraste entre as duas mulheres era acentuado. Corina era vibrante e bonita: cabelo escuro, uma pele saudável e limpa, olhos verdes cintilantes e vivos, e um ar de confiança e sofisticação não afetada. Enfim, uma voadora, filha de dois voadores, nascida e criada dentro dos privilégios e tradições que vinham junto com as asas.

A mulher ao lado dela era magra, embora tivesse uma aparência de força obstinada. Suas faces encovadas tinham cicatrizes de acne e seu cabelo loiro claro estava amarrado atrás da cabeça num coque esquisito, puxado de um jeito que fazia sua testa parecer anormalmente alta. Quando sorriu, Maris notou que seus dentes eram tortos e descoloridos.

– Você é Tya, não é? – perguntou ela.

A mulher olhou-a com seus olhos negros perspicazes.

– Sou. – Sua voz era impressionantemente agradável: calma e suave, com um leve toque de ironia.

– Acho que nunca nos vimos antes – comentou Maris. – Faz tempo que voa?

– Consegui minhas asas há dois anos, em Arren do Norte.

Maris assentiu.

– Perdi essa competição. Acho que estava numa missão em Artellia. Você já voou para as ilhas do Oeste?

– Três vezes – retrucou Tya. – Duas vezes para Grande Shotan e uma vez para Culhall. Nunca para as Amberlys. A maioria dos meus voos foi para as Ilhas do Leste, especialmente nos últimos tempos. – Ela lançou ao seu Senhor da Terra um olhar rápido e penetrante, de soslaio, e sorriu com cumplicidade para Maris.

Corina, que ouvia com atenção, tentou ser educada.

– O que achou de Stormtown? E de Eyrie? Já visitou?

Tya sorriu tolerante.

– Sou uma-asa – respondeu ela. – Treinei na Lar Aéreo. Não frequentamos Eyrie, voadora. Quanto a Stormtown, é impressionante. Não há cidade igual lá no Leste.

Corina enrubesceu. Maris sentiu um leve incômodo. O atrito entre os voadores nascidos com asas e os uma-asa saídos do nada a deprimiam; os céus do Santuário dos Ventos não eram o lugar amistoso que haviam sido, e boa parte disso se devia a ela.

– Eyrie não é um lugar tão ruim assim, Tya – comentou. – Fiz um monte de amigos lá.

– Mas você não é uma-asa – disse Tya.

– Como?! O próprio Val Uma-Asa comentou uma vez que eu era a *primeira* uma-asa, não importava se eu admitia isso ou não.

Tya lançou-lhe um olhar especulativo.

– Não – disse ela, por fim. – Não, isso não é verdade. Você é diferente, Maris. Não é como os antigos voadores, mas tampouco é uma-asa. Não sei o que você é. Seja o que for, deve ser uma coisa solitária.

Elas terminaram a refeição sob um clima tenso, num silêncio incômodo.

Depois que as taças de sobremesa foram retiradas, o Senhor da Terra dispensou os familiares, conselheiros e guardas da terra, e ficaram apenas os quatro voadores e Evan. Ele tentou dispensar Evan também, mas o curador não cedeu.

– Maris ainda está sob os meus cuidados – explicou ele. – Vou ficar com a minha paciente. – O Senhor da Terra lançou-lhe um olhar de raiva, mas preferiu não fazer pé firme na questão.

– Muito bem – disparou ele. – Temos assuntos a discutir. Assuntos de voadores. – Ele dirigiu seus olhos fogosos a Maris. – Serei direto. Recebi uma mensagem do meu colega, o Senhor da Terra de Amberly Menor. Ele me pergunta sobre a sua saúde. Suas asas estão sendo necessárias. Quando é que você estará boa para voltar a Amberly?

– Não sei – respondeu. – Como pode ver, estou recuperada. Mas o voo de Thayos a Amberly é cansativo para qualquer voador, e ainda não recuperei toda a minha força. Vou partir de Thayos o mais cedo que puder.

– Um longo voo – repetiu o voador Jem –, especialmente para quem não realiza nem voos curtos.

– Sim – concordou o Senhor da Terra. – Você e o curador têm feito muitas caminhadas. Você parece saudável de novo. Suas asas foram consertadas, me disseram. Mesmo assim, você não voa. Nunca veio até o rochedo dos voadores. Você não pratica. Por quê?

– Ainda não estou pronta.

– Senhor da Terra – era Jem falando –, é como eu lhe disse. Ela não se recuperou, apesar das aparências. Se estivesse bem, estaria voando. – Ele se virou para ela: – Desculpe se a estou magoando, mas você sabe que estou dizendo a verdade. Também sou voador. Sei como é. Um voador *voa*. Não há maneira de um voador se manter saudável se estiver preso ao chão. E você, você não é uma voadora qualquer: as pessoas costumavam dizer que você gostava de voar mais do que qualquer outra coisa na vida.

– Sim, gostava. Eu gosto.

– Senhor da Terra... – começou Evan.

Maris virou a cabeça na direção dele.

– Não, Evan, esse fardo não é seu. Vou contar a eles. – Ela encarou o Senhor da Terra de novo. – Não estou totalmente recuperada – admitiu. – Meu equilíbrio... Há algo de errado com meu equilíbrio. Mas está sarando. Está melhor do que já esteve.

– Sinto muito – lamentou Tya prontamente. Jem assentiu.

– Ah, Maris. – Corina pareceu muito consternada, de repente à beira das lágrimas. Ela não tinha nem um pouco da malícia do pai, e sabia o que o equilíbrio representava para um voador.

– Você consegue voar? – perguntou o Senhor da Terra.

– Não sei – admitiu Maris. – Preciso de mais tempo.

– Você já teve tempo suficiente – disse ele. E se virou para Evan. – Curador, pode me dizer se ela vai se recuperar?

– Não – respondeu Evan, com tristeza. – Não posso lhe garantir isso. Eu não sei.

O Senhor da Terra contraiu o rosto.

– Esse assunto diz respeito ao Senhor da Terra de Amberly Menor, mas a responsabilidade está nas minhas costas. E o que posso dizer é que um voador que não consegue voar não é voador e, portanto, não precisa das asas. Se a sua recuperação é tão incerta assim, só um tolo ficaria esperando por ela. Eu lhe pergunto de novo, Maris: você é capaz de voar?

Seus olhos se fixaram nela, o canto da sua boca mostrou uma torção maliciosa, e Maris soube que não tinha mais tempo.

– Sou capaz de voar.

– Muito bem – retrucou o Senhor da Terra. – Esta noite é um momento tão bom quanto qualquer outro. Você diz que é capaz de voar. Muito bem. Pegue suas asas. Mostre-nos isso.

A caminhada pelo túnel úmido e gotejante foi tão longa quanto Maris lembrava, e igualmente solitária, embora desta vez ela tivesse companhia. Ninguém disse nada.

O único som era o eco dos seus passos. Dois guardas da terra andavam à frente do grupo com tochas. Os voadores estavam com suas asas postas.

Era uma noite fria e estrelada no extremo oposto da montanha. O mar se agitava embaixo deles, com sua presença vasta, escura, melancólica. Maris subiu os degraus até o alto do rochedo dos voadores. Subiu devagar, e quando atingiu o plano suas coxas doíam e sua respiração era difícil.

Evan apertou sua mão por um breve momento.

– Será que eu conseguiria convencê-la a não voar?

– Não.

Ele assentiu.

– Imaginei que não. Voe bem, então. – Ele beijou-a, e se afastou.

O Senhor da Terra ficou de pé junto ao rochedo, ladeado por seus guardas da terra. Tya e Jem desdobraram suas asas. Corina ficou hesitante, até que Maris se dirigiu a ela.

– Não estou com raiva. Não é culpa sua. Uma voadora não é responsável pelas mensagens que traz.

– Obrigada. – O rosto de Corina era pequeno e bonito, e estava pálido à luz das estrelas.

– Se eu falhar, você leva minhas asas de volta para Amberly, certo?

Corina assentiu, relutante.

– Você sabe o que o Senhor da Terra pretende fazer com elas?

– Ele vai arrumar outro voador, talvez alguém que tenha perdido as asas num desafio. Até que ele encontre alguém... bem, a mamãe está doente, mas papai ainda está em forma para voar.

Maris soltou uma risadinha.

– Há uma ironia maravilhosa nisso. Corm sempre quis minhas asas; mas vou fazer o melhor possível para mantê-las longe dele uma vez mais.

Corina sorriu.

As asas dela estavam totalmente estendidas. Maris podia sentir nelas a pressão familiar, insistente, do vento. Checou suas amarras e suportes, fez sinal para Corina sair do caminho e andou até a beira do precipício. Ali se aprumou e olhou para baixo.

O mundo girou vertiginosamente, como se estivesse bêbado. Lá embaixo, as ondas quebravam contra as rochas pretas, mar e pedras travando sua eterna batalha. Ela respirou profundamente e tentou não cambalear para o abismo. Lentamente, o mundo foi ficando mais sólido e estável de novo. O movimento parou. Era apenas um rochedo, como outro qualquer, e embaixo havia o infindável oceano. O céu era

seu amigo, seu amante.

Maris flexionou seus braços, e agarrou as alças das asas. Então, tomou fôlego e saltou.

O impulso lançou-a nitidamente a certa distância do rochedo, e o vento a capturou, sustentando-a. Era um vento forte e frio; um vento que penetrava nos ossos, mas não era um vento violento. Não, era um vento bom para voar. Ela relaxou e entregou-se a ele, e planou para lá e para cá numa longa curva graciosa.

Mas uma corrente empurrou-a de volta para a montanha e Maris vislumbrou o Senhor da Terra e os outros voadores esperando ali (Jem havia desdobrado suas asas e estava preparando-se para decolar), mas ela decidiu afastar-se deles. Girou seu corpo, tentou inclinar-se.

O céu recuou e virou para cima dela. Ela inclinou-se demais, mergulhou, e quando tentou corrigir o posicionamento impulsionando seu peso e sua força na direção oposta balançou violentamente. Sua respiração travou na garganta.

Sua sensibilidade ao vento tinha ido embora. Maris fechou os olhos por um instante, e sentiu tontura. Estava caindo, era o que seu corpo gritava para ela. Estava caindo, seus ouvidos avisavam, e a sensibilidade lhe escapara. Antes, ela sempre reconhecera as sutis mudanças do vento, alterações às quais ela precisava reagir antes mesmo de ter total consciência delas, o sabor de uma tempestade avizinhando-se, os presságios de um ar parado. Agora, tudo isso estava ausente. Ela voava por um interminável oceano vazio de ar, sem sentir nada, tonta, e aquele vento selvagem e estranho que ela não entendia a tinha capturado.

Suas grandes asas de prata oscilavam para a frente e para trás, loucamente, conforme seu corpo sacudia, e Maris abriu os olhos de novo, de repente, desesperada. Estabilizou-se e tentou voar apenas visualmente. Mas as rochas se *moviam*, e estava escuro demais, e até as frias e claras estrelas lá em cima pareciam dançar e se mexer e zombar dela.

A vertigem aumentou e a tomou por inteiro, e Maris soltou as alças das asas (nunca fizera isso antes, nunca), e agora não voava mais, estava apenas dependurada sob suas asas. Ela encolheu o corpo em posição fetal sobre as correias, e, com ânsia de vômito, despejou o jantar do Senhor da Terra no mar. Tremia violentamente.

Jem e Corina já estavam no ar tentando alcançá-la. Maris percebeu, mas não se importou. Estava fraca, esgotada, velha. Havia barcos abaixo dela, deslizando pelo oceano negro. Ela agarrou de novo as alças das asas, tentou ficar mais uma vez na horizontal, mas tudo o que conseguiu foi um giro brusco para um vento descendente que a fez dar uma guinada para um mergulho. Tentou corrigir, mas não conseguiu.

Ela gritou.

O mar se aproximava. Brilhando. Movendo-se.

Seus ouvidos doíam.

Ela não conseguia voar. Era uma voadora, sempre havia sido uma voadora, uma amante do vento. Asa de madeira, filha do céu, sozinha, tendo o céu como lar, voadora, voadora, *voadora...* e agora não conseguia mais voar.

Fechou os olhos de novo, para que o mundo parasse quieto.

Com um tapa, e um borrifo de água salgada, o mar a tomou. *Ele estava à minha espera*, pensou. Aqueles anos todos.

– Quero ficar sozinha – foi o que disse quando por fim a deixaram na casa dele naquela noite. Evan fez o que ela pediu.

Maris dormiu a maior parte do dia seguinte.

No outro, acordou cedo, quando a luz avermelhada do amanhecer começava a tingir o quarto. Sentiu-se muito mal, fria e suada, e com um grande peso no peito. Por um momento, não conseguia nem saber o que havia de errado. Então, lembrou. Suas asas não estavam mais com ela. Tentou refletir sobre aquilo, mas o desespero brotou de dentro dela, e a raiva e a autopiedade também, e na mesma hora ela se enrolou debaixo das cobertas uma vez mais e tentou dormir de novo. Dormindo, não precisaria encarar aquilo.

Mas o sono não a aceitou de volta. Então, levantou da cama e se vestiu. Evan estava no aposento ao lado, cozinhando ovos.

– Está com fome?

– Não – disse Maris, esgotada.

Evan assentiu e quebrou mais dois ovos. Maris sentou à mesa, e quando ele colocou um prato de ovos diante dela apenas beliscou, sem muito interesse.

Fazia um dia úmido, com ventos e rajadas de chuva violentas de vez em quando. Ao terminar o café da manhã, Evan foi cuidar das suas coisas. Perto do meio-dia ele saiu, e Maris vagou a esmo pela casa vazia. Por fim, sentou junto à janela e ficou olhando a chuva.

Bem depois do anoitecer, Evan voltou, molhado e abatido. Maris ainda estava sentada junto à janela, numa casa fria e escura.

– Você devia pelo menos ter acendido a lareira – grunhiu Evan. Seu tom era de irritação.

– Hã?... É mesmo... – Olhou para ele sem expressão alguma. – Desculpe, nem me lembrei disso.

Evan começou a acender o fogo. Maris aproximou-se para tentar ajudar, mas ele dispensou a ajuda e tirou-a do caminho. Comeram em silêncio, mas a comida pareceu devolver o ânimo a Evan. Em seguida, ele preparou um pouco do seu chá

especial, pôs uma caneca na frente dela e instalou-se na sua cadeira favorita.

Maris provou o chá fumegante, sabendo que Evan estava com os olhos em cima dela. Finalmente, ela levantou o olhar.

– Como você se sente?

Ela refletiu um pouco.

– Eu me sinto morta – disse por fim.

– Fale sobre isso.

– Não consigo – disse ela, e começou a chorar. – Não consigo.

Como o choro não parava, Evan deu-lhe uma beberagem para dormir e a colocou na cama.

No dia seguinte, Maris saiu.

Ela pegou uma estrada que Evan lhe mostrara, um caminho bastante percorrido que levava não para os rochedos, mas direto até o mar, e passou o dia andando sozinha por uma praia de seixos muito fria, que parecia não ter fim. Quando ficava cansada, parava à beira d'água e atirava seixos nas ondas, sentindo um pequeno e melancólico prazer ao ver como saltavam na superfície d'água e depois afundavam.

Até o mar é *diferente aqui*, pensou. Cinzento e frio, sem cintilações. Ela sentia falta dos azuis e verdes reluzentes das águas em volta de Amberly.

Lágrimas correram pelo seu rosto e ela nem se incomodou em enxugá-las. Às vezes, percebia estar soluçando, e nem se lembrava de quando ou por que começara a chorar.

O mar era vasto e solitário, a praia vazia parecia não ter fim, e um céu nublado assustador estendia-se por toda parte, mas Maris mesmo assim sentia-se sitiada, sufocada. Pensou em todos os lugares do mundo que ela nunca mais iria ver, e a lembrança de cada um deles era uma nova dor para ela. Pensou nas impressionantes ruínas da Velha Fortaleza de Laus. Lembrou-se da Academia Asas de Madeira, ampla e escura, esculpida na pedra de Seatooth. Do Templo do Deus do Céu em Deeth. Dos castelos cheios de correntes de ar dos príncipes voadores de Artellia. Dos moinhos de vento de Stormtown, e da Velha Casa do Capitão, cuja idade se perdia no tempo. Das cidades-árvores de Setheen e Alessy, dos cemitérios e campos de batalha de Lomarron, dos vinhedos das Amberlys e da quente e fumacenta cervejaria de Riesa em Skulny. Tudo perdido para ela agora. E de Eyrie (os navios podiam levá-la a outras partes, mas Eyrie era um local de voadores, agora vedado a ela para sempre).

Pensou nos seus amigos, espalhados pelo Santuário dos Ventos, como suas muitas ilhas. Alguns deles poderiam visitá-la, mas muitos outros haviam sido arrancados do

mundo dela como se não mais existissem. Da última vez que o vira, T'mar estava gordo e feliz em sua pequena casa de pedra em Hethen, ensinando sua neta a extrair a beleza de um bloco de pedra. Agora ele estava tão morto para ela quanto Halland; uma memória, nada mais. Nunca mais veria Reid, nem sua linda e risonha esposa. Não poderia mais passar a noite toda tomando a cerveja de Riesa e compartilhando memórias com Garth. Não mais compraria as bugigangas de madeira de S'mael, nem iria ouvir as piadas do cozinheiro naquela pequena pousada de Poweet.

Nunca mais iria assistir aos voos das grandes competições anuais, ou se sentar, fofocando e cantando, no meio dos voadores numa festa.

As memórias cortavam-na como milhares de facas, e Maris chorou sua dor, soluçando até quase não conseguir nem respirar. Sabia o que devia estar parecendo: uma velha ridícula, chorando e se lamentando sozinha numa praia. Mas não conseguia parar.

E o mais insuportável era pensar no próprio voo, naquele grande prazer e liberdade que ela agora perdera para sempre. Mas as memórias vinham por si mesmas: o mundo estendido debaixo dela, o prazer de estar com asas, a emoção de correr à frente de uma tempestade, a miríade de cores do céu, a magnífica solidão das alturas. Todas as coisas que ela nunca poderia ver ou sentir de novo, exceto na memória. Uma vez, ela encontrara uma corrente ascendente que a levou a meio caminho do infinito, até os domínios que os navegantes estelares haviam percorrido, onde o próprio mar desaparecia lá embaixo e nada voava, exceto espectros estranhos e etéreos. Ela sempre se lembraria desse dia, sempre.

O mundo foi escurecendo em volta dela, e as estrelas começaram a aparecer. O som do mar estava por toda parte. Estava entorpecida, enregelada até os ossos, esvaziada de lágrimas, encarando o vazio da sua vida. Por fim, começou a longa caminhada de volta à cabana, dando as costas para o mar e para o céu.

A casa estava quentinha e preenchida pelo rico aroma de cozido. A visão de Evan de pé ao lado da lareira fez seu coração bater mais rápido. Seus olhos azuis estavam infinitamente ternos quando ele pronunciou o nome dela. Maris correu até Evan e dependurou seus braços em volta dele, segurando-o bem apertado, como se corresse risco de vida. Ela fechou os olhos para afastar a tontura.

– Maris – chamou ele de novo. – Maris. – Ele soou satisfeito e surpreso. Seus braços se ergueram e a abraçaram, trazendo-a mais para perto ainda, protetoramente. Por fim, levou-a até a mesa e serviu-lhe o jantar.

Ele falou enquanto comiam, contando-lhe os eventos do seu dia. Uma verdadeira aventura perseguindo a cabra. A descoberta de um arbusto de amoras maduras. A sobremesa especial que ele preparara para ela.

Ela assentiu, mal captando o sentido das coisas que ele dizia, mas confortada pelo som da voz dele, querendo que continuasse. As palavras dele, a sua presença,

diziam-lhe que o mundo não acabara de vez.

Por fim, ela o interrompeu.

– Evan, preciso saber. Essa... esse problema que eu tenho. Existe alguma chance de que ele venha a sarar algum dia? De que eu seja capaz... de que eu possa me recuperar?

Ele pôs sua colher na mesa, e toda aquela animação sumiu do seu rosto de repente.

– Maris, eu não sei. E não acho que alguém possa lhe dizer se o seu problema é algo passageiro, ou permanente. Não tenho certeza.

– Então, me diga o seu palpite. A sua melhor aposta.

Havia dor na sua expressão.

– Não – respondeu baixinho. – Não acho que você possa se restabelecer totalmente. Não acho que você possa recuperar o que perdeu.

Ela assentiu, aparentemente calma.

– Entendo. – Empurrou a comida de lado. – Obrigada. Eu tinha que perguntar. Em algum lugar dentro de mim, eu ainda tinha alguma esperança. – Ela se levantou.

– Maris...

Ela fez sinal para ele se afastar.

– Estou cansada. Foi um dia muito difícil para mim e preciso pensar, Evan. Há algumas decisões que preciso tomar agora, e preciso ficar sozinha. Lamento. – Ela forçou um sorriso. – O cozido estava ótimo. Desculpe não provar a sobremesa que você fez, mas não estou com fome.

O quarto estava escuro e frio quando Maris acordou, pois o fogo que acendera já havia apagado. Ela se sentou na cama e fixou algum ponto no escuro. *Chega de lágrimas*, pensou. *Isso acabou.*

Quando empurrou as cobertas e se levantou, o chão se mexeu sob seus pés e ela cambaleou, tonta por um instante. Equilibrou-se, enfiou-se num robe curto e andou até a cozinha onde acendeu uma vela com as brasas que ainda restavam na lareira. Sentiu o chão de madeira frio sob seus pés descalços quando andou pelo corredor, passou pela oficina onde Evan preparava suas poções e unguentos, pelos quartos de dormir vazios que ele reservava para os pacientes que chegavam.

Quando ela abriu a porta, Evan se assustou, virou-se e piscou.

– Maris? – Sua voz ainda estava embargada de sono. – O que houve?

– Não quero estar morta – disse ela.

Maris atravessou o quarto e deixou a vela no criado-mudo. Evan se sentou e

pegou na mão dela.

– Fiz tudo o que podia por você como curador. Se quiser meu amor... se você me quiser...

Ela interrompeu as palavras dele com um beijo.

– Sim – disse ela.

– Minha querida. – Ele a observava à luz da vela. As sombras tornavam seu rosto estranho, e por um momento ela se sentiu desconfortável e assustada.

Mas o momento passou. Ele puxou as cobertas de novo, e ela se livrou de seu robe e deitou na cama com ele. Os braços de Evan a envolveram, e suas mãos eram suaves, amorosas e conhecidas, e seu corpo estava quente e cheio de vida.

– Ensine-me a curar – pediu Maris na manhã seguinte. – Gostaria de trabalhar com você.

Evan sorriu.

– Eu lhe agradeço muito – disse ele. – Não é tão fácil assim, sabe? E por que esse seu interesse repentino nas artes curativas?

Ela franziu o cenho.

– Tenho que fazer algo, Evan. Só sei fazer uma coisa, voar, e isso agora me foi vetado. Nunca fiz outra coisa. Podia pegar um barco e voltar para Amberly, e passar o resto dos meus dias na casa que herdei do meu padrasto, fazendo nada. Teria com o que me sustentar. E mesmo que não tivesse, as pessoas de Amberly não deixam seus voadores aposentados terminarem a vida como pedintes.

Ela se levantou da mesa do café da manhã e começou a andar.

– Ou eu podia ficar aqui, se houvesse algo para fazer. Se não achar nada para ocupar meus dias, algo útil, minhas lembranças vão acabar me enlouquecendo, Evan. Já passei da idade de ter filhos... decidi não ser mãe há muitos anos. Posso pilotar um barco ou cantar uma melodia ou construir uma casa. Os jardins que comecei nunca foram para a frente, sou incompetente para consertar coisas, e se tivesse que ficar presa o dia inteiro numa loja como vendedora ia acabar na bebida.

– Vejo que você considerou todas as opções – observou Evan, com o fantasma de um sorriso nos lábios.

– Sim, considerei – disse Maris, séria. – Não sei se vou mostrar algum talento para curadora; e não há nenhuma razão que me leve a acreditar que sim. Mas estou disposta a trabalhar duro, e tenho uma memória de voadora. Provavelmente não ia confundir venenos com poções de cura. Posso ajudá-lo a coletar ervas, misturar medicações, segurar suas vítimas enquanto você as corta, ou seja lá o que for. Já ajudei em dois partos. Vou fazer tudo o que você me disser para fazer, nas situações

em que precisar de outro par de mãos.

– Trabalhei sozinho por muito tempo, Maris. Não tenho paciência com a falta de jeito dos outros, ou com a ignorância ou os erros alheios.

Maris sorriu para ele.

– Ou com opiniões contrárias à sua.

Ele riu.

– Isso mesmo. Acho que poderia ensiná-la, poderia contar com sua ajuda. Mas não sei se acredito nesse seu "Vou fazer tudo o que você me disser para fazer". Você já viveu bastante para ser apenas uma humilde servidora agora.

Ela o encarava tentando não mostrar o repentino pânico que sentia. Se ele a rejeitasse, o que ela poderia fazer? Sentiu como se estivesse mendigando para ele deixá-la ficar.

Ele deve ter percebido algo disso no rosto de Maris, pois segurou a mão dela e apertou-a firme.

– Vamos tentar. Se você se dispõe a tentar aprender, com certeza estou disposto a ensinar. Já é tempo de passar adiante algo do que aprendi, assim, se eu for mordido por um carrapato azul ou pegar uma febre fatal, isso tudo não vai se perder com a minha morte.

Maris sorriu de alívio.

– Quando começamos?

Evan pensou um momento.

– Há umas pequenas vilas e acampamentos na floresta que não visito há uns seis meses. Podemos viajar por uma semana ou duas, fazendo as visitas, e você terá uma ideia do que faço, e descobriremos se você tem estômago. – Ele soltou a mão dela e se levantou, andando em direção à despensa. – Venha, ajude-me a empacotar as coisas.

Maris aprendeu muito durante suas viagens com Evan pela floresta, e poucas delas se revelaram agradáveis.

Era trabalho duro. Evan, tão paciente como curador, era um professor exigente. Mas Maris se alegrava com isso. Era bom ser levada ao limite, trabalhar até quase não aguentar mais. Ficava sem tempo para pensar nas próprias perdas, e dormia profundamente toda noite.

Mas, embora estivesse satisfeita por ser útil e desempenhasse com alegria as tarefas que Evan lhe ditava, havia outras demandas dessa nova vida que eram mais difíceis para Maris cumprir. Era bastante difícil confortar estranhos, mais difícil ainda quando não havia qualquer conforto a ser oferecido. Maris teve pesadelos com

uma mulher cujo filho morrera. Foi Evan que contou o fato à mulher; mas foi Maris que teve que acolher a mulher na sua dor e sua raiva, na sua recusa em acreditar que o filho morrera, exigindo em vez disso um milagre que ninguém era capaz de realizar. Maris maravilhou-se com o quanto Evan era capaz de dar de si, e com o quanto era capaz de absorver a dor dos outros, os seus medos e pesares, ano após ano, sem pausa. Tentou copiar seu jeito calmo, firme e gentil, e lembrou a si mesma que ele a considerava alguém muito forte.

Maris imaginou que ia ganhar maior competência e autoconfiança com o tempo. *Evan às vezes parece saber o que fazer por instinto*, pensou Maris, do mesmo modo que alguns Asas de Madeira lidavam com o ar como se tivessem nascido para isso, enquanto outros batalhavam sem esperança, desprovidos daquela sensibilidade especial para o ar. O simples toque de Evan era capaz de tranquilizar uma pessoa doente; no entanto, Maris não tinha esse dom.

A noite caía no décimo nono dia de suas viagens, mas Maris e Evan não pararam para montar acampamento, apenas caminharam mais rápido. Até mesmo Maris, para quem todas as árvores pareciam ser iguais, reconheceu aquela parte da floresta. Logo a casa de Evan surgiu diante deles.

De repente, Evan segurou o pulso de Maris, fazendo-a parar. Ele olhava em frente, para a casa. Havia uma luz brilhando na janela, e fumaça saindo da chaminé.

– Um amigo? – arriscou ela. – Alguém precisando da sua ajuda?

– Talvez – respondeu Evan baixinho. – Mas pode ser outra coisa... algum sem-teto, pessoas expulsas de suas vilas por causa de algum crime ou por serem loucas. Elas atacam viajantes, ou invadem casas, e ficam aguardando...

Eles se aproximaram da casa sem fazer barulho, Evan à frente, indo em direção à janela iluminada e não à porta.

– Um homem e uma criança... Não parece mau – murmurou Evan. Era uma janela alta. Na ponta dos pés, encostada em Evan para se apoiar, Maris mal conseguia enxergar lá dentro.

Viu um homem grande, corado, barbudo sentado num banquinho diante da lareira. Ao pé dele, uma criança o observava.

O homem virou sua cabeça um pouco, e a luz do fogo revelou um brilho avermelhado no seu cabelo escuro. Ela viu o rosto dele na luz.

– Coll! – gritou Maris, feliz. Ela apertou o passo e quase caiu, mas Evan a amparou.

– Seu irmão?

– Ele mesmo! – Ela deu a volta correndo na casa e assim que pôs a mão na maçaneta a porta abriu por dentro, e Coll a agarrou e a levantou num grande abraço de urso.

Maris sempre se surpreendia com o tamanho de seu meio-irmão. Ela em geral o encontrava com intervalo de anos, e nesse ínterim ainda se lembrava dele como o jovem Coll, seu irmãozinho, magro, desajeitado e pouco desenvolvido, à vontade apenas com seu violão na mão, quando conseguia transcender a si mesmo cantando.

Mas seu irmãozinho havia encorpado, e chegado até aquela altura toda. Anos de viagens para outras ilhas, trabalhando como marinheiro e encarando qualquer tarefa quando sua plateia era pobre demais para pagar por sua música, tudo aquilo o fortalecera. Seu cabelo, antes loiro avermelhado, escurecera e ganhara um tom castanho, com o vermelho visível agora somente na sua barba, em reflexos de fogo.

– Você é Evan, o curador? – perguntou Coll, virando-se para Evan. Ele segurava Maris com um braço só. Diante do assentimento de Evan, prosseguiu. – Desculpe parecer tão mal-educado, mas nos disseram em Porto Thayos que Maris estava morando aqui com você. Ficamos esses últimos quatro dias esperando vocês chegarem. Eu quebrei uma tranca para poder entrar, mas já consertei... e acho que você vai achar que ficou melhor agora. – Ele olhou para Maris de cima a baixo de novo. – Temi que não conseguíssemos vê-la, que você já tivesse voado de novo!

Maris ficou tensa. Ela notou a imediata preocupação no rosto de Evan e balançou da cabeça de leve para ele.

– Precisamos conversar. Vamos sentar perto do fogo, pois minhas pernas estão acabadas de tanto andar. Evan, você faria aquele seu chá maravilhoso?

– Trouxe kivas – adiantou-se Coll. – Três garrafas, em troca de uma música. Esquento uma?

– Isso seria fantástico – respondeu Maris. Quando foi até o armário onde ficavam guardadas as pesadas canecas de cerâmica, ela viu a criança de novo, meio escondida nas sombras, e parou de repente.

– Bari? – perguntou ela, admirada.

A garotinha avançou timidamente, a cabeça abaixada, olhando para ela meio de lado.

– Bari – repetiu ela, com carinho no tom de voz. – É você! Sou sua tia Maris! – E inclinou-se para abraçar a criança, e então se afastou de novo para observá-la melhor. – Você não deve se lembrar de mim, é claro. Da última vez que a vi era como um filhote de passarinho.

– Meu pai canta músicas que falam de você – disse Bari. A voz da menina soou clara, como um sino.

– E você canta também? – quis saber Maris.

Bari ergueu os ombros, meio sem graça, e olhou para o chão.

– De vez em quando – murmurou.

Bari era uma criança magra, de ossos finos, com quase oito anos de idade. Seu

cabelo castanho-claro, cortado curto, caía liso como um elegante quepe na sua cabeça, emoldurando um rostinho sardento, em formato de coração, com grandes olhos acinzentados. Ela se vestia como se fosse uma versão menor do pai, com uma túnica de lã e cinto por cima de calças de couro. Uma peça de resina endurecida, de cor clara, dourada, pendia de uma correia de couro em volta do seu pescoço.

– Por que vocês não pegam algumas almofadas e cobertores e trazem para perto do fogo para ficarmos mais confortáveis? – sugeriu Maris. – Ficam naquele baú de madeira, ali no canto.

Maris pegou as canecas e voltou para a lareira. Coll pegou-a pela mão e puxou-a para perto dele.

– É tão bom ver você andando, curada – comentou ele com sua voz profunda e quente. – Quando soube da sua queda, fiquei com medo de que você tivesse ficado inválida como o pai. Durante toda a longa viagem de Poweet até aqui fiquei ansiando por mais notícias, boas notícias, e não fiquei sabendo de nada. Eles diziam que havia sido uma queda terrível, em cima de uma rocha, que você quebrara as duas pernas e os dois braços. Mas agora, melhor do que qualquer relato, vejo que você está inteira. Quanto tempo vai levar para você voar de volta para Amberly?

Maris fitou os olhos daquele homem que, apesar de não ser parente de sangue, ela amara como um irmão por mais de quarenta anos.

– Não vou voltar mais para Amberly, Coll – disse ela. Sua voz era neutra. – Nunca mais vou voar de novo. Eu me machuquei mais do que imaginava nessa queda. Meu braço e minhas pernas estão bons agora, mas alguma outra coisa ficou com problemas. Quando bati a cabeça... Perdi minha noção de equilíbrio. Não posso mais voar.

Ele a encarou, a alegria esvaindo-se do seu rosto. Ele balançou a cabeça.

– Maris... Não...

– Não adianta mais dizer não. Tive que aceitar isso.

– Será que não existe alguma coisa...

Para alívio de Maris, Evan interrompeu.

– Não há mais o que fazer. Tentamos o que foi possível, Maris e eu. As lesões na cabeça são misteriosas. Não sabemos sequer o que aconteceu exatamente, e posso apostar que não há curador em nenhum lugar do Santuário dos Ventos que saiba o que fazer para remediar isso.

Coll assentiu, parecendo pasmo.

– Eu não quis dizer que... Mas é tão difícil para mim aceitar. Maris, não posso imaginar você aterrada!

Ele tinha razão, Maris sabia, mas o pesar e a inconformidade do irmão em relação a ela faziam-na sofrer, reabriam suas feridas.

– Não precisa imaginar nada – interrompeu ela, um pouco abrupta. – Essa é a minha vida agora, para que qualquer um veja. As asas já foram até levadas de volta para Amberly.

Coll não disse nada. Maris não queria ver a dor no rosto dele, assim ficou olhando para o fogo, e deixou o silêncio correr. Ouviu então o ruído de uma garrafa de pedra sendo aberta, e viu Evan despejando o kivas fumegante nas três canecas.

– Posso experimentar? – Bari se agachou ao lado do pai, olhando esperançosa. Coll sorriu para ela e negou com a cabeça, com ar de censura.

Vendo pai e filha juntos, Maris sentiu a tensão de repente se diluir. Quando Evan lhe entregou uma caneca cheia do vinho quente com especiarias, eles trocaram olhares e ela sorriu.

Maris virou-se de novo para Coll e já ia lhe dizer algo quando os olhos dela pousaram no seu violão, que sempre ficava à mão. A visão do instrumento liberou uma torrente de memórias, e de repente Maris sentiu que Barrion, morto havia vários anos, estava de novo na sala com eles. O violão fora dele, e Barrion se gabava de que o instrumento estava com sua família havia gerações, desde o tempo dos navegantes estelares. Ela nunca decidira muito bem se acreditava nele ou não (exageros e belas mentiras brotavam de Barrion tão facilmente como a respiração), mas com certeza o violão era muito antigo. Ele o confiara a Coll, que havia sido seu protegido, como o filho que ele nunca tivera. Maris esticou o braço para sentir a madeira lisa, escurecida por várias demãos de verniz e pela manipulação constante.

– Cante para nós, Coll – sugeriu. – Cante alguma coisa nova.

E o violão já estava em seus braços, aninhado junto ao peito, quase antes que as palavras saíssem de sua boca. Soaram acordes suaves.

– Essa música se chama "O lamento do cantor" – disse ele, com um sorriso maroto no rosto. E começou a cantar uma canção, ao mesmo tempo melancólica e irônica, sobre um cantor cuja esposa o abandona porque ele ama demais a sua música. Maris suspeitou que ele cantava seu próprio casamento, embora jamais tivesse comentado com ela por que havia terminado, e ela tampouco tivesse estado por perto para ver muita coisa em primeira mão.

O refrão recorrente da música era: "Um cantor não deve casar/ Não deve noivar tampouco/ Mas beijar a música em voo/ E levar a canção pro lar."

Em seguida, Coll cantou uma canção sobre o turbulento caso de amor entre um orgulhoso Senhor da Terra e uma voadora uma-asa mais orgulhosa ainda. Maris reconheceu um dos nomes, mas nunca ouvira a história.

– Essa história é verdadeira? – quis ela saber ao final da música.

Coll riu.

– Lembro que você costumava fazer essa mesma pergunta ao Barrion! Vou lhe

dar a resposta que ele dava: não sei dizer quando ou onde ou mesmo se ela chegou a acontecer, mas é uma história verdadeira do mesmo jeito!

– Agora cante a minha música – pediu Bari.

Coll deu um beijo no nariz da filha e cantou uma melodiosa fantasia sobre uma garotinha chamada Bari, que fica amiga de uma cila que a leva para descobrir um tesouro numa caverna no fundo do mar.

Mais tarde, cantou velhas canções: a balada de Aron e Jeni, a música sobre os voadores-fantasma, aquela sobre o louco Senhor da Terra de Kennehut, sua própria versão da canção do Asas de Madeira.

Depois, quando Bari já havia sido colocada na cama e os três adultos tomavam a terceira garrafa de kivas, eles conversaram sobre suas vidas. Mais calmamente agora, Maris conseguiu falar com Coll sobre sua decisão de ficar com Evan.

Passado o primeiro choque, Coll fez melhor do que simplesmente expressar seu pesar, mas também disse que não entendia a escolha que ela havia feito.

– Mas por que ficar aqui no Leste, longe de todos os seus amigos? – Depois, com uma cortesia um pouco embriagada, acrescentou: – Sem desmerecer você, Evan.

– Não importa o lugar que eu escolhesse morar, sempre ficaria longe de alguém – explicou Maris. – Você sabe como meus amigos estão espalhados por aí. – Ela tomou mais um gole da bebida quente e forte, sentindo-se meio desligada.

– Por que não volta comigo para Amberly? – sugeriu ele. – Você moraria na casa em que crescemos. Podemos esperar um pouco, até a primavera, quando o mar fica mais calmo, mas a viagem não é tão ruim daqui até lá, verdade.

– Você pode ficar com a casa. Você e Bari podem morar lá. Ou vendê-la, se preferirem. Não posso morar lá de novo, há muitas lembranças ali. Aqui em Thayos posso iniciar uma nova vida. Vai ser difícil, mas Evan me ajuda. – Ela tomou a mão dele. – Não posso ficar sem fazer nada. E é bom se sentir útil.

– Mas como curadora? – Coll balançou a cabeça. – É estranho pensar em você fazendo isso. – Ele olhou para Evan. – Ela leva algum jeito? Seja sincero.

Evan segurou a mão de Maris entre as suas, dando-lhe batidinhas.

– Ela aprende rápido – respondeu Evan depois de pensar um pouco. – Tem uma grande vontade de aprender, e não recua diante de tarefas difíceis ou penosas. Ainda não sei se ela está de fato convencida de que quer ser uma curadora, ou se um dia vai ser alguém plenamente capacitada. Mas tenho que admitir, de modo bastante egoísta, que estou feliz por ela estar aqui. Espero que ela nunca queira me deixar.

As bochechas dela coraram, e Maris inclinou a cabeça e bebeu. Ficou comovida, e sentiu-se grata pelas últimas palavras dele. Haviam sido muito poucas as conversas de amor entre os dois. Nada de promessas românticas ou afirmações bombásticas ou elogios. E, embora ela tivesse tentado tirar isso da cabeça, em algum lugar dentro

dela Maris temia não ter dado a Evan nenhuma escolha em seu relacionamento e receava ter se instalado na vida dele antes que Evan tivesse tido tempo de refletir a respeito. Mas ela percebia que havia amor na voz dele.

Houve um silêncio. Para preenchê-lo, Maris perguntou a Coll sobre Bari.

– Quando foi que ela começou a viajar com você?

– Há uns seis meses. – Coll descansou sua caneca, vazia, e pegou o violão. Dedilhava as cordas, produzindo acordes suaves enquanto falava. – O novo marido da mãe dela é um cara violento, bateu na Bari uma vez. A mãe dela não sabe dizer não ao cara, mas não fez objeções quando decidi levar Bari comigo. Comentou que talvez ele estivesse com ciúmes de Bari. E os dois agora estão tentando ter um filho.

– Como Bari se sente a respeito disso?

– Ela ficou feliz de vir comigo, acho. Ela é uma coisinha quietinha. Sente saudade da mãe, eu sei, mas está feliz de ficar fora daquela casa, onde nada do que ela fazia parecia estar certo.

– Você a está transformando numa cantora, então? – perguntou Evan.

– Se ela quiser ser. Eu já sabia que era cantor quando era mais novo do que ela, mas Bari ainda não sabe o que quer fazer da vida. Ela canta como um canarinho, mas ser cantor exige mais do que cantar a música dos outros e até agora ela não mostrou inclinação para compor suas próprias músicas.

– É muito novinha ainda – comentou Maris.

Coll deu de ombros e deixou o violão de lado de novo.

– É. Temos tempo. Eu não a pressiono. – Ele piscou e deu um imenso bocejo. – Acho que passou da minha hora de dormir.

– Vou lhe mostrar seu quarto – convidou Evan.

Coll riu e balançou a cabeça.

– Não precisa. Depois de quatro dias aqui, já me sinto bastante em casa.

Coll ficou de pé, e Maris também se levantou, recolhendo as canecas vazias. Deu um beijo de boa noite no irmão e então aguardou Evan ajeitar o fogo e a mobília, para sair de mãos dadas com ele até a cama que dividiam.

Nos dias que se seguiram, Coll manteve o ânimo de Maris lá em cima. Estavam sempre juntos e ele contou-lhe as histórias de suas aventuras e cantou para ela. Durante aqueles anos todos, desde que Coll saíra pela primeira vez para correr o mundo com Barrion e Maris se tornara uma voadora de verdade, eles não haviam convivido por muito tempo juntos. Agora, conforme os dias passavam e Coll e Bari se demoravam lá, ficaram próximos como nunca haviam sido desde a adolescência de Coll. Ele falou pela primeira vez sobre seu casamento fracassado e da sua

sensação de que havia sido culpa dele, por ficar tanto tempo afastado de casa. Maris não falou do seu acidente ou da sua infelicidade, mas nem era preciso. Coll sabia muito bem o que as asas representavam para ela.

Sem que Maris percebesse, os dias foram virando semanas, e Coll e Bari continuavam por ali. Coll viajou um tempo para cantar nas hospedarias de Thossi e Porto Thayos, e Bari começou a acompanhar Evan. Era quietinha, não atrapalhava, sempre prestava muita atenção, e Evan gostava do interesse dela. Os quatro viviam muito bem juntos, revezando-se nas tarefas de casa e reunindo-se ao anoitecer para sessões de histórias ou jogos antes de acenderem a lareira. Maris deixou claro para Evan, para Coll e para ela mesma que estava muito contente. Ela não queria outra vida.

Então, um dia, S'Rella chegou.

Maris estava sozinha em casa aquela tarde, ouviu baterem à porta e foi atender. Sua primeira reação foi de prazer ao ver a velha amiga, mas enquanto S'Rella abria os braços para abraçá-la Maris percebeu que seu olhar era atraído para as asas que a amiga carregava num dos braços, e seu coração ficou apertado. Enquanto conduzia S'Rella até uma cadeira perto do fogo e procurava uma chaleira para o chá, pensou, melancólica: *Logo ela vai voar embora de novo e me deixar*.

Precisou fazer um grande esforço para se sentar ao lado de S'Rella e perguntar, mostrando interesse, quais eram as novidades.

O rosto de S'Rella mal conseguia esconder o brilho de excitação.

– Vim aqui a negócios – informou ela. – Trago uma mensagem para *você*. Vim aqui lhe pedir, lhe convidar a fazer uma viagem até Seatooth e viver lá como nova diretora da Academia. Eles precisam de uma professora boa, permanente, na Asas de Madeira, não como as que têm ido e vindo nos últimos seis anos. Alguém comprometido, alguém com muito conhecimento. Uma líder. Você, Maris. Todos a respeitam muito, então não poderia haver ninguém melhor para o cargo. Todos nós queremos você lá.

Maris pensou em Sena, morta havia quase quinze anos, em como a velha professora se mostrara nos últimos anos de sua longa vida. Aquela voadora inválida, sobrevivente de uma queda, lá, de pé no rochedo da Asas de Madeira, gritando até ficar rouca para transmitir seu conhecimento de voo aos jovens da academia que circundavam o céu acima dela. Nunca mais voou, ficou para sempre aterrada com uma perna praticamente inutilizada e um olho cego, esbranquiçado. Para sempre de pé aqui embaixo, olhando fixamente para os ventos de tempestade, observando os Asas de Madeira voando para longe dela, ano após ano. Todos aqueles anos, até que finalmente morreu. Como é que Sena conseguira suportar aquilo?

Um calafrio profundo percorreu Maris, e ela balançou a cabeça freneticamente.

– Maris? – S'Rella pareceu assustada. – Você sempre foi a mais firme defensora

da Asas de Madeira, do sistema todo. Ainda há muita coisa que você poderia fazer... Qual é o problema?

Maris olhou para ela, transtornada, querendo gritar.

– Como é que você me pede uma coisa dessas? – A pergunta foi feita bem baixinho.

– Mas... – S'Rella abriu os braços. – O que é que você vai poder fazer aqui? Maris, sei como você se sente, acredite. Mas a sua vida não acabou. Lembro de que uma vez você me disse que nós, voadores, éramos a sua família. Ainda somos. É insensato ficar exilada desse jeito. Volte. Você precisa de nós agora, e nós ainda precisamos de você. A Asas de Madeira é o seu lugar, porque, sem você, ela nunca teria existido. Não vire as costas a ela agora.

– Você não está entendendo – retrucou Maris. – E, afinal, como poderia? Você ainda é capaz de voar.

S'Rella se adiantou para pegar a mão de Maris, e segurou-a, mesmo sentindo-a inerte, sem reagir à sua pressão.

– Estou tentando entender. Imagino o quanto você deve estar sofrendo. Acredite, desde que ouvi a notícia tenho pensado em como seria minha vida se eu me machucasse. De vez em quando fico até um ano aterrada, você sabe, então faço alguma ideia de como seja, embora nunca tenha encarado essa situação como algo permanente. Todo mundo devia pensar nisso. Um dia tudo termina para todos os voadores, não é? Pode acontecer numa competição, às vezes por acidente e com frequência devido à idade avançada.

– Sempre achei que fosse morrer. – Maris falava baixinho. – Nunca imaginei que continuaria vivendo se fosse incapaz de voar.

S'Rella assentiu.

– Eu sei. Mas aconteceu, e você precisa se adaptar a isso.

– Estou me adaptando. Aliás, estava. – Ela soltou a mão. – Inventei uma nova vida para mim aqui. Se você não tivesse vindo, se eu conseguisse simplesmente esquecer... – Ela percebeu pelo rápido lampejo de dor no rosto de S'Rella que havia magoado a amiga.

Mas S'Rella sacudiu a cabeça e parecia determinada.

– Você não vai conseguir esquecer – afirmou. – Não se iluda. Você precisa seguir em frente, fazer as coisas que sabe fazer. Venha ensinar na Asas de Madeira. Fique perto dos seus amigos. Escondida aqui... você está apenas fingindo...

– Tudo bem, estou fingindo. – Maris estava irritada. Ela se levantou, andou até a janela e ficou olhando para fora, para o nada, para aquele borrão de verde e marrom que era a floresta. – É uma fantasia necessária para continuar vivendo. Não suporto a lembrança constante daquilo que perdi. Quando vi você de pé na porta só consegui

pensar nas suas asas, e em como eu desejaria poder atá-las em mim e voar para longe daqui. Achei que havia parado de pensar nisso. Imaginei que havia me adaptado a este lugar. Eu amo Evan, e estou aprendendo muita coisa como assistente dele. Fazendo algo útil. Tenho adorado viver esses dias com Coll por perto, e conhecer melhor a filhinha dele. E, de repente, a visão de um par de asas varre tudo isso embora, reduz essa minha vida a pó.

O silêncio preencheu a cabana. Finalmente, Maris voltou da janela e olhou de novo para S'Rella. Viu as lágrimas no rosto da amiga, mas também o olhar de teimosa desaprovação.

– Está bem – disse Maris, suspirando. – Diga-me que estou errada. Diga o que você acha disso tudo.

– Eu acho – começou S'Rella – que o que você está fazendo não está certo. Acho que está tornando as coisas mais difíceis para você mesma se pensar a longo prazo. Você não pode apagar assim a sua vida, como se ela nunca tivesse existido, porque você não vive num mundo sem voadores. Pode se esconder aqui e fingir que é uma curadora assistente, mas nunca poderá de fato esquecer que você foi, que você é, uma voadora. Nós ainda precisamos de você; e ainda lhe resta muito para viver. Você ainda não encarou sua nova vida, ainda está evitando o confronto. Venha para a Asas de Madeira, Maris.

– Não. Não. Não. S'Rella, eu não ia aguentar. Talvez você esteja certa, e o que eu estou fazendo seja errado, mas já pensei nisso, e é a única coisa que posso fazer. Não consigo suportar a dor. Preciso continuar vivendo, e para isso eu *tenho* que esquecer o que perdi, ou enlouqueço. Você não pode imaginar. Eu não ia conseguir ver todos voando ao meu redor, exultantes no ar, e saber que não posso mais me juntar a eles. Ficar a todo momento sendo lembrada do que perdi. Não consigo. Os Asas de Madeira vão sobreviver sem mim. Não posso voltar lá. – Ela parou, tremendo muito, com medo, com a lembrança de sua perda renovada.

S'Rella ficou de pé e a segurou, até que a tremedeira passasse.

– Está bem – cedeu S'Rella, falando baixinho. – Não vou mais pressionar. Não tenho o direito de lhe dizer o que deve ou não fazer. Mas... se você mudar de ideia, se repensar sua vida daqui a algum tempo, saiba que o cargo estará sempre à sua disposição. A decisão é sua. Não vou mais tocar nesse assunto.

No dia seguinte, ela e Evan acordaram cedo e passaram a manhã dando atenção a um velho doente e rabugento que morava numa choupana na floresta. Bari, que acordara e estava brincando desde muito cedo, foi atrás dos dois, pois o pai ainda dormia. E teve mais sorte que ambos em fazer o velho homem sorrir. Maris ficou contente. Ela mesma estava deprimida e mal-humorada, e as lamúrias do ancião só a deixavam mais irritada. Ela teve que reprimir a vontade de dar uma bronca nele.

– Nossa, mas como esse velhinho reclama, parece até que está morrendo – comentou Maris quando eles voltavam para casa.

A pequena Bari olhou para ela com estranheza.

– E ele está – disse a menina com sua voz fina. Ela se virou para Evan procurando apoio.

O curador assentiu.

– A menina está certa – confirmou ele, amuado. – Os sinais são bastante claros, Maris. Você não aprendeu nada do que eu lhe ensinei? Bari é mais perspicaz do que você tem sido ultimamente. Duvido que ele dure mais de três meses. Por que acha que lhe dei tesis?

– Sinais? – Maris sentiu-se confusa e embaraçada. Ela era capaz de memorizar facilmente as coisas que Evan lhe dizia, mas aplicar o conhecimento parecia bem mais difícil. – Ele se queixa muito de dores nos ossos. Eu pensei, bem, ele é velho, afinal, todos os velhos costumam...

Evan mostrou-se impaciente.

– Bari, como é que você percebeu que ele estava morrendo?

– Percebi nos cotovelos e joelhos, como você me mostrou – respondeu ela ansiosa, orgulhosa das coisas que aprendera com Evan. – Eles estavam grumosos, endurecendo. Debaixo do queixo, também. Por trás do bigode. E a pele dele estava fria. Ele tinha asma?

– Sim, asma – disse Evan, satisfeito. – As crianças às vezes se recuperam de asma, mas os adultos, não, nunca.

– Eu... Eu não percebi nada disso – admitiu Maris.

– É... Você não percebeu.

Andaram em silêncio, com Bari pulando pelo caminho, feliz da vida, e Maris sentindo-se cansada além da conta.

Havia um aroma sutil de primavera no ar.

Maris sentiu novo ânimo conforme andava pelo ar limpo do amanhecer com Evan. A sombria fortaleza do Senhor da Terra esperava por eles no fim da jornada, mas o sol já havia surgido, o ar estava fresco, e a brisa era sentida quase como uma carícia através da capa que ela vestia. Flores vermelhas, azuis e amarelas brilhavam como joias no meio do musgo cinza-esverdeado e do húmus escuro à beira da estrada. Como vislumbres de fogo ou de céu, pássaros voavam por entre as árvores e cantavam. Era um daqueles dias em que estar vivo e em movimento já constituía um prazer por si só.

Evan seguia ao lado dela em silêncio. Maris sabia que ele estava ruminando a

respeito da mensagem que os fizera ir até lá. Haviam sido acordados antes do raiar do dia por uma batida na porta. Um dos corredores do Senhor da Terra, ofegante, viera avisar que era requerida a presença de um curador na fortaleza. Não podia dizer mais nada, só que alguém estava ferido e precisava de atendimento.

Evan, tirado da cama quente, ainda atordoado, com seu cabelo branco espetado como o penacho de algum pássaro, não estava com vontade de ir a lugar algum.

– Todo mundo sabe que o Senhor da Terra mantém seu próprio curador com ele, para cuidar da sua família e dos serviçais – objetou Evan. – Por que esse curador não pode cuidar dessa emergência?

O corredor, que obviamente não sabia nada além do que lhe havia sido dito, pareceu confuso.

– O curador, Reni, foi há pouco tempo preso por traição, por suspeita de traição – informou ele com voz fraca, quase sem fôlego.

Evan xingou.

– Traição! Isso é loucura. Reni seria incapaz... ah, tudo bem, pare de dar com a língua nos dentes, rapaz. Nós vamos, minha assistente e eu. Veremos o que é possível fazer.

Logo alcançaram o estreito vale e viram a robusta fortaleza de pedra erguendo-se à sua frente. Maris amarrou melhor a capa, que vestia semiaberta. O ar era mais frio ali: a primavera ainda não se aventurara além da parede de montanhas. Não havia flores ou cachos de hera para aliviar as cores sombrias das pedras e do líquen, e os únicos pássaros que podiam ser ouvidos eram as gaivotas com suas vozes ásperas.

Uma idosa guarda da terra, com uma cicatriz no rosto, uma faca no cinto e um arco dependurado nas costas, veio interceptá-los antes que dessem mais do que uns poucos passos dentro do vale. Perguntou um monte de coisas, revistou-os e fez questão de carregar o material de cirurgia de Evan, escoltando-os em seguida pelos dois postos de controle e pelo portão, até a fortaleza. Maris notou que havia mais guardas da terra patrulhando os altos e grossos muros do que da última visita, e viu uma agressividade maior, uma excitação reprimida, nos soldados que se exercitavam dentro do pátio.

O Senhor da Terra foi recebê-los numa sala externa, acompanhado apenas por seus onipresentes guardas, cinco passos atrás dele. Seu rosto ganhou sombras quando ele viu Maris, e ele se dirigiu a Evan rudemente.

– Mandei buscar você, curador, e não essa voadora sem asas.

– Maris é minha assistente agora – disse Evan calmamente. – Como o senhor mesmo deve saber bem, ela não é uma voadora.

– Uma vez voadora, sempre voadora – grunhiu o Senhor da Terra. – Ela tem amigos voadores, e não precisamos dela aqui. A segurança...

– Ela é aprendiz de curadora – explicou Evan, interrompendo-o. – E lhe dou meu aval. O código ao qual estou vinculado também vale para ela. Não vamos comentar nada do que tivermos visto aqui.

O Senhor da Terra ainda fazia cara feia. Maris estava tensa de raiva. Como ele podia falar dela daquele jeito, ignorando-a como se ela sequer estivesse presente?

Por fim, o Senhor da Terra disse, de má vontade:

– Não confio nessa "aprendizagem", mas vou aceitar seu aval a ela, curador. Tenha em mente, porém, que se ela contar algo do que vir hoje aqui, vocês dois serão enforcados.

– Tivemos a maior pressa em chegar – Evan tinha frieza na voz –, mas percebo pelos seus modos que não há razão para tanta pressa.

O Senhor da Terra não respondeu nada, virou-se de lado e mandou vir outra dupla de guardas da terra. Então, sem olhar para trás, retirou-se.

Os guardas da terra, ambos jovens e fortemente armados, escoltaram Evan e Maris, e fizeram-nos descer alguns degraus de pedra íngremes até um túnel escavado na rocha sólida da montanha, bem abaixo dos aposentos normais da fortaleza. Velas ardiam fumegantes nas paredes a amplos intervalos, produzindo uma luz vacilante, insegura. O ar naquele túnel estreito de teto baixo tinha cheiro de mofo e a fumaça era irritante. Maris sentiu uma pequena onda de claustrofobia e segurou na mão de Evan.

Por fim, chegaram a um corredor que se ramificava, com pesadas portas de madeira. Pararam diante de uma dessas portas e os guardas retiraram as pesadas barras que a mantinham trancada. Dentro, viram uma pequena cela de pedra com um rústico catre no chão e uma janela redonda, bem no alto. Encostada de pé contra a parede havia uma mulher jovem, com cabelo loiro claro, comprido. Seus lábios estavam inchados, um olho arroxeado, e havia manchas de sangue na sua roupa. Maris levou alguns momentos para reconhecê-la.

– Tya – disse ela, perplexa.

Os guardas da terra deixaram-nos lá, e trancaram a porta de novo, assegurando que estariam aguardando do lado de fora caso precisassem de algo.

Enquanto Maris ainda olhava sem acreditar, Evan aproximou-se de Tya.

– O que aconteceu?

– Os capangas do Senhor da Terra não foram lá muito gentis ao me prenderem – declarou Tya com sua voz calma, irônica. Ela parecia estar falando de outra pessoa. – Ou talvez o erro tenha sido meu, de lutar com eles.

– Onde foi que você se machucou? – perguntou Evan.

Tya fez uma careta.

– Pelo que dá para sentir, eles quebraram minha clavícula. E lascaram um dente.

Só isso. O restante são apenas escoriações. Todo esse sangue veio dos meus lábios.

– Maris, meu material, por favor – pediu Evan.

Maris colocou-o do lado dele. Ela olhou para Tya.

– Como ele ousou prender um voador? Por quê?

– A acusação é de traição – explicou Tya. E então soltou um gemido quando os dedos de Evan apalparam seu pescoço.

– Sente-se – indicou Evan, ajudando-a. – Vai ficar mais fácil.

– Ele deve ser louco – comentou Maris. A palavra trouxe à lembrança o Louco Senhor da Terra de Kennehut. Desesperado ao receber a notícia da morte de seu filho numa terra distante, ele matou o mensageiro voador que lhe trouxera a triste notícia. Os voadores depois disso passaram a evitá-lo, até que a altiva e rica Kennehut virou um lugar desolado, arruinado e vazio, e seu nome tornou-se sinônimo de loucura e desespero. Nenhum Senhor da Terra desde então sonhara em causar danos a um voador. Até aquele momento.

Maris balançou a cabeça, com os olhos fixos em Tya, mas sem realmente vê-la.

– Será que ele perdeu a razão a ponto de imaginar que as mensagens que você traz dos seus inimigos vêm do seu próprio coração? Chamar isso de *traição* é um erro. O homem só pode estar doido. Você não está sujeita a ele. Ele sabe que os voadores estão acima das trivialidades das leis locais. Como alguém como você, que é da mesma hierarquia dele, poderia fazer algo traiçoeiro? Do que ele a acusa?

– Ah, ele sabe o que eu fiz – disse Tya. – Não estou afirmando que fui presa sob falsas acusações. Eu simplesmente não esperava que ele descobrisse. E ainda não tenho certeza de como foi que ele descobriu, pois pensei que tinha sido muito cuidadosa. – Ela estremeceu. – Mas agora não adianta mais. Vai haver guerra do mesmo jeito, tão feroz e sangrenta como se eu tivesse ficado fora disso.

– Não estou entendendo.

Tya sorriu. Seus olhos negros ainda se mostravam perspicazes e conscientes apesar de seus ferimentos e da evidente dor.

– Não? Ouvi dizer que alguns voadores da velha guarda eram capazes de transmitir mensagens e depois nem sabiam o que haviam dito. Mas eu sempre soube: cada ameaça beligerante, cada promessa tentadora, cada aliança potencial para a guerra. Era informada de coisas que eu não tinha a menor vontade de passar adiante. E, então, comecei a mudar as mensagens. No início, eram mudanças sutis, só para torná-las mais diplomáticas. Depois, passei a retornar trazendo respostas que retardavam ou evitavam a guerra que ele pretendia iniciar. Estava funcionando... até ele descobrir minha manobra.

– Está bem, Tya. Agora pare um pouco de falar – pediu Evan. – Vou colocar sua clavícula no lugar, e isso vai doer. Você consegue ficar quieta, ou peço para Maris

ajudar a segurá-la firme?

– Vou ser boazinha, curador. – Ela respirou bem profundamente.

Maris olhava perplexa para Tya, sem conseguir acreditar no que acabava de ouvir. Tya havia feito o impensável. Alterara uma mensagem confiada a ela. Intrometera-se na política dos confinados à terra, em vez de ficar acima disso como faziam sempre os voadores. O ato maluco de prender um voador não parecia agora tão maluco assim. Afinal, o que mais poderia o Senhor da Terra ter feito? Era compreensível agora que tivesse ficado tão perturbado pela presença de Maris. Se a notícia chegasse aos demais voadores...

– O que o Senhor da Terra pretende fazer com você? – perguntou Maris.

Pela primeira vez, Tya pareceu acuada.

– A punição usual para traição é a morte.

– Ele não ousaria!

– Não tenho tanta certeza. Meu primeiro receio foi que ele estivesse planejando me enterrar aqui, matar-me secretamente e silenciar o guarda da terra que havia me prendido. Desse jeito, eu simplesmente desapareceria, e iam achar que eu me perdera no mar. Mas agora que você esteve aqui, Maris, não acho que ele possa fazer isso. Você iria denunciá-lo.

– E aí nós dois seríamos enforcados, como mentirosos traiçoeiros – completou Evan. Seu tom era leve. Depois, mais sério, acrescentou: – Não, Tya, acho que você tem razão. O Senhor da Terra não teria mandado me buscar se tivesse intenção de matá-la em segredo. Teria sido mais fácil simplesmente deixá-la morrer. Quanto mais pessoas soubessem da sua prisão, maior risco ele correria.

– Os voadores têm suas leis: o Senhor da Terra não tem o direito de julgar um voador – lembrou Maris. – Ele simplesmente tem que entregar você aos voadores. Será convocado um tribunal e você será despojada de suas asas. Ah, Tya... Nunca ouvi contar de um voador ter feito uma coisa dessas.

– Eu choquei você, não, Maris? – Tya sorriu. – Você não consegue enxergar nada além do horror de ver a tradição sendo quebrada? Nem mesmo você? Eu não lhe falei que você não era uma voadora uma-asa?

– Você acha que isso faz diferença? – perguntou Maris baixinho. – Você acha que os uma-asa vão apoiá-la e aplaudir esse crime? Que existe algum jeito de você ter permissão para manter suas asas? Que o Senhor da Terra vai querer você?

– Os Senhores da Terra não iam gostar – respondeu Tya –, mas talvez seja hora de eles aprenderem que não podem nos controlar. Tenho vários amigos entre os uma-asa que concordam comigo. Os Senhores da Terra têm poder demais, particularmente aqui no Leste. E com que direito? De nascença? O nascimento costumava determinar quem é que usaria asas, mas o seu Conselho mudou isso. Por

que deveria determinar quem governa? Você não imagina as coisas que um Senhor da Terra é capaz de fazer, Maris. Lá no Oeste é diferente. E você estava acima de tudo isso, como todos os demais voadores da velha guarda. Mas para quem é uma-asa as coisas são diferentes. Nós crescemos como os demais confinados à terra, não temos nada de especial. E, depois que ganhamos nossas asas, os Senhores da Terra ainda continuam vendo-nos como súditos. As asas que usamos fazem com que nos respeitem como seus iguais, mas esse respeito é uma coisa frágil. Em qualquer competição podemos perder as asas e sermos fracos de novo, cidadãos de baixa categoria. No Leste, nas Embers, na maior parte do Sul e até em algumas poucas ilhas do Oeste, seja onde for que os Senhores da Terra tenham herdado seu poder, eles olham com respeito os voadores que nasceram com suas asas. Eles podem disfarçar isso, mas sentem uma espécie de desprezo por aqueles de nós que tiveram que dar duro e lutar para conseguir um par de asas. Eles nos tratam como iguais só superficialmente. O tempo todo estão tentando nos controlar, nos comprar e nos vender, dando ordens, enchendo a gente de mensagens para voarmos como se não fôssemos nada além de um bando de pássaros treinados. Bem, o que fiz vai sacudi-los, fazer com que pensem melhor. Não somos seus servos, e não vamos mais nos submeter a levar mensagens das quais discordamos, carregar certificados de morte e ultimatos que desencadeiem guerras que venham destruir nossas famílias, amigos e outros inocentes!

– Você não pode ser seletiva desse jeito – interrompeu Maris. – Não pode, porque o mensageiro não é responsável pelo conteúdo de sua mensagem.

– Isso é o que os voadores vêm dizendo a si mesmos há séculos – retrucou Tya. Os olhos dela brilharam de raiva. – Mas é claro que o mensageiro é responsável! Eu tenho cérebro, coração, consciência. Não posso ficar fingindo que não tenho.

De repente, como um balde de água fria, o pensamento *Isso não tem nada a ver comigo* extinguiu a paixão de Maris. Ela foi tomada apenas por raiva e amargura. O que ela estava fazendo ali, discutindo questões de voadores? Ela não era mais voadora. Olhou para Evan.

– Se você já terminou, é melhor irmos embora. – Sua voz não tinha ânimo.

Evan descansou uma mão no ombro dela e assentiu. Em seguida, olhou para Tya.

– É uma fratura pequena – explicou. – Deve sarar sem problemas. Apenas descanse. Não faça nenhum gesto brusco que possa tirar a atadura do lugar.

Tya deu um meio sorriso, mostrando seus dentes descoloridos.

– Gesto brusco? Como tentar fugir, por exemplo? Não tenho atividades planejadas. Mas é bom contar isso ao Senhor da Terra, para que os guardas lembrem e não venham me massagear com seus cassetetes.

Evan deu umas batidas na porta para avisar os guardas, e quase imediatamente ouviu-se o ruído das pesadas trancas sendo retiradas.

– Adeus, Maris – gritou Tya.

Quando já estava quase cruzando a porta, Maris hesitou e voltou atrás.

– Não acho que o Senhor da Terra ousará julgá-la ele mesmo. – Seu tom era sério. – Ele terá que deixar que seus pares a julguem. Mas não imagine que eles serão benevolentes, Tya. O que você fez é perigoso demais. Afeta pessoas demais. Afeta a todos.

Tya encarou-a fixamente.

– O mesmo vale para o que você fez, Maris. Mas o mundo agora está pronto para outras mudanças, penso eu. Sei que o que fiz estava certo, mesmo tendo falhado.

– Talvez o mundo esteja pronto para outra mudança – retrucou Maris, serena. – Mas é desse jeito que devemos mudá-lo? Você só substituiu ameaças por mentiras. Você realmente acredita que os voadores como um todo sejam mais sábios e mais nobres que os Senhores da Terra? Que eles devem carregar toda a responsabilidade por escolher que mensagens devem levar ou não, e quais delas devem alterar e quais devem recusar?

Tya olhou para ela, impassível.

– Eu faria de novo.

A viagem pelo túnel pareceu mais curta na volta. O Senhor da Terra estava de novo esperando por eles na sala exterior assolada por ventos frios, e encarou-os com olhar penetrante, como se procurasse sinais de raiva ou medo.

– Um acidente dos mais lamentáveis – comentou ele.

Evan apenas deu-lhe as informações necessárias:

– Ela sofreu apenas uma fratura de clavícula e algumas escoriações. Deve recuperar-se logo se for bem alimentada e se lhe permitirem descansar.

– Ela terá o melhor dos tratamentos durante sua detenção aqui – garantiu o Senhor da Terra. Ele olhou para Maris, apesar de dirigir as palavras a Evan. – Mandei Jem espalhar a notícia da prisão dela. Uma tarefa ingrata: os voadores não têm líderes, nenhuma organização racional, o que facilitaria muito as coisas. Em vez disso, a notícia tem que ser passada ao maior número possível de voadores. E isso leva tempo. Mas será feito. Jem voa para mim há muitos anos, e a mãe dele voou para o meu pai. Com ele pelo menos eu posso contar.

– Então o senhor pretende entregar Tya aos voadores para um julgamento? – concluiu Maris.

A boca do Senhor da Terra contorceu-se num espasmo. Ele olhou para Evan, e compôs uma elaborada charada ao ignorar Maris.

– Ocorreu-me que os voadores poderiam querer mandar alguém para expressar seu ponto de vista. Para condenar as ações de Tya formalmente, para pedir clemência, para apresentar quaisquer fatores atenuantes. Mas o crime foi cometido

contra mim, contra Thayos, e apenas o Senhor da Terra de Thayos pode realizar um julgamento e definir uma punição num caso assim. Concorda?

– Não sei nada sobre leis, nem sobre o que os Senhores da Terra devem fazer – respondeu Evan calmamente. – O que conheço são as maneiras de curar.

Maris sentiu a pressão da mão de Evan no seu braço como uma advertência, e não disse nada. Foi difícil manter silêncio. Durante anos, ela sempre havia dito o que pensava.

O Senhor da Terra sorriu para Evan. Era uma expressão desagradável, triunfal e maligna.

– Talvez vocês queiram aprender um pouco sobre leis? Você e sua assistente são bem-vindos se quiserem ficar e lanchar comigo, e depois posso prometer-lhes um entretenimento mais edificante. Um traidor, Reni, o curador, será enforcado ao pôr do sol.

– Por qual crime?

– Traição, como eu disse. Este Reni tinha família em Thrane. E foi visto várias vezes na companhia da desleal voadora. Na verdade, sabia-se que coabitava com ela. Era cúmplice dela. Não querem ficar para observar o destino reservado àqueles que me traem?

Maris sentiu nojo.

– Acho que não – respondeu Evan. – Agora, se nos dá licença, precisamos tomar nosso caminho.

Evan e Maris não falaram de novo até que o guarda da terra os deixou na boca do vale e eles pegaram a estrada de casa, presumivelmente a salvo de ouvidos inamistosos.

– Coitado do Reni – lamentou Evan, então.

– Coitada da Tya. Ele pretende enforcá-la também – concluiu Maris. – Ah, o que ela fez foi errado, sem dúvida, mas que destino! Não sei o que os voadores vão fazer, mas eles não podem tolerar isso. Um voador não pode ser julgado e executado por um Senhor da Terra!

– Talvez não aconteça – disse Evan. – O coitado do Reni vai morrer, não há dúvida, mas talvez isso já seja suficiente para apaziguar o Senhor da Terra. Ele é um homem de sangue quente, mas não é totalmente louco. Com certeza, ele entende que acabará tendo que entregar Tya aos voadores; e que a punição a ela deve vir deles.

– De todo o modo, seja lá o que acontecer com Tya, não é problema meu. – Maris suspirou. – É um hábito difícil de largar, após mais de quarenta anos pensando em mim mesma como voadora. Mas agora sou uma confinada à terra, como outra qualquer, e o que acontecer com Tya não deve significar nada para mim.

Evan colocou seu braço em volta dela e trouxe-a mais para perto enquanto

caminhavam.

– Maris, ninguém está esperando que você esqueça a sua vida como voadora, ou que pare de sentir esses vínculos.

– Eu sei. Ninguém exceto eu – disse Maris. – Mas isso não é bom, Evan. Preciso esquecer. Não sei para onde mais posso me voltar. Quando era moça, achava a história do Asas de Madeira muito romântica. Para mim, os sonhos eram a coisa mais importante de todas, e eu achava que se você queria alguma coisa muito intensamente e com suficiente certeza, acabaria conseguindo, mesmo que isso significasse morrer para alcançá-la. Nunca me passou pela cabeça imaginar o que poderia ter acontecido com o Asas de Madeira se ele tivesse sido resgatado do oceano, se não tivesse morrido na sua lendária queda. Se tivesse sido pego flutuando naquelas ridículas asas de madeira dele, e sido devolvido aos seus amigos confinados à terra. Como teria vivido com o fracasso, com seus sonhos desfeitos? Que concessões teria feito? – Ela suspirou e descansou sua cabeça no ombro de Evan. – Tive uma longa vida como voadora... mais longa que a de muitos. Deveria estar feliz. Gostaria de estar. De certo modo, ainda sou uma criança, Evan. Nunca aprendi a lidar com as decepções. Sempre achei que havia um jeito de conseguir o que eu queria, sem desistir nem fazer concessões. É difícil, Evan.

– Crescer pode ser doloroso – comentou Evan. – E toda cura leva tempo. Dê tempo ao tempo, Maris.

Coll e Bari tinham ido embora. Eles ainda haviam decidido fazer um último passeio por Thayos antes de pegar o barco para as Ilhas do Leste. Coll garantiu a Maris e Evan que eles voltariam logo, mas Maris suspeitava que eles iam acabar emendando viagens e que talvez se passassem anos, e não meses, antes que ela visse tanto Coll quanto a filha dele de novo.

Na verdade, foi apenas uma questão de dias.

Coll estava irado.

– Eles exigem uma autorização do Senhor da Terra para permitir que alguém saia desta desolada rocha – explicou ele como reação ao cumprimento surpreso de Maris. Estava quase gritando. – É uma época de crise mesmo, com as pessoas achando que até os cantores podem ser espiões!

Bari espiava tímida atrás do corpanzil do pai, e, de repente, correu para abraçar primeiro Maris e depois Evan.

– Fiquei feliz que a gente voltou – murmurou a menina.

– Quer dizer então que a guerra contra Thrane foi declarada? – perguntou Evan. Apesar do rápido brilho de um sorriso dirigido a Bari, seu rosto estava sério.

Coll se atirou na grande poltrona perto da lareira.

– Não sei se já podemos dizer que estamos em guerra ou não – começou –, mas a história que corre nas ruas é que o Senhor da Terra acaba de mandar três navios de guerra lotados de guardas da terra para tomar o controle daquela mina de ferro. – Ele dedilhava o violão enquanto falava, com seus dedos inquietos fazendo soar acordes suaves. – E enquanto se aguarda o desfecho dessa pequena aventura, ninguém poderá entrar ou sair de Thayos sem a autorização expressa e pessoal do Senhor da Terra. Os comerciantes estão furiosos, mas com medo de protestar. – Coll fez cara de bravo. – Espere só até eu estar razoavelmente longe daqui! Vou compor uma letra que vai criar bolhas nos ouvidos do Senhor da Terra quando ele ouvir a música. E ele vai ouvir, ah, ele vai ouvir...

Maris riu.

– Agora você está parecendo o Barrion. Ele sempre dizia que vocês cantores eram os únicos que realmente mandavam.

Aquele comentário finalmente fez brotar um sorriso no rosto de Coll, mas Evan continuava sério.

– Nenhuma música vai curar os feridos, ou trazer os mortos de volta à vida – disse ele. – Se a guerra está próxima, temos que sair da floresta e ir para Porto Thayos. É para lá que serão levados os feridos, quer dizer, aqueles que sobreviverem à travessia. Vão precisar de mim ali.

– As ruas já estão enlouquecidas – relatou Coll. – Ouvem-se boatos e histórias fantásticas de todo tipo. A cidade está com um aspecto horrível. O Senhor da Terra enforcou o seu curador, e as pessoas estão com medo de ir até a fortaleza. Vai haver problemas logo, e não só com Thrane. – Seus olhos encontraram os de Maris. – Há algo acontecendo também com os voadores. Devo ter contado uma dúzia de pares de asas indo e vindo pelo estreito. Suponho que levam mensagens de guerra, mas bebi com uma mulher do curtume ali no Cabeça da Cila que me contou mais coisas. Ela disse que uma de suas irmãs é guarda da terra, e que a tal irmã estava se gabando de ter prendido uma voadora há pouco tempo. O Senhor da Terra decidira que ele mesmo ia julgar a voadora por traição! Você acredita numa coisa dessas?

– Acredito. É verdade.

– Jura? – Coll pareceu surpreso e até perdeu o rumo da conversa. – Escute, posso tomar um chá?

– Vou buscar – ofereceu-se Evan.

– Continue – pediu Maris. – Que outros boatos você ouviu?

– Talvez você saiba mais do que eu. E sobre essa prisão? Não dá para acreditar. O que você sabe disso?

Maris hesitou.

– Fomos advertidos para não falar a respeito.

Coll fez um barulho zoado no violão, dedilhando as cordas com impaciência.

– O que é isso, sou seu irmão! Cantor ou não, sei manter segredo. Pode falar!

Então, Maris lhe falou da convocação de ambos até a fortaleza, e do que haviam descoberto lá.

– Isso explica muita coisa – comentou ele, depois que Maris terminou. – E ouvi bastante sobre isso, conversas de pessoas, inclusive de guardas da terra, e os segredos do Senhor da Terra não são tão bem guardados quanto ele imagina. Mas nunca nem sonharia que fosse verdade. Não admira que haja tantos voadores por ali. Quero ver se o Senhor da Terra vai tentar impedir os voadores de entrar ou sair! – Ele deu um sorriso maroto.

– E os outros boatos? – intimou Maris.

– Certo. Bem, você sabia que Val Uma-Asa esteve em Thayos?

– Val? Aqui?

– Já foi embora agora. Eles me contaram que fazia só alguns dias que havia chegado, parecia muito cansado, como quem fez um longo voo. E não estava sozinho. Havia cinco ou seis com ele. Todos voadores.

– Você ouviu os nomes dos outros?

– Só o de Val. Ele é muito conhecido. Mas me descreveram alguns dos outros. Uma mulher atarracada do Sul, de cabelo branco. Um homem grandão de barba preta e com uma gargantilha de dente de cila. Vários do Oeste, inclusive dois que eram suficientemente parecidos para serem irmãos.

– Damen e Athen – completou Maris. – Dos outros não tenho certeza.

Evan voltou com xícaras de chá fumegante e um prato com fatias grossas de pão.

– Mas eu tenho. De um deles, pelo menos. O homem com a gargantilha é Katinn de Lomarron. Ele vem com frequência a Thayos.

– É claro – concordou Maris. – Katinn. Um dos líderes dos uma-asa do Leste.

– Havia mais alguém? – perguntou Evan.

Coll deixou o violão de lado e assoprou seu chá para esfriá-lo.

– Disseram que Val veio representando os voadores, para tentar falar com o Senhor da Terra e convencê-lo a soltar essa mulher que ele prendeu, essa Tya.

– Um blefe – retrucou Maris. – Val não representa os voadores. Todos esses que você citou são uma-asa. As famílias antigas, os tradicionalistas, ainda odeiam Val. Nunca deixariam que falasse por eles.

– Sim, ouvi isso também – confirmou Coll. – De todo modo, disseram que Val ofereceu-se para convocar um tribunal de voadores para julgar Tya. Ele estava bastante inclinado a deixar que o Senhor da Terra mantivesse Tya presa até que...

Maris assentiu impaciente.

– Certo, certo, mas me diga, o que mais foi que o Senhor da Terra falou?

Coll deu de ombros.

– Alguns dizem que ele estava muito calmo, outros que ele e Val Uma-Asa discutiram aos berros. Seja como for, o Senhor da Terra insistiu para que a voadora fosse julgada no seu próprio tribunal, e disse que ele mesmo cuidaria de julgá-la e sentenciá-la. O que corre nas ruas é que o veredito já foi dado.

– Quer dizer que o coitado do Reni não foi suficiente para ele – murmurou Evan. – O Senhor da Terra precisa de outra morte como um desagravo ao seu orgulho.

– O que Val disse sobre isso? – perguntou Maris.

Coll bebericou seu chá.

– O que eu soube é que Val foi embora depois do seu encontro com o Senhor da Terra. Alguns dizem que os uma-asa vão tomar a fortaleza de assalto e resgatar Tya. Fala-se também de um Conselho dos voadores, convocado por Val. Para pedir uma sanção contra Thayos, e começar a evitar a ilha.

– Não admira que as pessoas estejam assustadas – concluiu Evan.

– Os voadores também devem estar assustados – observou Coll. – Entre os habitantes daqui começa a haver um sentimento de antipatia pelos voadores. Numa taberna lá nos rochedos do lado norte, entreouvi uma conversa sobre os voadores, com as pessoas dizendo que eles sempre governaram secretamente o Santuário dos Ventos, e que decidiam o destino das ilhas e dos indivíduos por meio das mensagens que traziam e das mentiras que contavam.

– Isso é absurdo! – Maris estava chocada. – Como é que alguém pode acreditar nisso?

– O fato é que eles acreditam – replicou Coll. – Sou filho de voador. Mas nunca fui voador, apesar de ter sido criado para ser. Entendo as tradições dos voadores, os vínculos que os unem, o sentimento que eles têm de ser uma sociedade à parte, separada dos outros. Mas também conheço as pessoas que os voadores chamam de "confinados à terra", que para eles são todos iguais, reunidos numa grande família igual aos voadores.

Ele largou sua xícara e pegou de novo o violão, como se o fato de segurá-lo lhe desse alguma eloquência especial.

– Você sabe o quanto os voadores às vezes desprezam os confinados à terra, Maris – disse ele. – Mas não acho que você consiga imaginar o quanto os confinados à terra são ressentidos em relação aos voadores.

– Tenho amigos confinados à terra – retrucou Maris. – E todos os uma-asa começaram como confinados à terra.

Coll suspirou.

– Sim, também é verdade que existem aqueles que *adoram* os voadores. Os

homens dos alojamentos que dedicam suas vidas a cuidar deles, crianças que querem pôr a mão nas asas de um voador, desocupados que querem ter a emoção especial e o status especial de conseguir levar um voador ou voadora para a cama. E outros mais. Mas os confinados à terra que têm bronca de voadores raramente procuram amizade com eles, Maris.

– Sei que há problemas. Nunca vou esquecer a hostilidade que enfrentamos quando Val conseguiu suas asas, as ameaças, espancamentos, a frieza. Mas as coisas com certeza estão mudando, agora que a sociedade dos voadores não está mais limitada ao nascimento.

Coll balançou a cabeça.

– Ficou pior. Nos velhos tempos, quando era uma questão de nascença, um monte de gente achava os voadores especiais. Em muitas das ilhas do Sul, os voadores são sacerdotes, uma casta especial abençoada pelo seu Deus do Céu. Em Artellia, eles são príncipes. Assim como os Senhores da Terra do Leste herdaram seus cargos de seus pais, os voadores também herdavam suas asas. Mas, hoje, ninguém pode mais cometer o erro de achar que os voadores são divinamente escolhidos. Agora surgiram novas questões. Como é que esse filho de fazendeiro que cresceu junto comigo de repente fica tão importante e poderoso? O que é que torna esse vizinho diferente, e lhe dá a liberdade, o poder e a riqueza de um voador? Esses uma-asa não são tão altivos e arredios como os voadores tradicionais; eles, às vezes, ficam dizendo aos seus antigos companheiros o que eles devem fazer, ou se intrometem nos assuntos locais. Não se retiram totalmente da política das ilhas, ainda têm seus interesses. E isso desperta maus sentimentos.

– Há vinte anos nenhum Senhor da Terra teria se atrevido a prender um voador – observou Evan, pensativo. – Mas também, vinte anos atrás, será que algum voador teria ousado deturpar uma mensagem?

– É claro que não – afirmou Maris.

– No entanto, fico imaginando quantos vão acreditar nisso? – acrescentou Coll. – Agora que aconteceu, fica claro que poderia ter acontecido antes. Esses fazendeiros que ouvi conversando estão convencidos de que os voadores têm estado manipulando mensagens o tempo inteiro. Pelo que ouvi, o Senhor da Terra de Thayos está virando quase um herói por ter sido aquele que revelou a verdade.

– Um *herói*? – Evan ficou inconformado.

– Tudo pode mudar de repente por causa de uma mentira bem-intencionada – teimava Maris.

– Não – retrucou Coll. – Tudo tem mudado o tempo todo. E é por sua culpa.

– Minha culpa? Não tenho nada a ver com isso.

– Não? – Coll sorriu, malicioso. – Pense bem. Barrion costumava me contar uma

história, minha irmã. A respeito dele e você terem ficado horas flutuando juntos num barco, de tocaia, esperando o melhor momento para pegar de volta as suas asas de Corm, para que você pudesse convocar seu Conselho. Lembra-se disso?

– É claro que lembro!

– Muito bem, ele disse que você ficou lá flutuando no barco um tempão, esperando que Corm saísse da casa dele, e toda aquela espera deu a Barrion a oportunidade de refletir sobre o que ele e você estavam fazendo lá. A certa altura, contou Barrion, ele estava sentado limpando as unhas com sua adaga, e passou pela cabeça dele que talvez a melhor coisa que poderia fazer seria usar a adaga em você. Na cabeça dele, isso pouparia o Santuário dos Ventos de um monte de caos. Porque se você ganhasse, haveria mais mudanças do que você imaginava, e várias gerações iam sofrer. Barrion tinha a maior admiração por você, Maris, mas ele também achava você ingênua. *Você não pode mudar uma nota no meio de uma música*, ele me dizia. Depois que você faz a primeira mudança, outras vão ser necessárias. E, no final, você vai acabar refazendo a música inteira. Está tudo relacionado, percebe?

– Então, por que ele me ajudou?

– Barrion sempre gostou de criar caso – respondeu Coll. – Acho que ele queria refazer a música inteira, compor uma música melhor a partir dela. – Coll então deu um sorriso maroto. – Além disso, ele nunca foi muito com a cara de Corm.

Depois de uma semana sem notícias, Coll decidiu voltar a Porto Thayos para saber das novidades. As docas e tabernas onde ele exercia sua atividade eram sempre uma rica fonte de notícias.

– Talvez eu até faça uma visita à fortaleza do Senhor da Terra – disse ele todo exibido. – Andei trabalhando numa canção sobre o Senhor da Terra daqui, e adoraria ver a cara dele quando ouvisse!

– Não ouse fazer isso, Coll – avisou Maris.

Ele riu.

– Não fiquei doido ainda, minha irmã. Mas se o Senhor da Terra gosta de uma boa cantoria, talvez valha a pena fazer-lhe uma visita. Posso descobrir algo. Só peço que cuide bem de Bari para mim.

Dois dias mais tarde um vendedor de vinhos trouxe um paciente para Evan: um cachorro preto enorme, felpudo, um dos dois monstruosos sabujos que puxavam seu carrinho de vila em vila. Um torturador-encapuzado espancara o animal, e agora ele jazia entre odres de vinho, com placas de sangue e sujeira.

Evan não pôde fazer nada para salvar o animal, mas, em troca dos seus esforços, o

vendedor ofereceu-lhe um odre de vinho tinto.

– Eles julgaram a voadora traidora – contou o vendedor de vinho enquanto os dois bebiam junto à lareira. – Ela será enforcada.

– Quando? – perguntou Maris.

– Quem poderá saber? Há voadores por toda parte, e o Senhor da Terra tem medo deles, eu acho. Ele agora está trancado na sua fortaleza. Acho que está esperando para ver o que aqueles voadores todos vão fazer. Se fosse eu, matava a voadora e não pensava mais no assunto. Mas não nasci Senhor da Terra.

Maris ficou de pé na porta quando o vendedor foi embora, observando o homem e o cão sobrevivente às voltas com os arreios do carrinho. Evan apareceu atrás dela e abraçou-a.

– Como você está?

– Confusa – respondeu Maris, sem se virar. – E com medo. O seu Senhor da Terra desafiou os voadores frontalmente. Você percebe o quanto isso é grave, Evan? Eles precisam fazer algo, não podem deixar isso passar sem retaliação. – Ela tocou a mão dele. – Imagino o que devem estar dizendo hoje em Eyrie. Sei que não posso me deixar atrair por questões de voadores, mas é tão difícil...

– Eles são seus amigos. Sua preocupação é muito natural.

– Minha preocupação vai me trazer mais dor – retrucou Maris. – Ainda assim... – Ela balançou a cabeça e virou o rosto para ele, ainda dentro do seu abraço. – Isso me faz ter uma noção do quanto meus problemas são pequenos. Eu não queria estar no lugar de Tya hoje à noite, embora ela ainda seja uma voadora e eu não seja mais.

– Que bom. – Evan beijou-a suavemente. – Porque é você que quero aqui do meu lado, e não Tya.

Maris sorriu para ele, e foram juntos para dentro.

Chegaram no meio da noite, quatro pessoas estranhas, com roupas de pescador, botas pesadas e suéteres e capas escuras com acabamento em pele de gato-do-mar, e trouxeram junto o cheiro forte de sal do mar. Três carregavam longas facas de osso, e seus olhos eram da cor do gelo num lago de inverno. Um dos quatro falou.

– Você não se lembra de mim, mas já nos vimos antes, Maris. Sou Arrilan, de Anel Partido.

Maris observou-o bem, e relembrou um belo jovem com o qual havia deparado uma ou duas vezes. Debaixo de uma barba loira de três dias sem fazer, o rosto era irreconhecível, mas seus penetrantes olhos azuis pareceram familiares.

– Acredito que seja – disse ela. – Você está bem longe de casa, voador. Onde estão suas asas? E seus modos?

Arrilan deu um sorriso sem graça.

– Meus modos? Perdoe minha rudeza, mas vim na pressa, e correndo um risco considerável. Fizemos a travessia de Thrynel até aqui para vê-la, e o mar estava agitado e perigoso para um barco pequeno como o nosso. Quando este senhor idoso tentou nos mandar embora, perdi a paciência.

– Se chamar Evan de senhor idoso outra vez, eu é que vou perder a paciência – retrucou ela, friamente. – Por que vocês estão aqui? Por que não vieram voando?

– Minhas asas estão seguras em Thrynel. Ficou decidido que era melhor mandar alguém falar com você em segredo, alguém cujo rosto não fosse conhecido em Thayos. Como sou das Embers, e relativamente novo entre os voadores, fui escolhido. Meus pais eram pescadores, e fui criado nesta vida. – Ele tirou o gorro e sacudiu seu belo cabelo loiro. – Podemos sentar? Temos negócios importantes a tratar.

– Evan? – perguntou Maris.

– Sentem-se. Vou fazer um chá.

– Que bom. – Arrilan sorriu. – Isso será muito bem-vindo. Os mares estão gelados. Desculpe se a conversa não foi amável. Estamos vivendo tempos difíceis.

– Sim – concordou Evan. Ele foi lá fora pegar água para a chaleira.

– Por que vocês vieram até aqui? – perguntou Maris quando Arrilan e seus três silenciosos companheiros se acomodaram. – Do que se trata, afinal?

– Fui mandado para tirar você daqui. Seria muito difícil você pegar um barco em Porto Thayos, como você já deve saber. Não iam deixar você sair. Temos um pequeno pesqueiro escondido não muito longe daqui. Será seguro. Se o guarda da terra nos pegar, somos simples pescadores de Thrynel trazidos para nordeste por uma tempestade.

– Minha fuga parece bem planejada – comentou Maris. – Uma pena que ninguém tenha pensado em me consultar a respeito. – Ela olhou firme para o voador disfarçado, franzindo o cenho. – De quem foi essa ideia? Quem mandou vocês aqui?

– Val Uma-Asa.

Maris sorriu.

– É claro. Quem mais poderia ser? Mas por que Val quer me tirar de Thayos?

– Para sua própria segurança – respondeu Arrilan. – Como ex-voadora morando aqui, desprotegida, sua vida pode estar correndo perigo.

– Não sou uma ameaça ao Senhor da Terra – observou Maris. – Ele não teria nenhum motivo para...

O jovem voador balançou sua cabeça com veemência.

– Não é o Senhor da Terra. O povo. Você não sabe o que está acontecendo?

– Parece que não – concluiu Maris. – Talvez você possa me informar.

– A notícia da prisão de Tya espalhou-se por todo o Santuário dos Ventos, chegou até Artellia e as Embers. Muitos confinados à terra começaram a falar de suas suspeitas sobre os voadores. Os Senhores da Terra também. – Ele corou. – A Senhora da Terra de Anel Partido me intimou assim que ouviu esses boatos, e disse que queria saber se alguma vez eu havia mentido ou distorcido alguma mensagem. Fui forçado a jurar minha lealdade a ela. Enquanto ela me questionava, ficou óbvio que duvidava da minha palavra. E ela me ameaçou! Ameaçou me prender, como se pudesse, como se tivesse esse direito.

Ele parou, e parecia estar fisicamente engolindo sua raiva.

– Sou um voador uma-asa, é claro – ele retomou a palavra. – Todos nós somos suspeitos agora, mas a situação é pior para quem é uma-asa. S'wena de Deeth foi agredida por capangas e espancada depois de falar em defesa de Tya numa discussão numa taberna. Outros voadores foram ofendidos, evitados, até esbofeteados em cidades do Leste. Jem, que é tão tradicional quanto alguém pode ser, foi atingido com uma pedrada ontem em Thrane. E a casa de Katinn em Lomarron foi incendiada enquanto ele estava fora.

– Não sabia que a coisa estava desse jeito – admitiu Maris.

– Pois está – confirmou Arrilan. – E piorando. Mas a febre atinge o auge aqui em Thayos. Val acha que a multidão virá atrás de você logo, então, fomos enviados para levá-la a um lugar seguro.

Evan voltara e estava servindo o chá.

– Talvez você devesse ir – disse ele a Maris, com preocupação na voz. – Odeio a ideia de você estar correndo perigo. Com o tempo, isso vai passar e você poderá voltar, ou então eu poderei ir até onde você estiver.

Maris balançou a cabeça.

– Não acho que eu esteja correndo perigo. Talvez, se eu ficasse desfilando para cima e para baixo pelas ruas de Porto Thayos, gritando aos quatro ventos minha preocupação com Tya... mas aqui nos bosques sou uma ex-voadora velha e inofensiva, que não fez nada para despertar a raiva de ninguém.

– As multidões são irracionais – argumentou Arrilan. – Você não está entendendo. Tem que vir conosco, para a sua segurança.

– É muita bondade de Val ficar tão preocupado com a minha segurança – observou Maris, encarando Arrilan. – Mas é muito incomum. Numa época como essa, Val deve ter um monte de coisas na cabeça. Realmente não consigo imaginá-lo gastando tempo e esforço para conceber um esquema elaborado para resgatar a pobre velha Maris, que não precisa tanto assim de resgate. Se Val realmente mandou vocês para me resgatar, deve ser porque ele imagina que de algum modo eu posso

ser-lhe útil.

Arrilan estava absolutamente perplexo.

– Ele... você está enganada. Ele está muito preocupado com a sua segurança. Ele...

– E com o que mais ele está preocupado? É melhor você me contar o que realmente quer comigo.

Arrilan sorriu com pesar.

– Val disse que só você conseguiria ter clareza da história toda – começou Arrilan. Parecia sentir admiração por Maris. – Eu teria lhe contado de todo modo, assim que tivéssemos conseguido colocar você fora daqui, em segurança. Val convocou um Conselho de voadores.

Maris assentiu.

– Onde?

– Em Arren do Sul. É perto, mas fica afastada dessas hostilidades todas, e Val tem amigos ali. Vai levar um mês ou mais para reunir todos os voadores, mas temos tempo. O Senhor da Terra está com medo, e ele vai ser muito cauteloso em suas ações até conhecer o resultado do Conselho.

– Qual é a intenção de Val?

– E qual poderia ser? Ele vai pedir uma sanção contra Thayos, que tenha efeito até que Tya seja libertada. Nenhum voador vai pousar aqui, ou em qualquer outra ilha que tenha negócios com Thayos. Esta ilha ficará isolada do mundo. O Senhor da Terra terá que ceder ou será destruído.

– Isso se a ideia de Val prevalecer. Os uma-asa ainda são minoria, e Tya não é uma vítima inocente – assinalou Maris.

– Tya é uma voadora – lembrou Arrilan, agradecendo a caneca de chá que Evan lhe passou. – Val está contando com a lealdade dos voadores. Uma-Asa ou não, ela é uma voadora, e não podemos abandoná-la.

– Eu imagino – disse Maris.

– Bem, haverá muita discussão, é claro. Suspeitamos que Corm e alguns outros possam tentar usar esse incidente para desacreditar os uma-asa em geral e fechar as academias. – Ele sorriu por cima da borda da caneca. – Você não ajudou muito, sabia? Val disse que você escolheu a pior hora possível para cair.

– Não tive escolha. Mas vocês ainda não me disseram por que vieram me buscar.

– Val quer que você presida o Conselho.

– *O quê?!*

– É tradicional que um voador aposentado presida o Conselho, como você sabe. Val acha que você seria a melhor escolha. Todos a conhecem, todos a respeitam, tanto os voadores de nascença quanto os uma-asa, e não teremos problemas em fazer

com que você seja aceita. Qualquer outro uma-asa será rejeitado. E precisamos de alguém com quem possamos contar, e não alguma relíquia enferrujada que queira que tudo fique como está. Val acha que isso pode fazer uma grande diferença.

– E pode mesmo – concordou Maris, lembrando o papel crucial desempenhado por Jamis, o Velho, no Conselho convocado por Corm. – Mas Val vai precisar encontrar outra pessoa. Não quero mais saber de voar, nem de Conselhos de voadores. Quero que me deixem em paz.

– Não haverá paz enquanto não vencermos.

– Não sou uma pedra no tabuleiro de Val, e quanto mais cedo ele aprender isso, melhor! Val sabe o quanto ia me custar fazer o que me pede. Como ele ousa pedir? Ele mandou vocês para me enganar, para mentir para mim com essa história de segurança, porque sabia que eu iria recusar. Veja bem, não aguento ver um voador sequer; e vocês acham que quero estar junto de mil deles, vendo-os brincar no céu e ouvindo-os contar histórias e depois ficar sozinha, uma velha inválida, e vê-los ir embora voando e me deixando? Você acha que eu ia gostar disso? – Maris percebeu que estava gritando com ele. Sua dor era um nó no seu estômago.

A voz de Arrilan era de quem está sentido.

– Eu mal conheço você, então como acha que eu ia saber de que jeito você se sente? Desculpe. Tenho certeza de que Val também ficaria chateado. Mas não há outro jeito. Isso é mais importante do que os seus sentimentos. Tudo depende desse Conselho, e Val quer você lá.

– Diga a Val que eu sinto muito – disse Maris baixinho. – Diga-lhe que eu lhe desejo boa sorte, mas que não irei. Estou velha e cansada e quero que me deixem em paz.

Arrilan ficou de pé. Seu olhar era bem frio.

– Eu disse a Val que não ia falhar. São quatro de nós contra você. – Ele fez um pequeno gesto, e a mulher à direita dele desembainhou a faca. Deu um sorriso forçado, e Maris viu que os dentes dela eram de madeira. O homem atrás dela se levantou, e também segurava uma faca na mão.

– Saiam – disse Evan. Ele estava de pé perto da porta do seu quarto de trabalho, e segurava nas mãos o arco que usava para caçar, com uma flecha afiada e armada.

– Você só vai levar um de nós com isso – disse a mulher dos dentes de madeira. – Se tiver sorte. E não vai ter tempo de armar uma segunda flecha, seu velho.

– É verdade – disse Evan. – Mas a ponta desta flecha foi untada com veneno de carrapato azul, por isso um de vocês vai morrer.

– Larguem suas facas – ordenou Arrilan. – Por favor, larguem essas facas. Ninguém precisa morrer. – Ele olhou para Maris.

– Vocês achavam realmente que poderiam me *obrigar* a presidir o Conselho? –

Ela emitiu um som de asco. – Podem dizer a Val que se a estratégia dele é tão boa quanto a de vocês, os uma-asa estão perdidos.

Arrilan olhou para os seus companheiros.

– Deixem-nos a sós – disse ele. – Esperem lá fora. – Com relutância, os três foram andando até a porta. – Sem mais ameaças – ordenou Arrilan. – Desculpe, Maris. Acho que você compreende o quanto eu estou desesperado. Nós *precisamos* de você.

– Vocês precisam da voadora que eu fui, talvez, mas ela morreu numa queda. Deixem-me em paz. Sou apenas uma mulher velha, uma aprendiz de curadora, e isso é tudo o que aspiro a ser. Não me magoe mais tentando me arrastar para o mundo.

O desdém era evidente no rosto de Arrilan.

– E pensar que eles ainda cantam os feitos de uma covarde como você.

Depois que ele foi embora, Maris virou-se para Evan. Ela tremia, e sentia a cabeça girar. O curador baixou o grande arco que estava segurando e o pôs de lado. Ele franziu o cenho.

– Morta? – perguntou ele, irritado. – Todo esse tempo você esteve morta? Pensei que estivesse aprendendo a viver de novo, mas esse tempo todo você tem visto minha cama como seu túmulo.

– Ah, Evan, não é isso. – Ela estava consternada, precisando de alguém para confortá-la, e não repreendê-la.

– Foram essas as suas palavras – lembrou ele. – Você ainda acredita que sua vida terminou com aquela queda? – O rosto dele contorceu-se de dor e raiva. – Não posso amar um cadáver.

– Ah, Evan. – Ela se sentou, de repente sentindo que suas pernas não conseguiam mais mantê-la de pé. – Não é nada disso, eu só queria dizer que estou morta para os voadores, ou que eles morreram para mim. Essa parte da minha vida acabou.

– Não acho que seja fácil assim – retrucou Evan. – Se você tenta matar uma parte de você, está correndo o risco de matar tudo. É como o seu irmão falou, ou melhor, como Barrion disse: é como mudar apenas uma nota de uma música.

– Dou muito valor à nossa vida juntos, Evan. Por favor, acredite. Acontece que esse Arrilan, esse maldito Conselho de Val, eles trouxeram tudo de volta à minha mente. Tive que lembrar de novo das coisas todas que perdi. Isso fez a dor toda voltar.

– Fez você sentir pena de si mesma – observou Evan.

Maris sentiu um lampejo de contrariedade. Ele não era capaz de entender? Será que um confinado à terra teria algum dia condições de entender o que ela havia perdido?

– Sim – confirmou ela, num tom de voz frio. – Me fez sentir pena de mim mesma. Não tenho esse direito?

– A hora de sentir pena de si mesma já passou faz tempo. Você precisa encarar o que você é, Maris.

– E vou encarar. Já estou fazendo isso. Estava aprendendo a esquecer. Mas ser enfiada de volta dentro dessa história, essa discussão entre voadores, isso ia pôr tudo a perder, ia me deixar louca. Você não consegue ver isso?

– Vejo uma mulher negando tudo o que ela tem sido – disse Evan. E poderia ter dito mais, mas um barulho fez os dois olharem em volta, e então viram Bari de pé junto à porta, olhando um pouco assustada.

A expressão de Evan ficou mais amável, e ele foi até ela e ergueu-a num grande abraço de urso.

– Temos visitas – disse ele, e a beijou.

– Bem, já que estamos todos de pé, acho que vou preparar o café da manhã – disse Maris.

Bari sorriu e assentiu, animada. A expressão de Evan era indecifrável. Maris virou-se e foi cuidar do café, determinada a esquecer.

Nas semanas que se seguiram, poucas vezes falaram de Tya ou do Conselho dos voadores, mas as notícias chegavam até eles regularmente, mesmo que não as procurassem. Algum arauto na praça da vila de Thossi; fofocas dos balconistas de lojas; viajantes que vinham até Evan para curas ou conselhos: todos falavam da guerra e dos voadores e do beligerante Senhor da Terra.

Maris ficou sabendo que os voadores do Santuário dos Ventos estavam se reunindo em Arren do Sul. Os confinados à terra daquela pequena ilha nunca esqueceriam esses dias, assim como as pessoas das Amberlys Maior e Menor jamais esqueceram o último Conselho. Àquela altura, as ruas de Porto Sul e Arrenton, cidades pequenas e tristes das quais ela lembrava bem, já teriam ganhado um ar festivo. Vendedores de vinho, padeiros, fabricantes de salsichas e mercadores iam todos convergir da meia dúzia de ilhas vizinhas, cruzando mares traiçoeiros em barcos instáveis na esperança de arrancar uns poucos ferros dos voadores. As hospedarias e tabernas ficariam cheias, e haveria voadores por toda parte, multidões deles, inchando as pequenas cidades até quase arrebentá-las. Maris podia vê-los na sua mente: voadores de Grande Shotan em seus uniformes vermelho-escuros, os calmos e pálidos artellianos com coroas prateadas na cabeça, sacerdotes do Deus do Céu vindos das ilhas do Sul, voadores das Ilhas Exteriores e das Embers que ninguém via fazia anos. Velhos amigos iam se abraçar e passar a noite conversando; antigos amantes iam trocar sorrisos indecisos e encontrar novos jeitos de passar a noite. Cantores e contadores de histórias iam reviver os velhos contos e compor novos para a ocasião. O clima ficaria cheio de mexericos e de alardes e de música, e

dos aromas de especiarias do kivas e da carne assada.

Todos os meus amigos estarão lá, Maris pensou. Nos seus sonhos ela os viu: voadores jovens e velhos, voadores de nascença e voadores uma-asa, os orgulhosos e os tímidos, os encrenqueiros e os dóceis: todos iriam se reunir, e o resplendor de suas asas e o som de suas risadas iam encher Arren do Sul.

E eles iriam *voar*.

Maris tentou não pensar nisso, mas o pensamento veio espontaneamente, e nos seus sonhos ela voava com eles. Podia sentir o vento enquanto dormia, tocando-a com dedos sábios, gentis, levando-a ao êxtase. À sua volta, podia vê-los com suas asas, centenas deles, brilhando contra o céu de azul profundo, girando e inclinando-se em círculos lânguidos e graciosos. Suas próprias asas captavam a luz do sol e brilhavam por um instante, fulgurantes: um grito silencioso de alegria. Ela viu as asas ao pôr do sol vermelho-sangue contra um céu laranja e violeta, aos poucos filtrando-se num índigo, depois virando branco prateado de novo, quando a última luz sumia e havia apenas estrelas para acompanhar o voo.

Lembrou-se do gosto da chuva e do palpitar do trovão distante, e do aspecto do mar ao amanhecer, pouco antes de o sol nascer. Lembrou a sensação de correr e se projetar de um rochedo de voadores, confiando no vento sob as asas e em sua própria habilidade para se manter no ar.

Às vezes, tremia e gritava à noite, e Evan a abraçava e sussurrava promessas tranquilizadoras, mas Maris não lhe contava seus sonhos. Ele nunca havia sido voador, ou assistido a um Conselho de voadores, e, portanto, não iria entender.

O tempo passava. Os doentes vinham até Evan, ou ele ia visitá-los, e eles morriam ou melhoravam. Maris e Bari trabalhavam com Evan, fazendo o que era possível. Mas Maris via que sua mente não estava sempre no trabalho que exercia. Uma vez, Evan mandou-a até a floresta para colher doce-canção, uma erva que ele usava para fazer tesis, mas Maris flagrou-se pensando no Conselho enquanto vagava pelos bosques frios e úmidos. *Já deve ter começado*, pensou, e dentro da sua cabeça ouvia as intervenções que deviam estar acontecendo. Val e Corm e o restante, e ponderou seus argumentos e contrapôs outros aos deles, e ficou imaginando para onde tudo aquilo iria, e quem será que haviam escolhido para presidir o Conselho. Quando finalmente voltou, trazia debaixo do braço uma cesta cheia de erva-da-mentira, bem parecida com a doce-canção, mas que não tem propriedades curativas. Evan pegou a cesta e deu um suspiro bem alto, balançando a cabeça.

– Maris, Maris – resmungou ele –, o que é que eu faço com você? – Ele se voltou para Bari. – Menina, vá lá correndo e me traga um pouco de doce-canção antes que escureça. Sua tia não está se sentindo bem.

Maris só podia concordar com ele.

Então, um dia Coll voltou, caminhando pesadamente pela estrada com seu violão

nas costas, umas seis semanas depois de ter partido. Não vinha sozinho. S'Rella andava ao lado dele, ainda usando suas asas e tropeçando como quem ainda não acordou direito. Os rostos deles estavam tristes e exauridos.

Quando Bari viu os dois chegando, soltou um grito e correu para abraçar o pai. Maris virou-se para S'Rella.

– S'Rella, tudo bem com você? Como foi o Conselho?

S'Rella desatou a chorar.

Maris aproximou-se e abraçou a velha amiga, sentindo-a tremer. Por duas vezes S'Rella tentou falar, mas só conseguiu ofegar e quase sufocar.

– Tudo bem, S'Rella – disse Maris, sem poder ajudá-la. – Calma, calma, está tudo bem, estou aqui. – Os olhos dela encontraram os de Coll.

– Bari – chamou Coll com uma voz tremida. – Vá lá chamar o Evan, traga-o aqui, por favor.

Depois de olhar preocupada para S'Rella, Bari saiu correndo atrás de Evan.

– Eu estava na fortaleza do Senhor da Terra – começou Coll quando a filha saiu. – Ele descobriu que eu sou seu irmão e decidiu me deter até que o Conselho terminasse. S'Rella voou para cá depois do Conselho. O guarda da terra deteve-a e trouxe-a para a fortaleza também. Ele tinha ainda outros voadores lá. Jem, Ligar de Thrane, Katinn de Lomarron, alguns meninos pobres do Oeste. Além dos voadores e de mim, havia quatro outros cantores, um par de contadores de histórias e, é claro, todos os arautos e corredores do Senhor da Terra. Ele quer que a notícia se espalhe, como você deve perceber. Quer que todos saibam o que ele fez. Nós fomos suas testemunhas. O guarda da terra nos fez ir até o pátio e nos obrigou a assistir.

– Não. – Maris abraçou S'Rella com mais força. – Não, Coll, ele não ousaria! Ele não poderia!

– Tya de Thayos foi enforcada ontem ao pôr do sol – informou Coll sem meias palavras –, e negar isso não mudaria as coisas. Eu vi. Ela ainda tentou dizer alguma coisa, mas o Senhor da Terra não permitiu. O laço não estava amarrado direito. O pescoço dela não se partiu na queda, e ainda levou um bom tempo até que ela fosse estrangulada mesmo e morresse.

S'Rella desvencilhou-se do seu abraço.

– Vocês tiveram sorte. – Sua voz saía com dificuldade. – Ele poderia ter vindo atrás de você. Ah, Maris. Não consegui desviar o olhar... Eu... Foi horrível. Eles nem deixaram que ela... dissesse suas últimas palavras. E o pior... – A voz dela travou de novo.

Evan e Bari vinham chegando, mas Maris mal ouviu seus passos, nem o cumprimento de Evan. Uma grande frieza baixara nela: o mesmo torpor que sentira quando Russ morreu, quando Halland se perdeu no mar.

– Como é que ele se atreveu? – Pronunciou cada palavra bem devagar. – Ninguém fez nada? Não havia ninguém lá para impedir?

– Vários guardas da terra o preveniram para não fazer aquilo, particularmente uma oficial de alto escalão. Acho que ela comanda seus guarda-costas. Ele não quis ouvir. Os guardas da terra que nos trouxeram para fora estavam visivelmente assustados. Vários deles desviaram o olhar quando o cadafalso abriu. No final, porém, obedeceram. Afinal, são guardas da terra, e ele é o seu Senhor da Terra.

– Mas e o Conselho? – quis saber Maris. – Por que o Conselho não... O que aconteceu com Val, os voadores?

– O Conselho – começou S'Rella, zangada –, o Conselho a baniu e a despojou das asas. – A raiva havia tomado o lugar de suas lágrimas. – O Conselho lhe deu permissão para fazer isso!

– E para que todos soubessem que ele estava enforcando uma voadora – completou Coll, arrasado –, o Senhor da Terra a executou com as asas postas. Dobradas, é claro, mas bem visíveis. E ainda fez piada disso. Disse a ela para usar as asas para tentar impedir aquela queda, e para que pudesse voar embora.

Mais tarde, enquanto tomavam um chá especial e comiam pão com linguiça, S'Rella recuperou a compostura e contou a Maris e Evan a história toda do desastroso Conselho, enquanto Coll foi lá fora conversar com a filha.

Era uma história simples. Val Uma-Asa, que convocara o quinto Conselho de voadores da história do Santuário dos Ventos, perdera o controle da situação. Na verdade, nunca tivera de fato o controle. Os seus uma-asa e aliados não chegavam a um quarto da assembleia, e as três pessoas que sentaram em posições de honra – os Senhores da Terra de Arren do Sul e de Arren do Norte e o voador aposentado Kolmi de Thar Kril, que presidia a sessão – não despertaram simpatias. Nem bem a reunião havia começado e vozes iradas se ergueram para denunciar Tya e seu crime, incluindo o próprio Kolmi.

– "Essa garota confinada à terra nunca compreendeu o que significa ser voador" – repetiu S'Rella a afirmação de Kolmi.

Outros fizeram coro. Um disse que ela nunca devia ter recebido as asas. Outro falou que ela cometera um crime não só contra o seu Senhor da Terra, mas contra seus colegas voadores também. Um terceiro acrescentou que ela traíra a sua sagrada confiança, e fizera com que todos os voadores agora se tornassem suspeitos.

– Katinn de Lomarron tentou defendê-la – contou S'Rella –, mas foi vaiado. Katinn ficou furioso e xingou todos eles. Assim como Tya, ele já viu muitas guerras. Alguns dos amigos de Tya tentaram defendê-la, ou pelo menos explicar por que ela havia feito o que fez, mas os demais se recusaram sequer a ouvir. Quando o próprio

Val se levantou para falar, e tentou apresentar sua proposta, achei por um breve momento que tínhamos alguma chance. Ele foi muito bem. Calmo e razoável, bem diferente do seu jeito habitual. Ele os aplacou admitindo que Tya havia cometido um grande crime, mas foi adiante e disse que os voadores tinham que defendê-la assim mesmo, que não podíamos *tolerar* que o Senhor da Terra fizesse o que bem entendesse com ela, que nossos destinos estavam ligados ao de Tya. Foi um discurso muito bom. Se tivesse sido feito por qualquer outro teria influenciado a plateia, mas veio de Val, e a arena estava cheia de inimigos dele. Porque muitos dos velhos voadores ainda o odeiam. Val sugeriu que o Conselho despojasse Tya de suas asas por cinco anos, depois disso ela teria que recuperá-las em competição. Disse ainda que deveríamos insistir no ponto de que apenas voadores poderiam julgar voadores, o que significava libertá-la de Thayos sob a ameaça de sanções. Ele tinha gente pronta a apoiar sua proposta e falar em defesa dela, mas não adiantou. Kolmi nunca nos reconheceu. Não tivemos chance de falar. O Conselho durou mais de um dia, e eu diria que, quando muito, apenas uma dezena de uma-asa conseguiu falar. Kolmi simplesmente não deixaria que fôssemos ouvidos. Depois de Val, Kolmi deixou que uma mulher de Lomarron falasse. Ela lembrou que o pai de Val havia sido enforcado como assassino, e que o próprio Val levara Ari ao suicídio ao tomar-lhe as asas. "Não admira que ele queira defender essa criminosa", disse ela. Outros como ela se seguiram, falava-se muito de crime, de voadores uma-asa que não haviam compreendido totalmente o que significava ser voador, e a proposta de Val se perdeu no meio do caos. Então, alguns voadores mais velhos apresentaram a proposta de fechar as academias. Isso não teve boa acolhida. Corm falou a favor, mas sua própria filha se ergueu contra ele. Foi uma bela cena. Os artellianos também se mostraram a favor, e alguns voadores aposentados, e acabaram conseguindo forçar uma votação, mas menos de um quinto do conselho votou com eles. As academias se salvaram.

– Podemos ser gratos por isso – comentou Maris.

S'Rella assentiu.

– Então, Dorrel falou. Você sabe o quanto ele é bem conceituado. Fez um bom discurso, bom demais. Primeiro, falou das motivações idealistas de Tya, e do quanto ele era simpático ao que ela tentara fazer. Mas, depois, disse que não podíamos deixar que a simpatia ou outras emoções decidissem nosso caminho. Dorrel disse que o crime de Tya foi um golpe certeiro na alma da sociedade dos voadores. Se o Senhor da Terra não pudesse contar com os voadores para levar suas mensagens com veracidade e desapaixonadamente, para que fossem como sua voz em terras distantes, então, para que serviriam os voadores? E se não tivéssemos utilidade para os Senhores da Terra, quanto tempo ia demorar para que eles nos tomassem as asas à força e nos substituíssem por seus próprios homens? Ele lembrou que não podíamos combater com os guardas da terra. Tínhamos que recuperar a confiança que havia sido perdida, e a única maneira de conseguir isso era banir Tya, apesar de suas boas

intenções. Deixá-la à sua própria sorte, não importa o quanto simpatizássemos com ela. Dorrel afirmou que se defendêssemos Tya *a qualquer custo* os confinados à terra iam interpretar mal, iam pensar que estávamos aprovando seu crime. Precisávamos deixar clara a nossa recriminação.

Maris assentiu.

– A maior parte disso é verdade, não importa quão funestas sejam as consequências. Posso ver o quanto isso foi persuasivo.

– Vieram outros que pensavam mais ou menos como Dorrel. Tera-kul de Yethien, o velho Arris de Artellia, uma mulher das Ilhas Exteriores, Jon de Culhall, Talbot de Grande Shotan... líderes, cada um deles, e muito respeitados. Todos apoiaram Dorrel. Val fervia de raiva, e Datinn e Athen ficavam gritando pelo recinto, mas Kolmi ignorou-os. A conversa prolongou-se por várias horas, e, finalmente, em menos de um minuto, a proposta de Val foi colocada em votação e perdeu, e o Conselho prosseguiu e baniu Tya, abandonando-a à suave misericórdia de Thayos. Não sugerimos ao Senhor da Terra de Thayos que a enforcasse. Por recomendação de Jirel de Skulny, chegamos ao ponto de pedir a ele que *não* fizesse isso. Mas tratou-se apenas de um pedido.

– Nosso Senhor da Terra raramente acolhe pedidos – comentou Evan calmamente.

– Para mim, isso decretou o fim – continuou S'Rella. – Foi então que os uma-asa saíram.

– *Saíram?*

S'Rella assentiu.

– Quando a votação terminou, Val se levantou do seu lugar, e o seu olhar... Bem, fiquei feliz por ele não ter uma arma, senão poderia ter matado alguém. Em vez disso, decidiu falar; chamou todos de idiotas e covardes e coisas piores. Houve gritos, ofensas de volta, brigas e tumultos. Val então instigou todos os seus amigos a saírem. Damen e eu tivemos que nos acotovelar para sair pela porta, e os voadores, alguns deles eu reconheci, gente que eu conhecia há anos, ficaram lá zombando, dizendo coisas para nós, foi *horrível*, Maris. Aquela raiva toda...

– No entanto, você saiu.

– Saí. E voamos para Arren do Norte, quase todos os uma-asa. Val nos levou até um grande terreno, um antigo campo de batalha, e ficou de pé no alto de uma fortificação em ruínas, falando para nós. Tivemos nosso próprio Conselho. Uma quarta parte de todos os voadores do Santuário dos Ventos estava lá. Votamos pela imposição de uma sanção a Thayos, mesmo que os outros não aceitassem. É por isso que Katinn voou até aqui comigo; íamos dizer isso ao Senhor da Terra os dois juntos. Até já havíamos sido informados da outra decisão, mas Katinn e eu íamos confrontá-lo com a ameaça dos uma-asa. – Ela soltou uma risada nervosa. – Ele nos ouviu impassível, e quando terminamos, disse que nós e todos como nós não

estávamos aptos a ser voadores, e que nada lhe daria maior prazer do que não ter nunca mais que ver um uma-asa em Thayos de novo. Ele nos prometeu mostrar exatamente o que pensava de nós, de Val, e de todos os uma-asa. E nos mostrou. Ao pôr do sol, seus guardas da terra vieram, e fomos levados até o pátio com os demais, e ele nos mostrou. – O rosto dela estava sombrio; contar de novo a história reabria as feridas.

– Ah, S'Rella – disse Maris, sentida. Ela estendeu o braço para pegar a mão da amiga, mas, quando encostou nela, S'Rella tremeu de susto e de novo começou a chorar.

Não foi fácil para Maris cair no sono. Ela rolou na cama sem parar. Teve sonhos tenebrosos e sem forma, pesadelos de voos que terminavam na ponta de uma corda.

Acordou horas antes do amanhecer, ainda com tudo escuro, ouvindo o som leve de música ao longe.

Evan dormia ao lado dela, roncando levemente sobre seu travesseiro de plumas. Maris se levantou e se vestiu, e foi dar uma volta pela casa. Bari estava descansando confortavelmente, dormindo o sono inocente das crianças, livre dos fardos que pesavam no resto deles. S'Rella dormia também, enterrada debaixo dos cobertores.

O quarto de Coll estava vazio.

Maris foi seguindo o som da música suave, ao longe. Encontrou-o do lado de fora, sentado junto à parede da casa à luz das estrelas, enchendo o frio ar da alvorada com a suave melancolia de seu violão.

Maris se sentou no chão úmido ao lado dele.

– Está compondo uma canção?

– Estou. – Os dedos de Coll se moviam com lenta deliberação. – Como você sabe?

– Eu me lembrei de que, quando nós dois éramos jovens, você costumava levantar no meio da noite e sair da casa, para trabalhar em alguma nova melodia que você queria manter em segredo.

Coll dedilhou um último acorde melancólico antes de colocar o violão de lado.

– Ainda sou fruto do hábito, então – comentou Coll. – Bem, não tenho escolha. Quando as palavras ficam rodando dentro da minha cabeça, não consigo dormir mesmo.

– A música já está pronta?

– Não. Pretendo chamá-la de "A morte de Tya", e a maior parte da letra eu já imaginei, mas a melodia ainda não. Quase consigo ouvi-la, mas ouço-a de um jeito diferente conforme a hora. Às vezes, é sombria e trágica, uma música lenta e triste

como a balada de Aron e Jeni. Depois, acho que ela deve ser mais rápida, que tem que pulsar como o sangue de um homem engasgado com sua própria raiva, que deve queimar e machucar e pulsar. O que você acha, minha irmã? Que cara será que devo dar à música? O que a morte de Tya faz você sentir? Dor ou raiva?

– As duas coisas – respondeu Maris. – Isso não deve ajudar muito, mas é toda a resposta que eu consigo dar. As duas coisas, e mais. Eu me sinto culpada, Coll.

Ela contou-lhe de Arrilan e seus companheiros, e da oferta que vieram lhe fazer. Coll ouviu com atenção, e, quando ela terminou, pegou a mão de Maris na sua. Os dedos dele eram cheios de calos, porém suaves e quentes.

– Eu não sabia. S'Rella não me contou nada.

– Duvido que S'Rella soubesse. Val provavelmente disse a Arrilan para não comentar nada sobre minha recusa. Ele tem bom coração, Val Uma-Asa, podem falar o que quiserem.

– Não se sinta culpada, é bobagem – afirmou Coll. – Mesmo que você tivesse ido, duvido que isso fizesse diferença. Uma pessoa a mais ou a menos muda pouca coisa. O Conselho teria rachado com ou sem você, e Tya teria sido enforcada do mesmo jeito. Não se torture com remorsos por algo que você não poderia ter mudado.

– Talvez você tenha razão, mas eu deveria pelo menos ter tentado, Coll. Talvez eles tivessem me ouvido. Dorrel e os amigos dele, o grupo de Stormtown, Corina, até mesmo Corm. Eles me conhecem, todos eles. Val jamais teria como chegar até eles. Mas eu talvez conseguisse manter os voadores unidos, se tivesse ido e presidido o Conselho como Val me pediu.

– Especulações – retrucou Coll. – Você está criando dor para você mesma sem necessidade.

– Talvez seja mesmo hora de criar dor para mim – comentou Maris. – Tive medo de me machucar de novo, foi por isso que não fui com Arrilan quando ele veio me buscar. Realmente me acovardei.

– Você não pode ser responsável por todos os voadores do Santuário dos Ventos, Maris. Precisa pensar em você primeiro, em suas necessidades.

Maris sorriu.

– Há muito tempo pensei apenas em mim mesma, e mudei o mundo inteiro à minha volta para que se adaptasse melhor a mim. Sim, convenci a mim mesma que era para todos, mas você e eu sabemos que na verdade era para mim. Barrion estava certo, Coll. Eu era ingênua. Não tinha ideia de onde tudo aquilo ia levar. Eu sabia apenas que queria voar. Eu devia ter ido, Coll, era minha responsabilidade. Mas tudo o que me importou foi apenas *minha* dor, *minha* vida, quando na verdade devia ter pensado em coisas maiores. O sangue de Tya está nas minhas mãos. – Maris ergueu uma delas.

Coll a apanhou e a apertou com intensidade.

– Bobagem. Tudo o que vejo é minha irmã se dilacerando por nada. Tya se foi, não há nada que você pudesse ter feito, e mesmo que houvesse, não há nada que possa fazer *agora*. Acabou. Nunca se angustie por causa do passado, Barrion uma vez me disse. Transforme sua dor numa canção e ofereça-a ao mundo.

– Não posso compor músicas. Não posso voar. Eu disse que queria ser útil, mas virei as costas para as pessoas que precisavam de mim, e fiquei brincando de ser curadora. Não sou curadora. E não sou voadora. Então, eu sou o quê? Quem sou eu?

– Maris...

– É isso: Maris de Amberly Menor, a garota que uma vez mudou o mundo. Se eu consegui uma vez, talvez possa conseguir de novo. Pelo menos posso tentar.

Ela ficou de pé, de súbito, com seu rosto sério, à luz pálida do amanhecer, cujo brilho tênue já tingia o horizonte a leste.

– Tya está morta – lembrou Coll, pegando seu violão e se levantando para ficar cara a cara com sua meia-irmã. – O Conselho se dividiu. Acabou, Maris.

– Não – retrucou ela. – Não vou aceitar isso. Não acabou. Ainda há tempo de mudar o final da canção de Tya.

Evan acordou instantaneamente com o toque leve de Maris e se sentou na cama, pronto para qualquer emergência.

– Evan – chamou ela, sentando-se ao seu lado. – Sei o que quero fazer. Precisava lhe contar primeiro.

Ele passou a mão pela cabeça, alisando o cabelo branco desalinhado, franzindo o cenho.

– O quê?

– Eu... Eu *estou* viva, Evan. Não posso voar, mas ainda sou quem eu sou.

– É bom ouvir você dizer isso, e saber que está falando sério.

– Não sou uma curadora. Nunca vou ser uma curadora.

– Puxa, você andou descobrindo coisas, hein? Tudo isso enquanto eu dormia? Veja... eu sempre soube, embora não fosse o caso de eu lhe dizer. Você não parecia muito querer saber.

– É claro que eu não queria saber. Achava que era minha única opção. O que mais havia? Dores, só memórias de dores e de inutilidade. Bem, a dor ainda está aqui, e também as memórias, mas não preciso continuar sendo inútil. Preciso aprender a conviver com a dor, aceitá-la ou ignorá-la, porque há muitas coisas que preciso fazer. Tya está morta e os voadores estão divididos, e há providências que só eu posso tomar, para acertar as coisas. Portanto, como você vê... – Ela estalou a boca e

não conseguia olhá-lo nos olhos. – Amo você, Evan. Mas preciso deixá-lo.

– Espere. – Ele tocou o queixo dela, e ela encontrou seu olhar. Ela se lembrou da primeira vez que reparou na profundidade daqueles olhos azuis, e sentiu, com inesperada força, uma pontada, uma sensação de perda. – Me diga agora – continuou ele –, *por que* precisa me deixar?

Ela mexeu as mãos sem nenhum propósito.

– Porque eu... não sirvo para nada aqui. Não pertenço a isso aqui.

A respiração dele travou. Ela não sabia se havia sido um soluço ou uma risada que ele reprimira.

– Mas você acha que amei você como aprendiz, como curadora, Maris? O quanto você me foi útil? Como curadora, para ser franco, você testou minha paciência. Amo você como mulher, por você mesma, por quem você é. E agora que você compreendeu quem você é, quem você sempre foi, você chega à conclusão de que tem que me abandonar?

– Há uma série de coisas que eu preciso fazer – justificou ela. – Não sei qual será meu destino. Posso fracassar. Pode ser perigoso para você estar comigo. Você pode acabar tendo o mesmo fim que Reni... Não quero pôr você em risco.

– *Você* não pode me pôr em risco – afirmou. – Eu é que posso me arriscar. – Ele pegou a mão dela e segurou firme. – Há coisas que eu posso fazer para ajudar... Deixe-me fazê-las. Posso dividir esse seu fardo, compartilhar o perigo, torná-lo menor. Posso fazer mais do que simplesmente preparar chá para os seus amigos, não é?

– Mas você não precisa – retrucou Maris. – Não tem que arriscar sua vida por nada. Essa não é a sua luta.

– Não é a minha luta? – Ele soou levemente indignado. – Thayos não é minha terra? O que o Senhor da Terra de Thayos decreta afeta a mim, meus amigos, meus pacientes. Meu sangue está nessas montanhas e nesta floresta. *Você* é que é a estranha aqui. O que você conseguir para o seu povo, os voadores, irá também afetar o meu povo. E eu conheço essas pessoas, de um jeito que não é o seu. Elas me conhecem, e confiam em mim aqui. Muitas delas têm dívidas para comigo, dívidas que não podem ser pagas em moedas de ferro. Elas vão me ajudar, e eu vou ajudá-la. Acho que você precisa da minha ajuda.

Maris sentiu como se uma força estivesse sendo injetada dentro dela, saindo do aperto firme da mão dele e subindo pelo seu braço. Ela sorriu, feliz por não estar mais sozinha, sentindo-se mais segura do seu caminho agora.

– Sim, Evan, eu *realmente* preciso de você.

– Conte comigo. Por onde começamos?

Maris encostou na cabeceira da cama, acomodando-se na curva do braço de Evan.

– Precisamos de um local secreto, um campo de pouso, um lugar onde os voadores possam ir e vir sem que o Senhor da Terra ou seus espiões fiquem sabendo que eles estão em Thayos. Ela sentiu Evan concordando assim que terminou de falar.

– Feito. Há uma fazenda abandonada, não muito longe daqui. O fazendeiro morreu no último inverno, por isso a floresta ainda não tomou conta do lugar, mas vai abrigá-lo de olhos espiões.

– Bom. Talvez precisemos nos mudar para lá por um tempo, caso os guardas da terra venham nos procurar.

– Tenho que ficar aqui – disse Evan. – Se os guardas da terra não puderem me achar, os doentes também não poderão. E preciso ficar disponível para eles.

– Isso pode não ser seguro para você.

– Conheço uma família em Thossi, uma família com treze filhos. Ajudei a mãe num parto difícil, e salvei os filhos dela da morte uma meia dúzia de vezes. Eles farão o mesmo por mim com o maior prazer. A casa deles fica na estrada principal, e sempre há algum filho desocupado por ali. Se os guardas da terra vierem atrás de nós, terão que passar por aquele trecho e um dos filhos poderá chegar aqui correndo antes deles, para nos avisar.

Maris sorriu.

– Perfeito.

– O que mais?

– Agora, precisamos acordar S'Rella. – Maris se sentou, separando-se do gentil abraço de Evan, e saltou da cama. – Preciso dela como minhas asas, para levar mensagens para mim, muitas mensagens. Mas uma delas primeiro, a crucial. Para Val Uma-Asa.

Val foi até ela, é claro.

Maris esperou por ele na porta de uma cabana de tábuas apertada, com dois quartos, bem maltratada pela intempérie, com a mobília coberta de mofo. Ele circulou três vezes sobre o campo coberto de ervas daninhas, com suas asas prateadas escuras contra um céu ameaçador, antes de decidir se era seguro pousar.

Quando desceu, ela o ajudou com suas asas, embora algo pressionasse e tremesse dentro dela quando suas mãos tocaram o suave tecido de metal. Val abraçou-a e sorriu.

– Você está com bom aspecto para uma velha inválida.

– E você até que está bem falante para um perfeito idiota – retrucou Maris. – Vamos entrar.

Coll estava dentro da cabana, afinando seu violão.

– Oi, Val – disse ele, cumprimentando-o com a cabeça.

– Sente-se. – Maris indicou para Val. – Tem uma coisa que quero que você ouça.

Ele olhou-a, com estranhamento. Mas sentou.

Coll cantou "A morte de Tya". Por insistência da irmã, ele compusera duas versões. Mostrou a Val a versão triste.

Val ouviu educadamente, apenas com um toque de inquietação.

– Muito bonita – comentou quando Coll terminou. – Muito triste. – Ele encarou Maris. – Foi para isso que você mandou S'Rella me procurar, e me fez voar até aqui pondo em risco minha vida, apesar da minha promessa de nunca mais voltar a Thayos? Para isso? Para ouvir uma música? – Ele amarrou a cara. – Parece que a batida provocou mesmo danos graves à sua cabeça.

Coll riu.

– Vamos lá, dê uma chance a ela – pediu o irmão.

– Está tudo certo. Val e eu já estamos acostumados um com o outro, não é?

Val deu um sorriso sutil.

– Está bem, você tem uma chance. Conte-me do que se trata.

– Tya. Numa palavra é isso. Ou seja, como consertar o que deu errado no Conselho.

Val franziu o cenho.

– Agora é tarde demais. Tya está morta. Nós reagimos, e agora vamos esperar para ver o que acontece.

– Se ficarmos esperando, aí, sim, será tarde demais. Não podemos nos dar ao luxo de ficar esperando que os voadores fechem as academias, ou restrinjam os desafios àqueles que prometam ignorar a sua sanção. Vocês deram uma arma ao Corm e aos da sua turma ao abandonarem o Conselho, ao agirem sem o aval do Conselho.

Val balançou a cabeça.

– Fiz o que precisava ser feito. E a cada ano há mais voadores uma-asa. O Senhor de Thayos pode rir agora, mas não vai rir para sempre.

– Para sempre não existe – retrucou Maris.

Então, ficou em silêncio um momento, com os pensamentos sendo despejados tão depressa na sua mente que ela teve medo de falar. Não podia correr o risco de perder Val. Eles, de fato, entendiam bem um ao outro, como ela dissera a Coll, mas Val ainda era irascível e temperamental, como suas ações no Conselho haviam demonstrado. E seria difícil ele admitir que havia se equivocado.

– Eu devia ter ido quando você mandou aquele pessoal me buscar – admitiu ela, depois de um tempo. – Mas fui medrosa, e egoísta. Talvez pudesse ter evitado que essa divisão acontecesse.

Val demonstrou indiferença.

– Agora tanto faz. O que passou, passou.

– Mas isso não significa que não possa ser mudado. Entendo que você tenha concluído que *precisava* fazer alguma coisa, mas o que fez talvez tenha sido bem pior do que não fazer nada. E se os voadores agora decidirem tirar as suas asas, aterrar todos os uma-asa?

– Eles que experimentem fazer isso.

– E o que você poderia fazer? Brigar com eles individualmente? Um por um? Não. Se os voadores decidissem tirar as asas de todos aqueles que endossam sua sanção, não haveria nada que você pudesse fazer. Nada, exceto talvez matar alguns voadores e ver um monte de outros uma-asa morrerem como Tya. Os Senhores da Terra iam apoiar os voadores com todo o poder de seus guardas da terra.

– Se isso acontecer... – Val encarou Maris fixamente, seu rosto perigosamente quieto. – Se isso acontecer, você terá vivido para ver seu sonho morrer. Será que isso significa tanto assim para você? Ainda? Agora que você sabe que nunca mais poderá voar de novo?

– Isso é mais importante do que meu sonho ou minha vida – devolveu Maris. – Está além disso. Você sabe. Você também se importa, Val.

O silêncio na pequena cabana parecia se fechar em volta deles. Até os dedos de Coll ficaram imóveis sobre as cordas do seu instrumento.

– Sim – disse Val, a palavra soando como um suspiro. – Mas... o que eu posso fazer?

– Revogar essa sanção – respondeu Maris prontamente. – Antes que os seus inimigos a utilizem contra você.

– Será que o Senhor da Terra revogaria o enforcamento de Tya? Não, Maris, essa sanção é o único poder que temos. Os demais voadores devem se unir a nós nisso, ou então ficamos divididos e pronto.

– É um gesto inútil, e você sabe disso – argumentou Maris. – Thayos não vai sentir falta dos uma-asa. Os voadores de nascença vão continuar indo e vindo, como sempre, e o Senhor da Terra terá asas suficientes para levar suas mensagens. Isso não significa nada.

– Significa que manteremos nossa palavra; que não fazemos ameaças vazias. Além disso, a sanção foi votada por todos. Não poderia revogá-la sozinho mesmo que quisesse. Você está gastando saliva à toa.

Maris sorriu com desdém, mas por dentro sentia esperança. Val começava a recuar.

– Não tente me enganar, Val. Você representa os uma-asa. É por isso que o chamei aqui. Nós dois sabemos que eles farão o que você sugerir, seja lá o que for.

– Você está realmente me pedindo para esquecer o que o Senhor da Terra fez? Para esquecer Tya?

– Ninguém vai esquecer Tya.

Um acorde suave soou.

– E minha canção vai garantir isso – completou Coll. – Vou cantá-la em Porto Thayos daqui a alguns dias. Outros cantores vão roubá-la. Logo será ouvida por toda parte.

Val olhou para ele, incrédulo.

– Você falou em cantar essa música em Porto Thayos? Por acaso ficou louco? Você não sabe que a simples menção ao nome de Tya por lá já desperta xingamentos e brigas? Cante essa música lá, em qualquer taberna, e aposto que será atirado numa sarjeta com a garganta cortada.

– Os cantores desfrutam de algumas liberdades – disse Coll. – Especialmente se são bons. A menção ao nome de Tya pode, de início, criar confusão, mas, depois que tiverem ouvido minha canção, todos vão sentir as coisas de modo diferente. Em pouco tempo, Tya terá se tornado uma heroína, uma vítima trágica. Isso por causa da minha canção, embora poucos consigam admitir ou compreender isso.

– Nunca vi ninguém tão arrogante – comentou Val, soando divertido. Ele olhou para Maris. – Foi você que o deixou desse jeito?

– Nós dois discutimos isso.

– Discutiram também o fato de que provavelmente ele será morto? Algumas pessoas talvez se disponham a ouvir uma música que coloca Tya como alguém digno. Mas algum guarda da terra enfurecido, bêbado, tentará impedir que esse cantor espalhe suas mentiras e vai esmagar-lhe a cabeça. Já pensaram sobre isso?

– Sei tomar conta de mim mesmo – retrucou Coll. – Nem todas as minhas músicas são simpáticas, especialmente de início.

– É a sua vida – lembrou Val, balançando a cabeça. – Se você viver o suficiente, suponho que seu canto poderá fazer alguma diferença.

– Quero que você mande mais voadores para cá – pediu Maris. – Voadores uma-asa que possam cantar e tocar minimamente bem.

– Você quer que Coll comece a treiná-los para o dia em que eles perderem suas asas?

– A música dele deve se espalhar para além de Thayos, o mais rápido possível – explicou Maris. – Quero voadores que possam aprendê-la bem o suficiente para ensiná-la a cantores aonde quer que vão, e quero que vão a toda parte com essa canção como uma mensagem nossa. Todos do Santuário dos Ventos vão saber de Tya, e cantarão a música de Coll sobre o que ela tentou fazer.

Val ficou pensativo.

– Muito bem – concordou. – Vou mandar meu pessoal aqui em segredo. A canção tem que ficar popular fora de Thayos.

– E vocês também precisam divulgar a notícia de que a sanção contra Thayos foi revogada.

– Isso eu não vou fazer. – Ele se exaltou. – Tya deve ser vingada por algo mais do que uma simples canção.

– Você chegou a conhecer Tya? – perguntou Maris. – Você não sabe o que ela tentou fazer? Ela tentou evitar a guerra, e provar aos Senhores da Terra que eles não podiam controlar os voadores. Mas essa sanção vai fazer com que voltemos às mãos dos Senhores da Terra, porque ela nos dividiu e enfraqueceu. Somente se agirmos juntos, em uníssono, é que nós, voadores, teremos força para desafiar os Senhores da Terra.

– Diga isso a Dorrel – disse Val friamente. – Não me culpe. Convoquei o Conselho para agirmos juntos e salvarmos Tya, não para nos curvarmos diante do Senhor da Terra de Thayos. Dorrel arrancou o Conselho das minhas mãos, e nos tornou mais fracos. Diga isso a ele, e veja que resposta ele consegue lhe dar!

– Pretendo fazer isso – avisou Maris calmamente. – S'Rella está a caminho de Laus agora.

– Você tem intenção de trazê-lo para cá?

– Tenho. E outros também além dele. Não posso ir até eles agora. Sou uma inválida, como você disse. – Ela deu um sorriso de cara amarrada.

Val hesitou, obviamente tentando montar as peças na sua cabeça.

– Você quer mais do que a revogação da sanção – concluiu, por fim. – Esse é só o primeiro passo, para unir voadores uma-asa e voadores de nascença. Mas o que você planejou para nós, caso consiga essa união?

Maris sentiu um alívio no coração, sabendo que teria a concordância de Val.

– Você sabe como foi que Tya morreu? – perguntou Maris. – Sabe que o Senhor da Terra de Thayos foi cruel e estúpido o suficiente para matá-la com as asas postas? Depois disso, elas foram retiradas dela e entregues ao homem de quem ela as conquistou dois anos antes. O corpo de Tya foi enterrado num cemitério, sem identificação, num campo nos arredores da fortaleza, onde ladrões e assassinos e outros fora da lei costumam ser enterrados. Ela morreu com as suas asas postas, mas não lhe foi concedido um enterro de voador. E ela não teve velório.

– E daí? O que isso tem a ver comigo? O que você quer realmente de mim, Maris?

Ela sorriu.

– Quero o seu luto, Val. Só isso. Quero que você fique de luto por Tya.

Maris e Evan souberam da notícia primeiro da boca de uma contadora de histórias itinerante, uma velha petulante, de língua afiada, de Porto Thayos, que parou na casa deles por algumas horas para que o curador lhe removesse um espinho que se alojara na pele de um de seus pés descalços.

– Nossos guardas da terra confiscaram a mina de Thrane – disse a mulher enquanto Evan cuidava dela. – Há boatos de que vão invadir Thrane.

– Isso é loucura – murmurou Evan. – Mais mortes.

– Que outras novidades você traz? – perguntou Maris. Os voadores continuavam chegando e saindo de seu campo secreto, mas já fazia mais de uma semana que Coll, depois de ter ensinado sua canção a uma meia dúzia de uma-asa, pegara a estrada para Porto Thayos. Eram dias frios, chuvosos, e carregados de ansiedade.

– Tem a história da voadora também – respondeu a mulher. Ela deu um pulo quando a fina faca de osso de Evan removeu o espinho de sua carne. – Devagar, curador – pediu.

– A voadora? – Maris quis confirmar.

– Segundo alguns, é um fantasma – continuou ela. – Evan removera o espinho e esfregava sálvia no corte que havia feito. – Talvez o fantasma de Tya. Uma mulher toda vestida de preto, silenciosa, inquieta. Ela surgiu do oeste dois dias antes de eu vir para cá. Os homens do alojamento saíram para recebê-la, para ajudá-la a pousar e cuidar das suas asas. Mas ela não pousou. Voou silenciosamente sobre as montanhas e sobre a fortaleza do Senhor da Terra, e atravessou o interior até Porto Thayos. Tampouco pousou ali. Desde que chegou, tem voado num grande círculo, uma vez, outra vez, de Porto Thayos até a fortaleza do Senhor da Terra e de volta, nunca pousa, nunca grita nada para os que estão embaixo. Voando, sempre voando, faça chuva ou faça sol, de dia e de noite. Ela está lá quando amanhece, e ainda está lá quando o dia termina. Nunca come, nunca bebe.

– Fascinante – comentou Maris, reprimindo um sorriso. – Você acha que ela é um fantasma?

– Pode ser – respondeu a velha. – Eu mesma a vi várias vezes. Andando pelas ruelas de Porto Thayos, eu sinto uma sombra bater em mim, e então olho para cima e lá está ela. Ela deu o que falar. As pessoas estão com medo, e alguns dos guardas da terra dizem que o Senhor da Terra é o mais amedrontado de todos, embora tente não demonstrar isso. Ele nem sai mais para olhar quando ela passa por cima da fortaleza. Talvez tenha medo de ver o rosto de Tya.

Evan amarrara uma bandagem embebida em unguento no pé machucado da contadora de histórias.

– Pronto. Experimente ficar de pé agora.

A mulher se levantou, apoiando-se em Maris.

– Dói um pouco.

– Estava infeccionado – explicou Evan. – Você tem sorte. Se esperasse mais alguns dias para procurar um curador, poderia ter perdido o pé. Use botas. As trilhas da floresta são perigosas.

– Não gosto de botas. Gosto de sentir a terra e a grama e as pedras sob meus pés.

– Gosta de sentir espinhos também? – indagou Evan.

Ficaram discutindo por um tempo, e, finalmente, a mulher concordou em usar uma bota de tecido macio, mas só no pé machucado, e só até que sarasse. Quando ela foi embora, Evan virou para Maris com um sorriso.

– Quer dizer que já começou – comentou ele. – Como é essa história de que o fantasma não come nem bebe?

– Ela carrega uma bolsa com nozes e frutas secas, e um odre de água – explicou Maris. – Os voadores costumam fazer isso em viagens muito longas. Como é que você acha que eles conseguem voar até Artellia ou as Embers?

– Nunca pensei muito nesse assunto.

Maris assentiu, preocupada.

– Acho que à noite eles fazem a substituição por um segundo voador, secretamente, para deixar seu fantasma descansar. Foi esperto da parte de Val mandar alguém parecido com Tya. Eu devia ter tido essa ideia.

– Você já teve ideias suficientes – observou Evan. – Não se recrimine. Por que você está tão séria?

– É que fico pensando que essa voadora poderia ter sido eu.

Dois dias depois, uma garotinha chegou ofegante à sua porta. Era daquela família tão em dívida para com Evan, e, por um breve momento, Maris receou que os guardas da terra já estivessem no seu encalço. Mas eram apenas notícias, porque Evan pedira para ser notificado de qualquer novidade que fosse ouvida em Thossi.

– Acabou de chegar um comerciante – contou a garotinha. – Ele ficou comentando sobre os voadores.

– Comentou o quê?

– Ele disse ao velho Mullish da hospedaria que o Senhor da Terra está apavorado. Disse que há três voadores agora. Todos de preto, e que ficam dando voltas o tempo todo. – Ela ficou de pé e girou em círculos, com seus bracinhos estendidos, tentando explicar melhor sua história. Maris olhou para Evan e sorriu.

– São sete voadores negros agora – contou um homem imenso e gordo aos dois. Ele

batera à sua porta todo espancado e sangrando, um desertor da guarda da terra vestido em farrapos. – Tentaram me mandar para Thrane – disse ele, à guisa de explicação –, mas eu não vou para lá nem morto. – Quando não falava, tossia, e algumas vezes tossiu sangue.

– São sete?

– Não é um número bom – disse o homem, tossindo. – Todos de preto, que também não é uma cor boa. Eles não trazem bom agouro. – De repente, sua tosse piorou e ele não conseguiu mais falar.

– Calma, calma – disse Evan. Ele deu vinho ao homem, misturado com ervas, e junto com Maris levou-o até uma cama. Mas o homem gordo não conseguia descansar. Assim que seu surto de tosse cessou, ele começou a falar de novo.

– Se eu fosse o Senhor da Terra, chamaria meus arqueiros e abateria os voadores quando eles passassem por cima. Ah, com certeza, eu faria isso. Tem gente que diz que as flechas iam simplesmente atravessá-los, mas eu não acho. Para mim, são de carne e osso, como eu. – Deu uma boa palmada na sua imensa barriga. – Não dá para deixar simplesmente que fiquem lá voando. Eles trazem azar a nós todos. O clima piorou muito ultimamente, e há pouco peixe para pescar, e ouvi falar de pessoas ficando doentes e morrendo em Porto Thayos depois que a sombra desses voadores passa por elas. Algo terrível está para acontecer em Thrane, tenho certeza, por isso não quis ir para lá. Não com sete voadores negros no céu. Não, de jeito nenhum. Isso é um mau sinal, pode ter certeza, e não vai trazer nada de bom para nós.

Com certeza não trouxe mesmo nada de bom para aquele homem gordo, pensou Maris. Na manhã seguinte, quando ela foi levar-lhe o café da manhã, seu imenso corpo estava rígido e frio. Evan enterrou-o na floresta, junto aos túmulos de uma dúzia de outros viajantes.

– Thenya foi para Porto Thayos tentar vender suas tapeçarias – relatou outro membro daquela horda de crianças que Evan ajudara a pôr no mundo, dessa vez um menino. – Quando ela voltou para Thossi, disse que agora são mais de doze voadores negros no céu, voando num grande círculo, do porto até a fortaleza do Senhor da Terra. E a cada dia chegam mais.

– Vinte voadores, todos de preto, silenciosos, sinistros – contou a jovem cantora. Ela tinha cabelo dourado e olhos azuis, uma voz doce e um jeito tranquilo. – Eles dariam uma canção maravilhosa! Vou começar a trabalhar nela agora, mas precisaria saber o desfecho disso tudo...

– Por que será que eles estão aqui, na sua opinião? – perguntou Evan.

– Por causa de Tya, é claro – respondeu a jovem, espantada por alguém ser capaz

de perguntar algo tão óbvio. – Ela mentiu para evitar a guerra, e o Senhor da Terra a matou por isso. Eles estão de preto por causa dela, aposto. Muitas pessoas estão de luto por ela.

– Ah, é claro – concordou Evan. – Tya. A história dela já dá por si só uma canção. Ainda não pensou em fazer uma?

A cantora sorriu.

– Ela já existe. Ouvi lá em Porto Thayos. Ouça, vou cantá-la para você.

* * *

Maris encontrou Katinn de Lomarron no terreno abandonado, onde esguias ervas-daninhas verdes e disformes parasitas rapidamente se acumulavam no trigo silvestre. O homenzarrão com a gargantilha com dente de cila desceu graciosamente com suas asas prateadas, todo vestido de preto. Ela o trouxe para dentro e deu-lhe água.

– Então?

Ele enxugou os lábios úmidos e sorriu para ela.

– Eu estava voando bem alto e percebi o círculo lá embaixo. Ah, você devia ter visto! São uns quarenta voadores agora, calculo. O Senhor da Terra deve estar babando a essa altura. A notícia se espalhou. Outros uma-asa estão vindo de todo o Leste, e o próprio Val levou a notícia para Oeste, por isso não vai demorar muito para que outros se juntem a nós também. A esta altura já são tantos que ficou fácil parar para descansar ou comer algo sem que ninguém perceba. Não tenho inveja nenhuma da coitada da Alain que começou isso tudo. Ela é uma voadora muito forte, sem dúvida. Nunca soube que tenha ficado esgotada. Eles agora a deixaram em Thrynel, descansando, mas ela logo vai voltar e se juntar a nós. Quanto a mim, estou indo me juntar ao círculo agora.

Maris assentiu.

– E quanto à música de Coll?

– Já está sendo cantada em Lomarron e em Arren do Sul, e no Pouso dos Gaviões. Eu mesmo já ouvi, várias vezes. E também já chegou às Ilhas do Sul e às Exteriores, e às do Oeste, é claro, até a sua Amberly, e a Culhall e Poweet. Ouvi dizer que está se espalhando também entre os cantores de Stormtown.

– Isso é muito bom – comentou Maris. – Muito bom.

– O Senhor da Terra mandou Jem subir até lá e questionar os voadores negros – contou um amigo de Evan, repetindo as notícias de Thossi –, e dizem que ele os reconheceu e os chamou pelo nome, mas que se recusaram a falar com ele. Você precisa vir até a cidade para vê-los, Evan. Toda vez que olhamos para cima, o céu

está cheio de voadores.

– O Senhor da Terra ordenou que os voadores se retirassem do seu céu, mas eles não concordaram. E por que o fariam? Como dizem os cantores, o céu pertence aos voadores!

– Ouvi dizer que chegou uma voadora de Thrane, com uma mensagem do seu Senhor da Terra para o nosso, mas quando ele foi encontrá-la na sala de audiências para ouvi-la, ficou branco de medo, porque a voadora estava de preto, dos pés à cabeça. Ele tremia enquanto ela lhe passava a mensagem, mas, antes que ela fosse embora, o Senhor da Terra deteve-a e quis saber por que ela estava toda vestida de preto. "Vou me juntar ao círculo", disse a voadora, calmamente, "e expressar meu luto por Tya". E foi o que ela fez, foi o que ela fez.

– Dizem que todos os cantores de Porto Thayos agora se vestem de preto, e algumas outras pessoas também. As ruas estão cheias de ambulantes vendendo roupas pretas, e os donos de tinturaria andam superocupados.

– Jem se juntou aos voadores negros!

– O Senhor da Terra mandou os guardas da terra voltarem de Thrane. Ouvi dizer que está com medo do que os voadores negros possam fazer, e quer que seus melhores arqueiros estejam perto dele. A fortaleza está cheia, quase abarrotada de gente. Dizem que o Senhor da Terra nem sai de lá, com medo de que a sombra das asas dos voadores caia em cima dele enquanto eles voam lá no alto.

* * *

S'Rella chegou com a boa notícia de que Dorrel estava a menos de um dia atrás dela. Maris ficou de olho nos rochedos ela mesma, toda aquela tarde, impaciente até para ficar em casa esperando com S'Rella, e, por fim, foi recompensada pela visão de uma figura negra deslizando para o interior. Andou apressada pela floresta para ir encontrá-lo.

Era um dia quente, quieto, um tempo ruim para voar. Maris afastava com as mãos os insetos que a atacavam enquanto abria caminho pela alta relva que quase cobria a cabana. Seu coração batia acelerado de emoção enquanto ela abria a pesada porta de madeira, dependurada nas suas dobradiças.

Ela piscou os olhos, quase cega no interior escuro depois do brilho do sol ofuscante, e então sentiu a mão dele no seu ombro, e ouviu sua voz familiar dizer seu nome.

– Você... você veio. – De repente, ela perdeu o fôlego. – Dorrel.

– E você duvidava que eu viesse?

Agora conseguia enxergar. O sorriso familiar, seu jeito de ficar de pé, o jeito que ela guardava na memória.

– Você se importa se nos sentarmos? – perguntou ele. – Estou terrivelmente cansado. Foi um voo longo desde as ilhas do Oeste, e não me fez nada bem tentar alcançar S'Rella.

Sentaram perto um do outro, em duas cadeiras iguais que algum dia deviam ter sido muito bonitas. Mas as almofadas estavam impregnadas de poeira agora, esverdeadas e ligeiramente úmidas de mofo.

– Como você está, Maris?

– Eu... estou viva. Pergunte-me de novo daqui a um mês mais ou menos e talvez eu tenha uma resposta melhor. – Ela olhou no fundo dos olhos escuros e preocupados dele e, então, desviou o olhar. – Faz bastante tempo, não é, Dorr?

Ele assentiu.

– Quando não vi você no Conselho, entendi... Torci para que você estivesse fazendo o que fosse melhor para você. Mas fiquei mais feliz do que sou capaz de dizer quando S'Rella chegou, trazendo sua mensagem, seu pedido de que eu viesse vê-la. – Ele se aprumou um pouco mais na cadeira. – Mas com certeza você não mandou me chamar pelo simples prazer de rever um velho amigo.

Maris respirou fundo.

– Preciso da sua ajuda. Você já sabe a respeito do círculo? Os voadores negros?

Ele assentiu.

– A notícia já se espalhou. E eu os vi ao chegar. Uma visão impressionante. Foi você que armou isso?

– Fui eu.

Ele balançou a cabeça.

– E não deve parar por aí, aposto. Qual é o seu plano?

– Você vai me ajudar nisso? Nós precisamos de você.

– "Nós"? Você está do lado dos uma-asa, suponho. – Seu tom não era de quem está zangado, nem de condenação, mas Maris percebeu que ele se afastara um pouco dela, ainda que de modo muito sutil.

– Não é uma questão de lados, Dorr. Pelo menos, não entre os voadores. E não deve ser, pois isso seria a morte, o fim de tudo o que prezamos. Voadores, sejam eles

uma-asa ou de nascença, não devem estar divididos, fragmentados, à mercê dos Senhores da Terra.

– Concordo. Mas agora é tarde demais. E já era tarde demais quando Tya declarou seu desdém por todas as leis e tradições ao contar sua primeira mentira.

– Dorr. – Seu tom de voz era persuasivo e racional. – Eu também não aprovo o que Tya fez. A intenção era boa... mas o que ela fez foi errado, eu concordo. No entanto...

– Eu concordo, você concorda – repetiu ele, interrompendo. – No entanto... Sempre caímos nisso. Tya está morta agora, e todos nós podemos concordar com isso. Ela está morta, mas não acabou, está longe de ter acabado. Outros uma-asa a chamam de heroína, de mártir. Ela morreu pela causa da mentira, pela liberdade de poder mentir. Quantas mentiras mais serão contadas? Quanto tempo vai demorar ainda para que as pessoas se esqueçam da sua desconfiança em relação a nós? Desde que os uma-asa se recusaram a repudiar Tya, e formaram um grupo à parte, há conversas entre... entre alguns poucos... no sentido de fechar as academias e de acabar com os desafios, voltar à velha ordem, aos dias de antigamente quando um voador era um voador para sempre.

– Você não quer mais isso.

– Não. Não quero. – Seus ombros caíram, o que não era característico dele, e ele suspirou. – Mas, Maris, isso vai além do que eu quero, ou do que você quer. Está fora da nossa alçada agora. Val assinou a sentença de morte para os uma-asa quando os fez sair do Conselho e comunicou sua sanção ilegal.

– As sanções podem ser revogadas – lembrou Maris.

Dorrel a encarou fixamente. Seus olhos semicerraram-se.

– Foi Val que lhe disse isso? Não acredito nele. Ele deve estar fazendo algum jogo sorrateiro, tentando usá-la para me enganar.

– Dorrel! – Ela se levantou, indignada. – Dê-me algum crédito, por favor! Não sou um dos fantoches de Val! Ele não prometeu revogar a sanção, e ele não está me usando. Eu é que tentei convencê-lo de que seria muito do interesse de cada um de nós agir de tal modo que tanto os voadores de nascença quanto os uma-asa se unissem de novo. Val é teimoso e impulsivo, mas não é cego. Embora não prometesse revogar a sanção, consegui realmente fazê-lo ver que cometeu um erro, que a sua sanção era inútil, pois estava sendo apoiada apenas por um pequeno grupo, e que a sua divisão dos voadores não beneficiava ninguém.

Dorrel olhou para ela pensativo. Então, levantou-se também e começou a andar pelo pequeno e empoeirado aposento.

– Bem, é realmente um grande feito conseguir fazer Val Uma-Asa admitir que estava errado – comentou. – Mas que vantagem isso traz agora? Ele concorda que a

posição que adotamos está correta?

– Não – respondeu Maris. – E eu também não acho que estivesse. Acho que você foi rigoroso demais. Veja bem, sei o que você pensou, sei que você tinha que repudiar o crime de Tya e imaginou que a melhor maneira de fazer isso era entregá-la ao Senhor da Terra para que fosse executada.

Dorrel parou de andar, com uma expressão zangada.

– Maris, você sabe que essa nunca foi minha intenção. Nunca achei que Tya devesse morrer. Mas a proposta de Val era absurda, teria ficado a impressão de que perdoávamos as ações que ela cometeu.

– O Conselho devia ter insistido para que Tya fosse entregue a nós para receber punição, e depois fosse despojada de suas asas para sempre.

– Nós a despojamos de suas asas.

– Não – retrucou Maris. – Vocês deixaram que o Senhor da Terra fizesse isso, *depois* de tê-la enforcado, e com as asas postas. Por que você supõe que ele fez isso? Para mostrar que podia enforcar uma voadora e sair incólume.

Dorrel pareceu horrorizado. Ele cruzou rápido o quarto e agarrou o braço de Maris.

– Maris, não! Ele a enforcou com as asas?

Ela assentiu.

– Eu não sabia disso. – Ele afundou na sua cadeira de novo como se lhe tivessem tirado a alma.

– Ele provou seu ponto de vista. Provou que os voadores podiam ser mortos tão facilmente quanto qualquer um. E agora o serão. Agora que você e Val dividiram os voadores e os uma-asa em duas facções em conflito, os Senhores da Terra vão tirar partido disso. Vão exigir votos de lealdade, definir regras e impor regulamentações aos seus voadores, executarão os rebeldes por traição. Chegará uma hora em que talvez reclamem as asas como sua propriedade, para entregá-las a seguidores que sejam do seu agrado. Os voadores poderão ser presos, até executados daqui a pouco. Basta que mais um Senhor da Terra acredite que tem esse poder, que sinta os voadores fragmentados demais agora para oferecer qualquer resistência. – Ela se sentou e encarou Dorrel, quase prendendo a respiração enquanto aguardava pela resposta que queria.

Lentamente Dorrel assentiu.

– O que você diz tem um horrível sabor de verdade. Mas... o que posso fazer? Somente Val e os outros uma-asa podem decidir juntar-se a nós de novo. Você com certeza não espera que eu tente reunir os demais voadores numa sanção tardia da nossa parte?

– Claro que não. Mas não depende só de Val, não é possível que seja assim. Há

dois lados, e vocês dois precisam fazer algum gesto de reconciliação.

– E o que seria esse gesto?

Maris inclinou-se para a frente.

– Junte-se aos voadores negros – sugeriu ela. – Expresse seu luto por Tya. Junte-se aos demais. Quando circular a notícia de que Dorrel de Laus se uniu aos uma-asa no luto por Tya, outros virão.

– Luto? – Ele franziu o cenho. – Você quer que eu me vista de preto e fique voando em círculos? – Sua voz indicava suspeitas. – E o que mais? O que mais eu devo fazer para me unir aos voadores negros? Seu plano é impor a sanção a Thayos mantendo todos os voadores em formação acima dela?

– Não. Não uma sanção. Eles não estão detendo nenhum outro voador que venha trazendo uma mensagem para Thayos ou levando-a daqui, e se você ou qualquer outro dos seus seguidores tiver que abandonar o círculo, ninguém vai impedi-lo. Apenas faça o gesto.

– Isso é mais do que um gesto, é mais do que expressar luto. Tenho certeza disso – afirmou Dorrel. – Maris, seja honesta comigo. Já nos conhecemos há muito tempo. Pelo amor que ainda sinto por você eu faria muita coisa, mas não posso ir contra aquilo em que acredito, e não vou ser enganado. Por favor, não me meta em alguma das jogadas de Val Uma-Asa tentando me usar. Acho que você me deve honestidade.

Maris continuou olhando-o nos olhos, mas sentiu uma pontada de culpa. Ela estava *de fato* tentando usá-lo. Ele era parte importante do plano dela, e, pelo que eles haviam significado tempos atrás um para o outro, ela alimentara a certeza de que ele não iria decepcioná-la. Mas ela não queria enganá-lo. Maris respondeu calmamente:

– Sempre vi você como meu amigo, Dorr, mesmo quando estivemos em posições opostas. Mas não estou pedindo que faça isso por mim em função da nossa amizade. É algo mais importante do que isso. Penso que é igualmente importante para você que essa fenda entre os uma-asa e os voadores de nascença seja eliminada.

– Conte-me toda a verdade, então. Diga-me o que você quer que eu faça, e por quê.

– Quero que você se junte aos voadores negros para provar que os uma-asa não estão voando sozinhos. Quero que os voadores e os uma-asa fiquem juntos de novo, para mostrar ao mundo que eles ainda podem agir como uma unidade.

– Você acha que se Val Uma-Asa e eu voarmos juntos vamos esquecer todas as nossas diferenças?

Maris deu um sorriso triste.

– Talvez antes, há muito tempo, eu fosse ingênua assim. Agora não sou mais.

Tenho esperança de que os uma-asa e os voadores de nascença possam agir juntos.

– Como? De que maneira podem agir juntos, além de promover essa estranha cerimônia de luto?

– Os voadores negros não carregam armas, não fazem ameaças, e sequer pousam em Thayos – explicou ela. – São pessoas que expressam luto, nada mais. Mas a presença deles deixa o Senhor da Terra de Thayos muito nervoso. Ele não compreende. Está tão assustado que já mandou sua guarda da terra voltar de Thrane, e, portanto, os voadores negros tiveram sucesso naquilo em que Tya falhou, e conseguiram pôr fim à guerra.

– Mas o Senhor da Terra com certeza vai superar seu medo. E os voadores negros não podem ficar circulando sobre Thayos para sempre.

– O Senhor da Terra daqui é um homem impetuoso, sanguinário e medroso – contou Maris. – Quem é violento sempre suspeita que os outros também possam ser. E não é do feitio dele esperar que os outros deem o primeiro passo. Acho que ele vai tomar alguma medida logo. Acho que acabará dando aos voadores um motivo para agir.

Dorrel franziu o cenho.

– Fazendo o quê? Disparando uma revoada de flechas para derrubar a gente do céu?

– Você disse “a gente”?

Dorrel balançou a cabeça, mas estava sorrindo.

– Pode ser perigoso, Maris. Provocá-lo para que tome a iniciativa da ação...

O sorriso dele a comoveu.

– Os voadores negros não fazem nada, a não ser voar. Se Porto Thayos fica cada vez mais agitada com a sombra deles, isso é obra do Senhor da Terra e dos seus súditos.

– Especialmente os cantores e os curadores. Nós sabemos o quanto eles podem causar encrenca! Vou fazer o que você me pede, Maris. No mínimo, será uma boa história para contar aos netos, quando eles vierem. De qualquer jeito, não vou ficar com as minhas asas por muito tempo mais, pois Jan está virando um ótimo voador.

– Ah, Dorr.

Ele ergueu uma mão.

– Vou usar preto como sinal de luto por Tya – afirmou cautelosamente. – E vou aderir ao grande círculo que está aí voando para expressar o luto por ela. Mas não vou fazer nada que possa ser visto como uma condescendência pelo seu crime, ou que expresse alguma sanção contra Thayos pela morte de Tya. – Ele ficou de pé e se aprumou. – É claro, caso aconteça alguma coisa, se o Senhor da Terra se exceder no seu poder e ameaçar os voadores, então deveremos todos, uma-asa e voadores de

nascença, agir em conjunto.

Maris também se levantou. Ela sorria.

– Sabia que você ia encarar as coisas desse modo.

Ela colocou os braços em volta dele e o trouxe para perto num abraço afetuoso. Então, Dorrel levantou o rosto dela e beijou-a, talvez só pelos velhos tempos, mas, por um momento, foi como se todos aqueles anos que haviam se passado nunca tivessem existido, e eles fossem jovens de novo, e amantes, e o céu fosse deles de horizonte a horizonte, e com tudo que houvesse entre um lado e outro.

Mas o beijo terminou, e eles se separaram de novo: velhos amigos ligados por memórias e tênues remorsos.

– Vá em paz, Dorr. E volte logo.

* * *

Voltando dos rochedos junto ao mar, onde ela vira Dorrel decolar para Laus, Maris sentiu-se cheia de esperança. Havia tristeza também, por trás disso. O velho e familiar desejo que a invadira de novo enquanto ela ajudava Dorrel a desdobrar suas asas e o via montar naquele quente céu azul estava lá de novo.

Mas a dor foi um pouco menor dessa vez. Embora ela tivesse dado qualquer coisa para voar com Dorrel novamente, havia outras coisas para cuidar agora, e não foi tão difícil afastar seus pensamentos desesperançados a respeito do céu e pensar em questões mais práticas. Dorrel prometera voltar logo, com mais seguidores, e Maris apreciou a visão de um círculo ainda maior de voadores negros.

Ao se aproximar da casa de Evan, ela foi arrancada de suas fantasias pelo som de um grito vindo lá de dentro.

Maris correu os últimos metros e abriu a porta. Viu na hora que era Bari chorando, com Evan junto dela tentando em vão confortá-la. Um pouco mais afastada, viu S'Rella com um garoto de Thossi.

– O que aconteceu? – gritou Maris, suspeitando o pior.

Ao ouvir sua voz, Bari virou-se e correu para a tia, chorando.

– Meu pai, eles levaram meu pai, por favor, faça alguma coisa, por favor...

Maris abraçou aquela criança que chorava e ficou alisando seu cabelo, meio ausente.

– O que aconteceu com Coll?

– Coll foi preso e levado para a fortaleza – contou Evan. – O Senhor da Terra prendeu também mais uma meia dúzia de cantores, todos aqueles que ele soube que haviam cantado a música sobre Tya. Ele pretende julgá-los por traição.

Maris continuava agarrando Bari bem forte.

– Calma, calma – pedia ela. – Bari, fique quieta um pouco.

– Houve tumulto em Porto Thayos – explicou o garoto de Thossi. – Quando chegaram na Pousada Peixe-Lua para levar Lanya, a cantora, os guardas da terra tiveram que enfrentar alguns clientes que tentaram defendê-la. Eles acertaram os defensores com porretes. Ninguém foi morto.

Maris ouviu meio pasma, tentando absorver, tentando pensar.

– Vou voar até Val – avisou S'Rella. – Vou espalhar a notícia entre os voadores negros. Todos eles virão. O Senhor da Terra vai ter que soltar Coll!

– Não. – Maris ainda abraçava Bari, e a criança parara de chorar. – Não. Coll é um confinado à terra, um cantor. Não tem nada a ver com os voadores, eles não podem se juntar para defendê-lo.

– Mas ele é seu *irmão*!

– Isso não faz diferença.

– Precisamos fazer alguma coisa – insistiu S'Rella.

– Vamos fazer. A nossa ideia era provocar o Senhor da Terra para que ele tomasse alguma medida contra os voadores, não contra os confinados à terra. Mas agora que aconteceu... Coll e eu discutimos também essa possibilidade. – Ela ergueu o rosto de Bari delicadamente com um dedo debaixo do seu queixo, e limpou as lágrimas. – Bari, você precisa ir embora agora.

– Não! Eu quero meu pai! Eu não vou sair daqui sem ele!

– Bari, ouça. Você precisa ir embora antes que o Senhor da Terra venha pegá-la. Seu pai não ia gostar nada disso.

– Não me importo – teimou Bari. – Não me importo se o Senhor da Terra vier me pegar! Quero ficar com meu pai!

– Você não quer voar? – perguntou Maris.

– Voar? – O rosto de Bari de repente iluminou-se de encantamento.

– S'Rella vai levá-la para voar junto com ela sobre o oceano – continuou Maris. – Isso se você já for grandinha o suficiente para não ficar com medo. – Ela olhou para S'Rella. – Você pode levá-la, não é?

S'Rella assentiu.

– Acho que ela ainda é leve. Val tem gente em Thrynel. Vai ser um voo fácil.

– Você acha que já é grandinha o suficiente? – quis saber Maris. – Ou vai ficar com muito medo?

– Eu não tenho medo nenhum – afirmou Bari, convicta, com seu orgulho ferido. – Meu pai costumava voar, sabia?

– Sim, eu sei. – Maris sorria. Ela se lembrou do terror que Coll sentia ao voar, e torceu para que Bari não tivesse herdado esse traço particular.

– E você vai lá salvar meu pai? – perguntou Bari.

– Vou – respondeu Maris.

– E depois que eu a levar até Thryne? – perguntou S'Rella. – O que eu faço?

– Bem – Maris ficou de pé e pegou Bari pela mão –, aí eu quero que você voe até a fortaleza e leve uma mensagem ao Senhor da Terra. Diga-lhe que foi tudo obra minha, que fui eu que coloquei Coll e os outros cantores nisso. Se ele me quiser, e ele vai querer, diga-lhe que vou me entregar, assim que ele soltar Coll e os outros.

– Maris – advertiu Evan –, ele vai enforcá-la.

– Talvez, mas esse é um risco que tenho que correr.

– Ele concordou – relatou S'Rella ao voltar. – E como sinal de sua boa disposição, soltou todos os cantores, exceto Coll. Eles foram levados de barco para Thrynel, com ordens de nunca mais voltarem a Thayos. Eu mesma presenciei o embarque.

– E Coll?

– Deram-me permissão para falar com ele. Parecia ileso, apesar de estar preocupado que alguma coisa pudesse ter acontecido com seu violão, pois não o deixaram ficar com ele. O Senhor da Terra disse que vai manter Coll lá por três dias. Se você não aparecer na fortaleza nesse prazo, Coll será enforcado.

– Então eu preciso ir já – disse Maris.

S'Rella segurou sua mão.

– Coll mandou eu tirar isso da sua cabeça. Disse que você não deve ir lá de jeito nenhum. Que seria perigoso demais para você.

Maris deu de ombros.

– É perigoso para ele também. É claro que eu vou.

– Pode ser uma armadilha – alertou Evan. – Não dá para confiar no Senhor da Terra. Talvez ele queira enforcar vocês dois.

– É um risco que preciso correr. Se eu não for, com certeza Coll será enforcado. Não posso arcar com isso na minha consciência. Fui eu que o meti nisso.

– Não estou gostando dessa história – comentou Evan.

Maris suspirou.

– O Senhor da Terra vai me pegar cedo ou tarde, a não ser que eu fuja de Thayos para sempre. Ao me entregar, pelo menos tenho a chance de salvar Coll. E, talvez, de fazer algo mais.

– E o que mais você pode fazer? – perguntou S'Rella. – Ele vai enforcá-la, e provavelmente vai enforcar também o seu irmão, e pronto.

– Se ele me enforcar – disse Maris calmamente –, nós teremos o incidente que

procuramos. Minha morte vai unir os voadores como nada mais conseguiria fazê-lo.

S'Rella empalideceu no mesmo minuto.

– Maris, não – sussurrou ela.

– Imaginei que poderia ser isso – reconheceu Evan numa voz que soou calma, porém pouco natural. – Então era essa a guinada inconfessada nos seus planos. Você decidiu viver apenas o tempo suficiente para virar uma mártir.

Maris franziu o cenho.

– Eu tinha medo de lhe contar, Evan. Mas imaginei que isso poderia acontecer. Precisei levar isso em conta quando elaborei meus planos. Você está com raiva?

– Raiva? Não. Decepção. Mágoa. E muita tristeza. Acreditei em você quando disse que decidira viver. Você parecia mais feliz, e mais forte, e achei que você de fato me amava, e que eu poderia ajudá-la. – Ele suspirou. – Não percebi que, em vez da vida, você havia simplesmente escolhido o que imaginou ser uma morte mais nobre. Não posso negar o que você quer. A morte e eu duelamos diariamente, e nunca achei a morte nobre, mas talvez eu a veja de perto demais. Você conseguirá o que quer, e depois que tiver ido embora os cantores vão fazer com que isso soe muito bonito, sem dúvida.

– Não quero morrer – retrucou, bem baixinho.

Ela foi até Evan e pegou-o pelos ombros.

– Olhe para mim e ouça – pediu. Os olhos azuis dele encontraram os dela. Maris viu a dor neles, e teve ódio de si mesma por ter posto aquela dor ali. – Meu amor, você precisa acreditar em mim. Vou até a fortaleza do Senhor da Terra porque é tudo o que me resta fazer. Preciso tentar salvar meu irmão, e tentar me salvar, e convencer o Senhor da Terra de que não deve brincar com os voadores. Meu plano é pressionar o Senhor da Terra até que ele ceda e faça algo estúpido, reconheço isso. E sei que é um jogo perigoso. Tenho consciência de que posso morrer, ou que algum dos meus amigos pode morrer. Mas não se trata, repito, não se trata de um plano elaborado para arrumar uma morte digna para mim mesma. Evan, quero viver. E amo você. Por favor, não duvide disso.

Ela respirou profundamente.

– Preciso que tenha fé em mim. Tenho precisado da sua ajuda e do seu amor o tempo todo. Sei que o Senhor da Terra pode me matar, mas preciso ir lá, correr esse risco, a fim de poder viver. É a única saída. Preciso fazer isso, por Coll e por Bari, por Tya, pelos voadores. E por mim mesma. Porque preciso saber, saber com certeza, que ainda sou boa para alguma coisa. Que a minha vida foi preservada por algum propósito. Você entende?

Evan olhou para ela, procurando decifrar seu rosto. Por fim, assentiu.

– Sim, entendo. Acredito em você.

Maris se virou.

– S'Rella?

Havia lágrimas nos olhos da outra mulher, mas ela sorria, trêmula.

– Temo por você, Maris, mas você está certa. Precisa ir. E rezo para que tudo dê certo, por você e por nós todos. Não quero vencer se para isso você tiver que morrer.

– Mais uma coisa – disse Evan.

– Sim?

– Eu vou com você.

* * *

Os dois estavam de preto.

Fazia apenas dez minutos que vinham andando pela estrada quando encontraram um dos amigos de Evan, uma garotinha correndo ofegante pela estrada vindo de Thossi para avisá-los que meia dúzia de guardas da terra estavam vindo atrás deles.

Eles encontraram os guardas da terra meia hora mais tarde. Vinham cansados, armados de arcos e porretes com pregos, e vestidos com uniformes sujos, manchados pelo suor da sua marcha forçada. Mas trataram Maris e Evan quase com deferência, e não pareceram nem um pouco surpresos por encontrá-los já na estrada a caminho.

– Viemos escoltá-los até a fortaleza do Senhor da Terra – informou a jovem no comando.

– Ótimo. – E Maris impôs-lhes um passo apertado.

Uma hora antes de entrarem no vale isolado do Senhor da Terra, Maris finalmente viu os voadores negros pela primeira vez.

À distância, pareciam insetos, pontos escuros deslizando pelo céu, embora se movessem com uma lentidão sensual que nenhum inseto poderia igualar jamais. Não saíram mais do seu campo visual a partir do primeiro momento em que Maris notou seu movimento bem baixo no horizonte. Nem bem um deles sumia atrás de uma árvore ou rochedo, já outro aparecia onde o primeiro estivera. Sucediam-se como uma procissão infindável, e Maris sabia que aquela coluna aérea estendia-se por quilômetros até Porto Thayos, e também à frente, até a fortaleza do Senhor da Terra e o mar, antes de fazer uma curva e formar um grande círculo acima das ondas.

– Veja – disse ela para Evan, apontando. Ele olhou e sorriu para ela, e eles deram-se as mãos. De algum modo, a mera visão dos voadores fazia Maris se sentir melhor, dava-lhe força e confiança. Conforme andava, os pontinhos móveis no céu do entardecer ganhavam forma, crescendo até que ela conseguiu ver o brilho prateado da luz do sol nas suas asas, e o jeito com que eles se inclinavam de lado e

ziguezagueavam para encontrar o melhor vento.

No ponto em que a estrada de Thossi cruzava a larga estrada principal que vinha de Porto Thayos, os voadores passavam bem acima da cabeça, e pelo restante do trajeto o grupo que vinha a pé seguiu avançando embaixo deles. Maris podia distinguir os voadores muito bem nesse momento. Alguns ficavam mais no alto, lá em cima, onde o vento era mais forte, mas a maioria deslizava pouco acima das árvores, e o prateado de suas asas e o preto das roupas eram igualmente evidentes. De tempos em tempos, outro voador alcançava e ultrapassava Maris e Evan e sua escolta, e assim a sombra das suas asas banhava a comitiva com a regularidade de ondas silenciosas quebrando na praia.

Maris notou que os guardas da terra nunca levantavam a cabeça para olhar os voadores. Na realidade, aquela procissão no céu parecia deixá-los carrancudos e irritados, e pelo menos um do grupo – um jovem de rosto pálido com marcas de acne – tremia visivelmente toda vez que uma sombra passava por ele.

Perto do pôr do sol, atravessaram a subida da estrada pelas últimas colinas até o primeiro posto de controle. A escolta passou direto, sem parar. Poucos metros depois, o caminho fazia uma descida abrupta e formava um alto mirante, de onde o vale inteiro era visível à frente deles.

Maris respirou fundo, e sentiu a mão de Evan apertando a sua.

No halo avermelhado e tremeluzente do pôr do sol, as cores esmaeciam e sumiam enquanto as sombras eram esculpidas com nitidez no chão do vale. Abaixo deles, o mundo parecia banhado em sangue, e a fortaleza se sobressaía como algum animal inválido feito de sombras, inconcebivelmente preto. As lareiras dentro do edifício exalavam ondas de calor, e a própria pedra escura dava a impressão de se retorcer e estremecer, fazendo a fortaleza parecer uma besta tremendo de terror.

Acima, à espera, os voadores.

O vale estava cheio deles. Maris registrou uns dez antes de perder a conta. O calor batendo nas pedras formava grandes correntes ascendentes, e os voadores se erguiam com auxílio delas, escalando os céus antes de girar livremente e mergulhar em espirais amplas e graciosas. Moviam-se em círculos, à espera, como escuras aves de rapina impacientes, aguardando que a fera de sombras morresse. Uma cena silenciosa, sombria.

– Não admira que ele esteja com tanto medo – comentou Maris.

– Vamos andando – indicou a jovem oficial que liderava a escolta.

Depois de uma última olhada, Maris continuou a descer o vale, onde os silenciosos pranteadores de Tya voavam em sinistros círculos acima da fortaleza em sombras, e o Senhor da Terra de Thayos aguardava dentro de suas frias salas de pedra, com medo do céu aberto.

– Minha intenção é enforcar vocês três – avisou o Senhor da Terra.

Ele estava sentado no trono de madeira da sua sala de recepção, acariciando com os dedos uma pesada faca de bronze deitada sobre seus joelhos. Contra a camisa de seda branca, sua corrente de prata de comando brilhava suavemente à luz das lamparinas de óleo, mas seu rosto contrastava com as vestes: pálido, exausto e contraído.

A sala estava cheia de guardas da terra, que permaneciam de pé ao longo das paredes, silenciosos, impassíveis. Não havia janelas no aposento. Talvez fosse por isso que o Senhor da Terra o tivesse escolhido. Lá fora, os voadores negros estariam circulando contra as dispersas estrelas da noite.

– Coll deve ser solto. – Maris tentava afastar a tensão da voz.

O Senhor da Terra fez cara feia e gesticulou com sua faca.

– Tragam o cantor – ordenou. Uma guarda da terra saiu apressada. – O seu irmão me criou um monte de problemas – continuou ele. – As canções dele são uma traição. Não vejo razão para libertá-lo.

– Nós fizemos um acordo – lembrou Maris prontamente. – Estou aqui. Agora você tem que libertar Coll.

A boca do Senhor da Terra contorceu-se.

– Não venha achar que pode me dizer o que fazer. Que pretensão é essa, de imaginar que pode ditar os termos a mim? Não é possível haver barganha entre nós. Eu sou o Senhor da Terra aqui. Eu sou Thayos. Você e seu irmão são meus prisioneiros.

– S'Rella transmitiu-me sua promessa – retrucou Maris. – E ela ficará sabendo que você não a cumpriu, e logo os voadores e os Senhores da Terra de todo o Santuário dos Ventos terão conhecimento disso também. Sua palavra não valerá mais nada. E como poderá, então, governar, ou barganhar?

Ele semicerrou os olhos.

– Hã? Talvez tenha razão. – Ele sorriu. – No entanto, não prometi devolvê-lo inteiro. Fico imaginando se seu irmão ainda conseguirá cantar os feitos de Tya depois que eu mandar arrancar a língua da sua boca e cortar os dedos da sua mão direita...

Uma onda de vertigem percorreu Maris de repente, como se ela estivesse à beira de um grande precipício, sem asas e prestes a cair. Então, ela sentiu Evan segurar de novo sua mão, e quando os dedos dele se entrelaçaram com os dela, de algum modo Maris encontrou a ameaça que precisava fazer.

– Você não ousaria. Até mesmo sua guarda da terra ia se negar a cometer essa atrocidade, e os voadores espalhariam a notícia do seu crime até onde o vento conseguisse levá-los. E então nem todas as suas facas seriam capazes de lhe dar

proteção.

– Eu pretendo soltar seu irmão – disse o Senhor da Terra bem alto –, não porque tenha medo de seus amigos e de suas ameaças vazias, mas porque sou misericordioso. Mas nem ele nem qualquer outro cantor irão cantar os feitos de Tya de novo na minha ilha. Ou serão expulsos de Thayos para nunca mais voltar.

– E nós?

O Senhor da Terra sorriu e passou seu polegar pela lâmina de sua faca de bronze.

– O curador não é nada. Menos que nada. Também pode ir embora. – Ele se inclinou para a frente e apontou a faca para Maris. – Quanto a você, voadora sem asas, eu também estenderei minha misericórdia a você. Também será libertada.

– Você tem um preço – retrucou Maris, convicta.

– Quero os voadores negros fora do meu céu – respondeu o Senhor da Terra.

– Não.

– *NÃO?* – Ele repetiu a palavra gritando, e sua mão enfiou a ponta da faca no braço da sua cadeira. – Onde você pensa que está? Já tive o suficiente da sua arrogância. Como você ousa recusar? Posso mandar enforcá-la ao primeiro raio de sol se decidir assim.

– Você certamente adoraria nos enforcar a todos, mas não ousaria fazê-lo. Por causa dos voadores negros dos quais está tão ansioso para se livrar.

– *Ousei* enforcar um voador. Posso enforcar outros. Os seus voadores negros não me assustam.

– Não? E por que, então, não saiu esses dias todos das suas salas para ir lá fora, mesmo que fosse para caçar ou andar pelo pátio?

– Voadores estão comprometidos a não usar armas – disse o Senhor da Terra. – Que mal poderiam me fazer? Deixe-os lá flutuando para sempre.

– Durante várias eras nenhum voador carregou uma lâmina no céu – concordou Maris, escolhendo as palavras com muito cuidado. – É a lei dos voadores, uma tradição. Mas também era da lei dos voadores ficar alheio à política dos confinados à terra, transmitir mensagens sem refletir no que elas significavam. Mesmo assim, Tya fez o que fez. E você a matou por isso, apesar dos séculos de tradição que dizem que nenhum Senhor da Terra pode julgar um voador.

– Ela era uma traidora. Traidores não merecem outra sorte, quer usem asas ou não.

Maris deu de ombros.

– O ponto importante é que as tradições são uma proteção muito pequena nesses dias de hoje. Você acha que está seguro só porque os voadores não carregam armas? – Havia frieza em seu olhar. – Muito bem, todo voador que lhe trouxer uma

mensagem virá vestido de preto, e alguns deles trarão o luto em seu coração também. Assim que ouvi-los lá fora, ficará sempre imaginando: será que é esse aqui? Será ele uma nova Tya, uma nova Maris, um novo Val Uma-Asa? Será que a antiga tradição vai acabar aqui e agora, em sangue?

– Isso nunca vai acontecer. – A voz do Senhor da Terra saiu esganiçada.

– É impensável. Tão impensável quanto o que você fez com Tya. Enforque-me e vai acontecer bem mais cedo do que pensa.

– Eu enforco quem eu quiser. Meus guardas me protegem.

– E eles são capazes de deter um voador vindo do alto? Você vai vedar todas as suas janelas? Recusar-se a ver voadores?

– Você está me *ameaçando*! – O Senhor da Terra enfureceu-se.

– Estou lhe dando um aviso. Talvez nunca ninguém lhe faça mal algum, mas você nunca terá certeza. Os voadores negros se encarregarão de que seja assim. Pelo resto da vida vão segui-lo, assombrando-o como se fossem o fantasma de Tya. Toda vez que olhar para as estrelas verá asas. Toda vez que uma sombra passar por você, vai duvidar. Nunca será capaz de olhar por uma janela ou de andar ao sol. Os voadores vão circular sua fortaleza para sempre, como moscas em volta de um cadáver. Vai vê-los em seu leito de morte. Sua própria casa será sua prisão, e mesmo nela nunca haverá realmente segurança. Voadores podem vencer qualquer muro, e depois que se despem de suas asas, são como qualquer outra pessoa.

O Senhor da Terra ficou sentado bem quieto enquanto Maris falava, e ela observava-o com atenção, torcendo para estar pressionando-o na direção certa. Havia uma selvageria em seus olhos congestionados, algo imprevisível que a atemorizava. A voz dela era calma, mas sua testa estava cheia de gotículas de suor, e sentia as mãos úmidas e frias.

Os olhos do Senhor da Terra deslocavam-se para lá e para cá, como se quisessem fugir do espectro dos voadores negros, até que pousaram num dos seus guardas.

– Traga-me meu voador! – vociferou. – Agora, já!

O homem devia estar esperando junto à porta da sala, pois entrou imediatamente. Maris o reconheceu; um voador magro, meio calvo, de ombros curvados para a frente, que ela nunca conhecera direito.

– Sahn – disse Maris em voz alta, quando o nome lhe veio à mente.

Ele não retribuiu o cumprimento dela.

– Meu Senhor da Terra – disse o voador com deferência, numa voz de taquara rachada.

– Ela me ameaçou – contou o Senhor da Terra com rancor. – Voadores negros, ela diz. Vão me acossar até eu morrer, diz ela.

– Ela mente – replicou Sahn prontamente, e num lampejo Maris lembrou quem ele

era. Sahn de Thayos, voador de nascença, conservador. Sahn, que havia dois anos perdera as asas para uma voadora uma-asa iniciante. Agora ele as recuperara de volta, depois da morte dela. – Os voadores negros não são ameaça. Eles não são nada, nada.

– Ela garante que nunca vão me deixar em paz – repetiu o Senhor da Terra.

– Não acredite – disse Sahn com sua voz aguda, lisonjeira. – O senhor não tem o que temer. Logo vão embora. Eles têm obrigações a cumprir, têm os seus próprios Senhores da Terra, precisam viver sua vida, têm família, mensagens para enviar. Não podem ficar aqui indefinidamente.

– Outros voadores virão para revezar com eles – retrucou Maris. – O Santuário dos Ventos tem muitos voadores. Você nunca vai escapar das sombras de suas asas.

– Não dê atenção a ela, senhor – disse Sahn. – Os voadores não estão do lado dela. Apenas alguns poucos voadores uma-asa. O lixo do céu. Quando eles forem embora, ninguém assumirá o lugar deles. O senhor só precisa esperar um pouco, meu Senhor da Terra.

Algo no tom dele, independentemente das palavras, deixava Maris chocada e revoltada, e de repente ela descobriu por quê: Sahn falava como um subalterno ao seu superior, não de igual para igual. Ele temia o Senhor da Terra, e sentia-se devedor em relação a ele por causa das próprias asas, e sua voz deixava claro que ele tinha consciência disso. Pela primeira vez, um voador virava um servo do Senhor da Terra, completamente.

O Senhor da Terra voltou-se de novo para encará-la, com frieza.

– Foi como eu pensei. Tya mentiu para mim, e eu a desmascarei. Val Uma-Asa tentou me assustar com ameaças vazias. E agora, você. Todos vocês são mentirosos, mas sou mais esperto do que imaginam. Seus voadores negros não farão nada, nada. Vocês são voadores uma-asa, todos vocês. Os voadores de verdade não estão se importando com Tya. O Conselho provou isso.

– Exatamente – concordou Sahn, assentindo com a cabeça.

Por um instante, Maris foi consumida pela raiva. Teve vontade de arremeter pela sala e agarrar o frágil voador, sacudi-lo até machucá-lo. Mas Evan apertou sua mão bem forte, e quando ela o olhou de relance o curador balançou a cabeça negativamente.

– Sahn – chamou ela, com delicadeza.

Relutante, ele virou os olhos na direção dela. Sahn tremia, Maris notou, talvez de vergonha, por aquilo que acabara virando. Ao olhá-lo, Maris sentiu que via nele um pouco de todos os voadores que conhecera. *O que não somos capazes de fazer para poder voar?*, pensou.

– Sahn, Jem se uniu aos voadores negros. E ele não é uma-asa.

– Não é – admitiu Sahn –, mas ele conhecia Tya muito bem.

– E já que você está aconselhando seu Senhor da Terra – continuou ela –, conte-lhe quem é Dorrel de Laus.

Sahn hesitou.

– Quem? – interveio o Senhor da Terra, os olhos disparando de Maris para Sahn. – E então?

– Dorrel de Laus – começou Sahn, hesitante. – Um voador do Oeste, meu Senhor da Terra. É de uma família muito antiga. Um bom voador. Tem mais ou menos a minha idade.

– E o que tem ele? O que me importa? – O Senhor da Terra impacientava-se.

– Sahn, o que você acha que aconteceria se Dorrel se unisse aos voadores negros? – perguntou Maris.

– Impossível – respondeu Sahn rapidamente. – Ele não é uma-asa. Não faria isso.

– E se o fizesse?

– Ele é popular. Um líder. Teria seguidores, é claro. – Era nítido que Sahn não gostava do que estava admitindo.

– Dorrel de Laus está trazendo uma centena de voadores do oeste para se unir ao círculo – afirmou Maris. Um exagero, provavelmente, mas os outros não tinham como saber.

A boca do Senhor da Terra contorceu-se.

– É verdade isso? – perguntou ele ao seu serviçal voador.

Sahn tossiu de nervoso.

– Dorrel, eu... bem, difícil dizer, senhor. Ele é muito influente, mas, mas...

– Silêncio – disse o Senhor da Terra –, se não vou achar alguém melhor para usar essas suas asas.

– Ignore seu Senhor da Terra – cortou Maris. – Sahn, um Senhor da Terra não tem direito de conceder ou de tirar as asas de ninguém. Os voadores se uniram para provar a verdade disso.

– Tya morreu usando essas asas – lembrou Sahn. – Foi ele que me deu as asas.

– Elas são suas. Ninguém está culpando você. Mas o seu Senhor da Terra não devia ter procedido como fez. Se você se importa, se você concorda que a morte de Tya foi um erro, junte-se a nós. Você tem alguma roupa preta?

– Roupa preta? Eu... Bem, tenho, sim.

– Você ficou louco? – O Senhor da Terra apontou para Sahn com sua faca. – Agarrem esse idiota.

Hesitantes, dois dos guardas da terra fizeram menção de avançar.

– Fiquem longe de mim – disse Sahn bem alto. – Sou um voador, vão se danar!

E eles pararam, e olharam de novo para o Senhor da Terra. Ele apontou mais uma vez, a boca retorcida. Parecia estar tendo dificuldade para encontrar as palavras.

– Vocês dois... peguem o Sahn, e...

E ele não conseguia concluir. De repente as portas da sala se abriram escancaradamente e Coll foi arrastado para dentro do aposento por um par de guardas. Eles o empurraram para a frente na direção do Senhor da Terra. Coll foi tropeçando, de quatro, e depois conseguiu levantar meio cambaleante. O lado direito do seu rosto era uma grande escoriação arroxeada, e seus olhos estavam pretos como sua roupa.

– Coll! – gritou Maris, horrorizada.

Coll conseguiu dar um leve sorriso.

– Foi culpa minha, irmã. Mas estou bem. – Evan foi até ele e examinou-lhe o rosto.

– Não lhe dei autorização para fazer isso – disse o Senhor da Terra.

– O senhor disse que ele não devia cantar – interveio um guarda da terra. – E ele não parava de cantar.

– Ele está bem – anunciou Evan. – O ferimento vai sarar.

Maris suspirou de alívio. Apesar de toda a conversa que haviam tido sobre morte, foi um choque ver o rosto de Coll.

– Estou cansada dessa história toda – disse ela ao Senhor da Terra. – Ouça bem, vou lhe apresentar meus termos.

– Seus termos? – O tom dele era de incredulidade. – Eu sou o Senhor da Terra de Thayos, e você é nada, ninguém. Você não pode querer impor seus termos.

– Eu posso, sim, e vou. E é bom que ouça. Se não, não será o único a sofrer. Acho que ainda não entendeu bem a posição delicada em que você e Thayos se encontram. Por toda esta ilha, o seu povo está cantando a canção de Coll, e os cantores estão indo de ilha em ilha, espalhando-a pelo mundo. Logo todos saberão como foi que você matou Tya.

– Ela era uma mentirosa, uma traidora.

– Um voador não é um súdito, e, portanto, não pode ser um traidor – lembrou Maris –, e se ela mentiu foi para tentar impedir uma guerra insensata. Sim, é claro, ela sempre será motivo de controvérsia. Mas você não pode ser tolo a ponto de subestimar o poder dos cantores. Está se tornando um homem cada vez mais odiado.

– Silêncio – disse o Senhor da Terra.

– Seu povo nunca o amou – continuou Maris. – Eles estão assustados, também. Os voadores negros os assustam, os cantores estão sendo presos, voadores são

enforcados, o comércio foi suspenso, a guerra que você começou tornou-se dolorosa, até seus guardas da terra estão desertando. E você é o causador disso tudo. Cedo ou tarde, eles vão querer se livrar de você. Eles já sabem que só isso poderá fazer com que os voadores negros vão embora. As histórias estão por toda parte. Thayos é amaldiçoada, Thayos é azarada, Tya está assombrando a fortaleza, o Senhor da Terra é louco. Você será rejeitado, como foi o primeiro Senhor da Terra louco, em Kennehut. Mas seu povo só vai suportar isso por pouco tempo. Eles sabem qual é a solução. Eles vão se levantar contra você. Serão os cantores que acenderão a centelha. E os voadores negros vão avivar as chamas. Você será consumido.

O Senhor da Terra sorriu um sorriso malicioso, assustador.

– Não. Eu vou matar vocês todos, e pôr um fim nisso tudo.

Ela sorriu de volta para ele.

– Evan é um curador que tem dedicado a vida a Thayos, e centenas de pessoas lhe devem a vida. Coll é um dos melhores cantores do Santuário dos Ventos, conhecido e amado em dezenas de ilhas. E eu sou Maris de Amberly Menor, a garota que é tema de várias canções, aquela que transformou o mundo. Sou uma heroína para pessoas que nunca me viram. Você vai matar a nós três? Ótimo. Os voadores negros saberão disso e espalharão a notícia, os cantores farão as canções. Por quanto tempo acha que ainda vai governar? O próximo Conselho dos voadores não terá divisões. Thayos se tornará como Kennehut, uma terra morta.

– Sua mentirosa. – O Senhor da Terra passou os dedos na sua faca.

– Não pretendemos fazer nenhum mal ao seu povo. Tya está morta, e nada vai trazê-la de volta. Mas você terá que aceitar meus termos, senão todas essas coisas das quais eu o adverti vão acontecer. Primeiro, vai nos entregar o corpo de Tya, para que ela possa ser levada voando até mar aberto, e lançada das alturas, que é como os voadores são enterrados. Segundo, vai aceitar a paz, como ela desejava. Renunciará a todas as suas reivindicações sobre a mina, que deram início à sua guerra com Thrane. Terceiro, vai mandar uma criança pobre à academia Lar Aéreo todo ano, para treinar e tentar conseguir suas asas. Tya teria gostado disso, imagino. E finalmente, finalmente – Maris fez uma breve pausa, pressentindo o ataque por trás dos olhos dele, mas mergulhou fundo mesmo assim –, você vai renunciar ao seu cargo e aposentar-se, e sua família será removida de Thayos para alguma ilha onde você não seja conhecido e possa viver o resto de seus dias em paz.

O Senhor da Terra deslizava seu polegar pela borda da sua faca. Ele havia se cortado, mas parecia não ter percebido. Uma minúscula gota de sangue manchou a seda branca da sua fina camisa. A boca contorcia-se. No repentino silêncio que se seguiu às palavras dela, Maris sentiu-se fraca e cansada. Fizera tudo o que estava ao seu alcance. Dissera tudo o que poderia ter dito. Esperou.

O braço de Evan envolveu-a. Pelo canto do olho, ela viu os lábios machucados de

Coll curvarem-se num leve sorriso, e, de repente, Maris se sentiu quase bem de novo. Independentemente do desfecho, fizera o melhor possível. Sentiu-se como se tivesse acabado de voltar de um voo muito longo: seus membros doíam e tremiam, e ela estava suada e com um frio que penetrava até os ossos. Mas lembrou-se do céu e do empuxo de suas asas, e isso foi suficiente. Estava satisfeita.

– Termos – repetiu o Senhor da Terra. Seu tom era venenoso. Ele se ergueu do trono, a faca manchada de sangue na sua mão. – Vou lhe dar meus termos – Ele apontou a faca para Evan. – Peguem esse velho e cortem-lhe as mãos – ordenou. – Depois, expulsem-no e deixem que tente curar a si mesmo. Isso será interessante de ver. – Ele riu, e sua mão moveu-se de lado, com a faca apontando agora para Coll. – O cantor deve perder uma mão e a língua. – A faca moveu-se de novo. – Quanto a você – e a lâmina apontou para Maris –, já que gosta tanto da cor preta, vou dar-lhe uma boa cota dela. Vou colocá-la numa cela sem janelas ou luz, onde será preto de dia e de noite, e você ficará lá até esquecer como era a luz do sol. Gostou dos meus termos, voadora? Que tal?

Maris sentiu as lágrimas nos seus olhos, mas não iria deixá-las sair.

– Sinto muito pelo seu povo. – Sua voz saiu bem baixa. – Eles não merecem você.

– Levem-nos – ordenou o Senhor da Terra –, e façam o que mandei!

Os guardas da terra entreolharam-se. Um deles deu um passo hesitante à frente, e parou ao ver que estava sozinho.

– O que estão esperando? – berrou o Senhor da Terra. – Peguem-nos!

– Senhor – disse uma mulher alta, muito digna em seu uniforme de alto oficial, – peço que reconsidere. Não podemos mutilar um cantor, ou aprisionar Maris de Amberly Menor. Seria o nosso fim. Os voadores vão nos destruir, a nós todos.

O Senhor da Terra arregalou os olhos e então apontou com sua faca.

– Você também está presa, sua traidora. Ficará numa cela vizinha à dela, já que gosta tanto assim da voadora. – Voltou-se para o outro guarda da terra e disse: – Leve-os.

Ninguém se mexeu.

– Traidores – murmurou –, estou rodeado de traidores. Vocês todos vão morrer, todos. – Seus olhos encontraram Maris. – E você será a primeira. Vou cuidar disso eu mesmo.

Maris estava dolorosamente consciente da faca na mão dele, aquela sombria extensão de bronze, a mancha de sangue ao longo da lâmina. Sentiu Evan tenso do seu lado. O Senhor da Terra sorriu e foi andando na direção dela.

– Detenham-no – disse a mulher alta que ele tentara prender, com voz firme.

Num instante o Senhor da Terra foi rendido. Um homem troncudo como um urso segurou-lhe os braços, e uma mulher jovem e magra pegou a faca de sua mão, de

modo tão fácil e fluido como se a tivesse desembainhado.

– Sinto muito – disse a mulher que havia assumido o comando.

– Soltem-me! – exigiu ele. – Sou o Senhor da Terra aqui!

– Não – respondeu ela –, não, senhor. Receio que esteja muito doente.

* * *

A sinistra e velha fortaleza nunca vira uma festividade como aquela.

Os muros cinzentos estavam enfeitados com estandartes e lanternas coloridas, e pelo ar circulavam aromas de comida e vinho, lenha e fogos de artifício. Os portões haviam sido franqueados a todos. Ainda se viam alguns guardas da terra rondando pela fortaleza, mas poucos vestiam uniforme, e as armas haviam sido esquecidas.

Com as forcas devidamente derrubadas, o cadafalso agora servia como palco para malabaristas, mágicos, bufões e cantores, que se apresentavam para a multidão de passantes.

Dentro, as portas todas estavam abertas e as salas repletas de festeiros. Os prisioneiros das masmorras haviam sido soltos, e até a ralé mais baixa das ruelas de Porto Thayos fora admitida na festa. O salão principal estava cheio de mesas, com imensas travessas de queijos, cestas de pães e peixes de todo tipo, defumados, fritos e em conserva. Os fogões exalavam cheiro de porco e gato-do-mar assado, e charcos de cerveja e vinho cintilavam nas lajotas do chão.

Música e risadas ecoavam pelo ar; era uma celebração de uma riqueza e proporções desconhecidas na memória viva de Thayos. Entre a multidão de pessoas da ilha moviam-se algumas figuras vestidas de preto. E pela expressão de seu rosto, não estavam de luto: os voadores. Esses voadores, tanto os uma-asa quanto os voadores de nascença, junto com os cantores que agora voltavam do exílio, eram os convidados de honra, festejados e cumprimentados por todos.

Maris circulava pela ruidosa multidão, lisonjeada com tantas demonstrações de reconhecimento. A festa já rolava havia muito tempo. Ela estava cansada e sentindo-se um pouco zonza de tanta comida e bebida, oferecidas a ela como agradecimento por admiradores. Só queria encontrar Evan e ir para casa.

Alguém pronunciou seu nome e, relutantemente, Maris virou-se. Ela viu a nova Senhora da Terra de Thayos, trajando um longo vestido bordado que não lhe caía muito bem. Ela parecia desconfortável sem seu antigo uniforme.

Maris esforçou-se para sorrir.

– Pois não, Senhora da Terra?

A antiga oficial da guarda da terra fez uma careta.

– Suponho que vou acabar me acostumando com esse título, mas ele ainda me faz

lembrar de alguém muito diferente. Sabe, não a vi muito por aqui hoje, poderia me conceder cinco minutinhos?

– Sim, é claro. Quantos quiser. Você salvou minha vida.

– Isso nem foi tão nobre assim. As suas ações exigiram ainda mais coragem do que a minha, e não foram em causa própria. A história que vão contar a meu respeito é que tramei e planejei meticulosamente a deposição do Senhor da Terra para tomar seu lugar. Não é verdade, mas os cantores não estão tão preocupados assim com a verdade, não é? – Sua voz revelava um pouco de amargura. Maris olhou-a com ar de surpresa. Andaram juntas por salas cheias de jogadores, de bêbados e namorados, até que acharam uma saleta vazia para sentar e conversar.

Como a Senhora da Terra se mostrasse silenciosa, Maris disse:

– Com certeza ninguém sente falta do velho Senhor da Terra. Não acho que ele fosse muito apreciado.

A nova Senhora da Terra franziu o cenho.

– Não, ninguém terá saudade dele, nem de mim, quando eu me for. Mas ele foi um bom líder por vários anos até se tornar muito assustado e começar a pensar bobagens. Senti muito ter que fazer o que fiz, mas não tive opção. Esta festa aqui é uma tentativa minha de tornar essa transição alegre, e isenta de apreensões. Vou me endividar para fazer o povo se sentir próspero.

– Acho que eles adoraram esse seu gesto – comentou Maris. – Todo mundo parece muito feliz.

– Sim, agora, mas a memória deles é curta. – A Senhora da Terra se mexeu no seu assento, como se quisesse afastar algum pensamento. Depois, a ruga entre seus olhos suavizou-se e suas feições assumiram um ar mais ameno. – Não quero incomodá-la com minhas preocupações pessoais. Chamei você para lhe dizer o quanto você é respeitada em Thayos e que sou grata por seus esforços de manter a paz entre os voadores e o nosso povo.

Maris imaginou que devia estar corando.

– Por favor, não é bem assim. Eu... eu tinha os voadores em mente, e não o povo de Thayos, para ser bem honesta.

– Isso não importa. O que importa é o que conseguiu. Você arriscou a vida por isso.

– Fiz o que pude. Mas, no final das contas, não consegui muita coisa. Uma trégua, uma paz temporária. O verdadeiro problema, os conflitos entre os voadores de nascença e os uma-asa, e entre os Senhores da Terra e os voadores que trabalham com eles, ainda persiste, e acabará vindo à tona de novo. – Ela então calou-se, entendendo que a Senhora da Terra não se importava com aquilo, e que talvez nem quisesse saber que aquele final feliz não era de modo algum definitivo.

– Não haverá mais problemas para os voadores em Thayos – afirmou a Senhora da Terra. Maris percebeu que a mulher tinha a útil capacidade de fazer com que uma simples frase sua soasse como a proclamação de alguma lei. – Nós respeitamos voadores aqui. E cantores também.

– Uma sábia decisão. – Maris sorriu. – Nunca é demais ter os cantores a nosso favor.

A Senhora da Terra prosseguiu como se não tivesse sido interrompida.

– E você, Maris, será sempre bem-vinda em Thayos, toda vez que decidir voltar para nos visitar.

– Visitar? – Maris fez uma careta, intrigada.

– Imagino que, como você não voa mais, a viagem de navio pode ser...

– Sobre o que está falando?

A Senhora da Terra pareceu incomodada com tantas interrupções.

– Sei que você logo estará partindo de Thayos para Seatooth, para fixar residência na academia Asas de Madeira.

– Quem lhe disse isso?

– Acho que foi Coll, o cantor. Era segredo?

– Não, não é que seja segredo. É que não é sequer um fato. – Maris suspirou. – Ofereceram-me emprego na Asas de Madeira, mas não aceitei.

– Se ficar em Thayos, é claro que para nós será um prazer, e a hospitalidade dessa... minha... fortaleza estará sempre à sua disposição. – A Senhora da Terra levantou-se, obviamente concluindo a sua formal mostra de gratidão por Maris, e Maris também se levantou.

Conversaram mais alguns instantes sobre trivialidades, contudo Maris quase não prestava mais atenção. Seus pensamentos estavam de novo agitados, em torno daquele assunto que ela acreditava já estar resolvido. Será que Coll achava que podia fazer uma coisa se tornar verdadeira simplesmente falando dela como se já fosse real? Ela precisava conversar com ele.

Mas, quando o encontrou alguns minutos mais tarde no pátio externo, perto do portão, ele não estava sozinho. Bari estava com ele, e S'Rella também, que já vinha carregando suas asas.

Maris correu para se juntar a eles.

– S'Rella, você não está indo embora, está?

S'Rella segurou nas mãos de Maris.

– Preciso ir. A Senhora da Terra quer mandar uma mensagem para Deeth. Eu me ofereci para levá-la; tenho que voltar para casa e, de todo modo, precisaria voar para o sul em um ou dois dias. Não há necessidade de que Jem ou Sahn se desloquem

para tão longe sendo que eu também posso levá-la. Acabei de pedir a Evan que a encontrasse para avisá-la da minha partida. Mas não precisa ser uma despedida triste, não é? Logo nos veremos na Asas de Madeira.

Maris olhou zangada para Coll, mas ele parecia distraído. Ela se virou para S'Rella.

– Eu já lhe falei que ia viver minha vida em Thayos.

S'Rella pareceu surpresa.

– Mas você com certeza mudou de ideia agora, ou não? Depois de tudo o que aconteceu? E você sabe que eles vão querer você na Asas de Madeira, agora mais do que nunca. Você se tornou uma heroína, de novo!

Maris olhou de cara feia.

– Adoraria que parassem de me chamar de heroína! Heroína por quê? O que foi que eu fiz? Só remendei as coisas por um tempo. Nada ficou resolvido. Você, pelo menos, devia ter entendido isso, S'Rella!

S'Rella balançou a cabeça, impaciente.

– Não mude de assunto. E aquele belo discurso que você fez para nós sobre a necessidade de se ter um propósito na vida? Como é que agora pode dar as costas ao trabalho que se propôs a fazer? Você mesma admitiu que não é boa como curadora! O que é que vai fazer em Thayos? O que vai fazer da sua vida?

Maris já se fizera essa mesma pergunta, e passara a maior parte da noite acordada refletindo. Agora, podia responder tranquilamente.

– Vou encontrar algo para fazer aqui. A Senhora da Terra deve ter algo para mim.

– Mas isso é um grande desperdício! Maris, você é muito necessária na Asas de Madeira. Você pertence àquilo. Mesmo sem suas asas você é uma voadora. Sempre foi e sempre será. Achei que você já estivesse convencida disso! – Havia lágrimas nos olhos de S'Rella.

Maris sentiu-se pressionada e presa numa armadilha. Não desejava estar discutindo isso. Então, tentou manter a voz equilibrada e calma.

– Pertenço a Evan. Não posso deixá-lo.

– E dizem que bisbilhoteiros nunca ouvem coisas boas sobre si.

Maris virou-se e viu Evan, e havia tanta ternura nos olhos dele que ela esqueceu suas persistentes dúvidas. Havia tomado a decisão certa. Não poderia deixá-lo.

– Mas ninguém está pedindo que você me deixe, não é? Acabei de falar com um jovem curador que está ansioso para se mudar para a minha casa e assumir meus pacientes. Em uma semana eu estaria pronto para partir com você.

Maris olhou para ele, perplexa.

– Partir? Sair da sua casa? Mas por quê?

Ele sorriu.

– Para ir com você para Seatooth. Talvez não seja uma viagem muito agradável, mas pelo menos podemos consolar um ao outro quando sentirmos enjoo.

– Mas... eu não entendo. Evan, você não deve estar falando sério. Aqui é o seu lar!

– Quero ir com você, aonde quer que vá. Não posso lhe pedir que fique em Thayos, só para mantê-la comigo. Não posso ser egoísta a esse ponto, sabendo que está sendo requisitada na Asas de Madeira, e que pertence àquele lugar.

– Mas como é que você sairia daqui? Ia viver do quê? Você nunca saiu de Thayos.

Ele riu, mas soou forçado.

– Você faz parecer como se a proposta fosse viver no mar! Posso sair de Thayos como qualquer outra pessoa faria, de barco. Minha vida não terminou ainda, e até que termine não há razão para não mudar. Com certeza, como um curador experiente, vou encontrar trabalho em Seatooth.

– Evan...

Ele a envolveu em seus braços.

– Sei o que estou falando. Acredite em mim, pensei bastante a respeito. Você não acreditou que eu estivesse dormindo ontem à noite enquanto você se virava para lá e para cá na cama, tentando descobrir o que fazer, não é? Decidi que não posso deixar você sair da minha existência. Pelo menos uma vez na vida tenho que ser corajoso, e ousar algo diferente. Vou acompanhá-la.

Maris não conseguiu mais conter as lágrimas, embora não soubesse nem dizer por que estava chorando. Evan puxou-a mais para perto num abraço apertado, até que ela se recompôs.

Quando os dois começaram a se afastar do grupo, Maris ainda conseguiu ouvir Coll garantindo a Bari que a tia dela estava feliz, que estava chorando, mas de felicidade. E ela viu S'Rella, de pé um pouco mais atrás, com o rosto iluminado de alegria e afeto.

– Tudo bem, entrego os pontos – aceitou Maris. Sua voz estava um pouco trêmula. Ela limpou as lágrimas do rosto com a mão. – Não tenho mais desculpa. Vou para Seatooth. Aliás, nós vamos para Seatooth, assim que arrumarmos um barco para lá.

Aquilo que começara como um pequeno grupo de amigos andando com S'Rella até o rochedo dos voadores virou uma procissão, uma extensão da festa que acontecia na fortaleza. Maris, Evan e Coll eram os heróis populares, e muita gente queria ficar perto deles, para ver em primeira mão o que havia de tão especial com a voadora, o curador e o cantor que conseguiram depor o tirânico Senhor da Terra, interromper

uma guerra e encerrar a estranha ameaça representada pelos silenciosos voadores negros. Se alguém ainda ousava pensar que Tya havia errado e merecido seu destino, pensava isso em silêncio, intimamente, como algo que só poderia ser sustentado como uma opinião impopular.

E mesmo no meio dessa multidão feliz de admiradores, Maris sabia que os velhos ressentimentos ainda estavam lá enterrados. Não conseguira bani-los para sempre, nem aqueles entre confinados à terra e voadores, nem os conflitos que separavam os uma-asa dos voadores de nascença. Mais cedo ou mais tarde essa batalha ia se reacender.

O trajeto pelo túnel da montanha dessa vez não foi uma jornada solitária. As vozes ecoavam bem alto pelas paredes de pedra, e uma dúzia de tochas ardia e soltava fumaça, transformando aquele corredor úmido e escuro num lugar diferente.

Ao emergirem do túnel, depararam com uma noite escura, com ventos fortes e as estrelas ocultadas pelas nuvens. Maris avistou S'Rella de pé perto da beirada do rochedo, conversando com outro voador, um uma-asa ainda trajando preto. Ao ver aquela cena no rochedo tão familiar, Maris sentiu seu estômago dar um nó, e sua cabeça rodou de tontura. Se não fosse o amparo de Evan, teria caído. Sabia que não ia resistir a ver S'Rella saltar do rochedo do qual havia caído, e não uma vez, mas duas. De repente, sentiu medo.

Vários jovens corriam em volta de S'Rella agora, disputando aos gritos o privilégio de ajudar a voadora a se aprontar para o voo. S'Rella virou-se meio de lado, procurando Maris, e seus olhos se encontraram. Maris respirou fundo, recompondo-se, tentando livrar-se do seu medo, soltou a mão de Evan e deu um passo à frente.

– Deixe-me ajudar.

Ela conhecia aquilo perfeitamente bem. A textura do tecido metálico, o peso das asas em suas mãos, o estalido seco dos suportes sendo travados. Embora não pudesse mais usar asas, suas mãos ainda adoravam essa tarefa que conheciam tão bem, e havia um grande prazer, mesmo que tingido por alguma tristeza, em preparar S'Rella para o voo. Quando as asas ficaram totalmente estendidas, com os últimos suportes travados no lugar, Maris sentiu que seu medo voltara. Era algo irracional, ela sabia, e não podia mostrar nada disso a S'Rella, mas sentia que se S'Rella saltasse daquele perigoso rochedo seria para cair, do jeito que Maris havia feito.

Finalmente, com grande esforço, Maris conseguiu dizer:

– Voe bem. – Sua voz saiu bem baixa.

S'Rella olhou para Maris bem nos olhos.

– Ah, Maris. Você não vai se arrepender. Você fez a escolha certa. Vejo você em breve. – Então, sem mais palavras, S'Rella inclinou-se e beijou a amiga. – Boa viagem – acrescentou, de voadora para voadora, e então voltou-se para a beirada do

rochedo, de frente para o mar e para o céu aberto, e saltou no vento.

Ouviram-se aplausos dos assistentes assim que S'Rella pegou uma corrente ascendente e circulou acima do rochedo, com as asas cintilando. Depois, erguendo-se mais alto e em direção ao mar, perdeu-se de vista quase totalmente, parecendo fundir-se com o céu noturno.

Maris continuou com os olhos postos no céu muito tempo depois de S'Rella ter desaparecido. Seu coração estava pleno, havia uma certeza firme nele, além da dor, e até mesmo uma pequena centelha do velho prazer. Ela ia sobreviver. Mesmo sem suas asas, ainda era uma voadora.

EPÍLOGO

A velha mulher acordou quando a porta se abriu, naquele quarto que cheirava a doença. Também havia outros cheiros: de água salgada, fumaça, mofo marinho, a fragrância persistente do chá de especiarias que esfriara ao lado da sua cama. Mas sobrepondo-se a todos estava o cheiro de doença, opressivo, nauseante, deixando o quarto denso e abafado.

Junto à porta, uma mulher segurava uma vela fumegante. Da cama, a idosa conseguia ver a luz da vela, uma mancha instável amarelada, e podia distinguir a figura que a segurava, e outra figura ao lado dela, embora lhe fosse impossível discernir os rostos. Sua visão não era mais a mesma. A cabeça latejava terrivelmente, como costumava acontecer toda vez que acordava. Era assim havia anos. Ela levou sua mão macia, com veias azuis, até a testa e semicerrou os olhos.

– Quem é?

– Odera – respondeu a que segurava a vela, numa voz que a velha mulher reconheceu como a da sua curadora. – Aqui está a pessoa que você pediu. Você pode recebê-lo?

– Sim, sim. – Ela se esforçou para sentar na cama. – Chegue mais perto. Quero vê-lo.

– Quer que eu fique também? – perguntou Odera, hesitante. – Vai precisar de mim?

– Não. Não, eu não tenho mais cura mesmo. Deixe só o rapaz.

Odera assentiu e a idosa conseguiu discernir o gesto, embora o rosto fosse um borrão para ela. Observou-a cuidadosamente acender a lamparina de óleo com a vela, e depois fechar a porta e sair.

O outro visitante arrastou uma cadeira de espaldar reto pelo quarto e se sentou junto à cama, onde ela podia vê-lo razoavelmente bem. Era jovem. Um garoto, na verdade, menos de vinte anos, imberbe, com uns poucos fios de pelos loiros tentando se fazer passar por bigode sobre o lábio superior. Seu cabelo era bem claro e cacheado, as sobrancelhas quase invisíveis. Ele carregava um instrumento, uma espécie de violão rústico, quadrado e com apenas quatro cordas, e começou a afiná-lo assim que sentou.

– Gostaria que eu tocasse algo para você? – perguntou ele. – Alguma canção em especial? – Sua voz era agradável, animada, com um leve sotaque.

– Você está bem longe de casa – constatou a velha mulher.

Ele sorriu.

– Como é que você sabe?

– Pela sua voz. Fazia muitos anos que eu não ouvia uma voz assim. Você é das Ilhas Exteriores, não é?

– Sou, sim. Minha terra é um lugar pequeno, bem nos confins do mundo. Você provavelmente nunca ouviu falar. Chama-se Stormhammer-a-Longínqua.

– Ah, eu sei. Lembro bem de lá, a Torre de Vigia do Leste e as ruínas da que havia antes dela. Aquela bebida amarga que as pessoas fazem com raízes. Seu Senhor da Terra insistiu que eu provasse, e riu da cara que fiz quando tomei um gole. Era um anão. Nunca encontrei um homem tão feio, ou tão inteligente.

O cantor pareceu surpreso.

– Ele já morreu há mais de trinta anos, mas você tem razão, eu ouvi essas histórias. Então, já esteve lá?

– Três ou quatro vezes – respondeu ela, saboreando a reação dele. – Foi há muitos anos, antes de você nascer. Eu era voadora.

– Ah, bom, claro. Devia ter imaginado. Seatooth é cheia de voadores, não é?

– Na realidade, não – retrucou ela. – Tem a Academia Asas de Madeira, e as pessoas aqui em geral são sonhadores que ainda precisam conseguir suas asas, ou professores que já não estão mais com elas há tempos. Como eu. Fui professora, até adoecer. Agora fico aqui deitada, e relembrando, a maior parte do tempo.

O cantor dedilhou as cordas do instrumento, produzindo uma cascata radiante de sons que logo sumiu no silêncio.

– O que você gostaria de ouvir? Tem uma nova canção que é a febre agora em Stormtown. – Sua expressão mudou. – Mas é um pouco obscena, talvez você não goste.

A velha mulher riu.

– Imagine... Pode tocar, sim, talvez eu goste. Você se surpreenderia com as coisas que sou capaz de lembrar. Mas não o chamei aqui para cantar para mim.

Ele arregalou seus grandes olhos verdes.

– Como assim? – surpreendeu-se ele. – Mas eles me disseram que... eu estava numa pousada em Stormtown, na verdade acabara de chegar, o barco que vinha do Leste aportou anteontem, e de repente um rapaz veio e me disse que estavam precisando de um cantor em Seatooth.

– E então você veio. Largou a pousada. Não estava se dando muito bem lá?

– Até que estava indo bem. Afinal, nunca estive antes nas Shotans, e os clientes não eram surdos, nem mesquinhos. Mas... – Ele parou de repente, com uma expressão de pânico crescente no rosto.

– Mas você veio mesmo assim – completou a idosa –, porque lhe disseram que uma pessoa à beira da morte havia pedido um cantor.

Ele não respondeu nada.

– Não se sinta culpado. Você não está revelando nenhum segredo. Sei que estou morrendo. Odera e eu somos francas uma com a outra. Eu provavelmente devia ter morrido há vários anos. Minha cabeça dói sempre, e acho que estou ficando cega, e tenho a impressão de que vivi mais do que meio mundo. Ah, não me entenda mal. Não quero morrer. Mas também não me animo muito a continuar desse jeito. Não gosto de sentir dor, nem de me sentir tão impotente. A morte me assusta um pouco, mas pelo menos vai me livrar do cheiro deste quarto. – Ela viu a expressão dele e sorriu delicadamente. – Não precisa fingir que não está sentindo. Sei que está aqui. O cheiro de doença. – Ela suspirou. – Prefiro aromas mais puros. Especiarias e água salgada, até mesmo suor. Vento. Tempestade. Ainda lembro o cheiro que um relâmpago deixa no seu rastro.

– Posso cantar algumas canções – disse o jovem com cautela. – Canções alegres para deixar seu humor mais leve. Canções engraçadas, ou canções tristes, se preferir. Pode ajudar a aliviar a dor.

– O vinho alivia a dor – replicou a velha mulher. – Odera o prepara um pouco mais forte, e às vezes mistura com um pouco de doce-canção ou outras ervas. Ela também me dá tesis para me fazer dormir. Não precisa usar sua voz para aliviar meus males.

– Sei que sou jovem, mas sou bom nisso. Deixe-me mostrar.

– Não. – Ela sorriu. – Tenho certeza de que você é bom, tenho mesmo. Se bem que talvez eu não apreciasse seu talento. Acho que meus ouvidos também estão fraquejando, ou quem sabe isso é mais um truque da velhice, mas nenhum cantor que ouvi nos últimos dez anos me pareceu tão bom quanto aqueles de que me lembro de anos atrás. Os que já ouvi foram os melhores. Ouvi S'Lassa e T'rhennian cantando duetos em Veleth muito tempo atrás. Jared de Geer me divertiu muito, e também o sem-teto Gerri Um-Olho e Coll. Uma vez conheci um cantor chamado Halland, que cantou para mim canções bem mais obscenas do que a que você ia cantar, aposto. Quando era novinha, ouvi até Barrion cantar, e não foi uma vez só, foram muitas.

– Sou tão bom quanto qualquer um desses – teimou o cantor.

A velha mulher suspirou.

– Não se zangue – interveio ela. – Tenho certeza de que canta esplendidamente bem. Mas nunca vai conseguir que uma pessoa tão velha quanto eu admita isso.

Ele dedilhou seu instrumento nervosamente.

– Se você não quer uma canção para o seu leito de morte, então por que mandou

alguém até Stormtown atrás de um cantor?

– Eu quero cantar para você – respondeu. – Não vai doer muito, embora eu não toque nenhum instrumento nem consiga entoar muito bem uma melodia. Na maior parte do tempo vou recitar a letra.

O cantor pôs seu instrumento de lado e cruzou os braços para ouvir.

– Um pedido estranho – comentou –, mas eu fui ouvinte muito antes de ser cantor. A propósito, meu nome é Daren.

– Muito bem. É um prazer conhecê-lo, Daren. Gostaria que você tivesse me conhecido quando eu era um pouco mais vigorosa. Agora, ouça com atenção. Quero que você aprenda essa letra, e cante essa música depois que eu for embora, se achar que é boa o suficiente. Você vai achar.

– Já conheço um monte de canções excelentes.

– Mas esta aqui, não.

– Foi você que compôs?

– Não, não fui eu. Isso foi uma espécie de presente que ganhei, um presente de despedida. Meu irmão cantou para mim em seu leito de morte, e me obrigou a decorar a letra inteira. Ele sentia muita dor naquela época, e a morte foi uma bênção para ele, mas não queria ir embora antes de ter certeza de que eu havia decorado a letra toda. Então, aprendi bem rápido, chorando o tempo inteiro, e aí ele morreu. Foi numa cidade de Pequena Shotan, há quase dez anos. Como você pode ver, a canção representa muito para mim. Agora, por favor, ouça.

Ela começou a cantar.

Sua voz era velha e fraca, dolorosamente fina, e sua tentativa de cantar a deixava esgotada ao extremo, por isso, às vezes ela tossia e respirava com um chiado. Não tinha noção de tonalidade, sabia disso, e não conseguia entoar direito uma melodia, nem agora nem quando era moça. Mas conhecia a letra, realmente conhecia bem a letra. Uma letra triste, para uma música simples, suave, melancólica.

Era uma música sobre a morte de uma voadora muito famosa. Quando ela ficou velha, dizia a canção, e os dias de sua vida ficaram cada vez mais escassos, ela encontrou um par de asas, como fizera na sua legendária juventude. E decidiu vesti-las, e correu, e todos os amigos dela vieram atrás, gritando para ela parar, para voltar, pois era muito velha e estava muito fraca, e fazia anos que não voava, e sua mente vivia tão confusa que ela nem se lembrara de desdobrar as asas. Mas ela não quis dar ouvidos. Chegou ao rochedo antes que pudessem alcançá-la, e mergulhou do rochedo, caindo. Os amigos dela gritaram e cobriram os olhos, para não vê-la espatifando-se no mar. Mas, no último instante, de repente suas asas se abriram, e se estenderam tensas e prateadas dos seus ombros. E o vento a capturou, ergueu-a, e de onde estavam os seus amigos ouviram sua risada. Ela circulou bem alto acima deles,

com o cabelo ao vento, as asas brilhantes como a esperança, e viram que ela era jovem de novo. Ela fez um gesto de adeus, agitou as asas numa saudação e voou em direção a oeste, desaparecendo contra o sol poente. Nunca mais foi vista.

Houve silêncio no quarto depois que a velha mulher terminou de cantar sua música. O cantor estava sentado, recostado na cadeira, encarando fixamente o tremular de uma lamparina de óleo, com os olhos distantes e pensativos.

Finalmente, a velha mulher pigarreou.

– Bem, e então?

– Ah, sim. – Ele sorriu e voltou a si. – Desculpe. É uma canção muito bonita. Eu estava aqui pensando como ia soar bem com alguma música por trás.

– Sim, e com uma voz cantando direito, sem dúvida, uma voz que não chiasse e desafinasse tanto – ela concordou. – Bem, ia soar muito bonita, é isso. Você entendeu toda a letra?

– Sim, é claro. Quer que eu repita para você?

– Quero. Senão, como vou ter certeza de que entendeu direito?

O cantor sorriu e pegou seu instrumento.

– Sabia que você ia acabar aceitando que eu cantasse. – Ele estava satisfeito. Dedilhou as cordas, com os dedos movendo-se bem lentamente, e o quarto se encheu de melancolia. Então, cantou a canção dela, com sua voz aguda, doce, vibrante.

Ele estava sorrindo quando terminou de cantar.

– E então?

– Não fique todo convencido. Você captou muito bem a letra.

– E o meu canto?

– Bom – admitiu ela. – Bom. E você ainda vai melhorar, também.

Ele ficou satisfeito com isso.

– Vejo que você não gosta de exagerar. Mas que também sabe identificar um bom canto.

Eles sorriram um para o outro.

– É estranho eu nunca ter ouvido essa canção antes. Canto todas as demais que existem sobre ela, é claro, mas essa, nunca. Eu nem sequer sabia que Maris morreu assim. – Seus olhos verdes estavam fixos nela, e a luz refletida neles dava ao seu rosto uma expressão pensativa.

– Não seja dissimulado. Você sabe perfeitamente bem que eu sou ela, e que não morri desse jeito nem de nenhum outro. Ainda não, pelo menos. Mas logo, logo, eu vou.

– Você vai mesmo roubar asas outra vez e saltar de um rochedo?

Ela suspirou.

– Isso ia desperdiçar um par de asas. E não acho que seria realmente capaz de fazer o Salto do Corvo, não na minha idade. Embora sempre tivesse tido vontade de fazer. Vi o salto ser feito uma meia dúzia de vezes na vida, e da última vez que foi tentado a garota teve o azar de um seus suportes quebrar, e ela morreu. Nunca fiz esse número. Mas sonhava com isso, Daren, ah, eu sonhava. Era a única coisa que eu queria ter feito e que nunca consegui. Não é vergonha nenhuma dizer isso para quem teve uma vida longa como a minha.

– De fato, não é vergonha alguma.

– Quanto à minha morte, bem, espero morrer aqui, nesta cama, num futuro não muito distante. Talvez eu peça a eles que me levem lá fora, para que eu possa ver um último pôr do sol. Talvez não. Minha vista está tão ruim que eu de todo modo não conseguiria ver o pôr do sol muito bem. – Ela fez um estalo com a boca. – De um jeito ou de outro, depois que eu morrer algum voador vai dependurar meu corpo num arreio, e fazer um esforço para subir com meu peso morto acrescentado ao dele, e serei levada em voo para alto-mar para receber o que é bem conhecido como um enterro de voador. Por que eu não sei. O cadáver, com certeza, não voa. Quando ele é solto, cai como uma pedra, e afunda ou é comido por cilas. Não faz sentido, mas a tradição é esta. – Ela suspirou. – Val Uma-Asa é que estava certo. Ele foi enterrado bem aqui em Seatooth, num grande túmulo de pedra com a estátua dele em cima. Ele mesmo fez o projeto. Mas nunca consegui quebrar a tradição do jeito que Val fazia.

Ele assentiu.

– Então, você prefere ser lembrada por esta canção mais do que pelo jeito que você realmente vier a morrer?

Ela olhou para ele, zombando.

– Pensei que você fosse *de fato* um cantor. – E desviou o olhar. – Um cantor devia entender. Uma canção... é desse jeito que eu realmente quero morrer. Coll sabia disso, quando a fez para mim.

O jovem cantor hesitou.

– Mas...

A porta do quarto se abriu de novo, e Odera, a curadora, estava lá outra vez, com uma vela na mão e um copo na outra.

– Chega de cantoria. Você vai se acabar desse jeito. É hora de dormir.

A idosa concordou.

– Certo. Minha cabeça está piorando. Nunca caia sobre as pedras de uma altura de trezentos metros, Daren. Ou, então, se o fizer, pelo menos não caia de cabeça. – Ela pegou a tesis da mão de Odera e a tomou de uma vez. – Horrível. Você podia ao menos colocar um gostinho nisso.

Odera começou a pôr Daren para fora. Ele parou um pouco antes.

– A canção. Vou cantá-la. E outros vão cantá-la também. Mas não vou fazê-lo até que, você sabe, até que eu *fique sabendo*.

Ela concordou, com o torpor já se instalando nos seus membros, a pequena e lenta paralisia da tesis.

– Isso seria muito adequado.

– Como se chama? A música?

– "O último voo" – respondeu ela, sorrindo. O último voo dela, é claro, e a última canção de Coll. Também parecia adequado.

– "O último voo" – repetiu ele. – Maris, eu entendo, acho. A canção é verdadeira, não é?

– É verdadeira, sim. – Mas não tinha certeza de que ele ouvira essa última frase. Sua voz estava fraca, e Odera já estava levando o rapaz para fora e fechando a porta. Pouco tempo depois, a curadora voltou para apagar as lamparinas, e ela ficou lá num quarto escuro, com cheiro de doença, debaixo das antigas pedras avermelhadas da academia Asas de Madeira. Apesar da tesis, Maris percebeu que não conseguia dormir. Uma espécie de excitação tomou conta dela, uma sensação de tontura e vertigem que ela não sentia havia muito tempo.

Em algum lugar, bem acima da sua cabeça, imaginou que conseguia ouvir a tempestade começar, e o som da chuva batendo na rocha desgastada. A fortaleza era forte, muito forte, e ela sabia que não ia desabar. Mesmo assim, de algum modo sentia que aquela noite poderia ser a noite em que, finalmente, depois de todos aqueles anos, ela ia rever o pai.

QUER SABER MAIS SOBRE A LEYA?

Fique por dentro de nossos títulos, autores e lançamentos.

Curta a página da LeYa no Facebook, faça seu cadastro na aba *mailing* e tenha acesso a conteúdo exclusivo de nossos livros, capítulos antecipados, promoções e sorteios.

A LeYa também está presente em:

www.leya.com.br


facebook.com/leyabrasil


@leyabrasil


instagram.com/editoraleya


google.com/+LeYaBrasilSãoPaulo


skoob.com.br/leya

1ª edição março de 2018
papel de miolo Pólen Soft 70g/m^2
papel de capa Cartão Supremo 250g/m^2
tipografia Minion Pro
gráfica

GEORGE R.R. MARTIN nasceu em 1948 em Nova Jersey e é formado em jornalismo pela Northwestern University, em Chicago. Publicou sua primeira história de ficção científica, "O herói", em 1971, e logo se firmou como escritor de rara qualidade, ganhando três Hugo Awards, dois Nebula Awards e o prêmio Bram Stoker. Passou dez anos em Hollywood como roteirista e editor de histórias nos seriados de TV *Além da Imaginação* e *A Bela e a Fera* – neste último como roteirista e produtor. Depois, iniciou sua série fantástica "As Crônicas de Gelo e Fogo", que deu origem ao sucesso da HBO – *Game of Thrones*. A série conta até agora com os títulos *A guerra dos tronos*, *A fúria dos reis*, *A tormenta de espadas*, *O festim dos corvos* e *A dança dos dragões*, todos publicados pela LeYa.

LISA TUTTLE ganhou o John W. Campbell Award de melhor escritora em 1974 e desde então escreveu vários contos e novelas, incluindo *Lost Futures*, que foi indicado ao Arthur C. Clark Award, e *The Pillow Friend*. Além disso, escreveu diversos livros infantis. Nascida no Texas, atualmente mora com o marido e a filha numa área remota na costa ocidental da Escócia, onde a paisagem e o clima são muito similares aos do Santuário dos Ventos.

No Santuário dos Ventos, um mundo de pequenas ilhas, de clima difícil e mares infestados por monstros, os voadores têm um papel fundamental: levar notícias, comunicados oficiais e histórias entre as ilhas isoladas do planeta.

Essas figuras deslumbrantes que cruzam os oceanos traiçoeiros, enfrentando ventos revoltosos e tempestades súbitas, formam também uma espécie de elite privilegiada, pois suas asas só podem ser passadas de forma hereditária.

A jovem Maris sempre sonhou em ganhar os céus, mas ela não descende diretamente de nenhuma das famílias de voadores. Uma chance única surge quando um voador decide criá-la, mas a verdade amarga é que em breve ela perderá as asas que usa para seu irmão de criação.

Tomada por um desejo impetuoso, ela decide desafiar a sociedade e suas leis para quebrar a tradição e exigir que os voadores sejam escolhidos por mérito, não por sangue. Mas até que ponto Maris poderá lutar contra as regras e as tradições para defender seu direito de voar? E o que acontecerá com essa sociedade de voadores e "confinados à terra" quando essas portas forem abertas?

LeYa
leya.com.br
9 788544 106174
ISBN 978-85-441-0617-4
omelete.com.br

Índice

CAPA PÁGINA
PÁGINA DE TÍTULO
PÁGINA DIREITOS AUTORAIS
SUMÁRIO
PRÓLOGO
PARTE UM: Tempestades
PARTE DOIS: Uma-asa
PARTE TRÊS: A queda
EPÍLOGO

Sumário

PÁGINA DE TÍTULO
PÁGINA DIREITOS AUTORAIS
SUMÁRIO
PRÓLOGO
PARTE UM: Tempestades
PARTE DOIS: Uma-asa
PARTE TRÊS: A queda
EPÍLOGO